

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

MARGARETE TORIBIO

**SUBSÍDIOS PARA UM DICIONÁRIO ESCOLAR DE
COGNATOS DA LÍNGUA PORTUGUESA
CONTEMPORÂNEA**

Campo Grande - MS
Março - 2012

MARGARETE TORIBIO

**SUBSÍDIOS PARA UM DICIONÁRIO ESCOLAR DE COGNATOS DA
LÍNGUA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, Área de Concentração: Linguística e Semiótica, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Negri Isquendo.

Campo Grande - MS
Março - 2012

MARGARETE TORIBIO

**SUBSÍDIOS PARA UM DICIONÁRIO ESCOLAR DE COGNATOS DA
LÍNGUA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA**

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Aparecida Negri Isquendo.
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Orientadora

Profa. Dra. Clotilde Azevedo de Almeida Murakawa
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”/Araraquara

Prof. Dr. Auri Claudionei Matos Frübel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Campo Grande, MS, 16 de março de 2012.

Sim, senhor, tudo o que queira, mas são as palavras as que cantam, as que sobem e baixam... Prosterno-me diante delas... Amo-as, uno-me a elas, persigo-as, mordo-as, derreto-as... Amo tanto as palavras... As inesperadas... As que avidamente a gente espera, espreita até que de repente caem... Vocábulo amados... Brilham como pedras coloridas, saltam como peixes de prata, são espuma, fio, metal, orvalho... Persigo algumas palavras... São tão belas...

(NERUDA. Pablo. A palavra. In: *Confesso que Vivi*. Rio de Janeiro: Difel, 1980)

Dedico este trabalho aos meus
filhos, Arthur e Flávio.
Por tudo que eles são.
Por tudo que hoje sou.

AGRADECIMENTOS

À Professora Dra. Aparecida Negri Isquendo, orientadora querida, não somente pela primorosa orientação e todo conhecimento compartilhado, mas principalmente pelo exemplo de retidão como pesquisadora e professora.

Ao Professor Dr. Auri Claudionei Matos Frübel, à Professora Dra. Elizabete Aparecida Marques e à Professora Dra. Cleonice Cândida Gomes pelas valiosas sugestões apresentadas por ocasião do Exame de Qualificação.

À Professora Dra. Gladis Maria de Barcellos Almeida, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) pela contribuição fundamental na realização deste trabalho, com as orientações referentes aos *corpora* de português, disponíveis no site do NILC (Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional).

A todos os professores do curso de Mestrado em Estudos de Linguagens, pelos conhecimentos fornecidos e partilhados durante a fase de cumprimento dos créditos em disciplinas.

Ao meu filho Arthur Vinicius Toribio Destro que, mesmo estando longe, confortou-me nas horas de angústia e auxiliou-me com traduções e envio de livros.

Ao meu filho Flávio Henrique Toribio Destro, pelo companheirismo, compreensão e também pelo auxílio no desenvolvimento de programas computacionais para a viabilização do trabalho.

À minha mãe, Ana, e à minha irmã, Márcia, que sempre torceram pelo meu sucesso.

Às minhas queridas amigas Luciene Gomes Freitas Marins e Vanessa Cristina Martins Benke pelo companheirismo durante nossa caminhada e pelo carinho nas horas difíceis.

À equipe de bolsistas dos Projetos ATEMS e ALiB pelo carinho e apoio.

TORIBIO, Margarete. *Subsídios para um Dicionário Escolar de Cognatos da Língua Portuguesa Contemporânea*. 2012. 195p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

RESUMO

Os últimos anos têm registrado um avanço considerável no âmbito da Lexicografia Pedagógica, no Brasil, tanto quantitativa, quanto qualitativamente. Entretanto, observa-se, ainda, a falta de diversidade de dicionários de aprendizagem, já que todo desenvolvimento lexicográfico nessa área está vinculado a obras do mesmo tipo, ou seja, dicionários escolares padrão, semelhantes a minidicionários. Nesse sentido, o objetivo principal deste trabalho é apresentar subsídios para a elaboração de um dicionário escolar de cognatos da língua portuguesa contemporânea, cuja finalidade precípua seria oferecer aos estudantes das séries finais da Educação Básica (jovens entre 12 e 17 anos) mais um instrumento de aquisição da língua materna. O modelo de dicionário aqui proposto, pautado em teorias lexicográficas, seria uma obra distinta das demais, por ter a nomenclatura organizada por famílias de palavras, oferecendo, assim, ao usuário, a possibilidade de visualizar toda a relação de forma e de sentido entre as palavras de uma mesma família, contribuindo, dessa forma, para a ampliação do vocabulário. Dada a natureza da proposta apresentada, um capítulo foi dedicado à discussão do estatuto da palavra, principalmente do ponto de vista da sua estrutura formal, para o entendimento das teorias subjacentes à noção de cognatos a partir de conceitos fundamentais da Morfologia Derivacional. Essas reflexões teóricas serviram de base para a definição dos critérios e parâmetros que orientaram a seleção da nomenclatura, o tratamento dispensado às palavras e à seleção de informações funcionais para elaboração dos subsídios para um dicionário escolar de cognatos. Como a proposta foi a apresentação de subsídios e não a construção do dicionário, além da discussão acerca da macroestrutura e da microestrutura do tipo de dicionário proposto, apresenta-se uma “Amostra de Verbetes” composta de 1.283 palavras lematizadas, que representam 1.164 cognatos distribuídos em 52 famílias. Essa nomenclatura foi selecionada a partir do *corpus* Lácio-Ref disponibilizado pelo Projeto Lácio-Web do Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional de São Carlos (NILC). Espera-se que o produto desta pesquisa possa contribuir com a Lexicografia Pedagógica e sirva de motivação para a efetiva elaboração de um dicionário escolar de cognatos da língua portuguesa contemporânea, nos padrões aqui estabelecidos.

Palavras-chave: Lexicografia Pedagógica; Dicionário Escolar; Cognatos; Língua Portuguesa.

TORIBIO, Margarete. *Subsidies for a School Dictionary of Cognates of the Contemporary Portuguese*. 2012. 195p. Thesis (MA in Language Arts) - Federal University of Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

ABSTRACT

Recent years have registered a considerable advance in the Pedagogical Lexicography, in Brazil, both quantitatively and qualitatively. However, there is also a lack of diversity of learning dictionaries, since all lexical development in this area is tied to works of the same type, i.e., the standard school dictionary, similar to the *mini dictionaries*. Based on that, the main objective of this work is to contribute to the development of a school dictionary of cognates of the contemporary Portuguese, whose main purpose would be to offer students from final grades of Basic Education (young people between 12 and 17 years old) another instrument of acquisition for their native language. The dictionary model proposed here, based on lexicographic theories, would be distinct from others, for having organized nomenclature by a word's family, thus offering the user the possibility to visualize the entire relationship of form and meaning between the words of the same family, thereby contributing to the expansion of vocabulary. Given the content of the proposal, a chapter was devoted only to discuss the word status, mainly in terms of its formal structure, to understand the theories from the concept of cognates using fundamental concepts of Derivational Morphology. These theoretical considerations were the basis for the criteria and parameters that guided the selection of the nomenclature, the treatment given to the words and the selection of functional information for the preparation of subsidies for a school dictionary of cognates. As the proposal was the introduction of subsidies and not the construction of the dictionary, in addition to the discussion of the macrostructure and microstructure of the dictionary type proposed, it is included a "Sample Entries" composed of 1,283 lemmata, representing 1,164 cognates distributed among 52 families. This nomenclature was selected from the Lácio-Ref corpus provided by the Lácio-Web project from the Interinstitutional Center for Research and Development in Computational Linguistics of São Carlos (Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional de São Carlos – NILC). It is expected that the product of this research might contribute to the Pedagogical Lexicography and serves as a motivation for the development of an effective school dictionary of cognates of the contemporary Portuguese, using the scheme shown in this work.

Keywords: Pedagogical Lexicography; School Dictionary; Cognates; Portuguese Language.

LISTA DE FIGURAS

Figura I- Classificação das palavras, segundo Mello (1981, p. 139-147).....	26
Esquema I- Lexicologia, Lexicografia e Metalexicografia.....	63

LISTA DE QUADROS

Quadro I- Classificação dos morfemas, segundo diferentes teóricos: quadro comparativo da terminologia utilizada.....	34
Quadro II- Classificação de dicionários de acordo com PNLD-Dicionários (RANGEL; BAGNO, 2006)	87
Quadro III – Acervos de dicionários – PNLD-Dicionários (RANGEL; BAGNO, 2006).	88
Quadro IV – Classificação de dicionários (PNLD 2012).....	89
Quadro V- Descrição do <i>corpus</i> Lácio-Ref.....	102
Quadro VI- Verbos, substantivos e adjetivos mais frequentes no <i>corpus</i> Lácio-Ref	106
Quadro VII- Estrutura do verbete múltiplo para substantivos e adjetivos.....	128
Quadro VIII- Estrutura do verbete múltiplo para verbos.....	128
Quadro IX- Estrutura do verbete remissivo	128
Quadro X – Palavras-entrada da “Amostra de Verbetes”	130

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SINAIS CONVENCIONAIS

<i>adj.</i>	Adjetivo
<i>adj2g.</i>	Adjetivo de dois gêneros
<i>adv.</i>	Advérbio
<i>cf.</i>	Conferir
<i>conj.</i>	Conjunção
<i>interj.</i>	Interjeição
<i>p.</i>	Página
<i>prep.</i>	Preposição
<i>s2g.</i>	Substantivo de dois gêneros
<i>sf.</i>	Substantivo feminino
<i>sm.</i>	Substantivo masculino
<i>vi.</i>	Verbo intransitivo
<i>vimp.</i>	Verbo impessoal
<i>vpart.</i>	Verbo no particípio
<i>vpred.</i>	Verbo predicativo
<i>vpron.</i>	Verbo pronominal
<i>vtd.</i>	Verbo transitivo direto
<i>vtdi.</i>	Verbo transitivo direto e indireto
<i>vti.</i>	Verbo transitivo indireto
TN	Tradução nossa
[+]	Mais acepções/informações
◇	Mudança de classe
★	Cognatos
□	Outras informações

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	18
O LÉXICO DA LÍNGUA	18
1.1 A (in)definição de palavra	21
1.2 Classes de Palavras	23
1.3 Palavra e morfema, lexema e gramema	30
1.3.1 Os lexemas e a produtividade lexical	34
1.3.2 Os gramemas nos processos de flexão e derivação	37
1.4 Processos de formação das palavras	39
1.4.1 Derivação	40
1.4.1.1 Derivação prefixal	41
1.4.1.2 Derivação sufixal	43
1.4.1.3 Derivação parassintética ou circunfixação	45
1.4.1.4 Derivação regressiva	46
1.4.1.5 Derivação imprópria ou conversão	48
1.4.2 Composição	49
1.4.3 Outros processos de formação de palavras	53
1.4.3.1 Abreviação vocabular	53
1.4.3.2 Siglação	54
1.4.3.3 Onomatopeia	55
CAPÍTULO II	57
LEXICOGRAFIA: DOS DICIONÁRIOS GERAIS AOS DICIONÁRIOS ESCOLARES	57
2.1 Dicionários — tipologia	63
2.1.1 Formato e extensão	64
2.1.2 Caráter da obra	64
2.1.3 Sistema linguístico em que se baseia a obra	65
2.1.4 Número de línguas	65
2.1.5 Seleção do léxico	65
2.1.5.1 Vocabulário geral ou parcial	65
2.1.5.2 Seleção do léxico exaustiva ou seletiva	67
2.1.5.3 Critério cronológico	68
2.1.5.4 Caráter prescritivo ou descritivo	70
2.1.6 Ordenação das matérias	71
2.1.7 Finalidades específicas do dicionário	72
2.1.8 Meios de divulgação	72
2.2 O fazer lexicográfico – macroestrutura e microestrutura	73
2.2.1 Definição lexicográfica: conceitos e métodos	75
2.3 Dicionários gerais e dicionários escolares: critérios de diferenciação	80
2.4 Dicionário escolar e a realidade editorial brasileira	84
CAPÍTULO III	90
DICIONÁRIO ESCOLAR DE COGNATOS DA LÍNGUA PORTUGUESA	
CONTEMPORÂNEA: UM NOVO MODELO DE DICIONÁRIO ESCOLAR	90
3.1 Dicionário escolar de cognatos: uma ferramenta para a aquisição lexical	94
3.2 Subsídios para a macroestrutura	97
3.2.1 Apresentação da obra ou prefácio	98
3.2.1.1 Público-alvo	99
3.2.2 A fonte dos dados: informações sobre o <i>corpus</i> utilizado para a pesquisa	100
3.2.3 Nomenclatura — características	104

3.2.3.1 Composição da nomenclatura — critérios de lematização	105
3.2.3.1.1 Critérios para a lematização das palavras	109
3.2.3.1.2 Palavras homônimas e palavras polissêmicas	110
3.2.3.1.3 Lexias compostas e lexias complexas	113
3.2.3.2 Composição da nomenclatura: síntese	115
3.2.4 Textos suplementares	116
3.3 Subsídios para a microestrutura	117
3.3.1 Informações funcionais para a microestrutura de um dicionário de cognatos	118
3.3.1.1 Variantes ortográficas	119
3.3.1.2 Ortoepia	119
3.3.1.3 Questões gramaticais	120
3.3.2 A definição dos lemas em um dicionário de cognatos	123
3.3.3 Abonações	123
3.3.4 Tipos de verbetes	125
3.3.5 Ordenação interna do verbete	126
CAPÍTULO IV	129
AMOSTRA DE VERBETES	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS	184
REFERÊNCIAS	187

INTRODUÇÃO

O léxico da língua compreende todas as palavras disponíveis para o uso do falante, sejam elas de qualquer natureza. Toda mensagem veiculada em uma comunicação faz-se a partir do léxico, que, na realidade, é abstrato e só se concretiza no seu uso efetivo. Porém essa materialização do léxico pode se dar de diferentes formas, dependendo da experiência de cada indivíduo, que vai designar o universo a sua volta de acordo com o conhecimento lexical adquirido. Se o repertório lexical é adquirido e não nato, devem-se encontrar mecanismos para ensiná-lo, para que ele se integre à realidade dos estudantes, cujas estruturas cognitivas ainda estão em fase de desenvolvimento.

Muitos não têm conhecimento de um número plausível de palavras para se comunicarem com eficiência e esse vocabulário restrito torna-se um empecilho para a compreensão e a produção textual. No entanto, não basta aprender palavras soltas, porque o léxico não se configura como uma lista de itens sem nexos, visto que cada palavra se relaciona com outra mantendo com ela relações de diversos tipos.

O estudo do léxico deve propiciar ao estudante o desenvolvimento de estratégias para a seleção e a combinação de palavras adequadas ao contexto de comunicação. Esse processo não é uma operação tão simples, já que as palavras são portadoras de diversos sentidos que podem mudar dependendo do arranjo sintático dado pela intencionalidade do emissor da mensagem. Portanto, é importante aprender o léxico a partir de relações que as palavras estabelecem entre si, sejam morfológicas, sintáticas ou semânticas.

Para minimizar a distância entre o vocabulário dominado pelo falante e as possibilidades que o léxico oferece, é indicado o uso do dicionário, que pode funcionar como um instrumento de valor didático indispensável ao ensino da língua materna. O dicionário não é apenas um livro onde as palavras são guardadas, para uma eventual consulta, mas o lugar onde saberes, da língua e do mundo, estão à disposição do consulente. Dessa forma, o dicionário é “uma obra de respeito dentro de qualquer sociedade. Os dicionários de língua são verdadeiros monumentos dentro da cultura que se faz naquela língua” (NEVES, 2002, p. 207).

Os dicionários evoluíram muito, desde as listas de palavras produzidas na Era Antiga a obras dos mais diversos tipos que estão disponíveis contemporaneamente no mercado editorial. Com tantas opções ofertadas, atualmente, torna-se inevitável o debate sobre a qualidade desse tipo de obra. Entretanto, não há como responder à pergunta “qual o melhor dicionário?”, sem antes serem formuladas outras questões como “melhor dicionário para

quê?” Para quem?” Esses questionamentos não podem ser respondidos de forma satisfatória sem conhecimentos prévios sobre Lexicologia e Lexicografia, condição básica para o estabelecimento da distinção entre obras lexicográficas. Mas, poucos usuários detêm esse tipo de conhecimento, por isso, nem sempre há a preocupação, por parte dos responsáveis pela produção dos dicionários, em elaborar obras condizentes com a realidade escolar, ou seja, específicas para a aprendizagem, pois talvez eles “sejam complacentes porque seu produto ‘funciona’. Mas é legítimo perguntar de que modo ele funciona, a não ser pelo fato de que os dicionários vendem bem” (WEINREICH, 1984, p. 104). Essa observação é pertinente, pois são vendidos muitos dicionários, porém não há muita variedade em termos de tipologia, já que a maioria é dicionário do tipo geral, com estrutura tradicional.

A primeira distinção, então, a ser estabelecida é entre dicionário geral e dicionário de aprendizagem. O primeiro destina-se ao público em geral e tenta incluir o maior número possível de itens lexicais em sua nomenclatura, descrevendo-os de forma meticulosa. Já os dicionários de aprendizagem são direcionados especificamente para um público que se encontra em situação de aquisição da modalidade escrita da língua, com nomenclatura¹ selecionada a partir de um *corpus* composto de palavras de alta frequência, pertencentes à realidade do estudante, com definições que facilitam a compreensão, informações gramaticais diversas, exemplos de uso, entre outras especificidades de um dicionário de cunho pedagógico.

Os dicionários de aprendizagem não podem ser confundidos com os minidicionários disponíveis no mercado editorial, que são dicionários gerais reduzidos, com estrutura semelhante àqueles que lhes serviram de base, diferindo apenas pelo tamanho da nomenclatura e pela ausência de abonações e/ou exemplos. Não foram, portanto, elaborados para a pesquisa escolar, mas para atender a um mercado editorial que lança todos os anos obras que se destacam pelo volume de entradas e não, necessariamente, pela qualidade lexicográfica focada nas necessidades do público estudante.

Os minidicionários, assim como todos os dicionários, são funcionais, porém um dicionário de aprendizagem, elaborado especificamente para estudantes, deve ser um instrumento de aquisição lexical e, sobretudo, de auxílio para compreensão e produção linguística. Logo, deve levar em conta a aplicabilidade do dicionário ao ensino e à aquisição da língua materna.

¹ “Nomenclatura: a sequência dos itens lexicais (as entradas do dicionário), ordenados geralmente em ordem

Há vários dicionários de língua portuguesa que contemplam a educação infantil e as primeiras séries do Ensino Fundamental, como o *Aurelinho: Dicionário Infantil Ilustrado da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 2005); *Dicionário Ilustrado de Português* (BIDERMANN, 2009); *Aurélio Júnior: Dicionário Escolar da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 2006); *Meu primeiro dicionário Caldas Aulete infantil ilustrado* (GEIGER; DAVIES, 2006), entre muitos outros, que atendem às necessidades da faixa etária a que se destinam.

Já aos alunos das séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio são ofertados, na maioria das vezes, os minidicionários, devido à sua tradição e praticidade, como o *Míni Aurélio: o dicionário da língua portuguesa* (FERREIRA, 2006) e o *Míni Houaiss: dicionário da língua portuguesa* (HOUAISS, 2008), entre outros. Há alguns dicionários, como o *Dicionário escolar da língua portuguesa* (CEGALLA, 2006) e o *Dicionário escolar da língua portuguesa* da Academia Brasileira de Letras (2008), que se autodenominam escolares, porém em nada diferem dos minidicionários, pois não trazem nenhuma especificidade e têm, por fim, a mesma função do minidicionário: sanar as dúvidas em relação ao significado da palavra. Portanto, não contribuem de forma satisfatória para o aprendizado do léxico.

Dessa forma, fica evidente a necessidade de novas obras, no mercado editorial, elaboradas a partir de parâmetros e critérios específicos para o tratamento do léxico, à luz de teorias próprias da Lexicografia Pedagógica, para auxiliar o processo de ensino/aprendizagem da língua. Nesse contexto, este trabalho visa à elaboração de subsídios para um dicionário escolar de cognatos² da língua portuguesa contemporânea, em que a nomenclatura venha ordenada por famílias de palavras, pois entendemos que, ao descrever as relações de forma e de sentido entre as palavras, o dicionário contribui para ampliar o vocabulário dos jovens estudantes das séries finais da educação básica (idade entre 12 e 17 anos), já que aos alunos das séries iniciais devem ser destinados dicionários escolares infantis e dicionários escolares para iniciantes.

Os estudantes da educação básica, de um modo geral, sentem muitas dificuldades em interpretar e escrever textos por não possuírem, ainda, o domínio lexical necessário para essas habilidades, por isso, recorrem inúmeras vezes ao dicionário para consultas sobre o significado das palavras. Todavia, esse exercício de pesquisa em dicionários gerais não possibilita, aos estudantes, associar uma palavra diretamente à outra. É preciso que os alunos, além de identificarem o significado da palavra, consigam relacioná-la a outras pertencentes à

² O termo cognato está sendo utilizado neste trabalho para se referir à palavra que tem a mesma raiz ou origem etimológica que outra.

mesma família lexical. Para isso é necessário conhecimentos específicos de morfologia derivacional, história e etimologia das palavras, temas esses pouco abordados na escola, ou por não integrarem o currículo escolar ou devido à sua complexidade e a divergentes teorias e métodos sobre o assunto³. Diante desse cenário, um dicionário de cognatos seria mais um instrumento de apoio didático para o ensino da língua materna, porque “além da busca da correspondência com as coisas do mundo, o dicionário também serve de fonte para informações morfológicas implicadas em aspectos semânticos das palavras” (COROA, 2011, p. 64).

Nesse sentido, como já assinalado, esta proposta tem como finalidade fornecer subsídios para um dicionário de aprendizagem, com nomenclatura selecionada a partir de um *corpus* de referência, contemplando as palavras mais frequentes da língua em uso. Esse novo modelo de dicionário visa a apresentar ao consulente as palavras agrupadas por famílias, e, para cumprir esse objetivo faz-se necessário adentrar no campo da morfologia derivacional, para a compreensão sobre a estrutura do léxico e o processo de formação das palavras, a partir de diferentes teorias linguísticas.

Para a execução deste trabalho, foi feita pesquisa teórica a fim de embasar a prática lexicográfica utilizada para elaborar a amostra de verbetes, apresentada no Capítulo IV, desta Dissertação. O objetivo mais amplo deste estudo é, portanto, fornecer subsídios para a elaboração de um dicionário escolar de cognatos e não construir o dicionário propriamente dito, pois isto demandaria um tempo que extrapolaria o período regulamentar para a conclusão da Dissertação. Para a prática lexicográfica foram analisados parâmetros e critérios que classificam as obras quanto ao tipo, extensão, finalidade, seleção do léxico, caráter linguístico, descrição semântica, ordenação da macroestrutura e da microestrutura. Dessa forma, foram utilizados conceitos teóricos de diversos autores clássicos, especialistas em Lexicologia e em Lexicografia, entre os quais destacamos: Haensch (1982; 1997); Rey-Debove (1966; 1971; 1983); Rey (1970); Alvar Ezquerro (2001; 2003); Biderman (1984; 1998; 1999; 2001; 2002; 2003); Porto Dapena (2002).

O estudo do léxico pode ser realizado por meio de várias perspectivas, o que exige a busca de aporte teórico fornecido pelas ciências do léxico (Lexicologia, Lexicografia e Terminologia), pela Morfologia Derivacional, pela Semântica e pela Etimologia, ou seja, pelos ramos da ciência da linguagem que se ocupam dos estudos da língua e do estatuto da

³ Discussão apresentada no Capítulo I, p. 18.

palavra. Portanto, para contemplar todas as especificidades inerentes a esta pesquisa, este trabalho foi estruturado em quatro capítulos, descritos a seguir.

No primeiro capítulo foram abordadas questões referentes ao léxico da língua, mais especificamente ao estudo da palavra, sua classificação em classes e os processos de formação, sob as perspectivas de teóricos de correntes linguísticas distintas. Esse estudo foi imprescindível para o entendimento dos processos subjacentes à estrutura e à formação das palavras, requisito necessário para a definição de critérios para o tratamento dos cognatos.

O segundo capítulo foi dedicado à teoria e à prática lexicográfica. Ao analisar os dicionários em relação à sua tipologia e funcionalidade, foi estabelecida distinção entre os dicionários gerais e os de aprendizagem, situando, assim, o dicionário de cognatos no universo lexicográfico. Também foram delineados os conceitos de macroestrutura e de microestrutura, com suas respectivas composições, para verificar o tipo de estrutura mais adequado a um dicionário de aprendizagem, especificamente ao modelo aqui apresentado.

Os subsídios para um dicionário de cognatos da língua portuguesa foram apresentados no terceiro capítulo, que reúne, simultaneamente, os procedimentos metodológicos para a elaboração de um dicionário e também para a proposta apresentada neste trabalho. As questões que permeiam a elaboração de um dicionário foram tratadas nesse capítulo, que traz explicações sobre o *corpus* utilizado, os critérios para a lematização das palavras e para a composição da nomenclatura. Para a pesquisa das palavras, foi utilizado o Lácio-Ref, que é um *corpus* aberto e de referência do Projeto Lácio-Web⁴, recorte do *corpus* NILC (Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional de São Carlos). A busca pela palavra é feita a partir de um programa de *contador* e *concordanciador* específico, com ferramentas que permitem verificar a frequência da palavra, seus cognatos e o contexto em que ela está inserida. A partir da manipulação do *corpus*, foi feita uma simulação de nomenclatura e de microestrutura, em que são apresentados os modelos de verbetes, com suas respectivas composição e organização.

O quarto e último capítulo é composto por uma amostra de verbetes que poderiam compor a nomenclatura de um dicionário de cognatos da língua portuguesa contemporânea. Dessa forma, é possível visualizar o formato do dicionário que está sendo, aqui, proposto. Na sequência são apresentadas as considerações finais, que sintetizam os resultados deste trabalho e, em seguida, as referências, que deram sustentação à pesquisa.

⁴ Todas as informações sobre o banco de dados e o *corpus* Lácio-Ref são apresentadas no Capítulo III, item 3.2.2, p. 100.

CAPITULO I

O LÉXICO DA LÍNGUA

O ato de nomear os seres, objetos e elementos da natureza é inerente ao ser humano, à medida que se baseia na associação de palavras a seus respectivos referentes e, assim, o homem, ao nomear elementos que o cerca, ordena e estrutura a realidade a sua volta. Todo o universo de nomes constitui o léxico de uma língua que se estrutura de uma forma mais ou menos arbitrária, por ser anterior ao indivíduo, e ao mesmo tempo ser criado e renovado por este mesmo indivíduo, pois “é o léxico o único domínio da língua que constitui um sistema aberto, diversamente dos demais, fonologia, morfologia e sintaxe, que constituem sistemas fechados” (BIDERMAN, 1998, p. 13). Em decorrência disso, os linguistas tendem a priorizar os estudos da Morfologia, da Fonologia e da Sintaxe, criando teorias e estabelecendo regras que pretendem abarcar o universo limitado de cada um desses domínios.

A Lexicologia é a ciência que estuda o léxico, tendo como objeto específico de investigação a palavra, por isso todas as palavras acumuladas em uma determinada língua, em suas diversas acepções e diferentes usos, durante toda a evolução histórica dessa língua são objetos de investigação desse ramo dos estudos do léxico. A palavra “est le symbole matériel d'un fait spirituel important; c'est l'élément à la fois expressif et tangible qui concrétise un fait de civilisation”⁵ (MATORÉ, 1953, p. 66). O estudo do léxico permite o conhecimento da história da humanidade, pois “avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico” (VILELA, 1994, p. 6).

Do ponto de vista da evolução das línguas é inevitável que o léxico sofra modificações com o passar dos tempos, por isso seu registro escrito é imprescindível para a sobrevivência de uma língua, razão pela qual os dicionários funcionam como inventário de palavras, pela “nécessité de préserver l'usage menacé des langues mortes et de faciliter l'acquisition des langues vivantes”⁶ (REY, 1970, p. 21).

O léxico da língua portuguesa é proveniente basicamente do latim, porém, no decorrer da história da língua nele incorporam-se grande contingente de palavras, de outras línguas,

⁵ [a palavra] “é o símbolo material de um fato espiritual importante; é o elemento ao mesmo tempo expressivo e tangível que concretiza um fato de civilização” (TN= tradução nossa).

⁶ [...] “necessidade de preservar o uso ameaçado das línguas mortas e de facilitar a aquisição das línguas vivas” (TN).

pelo processo dos empréstimos linguísticos. E, o português, ainda, continua a importar e a criar palavras, pois o léxico é dinâmico e sua renovação é constante, porque, inevitavelmente, há “a urgência em serem satisfeitas as necessidades de comunicação e expressão dos falantes, a exigência em configurar o que de novo surge na comunidade e a necessidade em manter a sistematicidade da língua” (VILELA, 1994, p. 14). Entretanto, o léxico não pode ser definido apenas como um conjunto de palavras de uma comunidade de falantes, ele deve ser analisado sob diversas perspectivas.

Dessa forma, para estudar o léxico, a Lexicologia abrange domínios como a formação de palavras, a etimologia, a criação e importação de palavras, a estatística lexical, e relaciona-se necessariamente com a Fonologia, a Morfologia, a Sintaxe e, em particular, com a Semântica. Nesse âmbito, as relações semânticas de sinonímia, antonímia, hiponímia, hiperonímia interessam à Lexicologia que, por sua vez, se identifica com o estudo da estrutura interna, formal e semântica das palavras, pois “o léxico tem três possibilidades para se adaptar a situações novas: câmbios semânticos, empréstimos e formação de palavras (a partir de palavras ou elementos existentes na língua)” (VILELA, 1994, p. 14).

Os falantes necessitam de um vocabulário⁷ mínimo para as realizações discursivas, porque a construção de mensagens opera-se, necessariamente, por intermédio do léxico. No entanto, essa operação não se realiza plenamente sem o conhecimento do léxico da língua e das normas de estruturação das palavras que regem o processo de nomeação da realidade extralinguística. Assim, o léxico é adquirido e seu aprendizado resulta em associar significante e significado, porém a percepção linguística da realidade não se dá de forma natural, ela é proveniente de um conhecimento progressivo do mundo e imagens que o homem tem da estrutura da realidade depende de seus conceitos, que nem sempre podem ser denominados de forma exata por meio de um signo linguístico. Portanto, aprender novas palavras não é um processo simples e depende do enfoque que é dado, principalmente na escola, para desenvolver no falante a competência lexical⁸ necessária para o aprendizado do léxico.

O conceito de competência lexical envolve vários fatores, já que implica na relação entre aprendiz e léxico. Um primeiro fator a ser observado é o fato de os falantes estarem em

⁷ Entende-se por vocabulário, nesse contexto, o “conjunto delimitado de vocábulos, isto é, de unidades efetivamente atestadas num determinado registro de língua, num conjunto de textos, na obra de um autor etc” (CORREIA, 2009, p. 31).

⁸ “A noção de competência, isto é, o conhecimento que o falante tem de sua língua enquanto falante nativo, é um dos conceitos mais básicos na teoria gerativa.

No modelo *standard* da teoria gerativa transformacional, entende-se por conhecimento da língua a capacidade que o falante tem de atribuir descrições estruturais a sentenças. Estas constituem um conjunto infinito, cujos membros são definidos pelas regras da gramática gerativa” (BASÍLIO, 1980, p. 8).

processo contínuo de aprendizagem, mesmo na fase adulta, razão pela qual não há como precisar o vocabulário dominado por um falante. Somente o fato de aprender novas palavras não indica competência lexical, porque, além de conhecer uma palavra é necessário estabelecer associações com outras para prever suas limitações em relação às suas propriedades, às funções sintáticas e ao contexto da comunicação. Ainda é imprescindível, para se apropriar da palavra, conhecer as suas derivações, a sua importância no universo lexical da língua, associando-a com outras palavras da língua, e acima de tudo, conhecer o seu valor semântico, geralmente rico de significados. Esses são alguns dos fatores que demonstram que a competência lexical deve ser desenvolvida com metodologias educativas que priorizem o ensino do léxico e o seu uso em situações reais de comunicação.

Todos os fatores envolvidos para a aquisição da competência lexical demandam um tempo significativo de estudo, por isso devem ser oferecidas aos estudantes estratégias para aquisição de vocabulário. Levar a criança, por exemplo, a aprender palavras que possuem a mesma raiz facilita a associação entre elas e esse tipo de exercício lexical pode ser desenvolvido em qualquer etapa da educação. O estudante não necessita ter conhecimentos profundos de Morfologia para estabelecer relações entre palavras cognatas, porém o professor deverá dominar as regras que regem a estrutura e a formação das palavras para melhor orientar o processo ensino-aprendizagem do léxico.

Outra estratégia de ensino é a utilização do dicionário, como ferramenta pedagógica, para apresentar palavras novas e proporcionar aos estudantes reflexões que os levem a estabelecer relações com palavras já conhecidas. Nesse sentido, o dicionário é instrumento fundamental para trabalhar com o léxico, desde que sejam observados dois princípios gerais:

o primeiro é que aprender/ensinar o léxico não é apenas acumular conhecimentos sobre palavras particulares, mas sim adquirir mecanismos de organização, numa situação que lembra o velho provérbio chinês segundo o qual é mais importante ensinar a pescar do que dar o peixe.

O segundo é que há continuidade entre o tipo de experiência proporcionado pelo dicionário e o tipo de trabalho que os falantes realizam informalmente, em seu trato diário com a língua (ILARI; CUNHA LIMA, 2011, p. 13).

Portanto, a apropriação de palavras requer um aprendizado contínuo, já que o léxico de uma língua está em constante movimento e o conhecimento do falante também sofre mudanças decorrentes de novas experiências que o impulsionam a relacionar novas palavras com as já armazenadas na “memória lexical”⁹ para a composição de seu próprio vocabulário.

⁹ O conceito e considerações sobre “memória léxica” são discutidos por Biderman (1981, p. 131-145).

1.1 A (in)definição de palavra

Estudar a palavra implica abordá-la sob várias perspectivas: histórica, social, cultural, linguística, psicológica, filosófica etc. Muitos já se debruçaram sobre esses estudos, desde a Antiguidade, pois sempre houve certo misticismo em relação à palavra e

[...] na história das diferentes civilizações a palavra sempre foi mensageira de valores pessoais e sociais que traduzem a visão de mundo do homem enquanto ser social; valendo-se dela o homem nomeia e caracteriza o mundo que o rodeia, exerce seu poder sobre o universo natural e antropológico, registra e perpetua a cultura. Assim, o léxico como repertório de palavras das línguas naturais traduz o pensamento das diferentes sociedades no decurso da história, razão por que estudar o léxico implica também resgatar a cultura. A palavra favorece a transfiguração da experiência num universo de discurso e, conseqüentemente, assume diferentes dimensões dependendo na natureza desse discurso (ISQUERDO; KRIEGER, 2004, p. 11-12).

Do ponto de vista filosófico, Sócrates, por exemplo, concebe a palavra como algo concreto e “menciona um valor intrínseco, valor que já estaria em cada palavra, na medida em que estaria aludindo a algo presente no mundo real, no mundo das coisas e não apenas no mundo das palavras” (MARTINS, 2002, p. 52).

Diferentemente de Sócrates, Saussure trata a palavra como algo abstrato, que só ganha valor “por sua inter-relação no sistema linguístico, pelo uso que fazemos dela e pela maneira como, num jogo de palavra-puxa-palavra, mergulhamos no universo linguístico e aprendemos ou estabelecemos o sentido das palavras, comparando-as e distinguindo-as” (MARTINS, 2002, p. 52).

Sócrates ancora as palavras no mundo da realidade e não no universo semiológico de Saussure. Para o filósofo só podemos perceber se as palavras são justas e adequadas para as coisas que pretendemos nomear no contato com o mundo real, na experimentação, na prova de realização (MARTINS, 2002, p. 60-61).

Já para Bakhtin (2006, p. 34), a palavra vai além do mundo real de Sócrates e da semiologia de Saussure, porque ela não só pertence ao mundo real, como também reflete e retrata a realidade, que está em constante processo de transformação, em consonância com os indivíduos, por ser responsável pelo processo de comunicação. Assim, a palavra “é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social” (BAKHTIN, 2006, p. 34).

Biderman (2001, p. 114-115), para definir palavra, parte do pressuposto que “se cada língua recorta a realidade diferentemente e molda essa realidade em categorias linguísticas e mentais que lhe são exclusivas, então o conceito de palavra não pode ter um valor absoluto”. Desse ponto de vista, não há, segundo a mesma estudiosa, um conceito de palavra que seja válido para todas as línguas, porque a palavra “se materializa no discurso, com uma inegável individualidade”.

São, portanto, infundáveis os estudos e investigações referentes à palavra que, por sua vez, é passível de várias abordagens, dependendo da perspectiva adotada. Barbosa (1980, p.261), por exemplo, enfatiza que a palavra

[...] tem sido estudada em seu estatuto de *palavra-objeto* ou de *meta-palavra*; como produto e criação de uma ideologia; como um complexo gramatical; como verbalização do pensamento; como disponibilidade do sistema; como manifestação concreta no discurso; como expressão, como conteúdo; como grandeza indissociável (significante/significado); como instrumento modelizante e modelizável; e, ainda, de muitas outras maneiras.

Cada perspectiva adotada para o estudo da palavra é ancorada em uma disciplina responsável por descrevê-la e analisá-la, de forma exaustiva, porém há intersecções entre os diversos ramos da Linguística e até de outras áreas científicas, e isso é inevitável, em decorrência de se tratar do mesmo objeto. Assim, a Lexicologia tem como finalidade estudar a palavra

[...] em sua estrutura gramatical, semântica, semântico-sintática; examinar sua carga ideológica, sua força persuasiva, sua natureza modalizante; definir a rede lógica de relações das palavras de um sistema linguístico; estudar o conjunto de palavras de tal sistema ou de um grupo de indivíduos, seja como universo lexical, seja como conjunto vocabulário; analisar o léxico efetivo, ativo e passivo, e fazer estimativa sobre o léxico virtual; considerar a palavra como um instrumento de construção e de detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores; abordá-la como um elemento instaurador e como um lugar privilegiado de reflexo da cultura; explicar os processos de criação e renovação da palavra, e de seu conjunto universo, o léxico, eis algumas das tarefas mais importantes de que se encarrega a lexicologia, um dos ramos da Linguística (BARBOSA, 1980, p. 262).

Mesmo no âmbito da Lexicologia é impossível estudar a palavra em sua amplitude, então, faz-se necessário estabelecer limites entre o que se deseja e a diversidade de opções proveniente das dimensões da palavra. Delimitamos, assim, neste trabalho, o estudo da

palavra¹⁰, levando em conta o objetivo maior da pesquisa, que é a prática lexicográfica, sob a perspectiva da Lexicologia e da Morfologia Derivacional.

1.2 Classes de Palavras

Com o intuito de organizar e sistematizar a língua, as palavras são normalmente distribuídas por classes. “Damos tradicionalmente o nome de classes de palavras ou partes do discurso a conjuntos abertos de palavras, definidos a partir de propriedades ou funções semânticas e/ou gramaticais” (BASÍLIO, 2006, p. 21). A distribuição das palavras por classes gerou e ainda gera muita polêmica, desde a Antiguidade quando

Aristóteles estabeleceu uma classificação gramatical admirável em que distribuía as palavras em dois grandes grupos, os categoremáticos e os sincategoremáticos, isto é, as palavras que designam seres ou ações, e as que indicam acidentes ou modificações dos seres ou das ações, classificação que, até certo ponto, vai ser repetida pela Linguística contemporânea, desconhecadora, creio eu, da sistematização aristotélica (MELO, 1981, p. 137).

Ainda, na Antiguidade, Platão e Aristóteles haviam considerado os adjetivos como uma subclasse dos verbos. Mais tarde o gramático alexandrino Dionísio da Trácia incorporou os adjetivos aos substantivos, na classe dos nomes e, por fim, os latinos separaram e diferenciaram adjetivos e substantivos, classificação essa que foi adotada pelas línguas europeias modernas. Muitos linguistas propuseram novas classificações para as palavras porque o modelo antigo já não atendia às línguas modernas, “só poderia, quando muito, aplicar-se às línguas indo-europeias, de estrutura mais ou menos idêntica à do grego e do latim, mas não se ajustava razoavelmente, para todos os detalhes, a outras línguas de tipo inteiramente diverso” (MELO, 1981, p. 137).

O linguista francês Vendryès (1950, p. 136-161), por exemplo, baseando-se em Aristóteles, distribuiu as palavras em três grandes classes: nome, verbo e instrumentos gramaticais. O autor parte do princípio que “toute phrase renferme deux sortes d'éléments distincts: d'une part l'expression d'un certain nombre de notions représentant des idées, et

¹⁰ Temos consciência da complexidade da definição do termo “palavra”, pois seu conceito é complexo e relativo, porém não podemos deixar de adotar, no âmbito deste trabalho, esse termo porque a “palavra” está sendo focada aqui no seu sentido mais amplo e sob várias perspectivas, daí a dificuldade do uso de uma terminologia comum a todas as ciências que a estudam. No decorrer deste trabalho, outros termos foram utilizados, de acordo com as conveniências teóricas e as especificidades da análise.

d'autre part l'indication de certains rapports entre ces idées” (VENDRYÈS, 1950, p. 85).¹¹ A partir desse pressuposto, distinguem-se os semantemas (nomes e verbos que representam as ideias) e os vocábulo-morfemas (instrumentos gramaticais que conectam as ideias, relacionando-as).

Na classe dos nomes estão os substantivos, os adjetivos e alguns pronomes, pois “quand le pronom est autonome ou, comme on dit, emphatique, il joue exactement le rôle d'un substantif doit être rangé dans la catégorie des noms”¹² (VENDRYÈS, 1950, p. 137).

Os adjetivos e os substantivos pertencem aos nomes porque um pode assumir o papel do outro em determinadas construções sintáticas. Nas palavras de Vendryès (1950, p. 138),

l'adjectif de son côté se distingue souvent très mal du substantif. Dans les langues indo-européennes ils paraissent sortir d'une origine commune et conservent en bien des cas une forme identique. Rien ne dénonce en latin ou en grec que *bonus*, *ἀγαθός* soient des adjectifs, *equus* ou *ἵππος* des substantifs; la flexion est la même. C'est par l'emploi sans doute qu'on pourrait les distinguer. Mais il faut ajouter qu'il y a des emplois auxquels ils sont également propres. On peut dire: “je suis fort” comme “je suis roi”, “un homme est grand” et “un grand est homme”. Substantifs et adjectifs échangent ainsi leurs rôles dans toutes les langues; grammaticalement il n'y a pas entre eux de limite tranchée. On peut les réunir tous deux dans une catégorie unique: celle du nom.¹³

Não somente os adjetivos e substantivos permutam seus papéis, mas também os verbos podem assumir, na frase, ora o lugar de um substantivo, ora de um adjetivo. Então, uma das propriedades dos semantemas é a de se adequarem aos enunciados linguísticos, independentemente de sua classe, bastando para isso a determinação do falante em fazer combinatórias discursivas para expressar ideias, em um ato de comunicação.

O verbo na forma nominal participípio, por exemplo, assume o valor de adjetivo e “a adjetivação do verbo na forma participial é tão completa que esse assume as marcas mórnicas típicas da classe nominal (gênero e número)” (BIDERMAN, 2001, p. 254). Essa informação não é veiculada pelos livros didáticos, gerando, com isso, a incompreensão dos alunos em relação à análise de certas palavras, que tanto podem ser adjetivos quanto verbos no

¹¹ [...] “toda frase contém dois tipos de elementos distintos: de um lado, a expressão de uma série de conceitos que representam ideias, e de outro lado a indicação de alguma relação entre essas ideias” (TN).

¹² [...] “quando o pronome é autônomo ou, como se diz, enfático, que desempenha exatamente o papel de um substantivo deve ser colocado na categoria de nomes” (TN).

¹³ “O adjetivo, por sua vez, distingue-se frequentemente muito mal do substantivo. Em línguas indo-europeias eles parecem surgir de uma origem comum e mantêm, em muitos casos uma forma idêntica. Nada indica, em latim ou grego, que *bônus*, *ἀγαθός* sejam adjetivos, e *ἵππος* ou *equus*, sejam substantivos; a flexão é a mesma. É pelo emprego, sem dúvida, que podemos distingui-los. Mas, é necessário acrescentar que há empregos aos quais eles são igualmente próprios. Podemos dizer: “Eu sou forte” como “eu sou rei”, “um homem é grande” e “é um grande homem.” Assim, substantivos e adjetivos alternam seus papéis em todas as línguas; gramaticalmente não há entre eles limites nítidos. Podemos reunir todos os dois dentro de uma única categoria: a dos nomes” (TN).

particípio. E essa dúvida só pode ser sanada a partir da análise sintática e semântica, pois a palavra isolada, fora do contexto, não fornece subsídios para a classificação. Entretanto, a grande maioria dos dicionários escolares classifica o verbo na forma nominal particípio, apenas como adjetivo. Podemos exemplificar com a palavra *amado* que é classificada apenas como adjetivo e substantivo por três dicionários: *Mini Aurélio* (FERREIRA, 2008), *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras* (ACADEMIA, 2008) e *Míni Houaiss* (HOUAISS, 2008). Em decorrência dessa aproximação entre verbo e adjetivo é que Platão e Aristóteles haviam considerado os adjetivos como uma subclasse do verbo, pois ambos estão para a predicação, assim como o substantivo está para o sujeito da predicação.

Dentre os vocábulos-morfemas ou instrumentos gramaticais, Vendryès (1950) inclui a preposição, a conjunção, o artigo e os pronomes que não se enquadram na categoria de nomes. Deixa, porém, de fora da classificação o advérbio e exclui a interjeição dos estudos da Morfologia. A respeito dessa postura, Vendryès (1950, p. 136) explica:

Il convient d'abord d'en écarter l'interjection. Quelle que soit l'importance de l'interjection dans l'usage, elle a en soi quelque chose qui la met à part des autres parties du discours, elle ne peut être rangée dans un même classement. Ainsi elle n'obéit pas toujours aux lois phonétiques et comporte même souvent des phonèmes qui lui sont propres; tels les clics de beaucoup de langues modernes ou l'affriquée *pft* du français. Elle n'a en général rien à faire avec la morphologie. Elle représente une forme spéciale du langage, le langage affectif, ou parfois le langage actif; en tout cas, elle reste en dehors de la structure du langage intellectuel.¹⁴

Essa classificação de Vendryès, na visão de Melo (1981, p.138-139), atende de forma satisfatória a todas as palavras, se observada a realidade da língua dentro do discurso, porque

[...] em qualquer idioma, entendido como “produto social da faculdade da linguagem”, há um elemento que bem chamaremos de *nomenclatura* e outro a que se ajustará o nome de *estrutura*. A *nomenclatura* diz [sic] às ideias, a *estrutura* se refere mais às *relações* entre as ideias. Pois bem: na frase, as palavras que traduzem ideias são exatamente o nome e o verbo, ao passo que os demais vocábulos, isto é, os demonstrativos, os possessivos, os relativos, os indefinidos, os pronomes pessoais, os numerais, os advérbios (os advérbios em —*mente* traduzem ideia, assim como vários outros, tais como o *bem* e o *mal*. Rigorosamente, só os advérbios relativos às pessoas gramaticais têm caráter nitidamente estrutural), os conetivos

¹⁴“Convém, inicialmente, separar a interjeição. Seja qual for a importância da interjeição no uso, ela tem em si algo que a coloca à parte das outras partes do discurso, ela não pode ser incluída em uma mesma classificação. Assim, ela nem sempre obedece às leis fonéticas e frequentemente comporta fonemas que lhe são próprios, como os cliques de muitas línguas modernas ou as africadas, *pft* do francês. Ela, em geral, nada tem a ver com a morfologia. Ela representa uma forma especial de linguagem, a linguagem afetiva, ou às vezes a linguagem ativa; em todo caso, ela permanece fora da estrutura da linguagem intelectual” (TN).

indicam as relações entre as palavras, ou traduzem situações ou conceitos puramente linguísticos. Daí vem que se chama ao nome e ao verbo *palavras lexicográficas* (ou *nocionais*) e às outras “partes do discurso” *palavras gramaticais*.

A partir da classificação do linguista francês, Melo (1981, p. 139-147) fez sua proposta de distribuição, (cf. figura I, a seguir) levando em conta as especificidades da língua portuguesa, “embora seja esta uma questão propriamente linguística e lógica, relativa, portanto, a todas as línguas”.

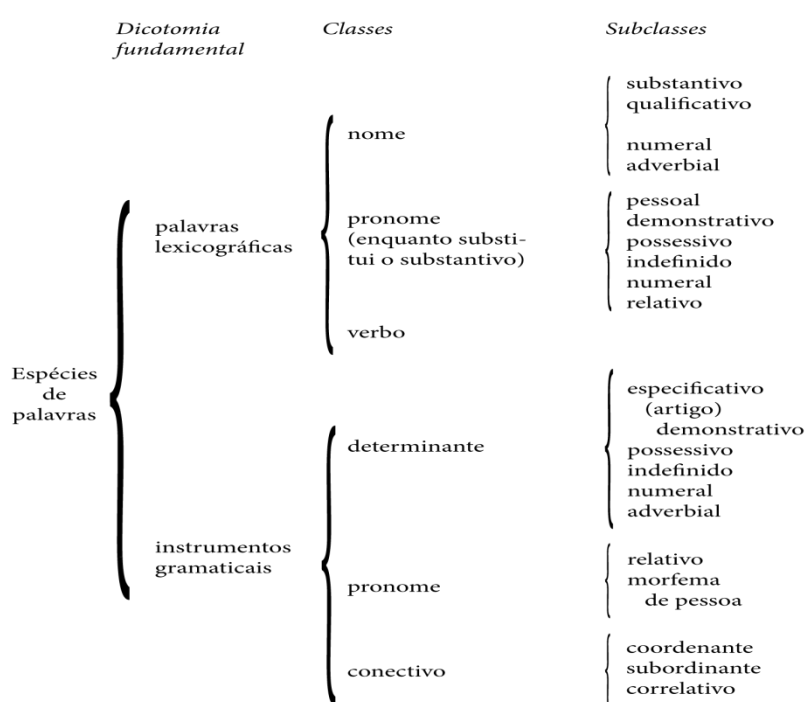


Figura I – Classificação das palavras, segundo Melo (1981, p. 139-147)

As palavras lexicográficas, a que Melo (1981) faz referência, são as palavras lexicais, que fazem parte do léxico, em número infinito, já que o universo lexical da língua está sempre em movimento crescente com o acréscimo e renovação de palavras. Essas palavras lexicais são nocionais por carregarem em si o próprio significado, por exprimirem a noção das coisas por meio de uma significação externa, por possuírem imagem própria, independente de relações semânticas com outras coisas ou objetos. A combinatória nomes e verbos “dá conta da descrição do sentido (significado em uso) de todas as palavras lexicais existentes na língua, e mais as que venham a entrar em circulação, nesse processo contínuo de incorporação de novas formações ao léxico da língua” (NEVES, 2002, p. 124).

Os pronomes, como explicitado por Vendryès (1950, p. 137), só pertencem aos nomes a partir do momento em que os substitui, por ser “justamente o vocabulário que se refere aos seres por dêixis em vez de o fazer por simbolização como os nomes” (CÂMARA JR., 2002, p.90)¹⁵. Nesse sentido, há um pequeno paradoxo, pois, já que eles não podem ser considerados palavras nocionais, a sua noção de valor está relacionada ao significado do substantivo. Também, os pronomes, morfologicamente, pertencem a uma classe fechada, por serem em número limitado na língua, enquanto o substantivo que ele substitui pertence a uma classe aberta. Então, o pronome pode ter inúmeros significados e, somente por esse critério, pertence à categoria de palavras lexicais.

Os verbos são definidos geralmente como as palavras que exprimem ações, estados ou fenômenos da natureza, uma definição apenas semântica que “não é suficiente, no entanto, já que ações, estados e fenômenos podem ser expressos por substantivos. Assim, temos que acrescentar a essa definição uma dimensão morfológica” (BASÍLIO, 2010, p. 56). Já a definição do verbo pelo critério morfológico é pertinente devido às suas particularidades flexionais, que permitem descrevê-lo “como palavra que apresenta as categorias de tempo, modo, aspecto e número/pessoa” (BASÍLIO, 2010, p. 58).

As palavras gramaticais ou instrumentos gramaticais, seguindo a classificação de Melo (1981, p. 141-147), não apresentam raiz¹⁶, possuem significação interna, pois fazem parte apenas da estrutura da língua, são de número bem limitado, constituem uma classe fechada, tanto que as gramáticas, tanto normativas quanto prescritivas¹⁷, normalmente apresentam

¹⁵ “Dêixis: faculdade que tem a linguagem de designar mostrando, em vez de conceituar. A designação dêitica, ou mostrativa, figura assim ao lado da designação simbólica ou conceptual em qualquer sistema linguístico. Podemos dizer que o SIGNO linguístico apresenta-se em dois tipos – o SÍMBOLO, em que um conjunto sônico representa ou simboliza, e o SINAL, em que o conjunto sônico indica ou mostra” (CÂMARA JR., 2002 [1956], p. 90).

Câmara Jr. publicou essa obra “em 1956, pelo Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa (RJ), com o título de *Dicionários de Fatos Gramaticais* (DFG); em 1965, J. Ozon-Editor (RJ) publicou a segunda edição, intitulada *Dicionário de Filologia e Gramática* e, em 1977, postumamente, a Editora Vozes (Petrópolis, RJ) publicou a sétima edição, sob o título atualizado de *Dicionário de Linguística e Gramática*” (MATOS, 2004). Neste trabalho está sendo utilizada a 23ª edição (2002).

¹⁶ Raiz: “o semantema como parte básica da estrutura das palavras a que se chega pela análise mórfica sincrônica. Ao lado desse conceito sincrônico, há o conceito diacrônico, da gramática indo-europeia, que considera raiz o segmento fônico originário correspondente a um semantema do indo-europeu. [...]. No estudo do português só interessa o conceito sincrônico de raiz. Aí o que individualiza a raiz é um significado permanente, que faz dela um semantema. [...]. As palavras portuguesas com a mesma raiz constituem uma família léxica e se dizem cognatas” (CÂMARA JR., 2002, p. 205). Esse assunto é abordado, em detalhes, em 1.3.1.

¹⁷ Entende-se por gramática normativa ou prescritiva a gramática que busca determinar, ou prescrever, as regras gramaticais de uma língua, posicionando as suas prescrições como a única forma correta de realização da língua, depreciando as outras formas possíveis. “Ao escrever uma gramática normativa o autor estabelece regras destinadas a orientar o comportamento linguístico de seus leitores. A palavra ‘regra’ tem, nesse caso, o sentido de ‘regulamento’, ‘instrução sobre como agir’, ‘norma de conduta linguística’” (ILARI; BASSO, 2009, p.206). Geralmente as gramáticas normativas se baseiam nos dialetos de prestígio de uma sociedade. E, por privilegiarem a variedade padrão da língua “é a mais conhecida do professor de primeiro e segundo graus,

tabelas contendo essas palavras. Em contrapartida, essa categoria de palavras tem elevada frequência na língua. É fenômeno muito raro a criação, renovação ou empréstimos de novas palavras gramaticais. Essas palavras funcionam apenas como instrumentos gramaticais, cuja função é organizar o discurso, “nada mais são do que instrumento de realização das classes maiores (nome, verbo, adjetivo e alguns advérbios), uma vez que é a elas que a valência¹⁸ se aplica e é a uma delas que o ‘caso’ se refere” (NEVES, 2002, p. 126).

As palavras gramaticais, ao contrário das lexicais, só passaram a ser relevantes com os estudos da sintaxe, por estabelecerem relações entre as partes de um enunciado, pois “fazem funcionar o sistema linguístico nas realizações discursivas, exprimindo as relações que o espírito estabelece com os semantemas. São, portanto, puros signos gramaticais, embora desprovidos de significação, tais como os artigos, as conjunções e as preposições.” (BIDERMAN, 2001, p. 321). Entende-se significação, nesse caso, como representação mental relacionada a uma forma linguística, a parte do signo que carrega o significado. Assim, como os instrumentos gramaticais não são autônomos, do ponto de vista semântico, eles têm grau zero de significação.

Na verdade, para classificar ou enquadrar a palavra em determinada classe é necessário, primeiramente, estabelecer critérios, o que remete a algumas perguntas como: que critérios devem ser levados em conta? Para quê? Basílio (2006, p. 21), por exemplo, lembra que “a questão dos critérios de classificação das palavras é muito discutida: devemos classificar palavras por um único critério ou por um conjunto de critérios? E quais seriam os critérios mais adequados?”.

As palavras podem ser classificadas levando em conta o critério sintático, semântico ou morfológico. Os estruturalistas, de acordo com Basílio (2006, p. 21-22), utilizam preferencialmente um critério para classificar as palavras: ou sintático ou morfológico; os

porque é em geral a definição que se adota nas gramáticas pedagógicas e nos livros didáticos” (POSSENTI, 1996, p. 64).

A gramática descritiva ou sincrônica estuda o mecanismo de funcionamento de uma língua, em um determinado momento, como meio de comunicação entre os seus falantes, logo, propõe-se a descrever as regras da língua falada, as quais independem do que a gramática normativa prescreve como “correto”. Esse tipo de gramática, segundo Possenti (1996, p. 65), “é a que orienta o trabalho dos linguistas cuja preocupação é *descrever* e/ou *explicar* as línguas tais como elas são faladas”. Assim, diferentemente da gramática normativa, na gramática descritiva, as regras derivam do uso real da língua.

Há, ainda, as gramáticas explicativas que explicam um fato observado encarando-o “como a consequência de algum princípio geral que diz respeito às capacidades humanas (por exemplo, poderíamos assumir que as experiências de caráter físico são fundamentais para determinar a percepção e a categorização do mundo e, em seguida, poderíamos querer explicar o fato de que as línguas têm diferentes tipos de sentenças como projeção de nossos esquemas perceptuais). Se quisermos, poderemos ainda falar em regras, mas então a palavra ‘regra’ assumirá o sentido de ‘princípio explicativo’” (ILARI; BASSO, 2009, p.207).

¹⁸ Borba (1991, p. XXI) define valência como um “conjunto de relações estabelecidas entre o verbo e seus argumentos ou constituintes indispensáveis”.

gerativistas adotam o critério sintático e as gramáticas escolares descrevem a palavra por meio do critério semântico.

Câmara Jr. (2004, p. 77-80), mesmo sendo estruturalista, adota uma postura diferenciada e classifica as palavras de acordo com três critérios: semântico, mórfico e funcional. O critério mórfico fundamenta-se na estrutura do vocábulo (termo utilizado por Câmara Jr. para se referir à palavra); o semântico baseia-se na significação, e o funcional leva em conta a função que ele desempenha na oração. Assim, para Câmara Jr. (2004, p. 77-80), de acordo com os critérios mórfico e semântico, as palavras se agrupam em nomes (substantivo, adjetivo e advérbio), verbos, pronomes (substantivo, adjetivo e advérbio) e conectivos (coordenativos e subordinativos).

A NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira de 1959¹⁹, ainda em vigor, distribuiu as palavras em dez classes: substantivo, adjetivo, pronome, artigo, verbo, advérbio, preposição, conjunção, numeral, interjeição. Essa classificação é adotada pelas gramáticas escolares e atende exclusivamente ao critério semântico porque, segundo Basílio (2006, p. 22), “nesse caso se enquadra, por exemplo, a definição do substantivo como palavra que designa seres; ou a definição de verbos como palavras que se referem a ações representadas no tempo”.

Há, ainda, outras classificações, entre elas, a do linguista dinamarquês Louis Hjelmslev que “estabelece cinco categorias fundamentais: substantivo, adjetivo, verbo, advérbio e pronome” (*apud* BIDERMAN, 2001, p. 226), e a do francês Bernard Pottier que distingue “as palavras com lexemas das palavras sem lexema. Na primeira classe incluem-se os substantivos, os verbos, os adjetivos (nominais ou verbais) e seus substitutos. Na segunda classe enquadram-se: as conjunções, as preposições, os quantitativos e os advérbios” (*apud* BIDERMAN, 2001, p. 227).

Todas essas classificações são funcionais, uma vez que contemplam todas as categorias de palavras, apesar da heterogeneidade do léxico. Nesse sentido, a escolha por uma ou outra depende do objetivo e da perspectiva da análise. Para este trabalho, a classificação de Pottier (1972) mostrou-se mais adequada e coerente, já que utilizamos, para a análise e para a prática lexicográfica, a terminologia desse linguista.

¹⁹ Promulgada pela portaria nº 36, de 28 de janeiro de 1959, pelo Ministério da Educação e Cultura. Disponível em <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=ngbras>. Acesso em 17 dez 2011.

1.3 Palavra e morfema, lexema e gramema

A palavra, por sua infinidade de acepções, não pode ser utilizada de forma universal no âmbito da Linguística, o que desencadeou a necessidade de definição de um termo mais preciso do ponto de vista funcional para nomear essa noção e motivou a proposição de uma diversificada terminologia na tentativa de melhor esclarecer a noção em pauta. O termo “morfema”, por exemplo, é geralmente utilizado como instrumento de descrição e análise, pois “claro está que o conceito de morfema é mais preciso que o de palavra, além de ser bastante genérico para ser aplicado a toda e qualquer língua” (BIDERMAN, 1999, p. 83).

Enquanto a palavra é a menor unidade do discurso que pode ser utilizada, isoladamente, durante a comunicação, um morfema é

o menor elemento significativo individualizado num enunciado, que não se pode dividir em unidades menores sem passar ao nível fonológico. É, portanto, a unidade mínima da primeira articulação, a primeira unidade portadora de sentido; por essa qualidade, opõe-se ao *fonema*, unidade mínima de segunda articulação (DUBOIS *et al*, 1978, p. 419).

O teórico Leonard Bloomfield e muitos outros representantes da linguística descritiva americana, mesmo distinguindo seus estudos de linguística descritiva da visão dos europeus, retomaram os conceitos de Saussure, referentes à “tradição sincrônica e passaram a entender os morfemas como os elementos constitutivos atuais do vocábulo, sejam eles ou não elementos simples indivisíveis originários” (CÂMARA JR., 2004, p. 22). Nas palavras de Bloomfield (1926, p. 48-49),

uma forma mínima é um morfema; seu significado é um semema.
Deste modo, um morfema é uma forma recorrente (com significado) que não pode, por sua vez, ser analisada em formas menores (recorrentes com significado). Consequentemente, qualquer palavra ou formativo não analisável é um morfema.
Uma forma que pode ser um enunciado é *livre*. Uma forma que não é livre é *presa*. Assim, *livro*, *homem* são formas livres; *-ndo* (como em *escrevendo*), *-or* (como em *escritor*) são formas presas.
Uma forma livre mínima é uma palavra.
Uma palavra é, portanto, uma forma que pode ser enunciada sozinha (com significado) mas não pode ser analisada em partes que podem (todas elas) ser enunciadas sozinhas (com significado). A palavra *feliz* não pode ser analisada; a palavra *felizmente* pode ser analisada em *feliz* e *-mente*, mas a ultima parte não pode ser enunciada sozinha.

Alguns anos depois, na Europa, Vendryès criou o termo *semantema* opondo-o ao morfema (1950, p. 86):

il faut entendre par sémantèmes les éléments linguistiques exprimant les idées des représentations: ici l'idée du cheval ou l'idée de la course; et sous le nom de morphèmes ceux qui expriment les rapports entre les idées: ici, le fait que la course associée au cheval en général est rapportée à la troisième personne du singulier de l'indicatif. Les morphèmes expriment par conséquent les relations que l'esprit établit entre les sémantèmes. Ceux-ci ne sont que les éléments objectifs de la représentation.²⁰

Vendryès influenciou muitos estudiosos, e sua teoria serviu de base para que Câmara Jr. “construísse uma concepção semântica de palavra (como vocábulo constituído de semantema) e elaborasse, em parte, sua teoria das espécies de vocábulo” (DUARTE, 1999, p. 78). Ainda, Freitas (1981, p.35) observa que a classificação de Vendryès foi utilizada por Câmara Jr. em seu *Dicionário de Filologia e Linguística* (1956), para definir o verbete *morfema*, porém, em sua obra *Estrutura da Língua Portuguesa* (1970), por influência de Martinet (1964), não distingue mais morfema de semantema:

Os morfemas, que na primeira articulação são os constituintes últimos de um vocábulo, podem ser de 2 naturezas. Uma, “lexical”, associa o morfema com uma coisa do mundo bio-social que nos envolve e recebe expressão na língua. Os morfemas *estrel-*, de *estrela*, e *com-*, de *comer*, são “morfemas lexicais”, que constituem o cerne do vocábulo. Outros são os “morfemas gramaticais”, que entram na configuração formal da gramática da língua, como *-a*, da classe nominal de *estrela*, ou *-e-*, indicativo da 2ª conjugação de *comer*, oposto à 1ª conjugação de *amar* e à 3ª de *partir* ou *-r*, que indica em português uma forma verbal determinada, dita “infinitivo”, a qual só se emprega em condições específicas dentro da sentença (CÂMARA JR., 2004 [1970], p. 24).

A noção de lexema aparece, primeiramente, nos estudos de Martinet (1964), que admite o princípio da dupla articulação da linguagem:

Com os seus significado e significante, as unidades da primeira articulação são signos, e signos mínimos por não poderem analisar-se em sucessões de signos menores. Não existe termo universalmente aceito para designar tais unidades; pela nossa parte, chamamos-lhes MONEMAS.

Como os outros signos, o *monema* é uma unidade de duas faces: a face significada (sentido ou valor) e a face significante, que fonicamente a manifesta e se compõe de unidades de segunda articulação, ditas FONEMAS (MARTINET, 1964, p. 12-13).

²⁰“Entende-se por semantema os elementos linguísticos que exprimem as ideias de representação: aqui a ideia do cavalo ou a ideia da corrida; e entende-se por morfemas aqueles que expressam as relações entre ideias: aqui, o fato de que a corrida associa-se ao cavalo, em geral, é relatado em terceira pessoa do singular do indicativo. Por conseguinte, os morfemas expressam as relações que a mente estabelece entre os semantemas. Estes apenas são elementos alvos da representação” (TN).

Ainda para o autor, as unidades de primeira articulação, os monemas, não podem ser confundidas com palavras, pois o monema é toda parte segmentada da palavra portadora de significado, ou seja, engloba os semantemas e os morfemas segundo a concepção de Vendryès. Entretanto, Martinet (1964, p. 13) discorda de Vendryès ao considerar que tanto os semantemas como os morfemas são portadores de sentidos. Dessa forma, cunha o termo *lexema* para se referir aos monemas significativos, lexicais e conserva o termo *morfema* para os monemas significativos gramaticais.

Pottier (1972, p. 26-27) também utiliza o termo *lexema*, partindo da noção de *lexia*, a unidade lexical memorizada, dividida em *simples* (*chuva*), em *composta* (*guarda-chuva*), em *complexa estável* (*chuva torrencial*) e em *textual* (*quem anda na chuva, é para se molhar*).

Na realidade, Martinet e Pottier são influenciados pelas teorias de Hjelmslev (1975, p. 49-64) que concebe o signo como uma função com duas variáveis: o significado, no plano do conteúdo, e o significante, no plano da expressão. A palavra, para Hjelmslev, não possui uma definição científica, por isso considera apenas os *pleremas* e os morfemas. Para o autor, *plerema* é o elemento do conteúdo, são os constituintes centrais (raízes) e os marginais (derivativos). Os morfemas são os *expoentes*, divididos em extensos (verbais) e em intensos (nominais).

Partindo desse pressuposto, Pottier (1972, p.10) considera que os signos possuem sempre três componentes: um significado de domínio semântico (substância), outro de domínio da sintaxe (forma) e um significante que pertence ao domínio dos meios de expressão. E, assim, o signo mínimo seria o morfema, o primeiro nível, seguido de *vocábulo*, *lexia*, *sintagma*, *enunciado simples*, *enunciado complexo* e *sequência de enunciados complexos*.

Os morfemas, segundo Pottier (1978, p. 275), dividem-se em lexical ou *lexema* e gramatical ou *gramema*. Os “lexemas são os elementos de um conjunto inacabado e aberto e os gramemas de um conjunto finito e fechado”. Dessa forma, os substantivos, adjetivos e verbos, por pertencerem a uma classe aberta, fazem parte do *lexema*; os prefixos, sufixos, desinências, artigos e preposições compõem as classes fechadas, e integram os *gramemas*.

Para essa classificação, Pottier baseou-se “não só na função distintiva, mas também no traço semântico que comportam os morfemas. Estes, à semelhança de Martinet, compreendem todos os elementos mórficos, quer pertencentes à estrutura do sistema, quer pertencentes à nomenclatura” (FREITAS, 1981, p. 40).

Essa terminologia de Pottier foi utilizada por Biderman, que assim a sintetiza e a explica:

O termo *monema*, proposto por Martinet, não me parece funcional em Lexicologia. Inversamente, o termo *lexia*, proposto por Pottier, é bastante útil, sobretudo por se tratar de um termo técnico. Por isso não corre o risco de ser maculado com as conotações discursivas, que podem gerar ambiguidade relativamente a *palavra* e/ou *vocabulo*. Assim, no plano da língua, o termo *lexema* refere a unidade abstrata do léxico. As manifestações discursivas dos *lexemas* devem ser referidas tecnicamente como *lexias*. Por sua vez, as *lexias* se repartem em duas categorias: as *lexias simples*, graficamente constituídas de uma sequência gráfica separada por dois brancos (cesta, guarda, dona, mãe) e *lexias complexas*, formadas por várias unidades separadas por branco e não ligadas por hífen (cesta básica, dona de casa). E chamaremos de *lexias compostas* aquelas que são ligadas por hífen (guarda-roupa, mãe-de-santo) (BIDERMAN, 1999 p. 89).

No entanto, Biderman (2001, p. 170) não utiliza o termo gramema proposto por Pottier, mas distingue

duas classes de *lexemas*: 1) aqueles que Bloomfield chama de formas livres e 2) as formas dependentes, como os clíticos e os vocabúlos instrumentais. No português são formas livres: os substantivos, os adjetivos, os verbos. São formas dependentes (vocabúlos-morfemas): as preposições, os pronomes pessoais, os artigos, as conjunções, etc.

Há, portanto, várias teorias que adotam terminologias distintas, pois nem todos os linguistas são unânimes em relação ao conceito de morfema e à sua classificação. Basílio (1980), por exemplo, contrapõe, através de análises, o conceito de morfemas para os estruturalistas e para os gerativistas e chega à conclusão de que

temos que admitir que a presença de algum significado não é o que caracteriza morfemas, mas temos também que admitir que muitos — se não a maior parte — dos morfemas, na realidade, apresentam significados específicos. O fracasso dos estruturalistas a esse respeito provinha da afirmação extremada de que morfemas sempre têm significado. A afirmação oposta dos gerativistas é igualmente fadada ao fracasso (BASÍLIO, 1980, p. 40-41).

Como foi exposto, para Bloomfield, as formas podem ser livres (palavras) ou presas (morfemas). Hjelmslev utiliza a nomenclatura plerema e morfema, enquanto, para Pottier, há *lexemas* e *gramemas*, que são, por seu turno, equivalentes ao semantema e ao morfema de Vendryès, respectivamente, e ao morfema lexical e morfema gramatical de Câmara Jr.. Para Martinet, *lexemas* e *gramemas* são, indiferentemente, *monemas*. Neste trabalho, adotamos a classificação de Pottier, por sua funcionalidade e adequação em relação aos processos de formação de palavras e à prática lexicográfica.

Blomfield	Hjelmslev	Pottier	Vendryés	Câmara Jr.	Martinet
Formas livres	Plerema	Lexema	Semantema	Morfema lexical	Monemas
Formas presas	Morfema	Gramema	Morfema	Morfema gramatical	Monemas

Quadro I – Classificação dos morfemas, segundo diferentes teóricos: quadro comparativo da terminologia utilizada.

1.3.1 Os lexemas e a produtividade lexical

O morfema lexical, também denominado lexema ou semantema, é a parte da palavra que se refere ao mundo biológico, social ou psicológico, ou seja, é a parte do significado propriamente dito, que se relaciona com o mundo extralinguístico. Os lexemas “pertencem a classes abertas, isto é, a classes que, sincronicamente, podem admitir novos membros e apresentam significado lexical” (ROSA, 2000, p.88). Assim, os lexemas são altamente produtivos e contribuem com a formação de novas palavras dentro do léxico de uma língua.

O conceito expresso no termo lexema, como unidade distintiva mínima do sistema semântico de uma língua, e considerada abstratamente, é denominado, pelas gramáticas normativas, de radical. A esse lexema (radical) são agregados os gramemas, que podem ser desinências (morfemas flexionais)²¹, ou afixos (morfemas derivacionais)²², ou uma vogal temática²³.

O termo radical, muitas vezes, é utilizado como sinônimo de raiz. Câmara Jr. (2002, p. 205) elucida essa questão ao definir raiz como “o semantema como parte básica da estrutura das palavras a que se chega pela análise mórfica sincrônica” e admite que o radical, quando primário, ou seja, a parte lexical, é apenas um semantema, e pode se confundir com raiz,

²¹ Desinência é um “segmento fônico com que termina um vocábulo flexional para se caracterizarem as diversas formas do seu paradigma. É um outro nome para SUFIXO FLEXIONAL, ou seja, um sufixo referente à flexão em vez de referente à derivação que é o sufixo derivacional ou lexical. Em português há desinências – a) nominais, para gênero e número que se estende aos pronomes; verbais, para número e pessoa (desinências número-pessoais) e para tempo e modo (desinências modo-temporais)” (CÂMARA JR., 2002, p. 93).

²² Afixo é um “segmento fônico, com significação própria, que entra na constituição mórfica de um vocábulo na qualidade de forma presa, acrescentando-se à raiz que contém o semantema, conforme – a) se antepõe ao radical, b) a ele se segue ou com ele se intercala, apresenta-se como prefixo, sufixo ou infixo” (CÂMARA JR., 2002, p. 44).

²³ Vogal temática é a vogal que sucede o radical de verbos e nomes. Elas preparam os nomes e os verbos para receberem desinências. Nos verbos a vogal temática indica a que conjugação eles pertencem, -a, primeira conjugação; -e, segunda conjugação e -i, terceira conjugação. À soma de vogal temática mais radical denomina-se tema. Câmara Jr. (2002, p. 231) conceitua tema como “parte do vocábulo flexional em que o radical se amplia com um segmento fônico, chamado índice TEMÁTICO, que serve de característica mórfica de um conjunto de vocábulos da mesma espécie. É ao tema que se acrescenta a desinência. Quando não consta esse índice, o vocábulo diz-se atemático. Em português, como já em latim e no indo-europeu, de maneira geral, o índice temático é uma vogal (VOGAL TEMÁTICA) e sua adjunção ao radical está sujeita às regras de morfofonêmica, como crase, ditongação e supressão”.

porque se trata de um vocábulo primitivo. Entretanto, o termo radical tem amplitude maior que o termo raiz, porque “as palavras não primitivas têm radical secundário ou radical *strictu sensu* que pela análise mórfica se decompõe até chegar à raiz” (CÂMARA JR., 2002, p. 205).

Rocha (1999, p. 100- 103) também distingue raiz de radical, mas acrescenta um novo elemento: a base. Para ele o “processo de derivação caracteriza-se pela formação de um produto (P) a partir de uma base (B)”. Então, é pelo isolamento da base que se reconhece uma palavra como primitiva ou derivada. E é a partir dessa base que se formam palavras cognatas. Basílio (2010, p. 15) utiliza o conceito de base, argumentando que

as palavras não são formadas apenas por uma sequência de elementos constitutivos; na realidade, elas são estruturadas em camadas que podem atingir vários níveis. Mais especificamente, a palavra morfológica complexa, ou seja, aquela que contém mais de um elemento, é estruturada fundamentalmente com a combinação de uma base com um afixo. Essa base pode, por sua vez, ser também complexa, isto é, também ser estruturada em termos de base a afixo. Assim, podemos ter vários níveis ou camadas na estrutura de uma palavra. Vejamos, por exemplo, *centro*, *central*, *centralizador*, *descentralizar* e *descentralização*. A primeira palavra, *centro*, é constituída apenas pela base, embora se possa mencionar a ocorrência de vogal temática. A segunda, *central*, é formada pelo acréscimo do sufixo *-al* à base; a terceira, *centralizar*, é formada pelo acréscimo do sufixo verbalizador *-izar* à base, constituída pelo adjetivo *central*; a quarta, *descentralizar*, é formada pelo acréscimo do prefixo negativo *des-* à base verbal *centralizar*; e finalmente, a quinta palavra, *descentralização*, é formada pelo acréscimo do sufixo *-ção* à base *descentralizar*. Vemos, pois, que, em todos os níveis, temos uma construção de base + afixo, embora a base possa ter vários graus de complexidade. Ou seja, a palavra não é formada de uma sequência de morfemas, mas constituída estruturalmente de uma base acrescida de afixo.

Em síntese, a raiz é o morfema portador de significado, comum a todas as palavras cognatas. Assim, as palavras *centro*, *central*, *centralizador*, *descentralizar* e *descentralização* citadas por Basílio (2010, p. 15) como exemplo têm como raiz o morfema *centr-*.

O radical, por sua vez, é a parte imutável da palavra, presente em todas as formas de uma mesma palavra. Rocha (1999, p. 103) explica que radical

corresponde à expressão inglesa *word-form*, que pode ser traduzida por forma lexical. Cada palavra tem, portanto o seu radical específico, que pode coincidir, ou não, com a raiz ou radical de outras palavras. Para se encontrar o radical de uma palavra, flexiona-se o nome em gênero e número e o verbo em pessoa, número, tempo, modo e aspecto. A parte da palavra comum às variações de flexão é o radical.

Segundo essa perspectiva centrada nos pressupostos da Teoria Gerativa, mais especificamente na Morfologia Gerativa, e com base nos conceitos de base, raiz e radical

pode-se perceber a diferença entre as noções gramaticais expressas por esses termos a partir da palavra *descentralizar*:

Raiz: *centr-*

Base: *centralizar*

Radical: *descentraliz-*

Os conceitos de raiz e de base não são apresentados nas gramáticas normativas, que privilegiam o termo radical a que é atribuído um conceito mais amplo que raiz, pois, paralelo ao conceito sincrônico de raiz, “há o conceito diacrônico, da gramática indo-europeia, que considera raiz o segmento fônico originário correspondente a um semantema do indo-europeu” (CÂMARA JR., 2002, p. 205). Realmente, a busca pela raiz de uma palavra exige um levantamento diacrônico da sua estrutura, por isso os gramáticos não adentram nesse campo de estudo que levaria a uma volta ao tempo até a origem da palavra, talvez em outra língua, como o latim e o indo-europeu e essas informações são desnecessárias ao aprendizado da língua por estudantes da educação básica.

Entretanto, a NGB — Nomenclatura Gramatical Brasileira (1959) — subdivide o item “Estrutura das palavras” em raiz e cognatos e associa ao termo raiz os seguintes constituintes: radical, tema, afixos (prefixos e sufixos), desinências (nominal e verbal), vogal temática, vogal e consoante de ligação. A adoção dessa terminologia é questionável já que “boa parte dos livros didáticos deixou de incluir a gramática, que cedeu lugar a conceitos oriundos da teoria da comunicação” (FARACO, 2008, p. 186). Assim, pode-se concluir que a NGB precisa de atualizações para que haja sintonia entre a realidade do processo ensino-aprendizagem em relação aos objetivos do ensino de Língua Portuguesa, apregoados pelos PCN’s:

Deve-se ter claro, na seleção dos conteúdos de análise linguística, que a referência não pode ser a gramática tradicional. A preocupação não é reconstruir com os alunos o quadro descritivo constante dos manuais de gramática escolar (por exemplo, o estudo ordenado das classes de palavras com suas múltiplas subdivisões, a construção de paradigmas morfológicos, como as conjugações verbais estudadas de um fôlego em todas as suas formas temporais e modais, ou de pontos de gramática, como todas as regras de concordância, com suas exceções reconhecidas). O que deve ser ensinado não responde às imposições de organização clássica de conteúdos na gramática escolar, mas aos aspectos que precisam ser tematizados em função das necessidades apresentadas pelos alunos nas atividades de produção, leitura e escuta de textos (PCN’s, 1998, p. 28-29).

1.3.2 Os gramemas nos processos de flexão e derivação

Morfema gramatical ou gramema é a porção da palavra que a situa no sistema linguístico a que pertence. Esses tipos de morfemas são de número limitado e não ocorrem livremente, pois não têm sentido autônomo, próprio, só possui significado se estiverem anexados à base ou ao radical. A função dos gramemas na estrutura da língua é permitir a flexão das palavras quando anexados a radicais ou garantir a criação de cognatos, quando unidos à base. São considerados morfemas gramaticais a vogal temática, as desinências e os afixos.

A flexão de uma palavra na língua portuguesa ocorre com o acréscimo de desinências nominais, que indicam o gênero e o número dos nomes, ou verbais, que expressam noções sobre o modo, tempo, número e pessoa dos verbos. A derivação, por sua vez, é obtida a partir de acréscimos de afixos à base de uma palavra, que podem ser prefixos ou sufixos. No entanto, as regras de flexão e derivação, especificamente, não são muito nítidas e “uma das incoerências da gramática é a confusão entre flexão e derivação, processos que têm objetivos delimitados dentro do sistema”²⁴ (FREITAS, 1981, p. 85). Nesse particular, Câmara Jr. (2004, p. 81-86) retoma o gramático latino Varrão (116 aC — 26 aC) que “distinguiu entre o processo de *derivativo voluntaria*, que cria novas palavras, e a *derivativo naturalis*, para indicar modalidades específicas de uma dada palavra” e esclarece que a derivação é opcional e não possui uma sistematização coerente, enquanto a flexão é obrigatória, regular e coerente, imposta pela natureza da frase.

A flexão é regular porque os morfemas flexionais apresentam-se de maneira sistemática em todas as palavras da língua, ou seja, “os morfemas flexionais estão concatenados em paradigmas coesos e com pequena margem de variação” (CÂMARA JR., 2004, p. 82). Assim, flexionam-se os nomes e os verbos ao acrescentar-lhes invariavelmente as mesmas desinências, para indicar as mesmas situações. As exceções geralmente ocorrem com os nomes, mas são em número tão reduzido que não são considerados para a análise linguística.

Alguns morfemas flexionais são exigidos pela natureza do enunciado, já que a flexão de número e de gênero nos nomes e as variações verbais dependem da construção frasal do falante e a concordância não é opcional, pois no nível da frase deve haver concordância nominal e verbal entre as partes que a constituem, previstas na gramática da língua. Também ocorre que, muitas vezes, o nome é, por natureza, feminino ou masculino, e não depende do

²⁴ Freitas (1981, p. 85) refere-se às gramáticas normativas de modo geral.

falante a escolha do gênero. Esse fator leva a mais um princípio proposto por Câmara Jr. — a obrigatoriedade — já que os morfemas flexionais não dependem de escolhas. É uma “relação fechada”²⁵, pois a partir do momento em que se escolhe uma palavra de uma lista exclui-se as demais e não há como acrescentar ou mudar os morfemas dessa lista que já existe na língua (CÂMARA JR., 2004, p. 82).

A derivação é opcional, irregular e não está vinculada à concordância da frase, por isso obedece a critérios de natureza distinta da flexão, conforme explica Câmara Jr. (2004, p. 81):

[...] as palavras derivadas, com efeito, não obedecem a uma pauta sistemática e obrigatória para toda uma classe homogênea do léxico. Uma derivação pode aparecer para um dado vocábulo e faltar para um vocábulo congênere. De *cantar*, por exemplo, deriva-se *cantarolar*, mas não há derivações análogas para *falar* e *gritar*, outros dois tipos de atividade da voz humana. Os morfemas gramaticais de derivação não constituem assim um quadro regular, coerente e preciso. Acresce a possibilidade de opção, para usar ou deixar de usar o vocábulo derivado.

A questão do grau dos nomes não é unânime entre os gramáticos e linguistas, pois muitos conceituam e distinguem “flexão de gênero, número e grau”. Porém, como já foi mencionada anteriormente, a flexão diz respeito apenas ao gênero e ao número. O grau dos nomes deve ser considerado um processo de derivação e não de flexão, pois não é obrigatória, é subjetiva, depende da vontade do falante em querer ou não enfatizar uma ideia por meio da adoção do grau. Câmara Jr. (2004, 82-83) esclarece que

os adjetivos portugueses apresentam comumente uma possibilidade de indicarem por meio de um morfema gramatical, adicional, o alto grau da qualidade que expressam. Temos *tristíssimo*, para *triste*, *facílimo*, para *fácil*, *nigérrimo*, para *negro*, e assim por diante. As nossas gramáticas costumam definir o processo como uma “flexão de grau”. Faltam nele, entretanto, as condições acima estabelecidas. Em primeiro lugar, não há obrigatoriedade no emprego do adjetivo com esse sufixo de superlativo, ou grau intenso. É a rigor uma questão de estilo ou de preferência pessoal. Ou, antes, trata-se de um uso muito espaçado e esporádico, em regra, e de tal sorte que certa frequência nele logo parece abuso e excentricidade. Em segundo lugar, estamos muito longe de uma sistematização coerente, para todos os adjetivos, ou pelo menos para uma classe formal bem definida, como sucede com a flexão de plural para os adjetivos portugueses em geral e para a flexão de feminino com os adjetivos terminados em -o. Nenhum jogo de concordância, por outro lado, como há para o número e o gênero entre o substantivo e o adjetivo.

Os sufixos que indicam grau são denominados por Rocha (1999, p. 221-223) de sufixos avaliativos por denotarem um valor afetivo que, muitas vezes, não é remetido a tamanho. Esses sufixos avaliativos classificam-se em: (i) sufixo subjetivo — expressa amor, carinho e educação por parte do falante (*Filhinho, dá um beijinho na mamãe*); (ii) sufixo valorativo — indica julgamento de valor, positivo ou negativo, em relação a um referente

²⁵Termo utilizado por Halliday (1962, p.9), retomado por Câmara Jr. (2004, p. 82).

(*Olha o carrão que eu comprei*) e, (iii) sufixo dimensional indica realmente tamanho, aumentativo ou diminutivo (*Morava num casarão*).

1.4 Processos de formação das palavras

O léxico da língua está em constante mutação, palavras novas são formadas por meio de dois mecanismos de formação de palavras: a derivação e a composição. No caso da língua portuguesa, ela oferece mecanismos linguísticos que facilitam a formação de palavras a partir do próprio léxico, pois “todo nome e todo verbo, mormente aqueles de mais rico conteúdo semântico, são fecundos mananciais de novos termos” (MELO, 1981, p. 152). Porém, formar palavras não é um processo simples, pois

o sistema de formação de palavras duma língua assenta num conjunto de procedimentos de natureza morfo-léxico-semântico-sintáctica que, a partir de determinado número de elementos de base, constroem outros destes decorrentes. Esses procedimentos são os *processos* e os *paradigmas* de produção léxica (RIO-TORTO, 1998a, p. 16).

Os falantes têm necessidade de formar novas palavras devido a três fatores: “as exigências do sistema linguístico, a influência do sujeito-falante e o papel das funções semânticas” (ROCHA, 1999, p. 79). A partir desses fatores podemos observar, respectivamente, três funções: função de mudança categorial, função expressiva de avaliação e função de rotulação (ROCHA, 1999, p. 79).

Segundo Basílio (2010, p. 9), no processo de comunicação, formamos novas palavras quando “temos uma palavra de uma classe ou categoria lexical, como o verbo, e precisamos usá-la como substantivo. Nesse caso, formamos uma palavra nova para utilizar o significado da palavra já existente numa estrutura que requer uma classe gramatical diferente”. Esse, portanto, é o principal pretexto para a formação de palavras por derivação e também o caso mais estudado pelos gramáticos e linguistas.

O sujeito-falante utiliza, como meio de expressão, mecanismos (como utilizar uma palavra já existente) para formar novas palavras por acréscimo semântico. Basílio (2010, p. 10) cita o caso dos diminutivos que podem ser utilizados para indicar afetividade ou expressar pejoratividade. Nesse caso, a formação de novas palavras não implica mudança de classe, pois a palavra no grau diminutivo pertence à mesma classe da palavra que a originou.

Também não ocorre mudança de classe nos casos de formação por prefixação, pois os prefixos não alteram a classe das palavras, eles acrescentam um novo valor semântico à

palavra primitiva. O prefixo *pre-*, por exemplo, indica anterioridade (*pressentir*), o prefixo *re-* renovação, retorno ou repetição (*reler*), o prefixo *in-* expressa negação (*injusto*) etc. (BASÍLIO, 2010, p. 10).

Como o homem descobre, cria, inventa e produz, ele necessita nomear o mundo a sua volta. Para isso utiliza-se, muitas vezes, de palavras já existentes na língua para servir de base à formação de outra. Essa nomeação está “ligada à pragmática, à cultura, à História, à tecnologia, enfim, ao mundo que nos cerca” (ROCHA, 1999, p. 81). Seria interessante ter uma palavra distinta para cada noção semântica a ser nomeada, “mas isso significaria multiplicar muitas vezes o número de palavras inteiramente arbitrárias em nosso léxico, o que tornaria a língua muito menos eficiente como sistema de comunicação” (BASÍLIO, 2010, p. 11-12).

Então, o falante tem à sua disposição, na língua portuguesa, alguns processos de formação de palavras, entre eles a derivação e a composição. São processos distintos, porém “complementares na função de formar palavras de acordo com nossas necessidades de comunicação” (BASÍLIO, 2010, p. 31). Além da derivação e da composição, que são os recursos mais produtivos na criação de novos itens lexicais, há também a abreviação vocabular, a siglação e a onomatopeia.

1.4.1 Derivação

A derivação é o processo mais produtivo para a formação de novas palavras na língua portuguesa. Caracteriza-se pela adição de um afixo (prefixo ou sufixo) à base da palavra, processo que altera o seu sentido primitivo, dando origem, assim, a outra palavra. Entretanto, esse processo tem um critério a ser seguido, como alerta Freitas (1981, p. 114-115):

Não haverá derivação, se a palavra não constituir um sintagma formado sincronicamente, como sucede em: *submisso*, *súbito*, *conduzir*, *colega*, etc., uma vez que não há uma forma livre, funcionando como *base* na fase atual da língua. Depreender um elemento afixo *sub-*, *com-*, *co-*, de uma pseudobase *-misso*, *-ito*, *-duzir*, representa um critério diacrônico, válido no estudo histórico da língua, mas sem pertinência na gramática, cuja descrição deve ser sincrônica. Não é fácil, bem o sabemos vencer-se a “barreira tradicional”, que norteia a maioria de nossas gramáticas, recheadas de extensas relações de prefixos e sufixos onde se misturam formas latinas e gregas, irrelevantes no critério aqui apresentado.

Portanto, é imprescindível que os elementos constitutivos da palavra sejam portadores de significado. No exemplo apresentado, a palavra *conduzir* deve ser considerada primitiva, pois no estado atual da língua não existe a palavra *duzir*, portanto essa não serve de base para

conduzir. Situação inversa ocorre nas palavras *concorrer* (*com* + *-correr*) e *compadecer* (*com* + *-padecer*) em que a base é uma construção válida na língua em uso.

No processo de derivação, verifica-se que o fato de acrescentar sufixos ou prefixos à base não altera a relação de sentido existente entre a palavra derivada e a palavra base, ou seja, os sufixos e os prefixos vão acrescentar apenas noções semânticas distintas à palavra base, como negação, repetição, grau etc. Assim,

os processos de derivação formam palavras cujas propriedades sintáticas ou semânticas são de caráter fixo, predeterminado e de teor geral, como em *atuação*, em que o sufixo *-ção* é usado para formar um substantivo de um verbo; ou como *redimensionar*, em que o prefixo *re-* forma um novo verbo com a adição semântica da perspectiva de renovação ao significado do verbo-base (BASÍLIO, 2010, p. 31).

A derivação é um processo sincrônico, por isso “o falante nativo deverá ter a possibilidade de depreender os morfemas constituintes bem como ter a consciência do acervo de afixos disponíveis e produtivos para a formação e decodificação de palavras” (LAROCA, 1994, p. 84), porque os afixos constituem uma lista fechada na língua, fato esse que contribui para a aquisição e compreensão desses constituintes por parte do falante.

1.4.1.1 Derivação prefixal

A derivação prefixal consiste na formação de uma nova palavra por meio do acréscimo de um prefixo a uma palavra base já existente. O prefixo é uma sequência fônica recorrente, apresenta uma identidade fonética, uma identidade semântica e uma identidade funcional e sempre atua como forma presa (ROCHA, 1999, p. 152). Embora aparentemente simples, a prefixação apresenta alguns problemas, como a indagação de alguns linguistas sobre ser esse processo um caso de derivação ou de composição.

Para que haja derivação prefixal, o prefixo²⁶ não pode ser considerado uma forma livre²⁷, se assim o fosse ele teria significado independente e constituiria uma base, permitindo a formação de uma nova palavra pelo processo de composição. Essa teoria é aceita pelo

²⁶ “Prefixo: assim se chama o afixo que vem na parte inicial do vocábulo. Na Língua Portuguesa, salvo os derivados parassintéticos, o prefixo que é variante presa das formas dependentes chamadas preposições, cria uma nova significação externa para a palavra a que se adjunge, e por isso se deve considerar o processo de prefixação como uma modalidade de composição vocabular” (CÂMARA JR., 2002, p. 112).

²⁷ Esse conceito de forma livre foi estabelecido por Bloomfield (1926, p. 48-49), representante da linguística estrutural norte-americana, que distingue dois tipos de formas de uma língua (cf. item 1.3), assim exemplificados por Câmara Jr. (2004, p. 69): “(1) formas livres, quando constituem uma sequência que pode funcionar isoladamente como comunicação suficiente (ex.: ‘que vão fazer?’. Resposta: ‘Proscrever’. ‘Proscrever o quê?’. Resposta: ‘Lei’; 2) formas presas, que só funcionam ligadas a outras (como *pro-* de *proscrever*, *prometer* etc)”.

linguista Câmara Jr.²⁸ que sustenta a tese que alguns prefixos têm vida própria, são palavras da língua, como *sobre*, *com*, *entre*, e *contra*. Porém, Rocha (1999, p. 152-153) apresenta

dois argumentos que nos levam a considerar *sobreviver*, *conviver*, *entressafrar* e *contradizer* como formações derivadas e não, como formações compostas.

Em primeiro lugar, [...], os lexemas compostos se caracterizam pelo fato de apresentarem mais de uma raiz. *Sobre*, *com*, *entre* e *contra*, apesar de serem palavras, não apresentam raiz. Foram caracterizados por nós [...] como sendo formas dependentes. Logo, *sobreviver*, por exemplo, não é um vocábulo composto, por apresentar apenas uma raiz.

Em segundo lugar, considerem-se as seguintes sentenças:

a) Ela não pode *conviver com* os pais.

b) Ele *sobrevive* andando *sobre* as águas.

Em *a* *con-* e *com* são entradas lexicais diferentes, do mesmo modo como *sobre-* e *sobre*, em *b*. [...] *con-* é uma forma presa (prefixo) e *com* é uma forma dependente. O mesmo se diga com relação a *sobre-* e *sobre*. Trata-se, portanto, de itens lexicais distintos, que apresentam funções diferentes. [...] É interessante observar que mesmo de acordo com a perspectiva tradicional, *com-* e *com*, *sobre-* e *sobre*, são considerados elementos distintos, uma vez que os dicionários registram essas formas em verbetes separados.

Há, ainda, a dificuldade em se distinguir os termos base presa e prefixo. A base presa ou entrada lexical presa não funciona como palavra, apenas serve de base para a formação de novas palavras. A base presa equivale à forma presa de Bloomfield (1926, p. 48-49), porém com um caráter mais amplo. Os prefixos, sufixos e desinências são formas presas, porém a base pode ser presa ou livre. Segundo Rocha (1999, p. 154), “as bases presas equivalem, semanticamente a substantivos, adjetivos e verbos” e a elas se acrescentam um sufixo, formando assim uma palavra derivada, ou outra base, (presa ou livre), que origina uma palavra composta. Vejamos os exemplos apresentados por Rocha (1999, p. 154-155):

anfiteatro	anfi- base presa adjetiva (‘de forma circular, com arquibancada etc’) teatro – base livre substantiva
antropologia	antropo – base presa substantiva (‘homem’) log (ia) – base presa substantiva (‘tratado, ciência’)
telejornal	tele – base presa adjetiva (‘relativo a televisão’) jornal – base livre substantiva

Essas palavras são exemplos de composição, cuja estrutura contém base + base ou raiz + raiz, e as raízes, por definição, apresentam significação externa e todas as raízes formadoras das palavras citadas apresentam significados. A base livre ocorre naturalmente de forma

²⁸ Essa teoria foi proposta “porque diferentemente, todavia do seu mestre Vendryès, Câmara Jr. classificou os prefixos como semantemas subsidiários, e não como morfemas. Advém daí uma aporia: se as preposições são definidas como ‘vocábulos que servem de morfemas de relação’, conforme o verbete Preposição, no Dicionário de Filologia e Gramática, de que modo é possível identificar nos prefixos, cuja natureza seria a mesma da preposição, valor semantemático?” (DUARTE, 1999, p. 79).

isolada na língua, enquanto a base presa não apresenta essa propriedade, mesmo possuindo significação externa, normalmente, um tanto difícil de se depreender na sincronia, pois geralmente são formas advindas do latim ou do grego, que necessitam ser interpretadas por estudos diacrônicos. Os prefixos não apresentam essas características, pois são formas presas e não possuem significação externa, pertencem às classes lexicais dos advérbios e preposições, como podemos constatar nos exemplos a seguir:

Exportar	ex- : ‘para fora’	
Enterrar	en- : ‘para dentro’	
Justaposição	justa- : ‘ao lado’	
Pré-teste	pré- : ‘anterioridade’	(ROCHA, 1999, p. 156)

Outra característica marcante é que os prefixos “não contribuem para a mudança da classe gramatical do radical a que se ligam: *rever* é verbo, como *ver*, *desigual* é adjetivo, como *igual*” (KEHDI, 2003 p. 9). São raríssimos os casos, na Língua Portuguesa, em que a anexação de um prefixo contribuiu para a mudança de classe da palavra. Rocha (1999, p. 158) cita alguns exemplos cristalizados em nossa língua: “*demente* (*de* + *mente*), *inglório* (*in* + *glória*), *disforme* (*dis* + *forma*), *prefixo* (*pre* + *fixo*), *inúmeros* (*in* + *números*)” e outras pouquíssimas palavras menos conhecidas.

O processo de derivação prefixal não é um processo tão simples como apregoam as gramáticas normativas, pois há inequívoca confusão entre os processos de derivação prefixal e composição, especificamente no que tange à base presa e ao prefixo, entre outras concepções ingênuas e inconsistentes, como observa Rio-Torto (1998b, p. 13-14):

Quem percorre as gramáticas em uso nos nossos dias, nos diferentes níveis de ensino, não pode deixar de se surpreender com a diversidade de soluções que a realidade morfolexical da língua convoca. Para além da simplificação (de fundamentação) teórica que a natureza de certos manuais escolares explica, perpassa também a ausência de uma grelha coerente de critérios de análise, que apague a impressão de aleatoriedade, quando não de incoerência, que afeta o tratamento de alguns constituintes morfolexicais do português.

Quando falo em constituintes morfolexicais, estou naturalmente a referir-me às unidades sígnicas que integram a estrutura interna de uma unidade mono ou polilexical, ou seja, estou a referir-me a temas, radicais, raízes, bases genolexicais, afixos, sejam de natureza mais flexional ou mais lexical.

1.4.1.2 Derivação sufixal

Assim como o prefixo, o sufixo é uma forma presa recorrente e, se colocado à direita da base, forma uma palavra derivada. A sufixação é um processo muito produtivo para novas

formações, sendo responsável pela grande maioria dos neologismos formados por derivação. Muitas palavras da língua portuguesa se formaram e ainda se formam pelo processo de derivação sufixal — substantivos, adjetivos, verbos e até advérbios (aqueles terminados em *mente*). Sendo assim, os sufixos podem ser nominais, verbais e adverbiais. Segundo Laroca (1994, p. 37-39),

[...] os sufixos apresentam uma tripla função: classificatória, derivacional e flexional.

A *função classificatória* é a que exerce o morfe tradicionalmente denominado “vogal temática”. Esse segmento vocálico funciona como índice seletor dos alomorfes modo-temporais, classificando os verbos em três conjugações. Ocorrendo na posição de sufixo, isto é, após o morfe raiz, esse morfe temático forma uma estrutura morfológica complexa denominada TEMA, apta a sofrer as flexões modo-temporais e número pessoais: *descongela-*, *descongelavam*. O tema verbal também pode servir de base para a formação de derivados, por meio da adição de sufixos derivacionais: *descongela+mento*, *racionaliza+ção*.

Por suas características distribucionais e funcionais, optamos por chamar o morfe temático de sufixo temático, em lugar do termo tradicional “vogal temática”, o qual, por si, não demonstra nenhuma representatividade morfológica.

Os *sufixos derivacionais* são morfemas lexicais que formam novas palavras a partir de outras, podendo ou não mudar-lhes a classe gramatical, acrescentando-lhes determinados traços morfossemânticos ou morfossintáticos.

[...]

Os *sufixos flexionais* são morfemes que expressam determinadas categorias gramaticais. Nos nomes (substantivos e adjetivos) e em alguns pronomes representam os morfemas de gênero e número; nos verbos, constituem os sufixos temáticos, modo-temporais e número-pessoais.

Os sufixos derivacionais que mudam a classe da palavra são denominados, por Rocha (1999, p. 114-115), de “sufixos categoriais”, que podem ser significativos e não-significativos. Os sufixos categoriais significativos acrescentam à base um significado complementar (*conquistar*–*conquistador*); os sufixos categoriais não-significativos são desprovidos de valor semântico (*teatro* – *teatral*), por isso são apenas funcionais. Em consequência, os sufixos não-categoriais “não mudam a categoria lexical do produto, com relação à base”, assim como ocorre em *bicho/bicheiro*, *dente/dentada* (ROCHA, 1999, p. 115).

O sufixo pode ou não acrescentar um novo valor à base ou ainda agregar-lhe um significado complementar. Há sufixos significativos e outros desprovidos de valor. Diante de tanta volubilidade, é muito difícil definir o próprio sufixo, como observam Ilari e Basso (2009, p. 106):

alguns dicionários procuram dar uma definição semântica para cada sufixo, uma tarefa nem sempre fácil, porque há sufixos ambíguos e sufixos extremamente vagos. Tome-se como exemplo do primeiro problema o sufixo *–ada*: uma *goiabada* é mais provavelmente um doce de goiaba do que um golpe desferido por meio de uma goiaba; uma *martelada* é mais provavelmente um golpe desferido com um martelo do que algum tipo de geleia de ... martelos. Como exemplos do problema, tomem-se

os sufixos *-udo* e *-aço*. Na maior parte das vezes, eles estabelecem uma espécie de comparação implícita a partir das propriedades expressas pelo substantivo ou pelo adjetivo que está em jogo. Alguém *pescoçado* não é alguém que tem pescoço; é, mais provavelmente, alguém que tem pescoço grande. Um *golaço* não é um *gol* qualquer; é um gol com algo mais que só descobriremos por experiência direta, e assim por diante. É fácil, então, imaginar as dificuldades com que se defronta o dicionarista que pretende explicar os sufixos mediante definições corretas e concisas.

Na língua portuguesa há sempre a possibilidade de criação de novos vocábulos por meio de sufixos particularmente produtivos, como é o caso dos sufixos que indicam diminutivo, profissões, crenças, entre outros. Esse mecanismo, embora repleto de irregularidades morfo-lexicais, porque a “realidade da língua não é redutível aos esquemas rígidos das sistematizações que as análises comportam” (RIO-TORTO, 1998b, p. 115), acaba servindo de “modelo” para a estruturação de novos vocábulos e fornece um meio permanente na língua para a ampliação do léxico. Pode-se afirmar que esse é um recurso de economia de que a língua se serve.

1.4.1.3 Derivação parassintética ou circunfixação

A derivação parassintética ou parassíntese ocorre quando a palavra derivada é resultado do acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo à base primitiva. Esse processo é utilizado na criação de verbos, obtidos a partir de substantivos (*enraizar*, *amaldiçoar*, *ajoelhar* etc.) e de verbos por meio de adjetivos (*esfriar*, *engordar*, *empobrecer* etc.).

O principal critério para classificar uma derivação como parassintética é a simultaneidade do acréscimo de prefixo e sufixo, porém somente esse critério não dá conta de todas as formações parassintéticas, porque nem todas as palavras que contêm prefixo e sufixo podem ser classificadas como formações parassintéticas. A distinção entre prefixação, sufixação e parassíntese não é tão nítida, pois diante de algumas palavras

[...] que comportam um prefixo e um sufixo nem sempre é fácil decidir de que modo foram efetivamente criadas. É claro que para chegar a *desdolarizar*, a língua partiu de *dólar*, mas só uma pesquisa histórica cuidadosa poderá estabelecer se a língua seguiu o caminho mais curto da formação parassintética, representado em (i), ou o caminho mais longo da derivação por sufixação e prefixação representado em (ii):

(i) *dólar* — *desdolarizar*

(ii) *dólar* — *dolarizar* — *desdolarizar*

Por outro lado, nada nos impede de observar como as coisas se passam no dia a dia. E nossa experiência cotidiana, com nossa competência da língua, nos dá a certeza de que (iii) não é um caminho a considerar:

(iii) *dólar* (subst.) *desdólar* (subst.) — *desdolarizar* (ILARI; BASSO, 2009, p. 106-107).

Para determinarmos se uma palavra foi formada por derivação parassintética, subtraímos o sufixo ou o prefixo de um derivado e se esse transformar-se em uma palavra inexistente na língua, estaremos diante de um derivado parassintético, caso contrário teremos apenas derivação por sufixação ou prefixação. Assim, na formação *descabelar* (*des+cabelo+ar*), por exemplo, não é possível as formações *descabelo*, nem *cabelar*. Situação inversa se verifica em *desigualdade* (*des+igual +dade*) em que pode se depreender três palavras possíveis: *igual*, *desigual* e *igualdade*.

A derivação parassintética não se constitui em um processo produtivo na formação de novas palavras na língua portuguesa atual, como observa Rocha (1999, p. 171):

No trabalho de Sandmann (1988:99) uma pesquisa baseada em 42 exemplares de jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo, foram encontrados apenas quatro exemplos de neologismo parassintético, contra 430 casos de sufixação, 298 de prefixação, 260 de composição e 27 de conversão. Apesar de ser possível encontrar em português um ou outro caso de formação parassintética, como no exemplo citado por Alves — “...Dukakis e Bush se *apalhaçam* horrendamente” — e em uma propaganda recente de “calçados *abufalados*” — parece que o processo costuma oferecer alguns exemplos isolados de formação esporádica, sendo difícil apontar algum exemplo institucionalizado criado recentemente na língua (*desfavelar* é um dos poucos exemplos).

1.4.1.4 Derivação regressiva

A derivação regressiva consiste em retirar a parte final de uma palavra primitiva, obtendo-se por essa redução uma palavra derivada, como em *buscar* → *busca*, *sustentar* → *sustento* etc. Esse processo é efetivamente produtivo na obtenção de substantivo a partir de verbos, principalmente da primeira e da segunda conjugações. Esses substantivos são chamados de *deverbais* e indicam, geralmente, o nome de uma ação.

Para diferenciar realmente a palavra primitiva da derivada, parte-se do pressuposto que os substantivos deverbais são nomes de ação e então se encontra o processo inverso, ou seja, quando há a formação de verbos a partir de substantivos, o que não configura derivação regressiva, mas sim sufixal. Assim, no par *vender/venda* percebemos derivação regressiva, pois o substantivo *venda* é o nome de uma ação; no par *planta/plantar* ocorre o inverso, o verbo não derivou o substantivo, porque *planta* não é nome de ação.

Esse processo de derivação também é muito utilizado para criar palavras de uso coloquial, como as gírias utilizadas principalmente pelos jovens, como *agito* (de *agitar*) e *amasso* (de *amassar*).

Todavia, Basílio (2010, p. 45), ao analisar esse tipo de derivação e os conceitos subjacentes a ela, aponta dois problemas: um de ordem morfológica e outro de ordem semântica:

A questão morfológica que surge nessas formações deverbais é a de até que ponto elas seriam, realmente, derivações regressivas.

Observem, por exemplo, os pares *apertar/aperto* e *cortar/corte*. Nesses pares, a vogal final do substantivo pode ser *-e* ou *-o*. Assim, se considerarmos que *aperto* e *corte* são formações regressivas, teremos de admitir, pelo menos, que se trata de um caso misto, pois há também um acréscimo de vogais: acrescentamos *-o* para formar *aperto* e *-e* para formar *corte*.

A ideia de derivação regressiva, nesses casos, poderia se prender ao tema verbal: teríamos a supressão da marca de infinitivo, ficando o tema verbal. Mas essa análise é problemática no caso das formas terminadas em *-o*, que aliás, constituem a maioria. Assim, a explicação não é viável.

Adicionalmente, a supressão da marca de infinitivo não deveria ser tomada como derivação regressiva: em todos estes verbos (*aguardar*, *demorar*, *amparar*, etc.) deveríamos ter uma sequência indivisível em que uma das partes é tomada como afixo. Ora, nesses casos, trata-se de afixo mesmo, e afixo flexional; na realidade, estamos lidando com dois níveis de análise: o flexional; no qual se situa o processo de formação do infinitivo; e o derivacional, cuja base é o tema verbal.

Se considerarmos como base o tema verbal, nas alegadas derivações regressivas teremos apenas o acréscimo de sufixos como *-e*, *-o* ou *-a* para formar substantivos de verbos.

Outra possibilidade de análise, entretanto, é considerar que todas essas formas são derivacionalmente indivisíveis; mas uma interpretação da terminação *-ar* como um sufixo derivacional nos levaria à formação do radical, que poderia dar origem ao substantivo deverbal pelo acréscimo da vogal temática (*-e*, *-o* ou *-a*, conforme o caso).

Assim, por exemplo, se em *cortar* reinterpretarmos a terminação *-ar* como um sufixo derivacional, podemos suprimir esse sufixo, tendo como resultado *cort-*, que dará origem a *corte*, pelo acréscimo da vogal temática. Esta segunda análise é mais compatível com as posições das gramáticas normativas (BASÍLIO, 2010, p. 45).

O outro problema apontado por Basílio (2010) é de ordem semântica e está na dificuldade de descobrir se o substantivo é que deriva do verbo ou o verbo do substantivo. A linguista discorda da proposta de distinção mencionada nas gramáticas normativas, argumentando que, quando o substantivo não é de ação, ou seja, “quando o significado é um objeto concreto ou substância, o substantivo então é básico e não há derivação regressiva, como, por exemplo, em *água* e *perfume* em relação a *aguar* e *perfumar*” (BASÍLIO, 2010, p. 45-46).

Muitas vezes o substantivo não indica ação, nem é um objeto concreto ou substância e essa variabilidade dificulta a análise da palavra, como é o caso dos substantivos

atraso e *demora*. Embora afastadas de uma significação do tipo “objeto concreto” ou “substância” essas formas não correspondem a ações. Como apresentam um sentido mais vizinho ao de um verbo, tendemos a classificá-las como formações deverbais. No entanto, nada impede que consideremos tais formas como substantivos básicos que indicam situações de relação temporal entre eventos e

expectativas; nada há na semântica dessas formas que nos indique claramente sua origem como verbal (BASÍLIO, 2010, p. 46).

Diante desses problemas, percebemos a complexidade da derivação regressiva, por isso é necessária uma análise baseada na relação sintático-semântica entre as partes envolvidas, substantivo e verbo. Em muitos casos a derivação regressiva é facilmente detectada, como ocorre com a palavra *amasso*, que não configurava no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 2ª edição (FERREIRA, 1986), porém na 3ª edição (1999) essa palavra é lematizada como entrada ou cabeça do verbete, então fica provada a formação de *amasso* a partir de *amassar*. Entretanto, em outros casos, para identificar um processo de regressão é necessária pesquisa das raízes linguísticas da palavra, já que a análise sincrônica, mesmo profícua, não é suficiente para detectar o tipo de derivação presente em um item lexical. Sandmann (1989, p. 85) observa que “do ponto de vista puramente sincrônico não é possível estabelecer a sequência derivacional oferecida pela história da língua. No português de hoje **sarampo** é a base de **sarampão** embora a história diga que **sarampão** é anterior a sarampo”²⁹. Dessa forma, critério sincrônico e critério diacrônico devem concorrer no sentido de complementar a análise, pois o primeiro explica a derivação da palavra por meio de uma análise sintático-semântica e o segundo leva-nos a conhecer a história da palavra e consequentemente sua forma primitiva. Esse fenômeno aponta para a complexidade da questão da datação em linguística.

1.4.1.5 Derivação imprópria ou conversão

A derivação imprópria ou conversão ocorre quando determinada palavra, sem sofrer acréscimos ou supressão em sua base, muda de classe lexical. Pode ocorrer conversão de um verbo para um substantivo (*andar* → *o andar*); de um verbo no particípio para um adjetivo (*amado* → *amada, amados*); de adjetivo para substantivo (*pobre* → *o pobre*); de substantivo para adjetivo (*vestido rosa*); de verbo para adjetivo (*roupa cheguei*), entre outros casos.

O processo de derivação imprópria é questionável, alguns estudiosos afirmam que ela não deve ser estudada como um processo de formação de palavras, por ser pertinente à área da semântica ou da sintaxe e não da morfologia, uma vez que do ponto de vista fonológico não há a criação de uma nova palavra, apenas a mudança de classe de um item que já faz parte do

²⁹ “**sarampão** *sm.* ‘forma grave de sarampo’ XVI. Do cast. *sarampión*, deriv. Do lat. *sírĩmpio-ōnis* [...] **sarampo** *sm.* ‘(Patol.) doença infecciosa, contagiosa em excesso, mais comum na infância, causada por um vírus, e caracterizada por erupção de manchas vermelhas sobre a pele’ 1844. Der. regres. de *sarampão* (CUNHA, 2007, p. 705-706).

léxico. Assim, “a conversão tem sido considerada por alguns como um processo de natureza mais sintáctica do que propriamente morfolexical” (RIO-TORTO, 1998b, p. 98).

Entretanto, a conversão de palavras ocorre porque, em determinados contextos, as propriedades semânticas e sintáticas de uma palavra não são suficientes para designar uma característica ou um produto específico, por isso as palavras com correlatos, muitas vezes, possuem significados semelhantes, mas não idênticos e propriedades totalmente distintas. Mas, quando há conversão plena, “ou seja, quando a palavra de uma classe apresenta também as propriedades de outra classe, temos duas palavras distintas, uma em cada classe” (BASÍLIO, 2006, p. 79). Esse fenômeno acontece com palavras como *gelo*, *doce*, *monstro*, por exemplo, que como substantivos possuem significação distinta do adjetivo.

Os dicionários, em geral, não dão tratamento diferenciado às palavras oriundas do processo de conversão, ou seja, elas não são lematizadas nem como entrada, nem como subentradas. A palavra tida como primitiva é lematizada como cabeça do verbete, com sua respectiva categoria gramatical e, após as acepções dessa, é assinalada a mudança de categoria do lema com suas respectivas acepções. Dessa forma, podemos perceber que, do ponto de vista lexicográfico, não há uma nova palavra a partir da conversão, mas sim novos significados para um mesmo significante. Portanto, entendemos que a denominação de derivação imprópria para a conversão não é pertinente, uma vez que a mesma não pode ser considerada um processo de formação de palavras, por não criar efetivamente um novo item lexical, mas apenas ampliar significados de uso para uma palavra já existente. E ainda, a partir de análise semântica podemos perceber que a noção expressa pela palavra convertida não é muito distinta do significado da palavra de base, sendo assim não podemos considerar uma nova palavra apenas levando em conta a sua mudança de classe, pois para haver uma nova palavra no léxico, ela deve ser distinta do ponto de vista morfológico, sintático e semântico.

1.4.2 Composição

A composição é um processo de formação lexical que consiste em formar uma nova palavra pela união de bases (geralmente duas), livres ou presas. Ao contrário da derivação, em que a palavra derivada mantém relação semântica com a primitiva, na composição, a nova palavra, muitas vezes, não possui a carga semântica expressa pelos seus constituintes, mas sim uma acepção, única e autônoma, como é o caso da palavra *pão-duro* (avarento).

As palavras formadas por derivação, geralmente, expressam noções comuns e gerais, enquanto as formadas por composição designam expressões bem mais específicas e

particularizadas. Nesse processo, a combinação de elementos é infinita e imprevisível, depende da necessidade do falante que o leva a procurar uma palavra adequada para nomear ou caracterizar algo e, não a encontrando no léxico, cria outra, geralmente com sentido metafórico, a partir de elementos que lhe são comuns. Por isso, os compostos são frequentes tanto na linguagem informal (*dedo-duro*), como na linguagem técnico-científica (*dermatologia*).

Na composição, cada base que forma a palavra tem um papel ou função, conforme explica Basílio (2010, p. 33-34):

Por exemplo, em compostos do tipo substantivo + substantivo, o primeiro substantivo funciona como núcleo da construção e o segundo como modificador, especificador ou até mesmo qualificador: *sofá-cama*, *couve-flor*, *salário-família*, *operário-padrão*. Em composições de substantivo + adjetivo, o núcleo é o substantivo e o modificador é o adjetivo, independente da ordem de ocorrência: *obra-prima*, *livre-arbítrio*, *carta-branca*, *secretária-eletrônica*, *alto-mar*. Ainda, em composições verbo + substantivo, o substantivo tem função análoga à de objeto direto do verbo: *guarda-roupa*, *mata-mosquito*, *porta-retrato*, *beija-flor*.

As gramáticas normativas distinguem dois processos de composição: justaposição e aglutinação. Na justaposição, os elementos são simplesmente justapostos, conservando cada qual a sua integridade morfológica e semântica: *beija-flor*, *passatempo*. Já na composição por aglutinação os elementos estão intimamente unidos, por se ter perdido a noção de composição, caso em que se subordinam a um único acento tônico e sofrem perda de sua integridade silábica: *aguardente* (*água + ardente*), *embora* (*em + boa + hora*) (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 105-106). Para Laroca (1994, p. 90), a composição pode ser vocabular ou sintagmática, sendo que a

[...] composição vocabular implica a junção de duas ou mais palavras, com ou sem redução de estrutura mórfica das bases: palavra 1 + palavra 2 = palavra 3

A *composição vocabular* pode ser feita de três maneiras:

- a) Por simples justaposição de bases
- b) Por aglutinação de bases
- c) Por truncação (também chamado “blend” ou “palavra-portmanteau”): isto é, junção com fragmentação de bases. Ex.: *showmício* (*show + comício*), *portunhol* (*português + espanhol*).

A *composição sintagmática* processa-se “quando os membros integrantes de um segmento frasal encontram-se numa íntima relação sintática, tanto morfológica quanto sintaticamente, de forma a constituírem uma unidade léxica” (ALVES, 2002, p. 50). A composição sintagmática é o que Pottier (1972, p. 26-27) denomina de *lexia complexa estável*. A partir desse conceito, Biderman (1999, p. 89) observa que as *lexias complexas*

seriam formadas por várias unidades grafadas sem hífen (cesta básica) e as lexias compostas são ligadas por hífen (guarda-roupa).

Essa questão do hífen é controversa, pois se configura como uma convenção ortográfica e, como já observara Câmara Jr. (2004, p.70), o uso do hífen é “incoerente do ponto de vista da língua oral”, enquanto na língua escrita as regras a respeito dessa marca formal são confusas e mal sistematizadas na ortografia da língua portuguesa. Valendo-se dos exemplos já citados, *cesta básica* e *guarda-roupa*, percebemos que não há diferença em grafar essas unidades com ou sem hífen, pois a presença ou ausência dessa convenção ortográfica não interfere na compreensão das unidades do ponto de vista semântico.

A última reforma ortográfica, assinada pelos países cuja língua oficial é o português, culminou no Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990³⁰, e estabelece que o hífen deve ser empregado “nas palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos, de natureza nominal, adjetival, numeral ou verbal, constituem uma unidade sintagmática e semântica e mantêm acento próprio” (ACORDO, 2009, p. XXVI). Dessa forma, palavras já consagradas pelos dicionaristas como compostas, grafadas com hífen, não são reconhecidas pelo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa — VOLP³¹ como tal, por ter elemento de ligação. É o caso da locução *pé de moleque* que é lematizada pelos dicionários em geral, mesmo depois das edições atualizadas em conformidade com o Acordo Ortográfico, como palavra composta *pé-de-moleque*. Em ocorrências dessa natureza o Acordo Ortográfico (2009, p. XXVII) orienta:

Nas locuções de qualquer tipo, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, não se emprega em geral o hífen, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de *água-de-colônia*, *arco-da-velha*, *cor-de-rosa*, *mais-que-perfeito*, *pé-de-meia*, *ao deus-dará*, *à queima-roupa*).

Muitas outras locuções também já são consagradas pelo uso e mesmo assim não são grafadas com hífen no VOLP, como por exemplo, *olho de sogra*, *pé de moleque*, *pé de chinelo*, entre outras. Essas locuções, na realidade, são lexias complexas com alto grau de

³⁰ Esse acordo foi assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990, por representantes de sete países que falam Português – Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Em 2004, o Timor-Leste aderiu ao projeto dois anos após obter sua independência da Indonésia. Entretanto, só foi sancionado pelo Presidente da República do Brasil em 29/09/2008 e entrou em vigor em 01/01/2009.

³¹ O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa — VOLP, elaborado pela Academia Brasileira de Letras está em sua 5ª edição e contém 381.000 verbetes com as respectivas classificações gramaticais e está disponível em <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23>. Acesso em 17 dez 2011.

idiomatismo³². São “combinações de palavras já cristalizadas como uma unidade” (BIDERMAN, 1992, p. 9) por não manter relação semântica com as bases que as constituem, são sintagmas lexicalizados, cujo significado, conotativo, é apreendido pelo todo.

Podemos, então, observar que grafar sem hífen a maioria das locuções pode causar incongruências de ordem semântica, já que não há critérios para identificar uma locução conotativa, ou seja, um idiomatismo, de uma locução denotativa. Do ponto de vista lexicográfico, esse problema compromete a uniformidade em relação à lematização dessas lexias no dicionário, tornando difícil a inserção desses sintagmas, já que, não havendo critérios de diferenciação também não há unanimidade, entre os lexicógrafos, em relação à lematização³³.

Na língua portuguesa também há a formação de palavras a partir de bases presas. As gramáticas normativas listam alguns elementos de composição, geralmente eruditos que, se unidos a outras bases, formam novas palavras, utilizadas, sobretudo, na linguagem científica e tecnológica. É o caso de palavras como *sociolinguística*, *agronegócios* etc.

Algumas bases presas perderam, ao longo da história da língua, o seu significado primeiro, por isso muitas composições são conhecidas por sua forma já cristalizada na língua e não pela apreensão semântica e morfológica de suas bases. É o que acontece com certas bases, listadas pelas gramáticas normativas, sob a rubrica “radicais gregos e latinos”, que não mais possuem valor semântico para os usuários, se considerados de forma isolada, por isso formam compostos que são geralmente utilizados no âmbito da linguagem técnico-científica. É o caso da palavra *ecologia*, que mesmo sendo muito comum, poucos compreenderiam o significado da base oriunda do grego: *eco-* (casa). A base *-logia* (ciência), assim como outras bases muito utilizadas, segundo Basílio (2010, p. 39), “se tornaram tão comuns que estão em vias de se transformar em verdadeiros sufixos”.

Basílio (2010, p. 39), ainda, diferencia a composição por base livre da por base presa, observando que nos casos “que envolve pelo menos uma base presa, o segundo termo é o núcleo e o primeiro é o especificador, ao contrário do que encontramos na composição de bases livres, em que o primeiro termo é o núcleo e o segundo é o especificador”.

O processo de composição de palavras apresenta irregularidades e várias teorias, critérios e metodologias têm surgido na busca de delimitação de um paradigma que dê conta

³² Expressão idiomática ou idiomatismo, segundo Xatara (1998, p. 149), “é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”.

³³ No capítulo III, esse assunto é tratado do ponto de vista lexicográfico, uma vez que foi preciso adotar critérios para a lematização ou não das locuções, com ou sem grau de idiomatismo.

de todas as especificidades que envolvem esse processo. Rio-Torto (1998a, p. 18), por exemplo, considera que

[...] o estudo da composição envolve muitos e complexos problemas. Um deles é, desde logo, o de saber até que ponto a composição se subsume numa operação de adição, reconhecido é que o produto final está longe de ser ou sequer de reflectir a mera soma das partes constituintes. Relacionada a esta está a questão de saber até que ponto os compostos são objectos morfológicos ou objectos (morfo-) sintácticos, que representam formas compactadas de proposições, ou seja, produtos que correspondem a uma antiga unidade sintáctica, entretanto cristalizada. Um outro problema também em aberto é o que consiste em delimitar as fronteiras entre compostos, sintagmas fixos e palavras prefixadas e, em íntima relação com estes, o da distinção entre constituinte afixal e constituinte composital. Os critérios mais insistentemente avançados assentam no poder referencial dos constituintes e não estão isentos de dificuldades, como facilmente se constata através de numerosos exemplos.

A composição é um processo profícuo para a formação de novos itens lexicais, porém, muitas vezes, não se opera dentro dos paradigmas estruturais da morfologia derivacional. Isso se deve ao fato de o falante, ao criar novas palavras num processo incessante para nomear novas realidades, ser alheio às sistematizações de ordem morfológicas porque “o conhecimento do sistema de formação de palavras numa língua requer um sólido mapeamento dos recursos e dos mecanismos genolexicais” (RIO-TORTO, 1998a, p.16).

1.4.3 Outros processos de formação de palavras

A derivação e a composição são os processos mais produtivos na criação de novas palavras, mas há outros processos de formação como a abreviação vocabular, a siglação e a onomatopeia.

1.4.3.1 Abreviação vocabular

A abreviação vocabular consiste em eliminar uma parte da palavra para se obter uma forma mais curta e,

[...] nesses casos, a parte a ser suprimida é, muitas vezes, imprevisível; e a palavra formada é sinônima da derivante, apenas sendo usada, na maioria das vezes, num estilo mais coloquial. Tal é o caso de formas como *boteco* por *botequim*, *granfa* por *grã-fina*, *delega* por *delegado*.

Uma variação do mesmo tipo de fenômeno seria a redução que encontramos em formas compostas, na qual uma das partes da composição passa a ser usada pelo todo, sem prejuízo ou mudança da significação global: *micro* por *microcomputador*, *vídeo* por *videocassete*, *análise* por *psicanálise*, *lipo*, por *lipoaspiração*, etc. Neste

último caso, conhecido como braquissmia, a redução se faz pelos constituintes da composição, enquanto no primeiro caso ela é assistemática (BASÍLIO, 2010, p. 42).

Há dois tipos de abreviação vocabular, segundo Rocha (1999, p. 182-183): *derivação truncada ou estrutural* que ocorre quando a parte suprimida da palavra é um sufixo (*madrugada/madruga, estrangeiro/estranja*) ou uma das bases do elemento composto (*odontologia/odonto, fotografia/foto*); *derivação truncada não-estrutural* ocorre quando o corte da palavra se dá de forma aleatória (*cinema/cine, vestibular/vestiba, São Paulo/sampa*). Em *cinema*, houve a supressão da última sílaba, já em *vestibular* houve corte de algumas letras e o acréscimo da vogal *a*. De *São Paulo* para *sampa* houve a aglutinação das bases com o acréscimo da letra *m* para indicar a nasalização.

Na abreviação vocabular ou *derivação truncada* não há mudança de classe e geralmente ocorre com substantivos e adjetivos e são formas impregnadas de emotividade, como carinho, desprezo, zombaria, preconceito etc., ou representam simplesmente uma economia vocabular por ser a palavra original muito longa.

1.4.3.2 Siglação

A siglação, siglonimização, derivação siglada ou acronímia ocorre quando há o processo de formação de siglas. Essas siglas são formadas, a princípio, pela combinação das letras iniciais de uma sequência de palavras que constitui um nome, como FGTS — Fundo de Garantia do Tempo de Serviço. As siglas são incorporadas ao dia a dia das pessoas e, por serem palavras normais da língua, passam a sofrer flexões e a produzir derivados, como em CEPs, ONGs, *peemedebistas* (membros do PMDB — Partido do Movimento Democrático Brasileiro). No entanto, Rio-Torto (1998c, p. 48) esclarece que:

A priori este processo não se define propriamente por formar novas palavras, mas por pretender reproduzir simplificada e sequências extensas. O que acontece é que essa sigla, normalmente formada a partir dos segmentos iniciais (radar ‘radio detecting and ranging’; laser ‘light amplification by stimulated emission of radiation’; yuppies ‘young urban professional’), adquire por vezes o estatuto de um novo signo, passando a funcionar como entrada lexical susceptível de operar como base de novos produtos.

Há quatro tipos de siglas, segundo Rocha (1999, p. 177-180): *siglagem grafêmica*, quando são utilizados os grafemas iniciais de bases compostas — UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), OAB (Ordem dos Advogados do Brasil); *siglagem silábica*, que utiliza as sílabas iniciais das palavras — FEBRABAN (Federação Brasileira de Bancos),

DETRAN (Departamento de Trânsito); *siglagem grafo-silábica*, quando há a utilização de grafemas e sílabas iniciais das bases — CEMIG (Companhia Energética de Minas Gerais); *siglagem fortuita* quando não há critério nenhum para a formação da sigla, pode ser por fusão de grafemas, inclusão de palavras completas ou de siglas em siglas, cortes aleatórios e outras variações, desde que o aspecto sonoro seja eufônico, original e chamativo — SENAC (Serviço Nacional do Comércio), EMBRAFILME (Empresa Brasileira de Filmes), CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

Ainda há algumas siglas que são provenientes de outras línguas, principalmente do inglês, e que foram incorporadas ao português — UFO (Unidentified Flying Object), VIP (Very Important Person), AIDS (Acquired Immunological Deficiency Syndrome). Há casos de siglas importadas que ganharam o *status* de palavra na língua receptora porque a maioria dos falantes não a reconhece como sigla, é o caso de LASER (Light Amplification by Stimulated Emission of Radioation), RADAR (Radio Detecting and Ranging), dentre outras.

Não se deve confundir o processo de siglagem com o recurso da abreviatura, pois esta não existe na língua oral, é um recurso da língua escrita e também não se constitui uma nova palavra. É o caso de algumas abreviaturas já constitucionalizadas como o nome dos estados e países (SP, MS, USA); alguns pronomes de tratamento (V. Ex^a, V. S^a.); algumas abreviaturas que antecedem nomes, de acordo com a profissão (Prof. Dr.); as unidades de medida (km, m, cm, kg); outras abreviaturas já consagradas como Ltda (Limitada), aC (antes de Cristo) e esporádicas como as utilizadas por internautas em ambientes virtuais.

1.4.3.3 Onomatopeia

A onomatopeia ocorre quando se forma uma nova palavra por meio da imitação do som. E essa palavra formada tenta reproduzir um determinado barulho ou ruído do mundo exterior, adaptando-o ao conjunto de fonemas que a língua dispõe, como, por exemplo, *cacarejar, zumbir, tique-taque, sussurrar* etc.

A onomatopeia não apresenta base linguística porque o que dá origem a ela é um fenômeno extralinguístico, muito restrito, e por isso a morfologia apenas cita esse processo, mas não se ocupa de estudá-lo exaustivamente. Entretanto, esse processo realmente cria novas palavras, ao contrário da abreviação vocabular e da siglação, em que apenas há a redução de uma palavra ou expressão já existente, sendo assim, apenas mecanismos de economia presentes na língua. E esse fator relativo à economia lexical pode ser observado também na conversão, tradicionalmente nomeada de derivação imprópria pelas gramáticas normativas,

onde uma mesma palavra muda de classe gramatical, obtendo, assim, novos significados e novas possibilidades de uso.

Como podemos perceber, neste capítulo, alguns processos de formação de palavras são profícuos na produção de itens lexicais, como a composição, a derivação prefixal e a derivação sufixal. A derivação parassintética, apesar de ser um processo simples, do ponto de vista morfológico, não é prática recorrente na atualidade. Situação inversa verifica-se com a derivação regressiva, que apesar de produtiva, traz à tona discussões teóricas a respeito da dificuldade de identificação de seus derivados, necessitando, para isso, muitas vezes, investigação histórica.

Discorreremos, assim, neste capítulo, problemáticas em relação a várias perspectivas de estudo da palavra, a visão de alguns teóricos sobre o conceito de palavra, sua classificação dentro de classes e os processos de formação de novas palavras. Essa revisão de literatura foi indispensável para sedimentar o referencial teórico retomado nos capítulos seguintes, principalmente no Capítulo III, em que foram discutidos critérios para a lematização das palavras, a partir de questões, aqui discutidas, que são relevantes e pertinentes à apresentação de subsídios para um dicionário de cognatos. No Capítulo II continuamos a tratar da palavra, porém, sob a perspectiva da Lexicografia, ciência responsável pela elaboração de dicionários e de toda teoria subjacente aos critérios e métodos oriundos da prática lexicográfica.

CAPÍTULO II

LEXICOGRAFIA: DOS DICIONÁRIOS GERAIS AOS DICIONÁRIOS ESCOLARES

A Lexicologia é uma ciência que se ocupa do estudo das palavras e não deve, no entanto, ser confundida com a Lexicografia, pois essa tem por objetivo a elaboração de dicionários aplicando os dados obtidos por meio de estudos da Lexicologia. Ambas as ciências tratam do léxico, porém em níveis distintos. A Lexicologia preocupa-se com os princípios e as leis que regem as palavras de um modo geral, enquanto a Lexicografia analisa a palavra de forma particular e concreta, valendo-se, no entanto, das investigações científicas da Lexicologia. Esse fator é pretexto para que alguns estudiosos não considerem a Lexicografia como ciência, mas apenas uma técnica para a elaboração de dicionários ou, ainda, a aplicação prática dos conhecimentos da Lexicologia. Entretanto, é importante ressaltar que a Lexicografia não se ocupa apenas do produto final, que é o dicionário, mas também dos métodos, técnicas e critérios que devem nortear as obras de cunho lexicográfico.

Entre as ciências do léxico, há também a Terminologia que estuda o termo, a palavra especializada, relacionando denominações a conceitos. Krieger e Finatto (2004, p. 17) esclarecem que o léxico temático está “a serviço de comunicações especializadas, posto que os termos transmitem conteúdos próprios de cada área. Por isso, os termos realizam duas funções essenciais: a de representação e a de transmissão do conhecimento especializado”. A Terminologia é uma ciência com bases teóricas e metodológicas próprias que são aplicadas na produção de glossários³⁴, dicionários técnico-científicos ou qualquer outro produto relacionado a termos.

³⁴ É necessário, neste ponto, conceituar e distinguir dicionário, glossário e enciclopédia, para que fique evidente a função de cada tipo de obra lexicográfica.

Dicionário bilíngue: “trata da correspondência das palavras entre duas línguas, procurando indicar a tradução de um termo de uma língua na outra língua considerada” (BIDERMAN, 1984, p. 138).

Dicionário unilíngue: “contém as palavras de uma língua e as explica e/ou define através de paráfrases nessa mesma língua. Também chamado de dicionário monolíngue” (BIDERMAN, 1984, p. 138).

Glossário: o termo vem de “glosa”, anotação à margem de um texto para esclarecer o significado de uma palavra ou expressão. Então, glossário é uma compilação de glosas. Biderman (1984, p. 139) conceitua glossário como “pequeno vocabulário, ou relação de palavras, em que se explica o significado das mesmas, para ajudar o leitor na compreensão do texto que lê. Modernamente são comuns os glossários de linguagem técnica [...]”.

Enciclopédia: “é um compêndio, geralmente de grandes dimensões, contendo informações sobre os mais variados domínios do saber: visa fornecer explicações sobre entidades da realidade extralinguística (conceitos, objetos, indivíduos, localidades, fatos históricos, etc.), por meio de textos informativos, acompanhados ou não de ilustrações” (CORREIA, 2009, p. 25-26).

A tradição de ordenar palavras em forma de listas e glossários surgiu antes da Era Antiga, se levarmos em consideração as listas elaboradas pelos professores sumérios para o ensino nas escolas dos escribas, na região da Mesopotâmia, em 3.300 aC. Depois, esse mesmo povo foi responsável pelas primeiras listas bilíngues, sumério-ebático e sumério-acadiano. E assim, outras civilizações, entre elas os babilônios, os acadianos, os chineses, os gregos e os indianos, também se preocupavam com a compreensão e registro das palavras.³⁵ Por isso, a lexicografia, “juntamente com a filologia, é uma das mais antigas atividades linguísticas de que se tem notícia. O aparecimento de itens lexicais se confunde com os inícios da escrita. Assim, antes da reflexão sobre a linguagem vem a escrita. E o que aparece primeiro são as listas de palavras” (NUNES, 2006, p. 45).

Na Era Medieval, a atividade lexicográfica, antes dedicada somente à produção de listas, evoluiu para a produção de glossários e enciclopédias utilizados ao ensino, principalmente do latim e do grego. Verdelho (2002, p. 15) informa que a partir do

século XI produziu-se, sobretudo na Itália, uma espécie de pré-lexicografia que foi rapidamente divulgada entre as escolas monásticas de toda a Europa. Em Portugal conservam-se testemunhos manuscritos do *Elementarium* (c.1050) de Papias, que pode ser considerado como o primeiro arquétipo dos dicionários modernos; do *Liber derivationum* (fins do séc. XII) de Hugúcio de Pisa; do *Catholicon* (1286) de João Balbo; e de outros textos medievais com informação lexicográfica, essencialmente latina, mas que serviam de referência para o aparecimento dos primeiros glossários das línguas modernas.³⁶

Somente na Modernidade é que surgem os primeiros dicionários bilíngues, na Europa, a partir da metade do século XVI, e a intensa prática lexicográfica foi “motivada pelas solicitações do ensino do latim como língua não materna e encontrou na técnica tipográfica uma condição determinante para a sua configuração e difusão” (VERDELHO, 2002, p. 15).

Nesse cenário surgiu o primeiro dicionário de latim-português, quando Jerônimo Cardoso produziu o que foi considerada a primeira obra lexicográfica portuguesa, que era composta de três volumes:

[...] um vocabulário latim-português, organizado tematicamente; um dicionário alfabético português-latim (1562-1563) e um latim-português (1569-1570). Depois dos dicionários de Cardoso, seguiram-se os de Agostinho Barbosa, o *Dictionarium lusitano-latinum* (1611), e o de Bento Teixeira, o *Thesouro da Língua Portuguesa*, reeditados até o século XVIII. (NUNES, 2006, p. 49).

³⁵ Em Welker (2004, p. 56-61) há uma tabela contendo a ordem cronológica dos dicionários, desde a primeira lista documentada até o ano de 2002.

³⁶ “A própria história da lexicografia explica, inclusive, a relação entre funções do dicionário e sua denominação original, que foi cunhada pelo italiano Calepino em 1502. *Dictionarium* é um termo latino, cujo sufixo *arium* significando depósito, indica lugar em que se guarda, neste caso, o elemento fundamental do dizer: as palavras” (KRIEGER, 2006, p.164-165).

Depois desses dicionários surgiram outros bilíngues, porém o mais importante foi o *Vocabulário portuguez e latino* de Rafael Bluteau, composto de dez volumes publicados entre 1712 e 1728, considerado como “um marco da lexicografia portuguesa, tendo servido de base para Antônio de Moraes Silva elaborar o primeiro dicionário exclusivamente monolíngue do português, o Dicionário da Língua Portuguesa, de 1789” (NUNES, 2006, p. 49). Entretanto, antes da publicação do dicionário de Antônio de Moraes Silva, o franciscano Bernardo de Lima e Melo Bacelar publicou o *Dicionário da lingua portuguesa* (1783), que na realidade ocupa um lugar modesto na lexicografia portuguesa, segundo Verdelho (2002, p. 23), “trata-se, todavia, de uma obra falhada, que não contribuiu de modo apreciável para a modernização da lexicografia do português”.

A lexicografia monolíngue, na realidade, surgiu e se desenvolveu no século XVII na Espanha e na França, com obras publicadas, respectivamente, em 1611 (*Tesoro de la Lengua Castellana* de Covarrubias) e em 1680 (*Richelet*) entre outros. Há de se assinalar também que ainda nesse século a Academia Francesa publicou seu primeiro dicionário, em 1694, e logo no início do século XVII, mais precisamente em 1739, a Academia Espanhola publicou o *Diccionario de Autoridades*. É importante ressaltar que, em países europeus, os dicionários elaborados pelas academias são considerados obras de referência no panorama lexicográfico mundial porque

[...] além de funcionar como instrumento de autoridade que fixa padrões linguísticos, o dicionário, por registrar de modo sistematizado os itens lexicais de uma língua, dá coesão às sociedades e projeção às suas culturas. Tanto é assim que a história dos dicionários na Europa está fortemente vinculada a projetos de política linguística a exemplo do surgimento, na França do século XVII, do Dicionário da Academia, concluído em 1694 e dedicado ao rei Luis XIII. A elaboração deste dicionário, que expressa o início da identidade da língua francesa moderna, representou, na época, a conjunção bem definida entre as necessidades de construir um Estado unificado e o desejo de fixação da língua como normalização das práticas linguísticas, literárias ou técnicas, o que explica que o francês do século XVII seja hoje reconhecido como o início do francês moderno.

Esses elementos são suficientes para salientar que os dicionários desempenham vários papéis sociais e culturais, e, sobretudo, cognitivos pelas descrições que oferecem sobre os itens lexicais de um idioma. Isto justifica também a razão por que eles assumem o valor de um instrumento didático, de grande apoio para o ensino de língua (KRIEGER, 2008, p. 4).

No Brasil, entre os séculos XVI e XVII, surgiram os primeiros dicionários, bilíngues, português-tupi, elaborados pelos jesuítas, e o dicionário de Antonio Morais Silva inicia a tradição monolíngue, tanto em Portugal quanto no Brasil. Esse dicionário “marca um momento importante, pois, apesar de ter sido elaborado em Portugal, o autor é um brasileiro

do Rio de Janeiro” (NUNES, 2006, p. 51) e essa obra, que teve muitas edições no século XIX, serviu de base para a elaboração de dicionários posteriores.

A prática lexicográfica portuguesa não conseguiu acompanhar o ritmo acelerado das publicações dos demais países europeus, porém merece destaque o “trabalho pioneiro que é creditado a Luis Maria Silva Pinto que publicou o *Dicionário da língua brasileira*, em 1832, em Ouro Preto” (ISQUERDO, 2011, p. 123). Entretanto, Biderman (2002, p. 71) informa que

a primeira tentativa de descrever o vocabulário brasileiro foi feita por Antônio Joaquim Macedo Soares. Ele seria o primeiro dicionarista a descrever o português brasileiro se sua obra tivesse sido publicada integralmente no século XIX. Contudo, só a primeira parte, até a letra C, foi publicada em 1888.

Ainda destacam-se o *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* de Caldas Aulete (1881) e o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* de Candido Figueiredo (1899), ambos publicados em Portugal. Somente a partir do ano de 1958 o dicionário de Caldas Aulete começa a ser publicado no Brasil.

E, no Brasil, até a terceira década do século XX, não havia nenhuma publicação genuinamente brasileira, o que motivou Laudelino Freire a apresentar um projeto de dicionário à Academia, “lembrando aos acadêmicos que todas as grandes academias europeias — a italiana e a francesa — tinham estabelecido como sua obra máxima a elaboração de um dicionário de língua” (BIDERMAN, 2003, p. 57). Entretanto, a Academia Brasileira de Letras não levou adiante o projeto de Laudelino Freire, e ele resolveu montar a sua própria equipe e publicou em cinco volumes, de 1939 a 1944, o primeiro dicionário brasileiro (2003, p. 58). A respeito desse dicionário Biderman ainda esclarece:

Embora o *Grande e novíssimo dicionário* (FREIRE, 1939) buscasse preencher uma lacuna cultural brasileira, de fato tentou atender a consulentes do Brasil e de Portugal, ignorando o problema posto pelas divergências existentes entre as duas variedades do português, tanto no domínio lexical, no qual elas são mais abundantes, como também no gramatical e sintático. Laudelino Freire indicou os vocábulos usados em Portugal como lusitanismos, bem como os do português da África e da Ásia, considerando que fazia um dicionário para brasileiros. Esse dicionário (FREIRE, 1939) tentou padronizar a ortografia, problema extremamente sério para as sociedades de língua portuguesa naquela época, dado o caos ortográfico em que se vivia. Não obteve grande sucesso e não chegou a uma segunda edição (BIDERMAN, 2003, p. 58).

Biderman (2003, p. 58) ainda menciona que após fracassarem os dois projetos de Laudelino Freire, a Academia Brasileira de Letras — ABL — designou, em 1940, o Professor Antenor Nascentes para elaborar o que se propôs chamar de projeto de um *Dicionário da*

Língua Portuguesa, que teria como modelo o *Diccionario de la Real Academia Espanhola (DRAE)*. Em 8 de dezembro de 1943, foi publicado o *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (PVOLP)* e, nesse mesmo ano, um projeto de dicionário foi repassado à academia: um dicionário, com cerca de 100 mil verbetes, organizado por Antenor Nascentes, o *Dicionário da Língua Portuguesa*. Essa obra seria o terceiro dicionário geral de língua portuguesa do Brasil, se o mesmo não fosse publicado somente em 1961, e em cinco volumes, fato esse que não agradou ao público, conforme enfatiza Biderman (2003, p. 58):

Apesar das muitas qualidades desse dicionário, ele também não teve grande fortuna. Primeiro, porque foi publicado muitos anos depois de concluído e não há nada que envelheça mais do que o léxico; segundo, porque resultou em obra volumosa e o público comprovadamente prefere compulsar uma obra lexicográfica em apenas um volume e que lhe custe menos.

Então, diante do exposto, pode-se considerar que, realmente, o primeiro dicionário brasileiro que obteve êxito e agradou ao público foi o *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa* (1938), que, pela primeira vez, “documentou a norma linguística do Brasil e seu vocabulário. Esse dicionário teve um sucesso extraordinário para a época, constituindo-se num *best-seller* no Brasil atrasado e rural de então” (BIDERMAN, 2003, p. 58).

Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira fazia parte da equipe que elaborou o *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*, como redator e colaborador e, a partir da 6ª edição, passou a ser o editor principal. Depois que a publicação desse dicionário foi interrompida, em 1967, pela ditadura militar, Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira aproveitou a lacuna deixada para elaborar seu próprio dicionário que teve a primeira edição em 1975 e, a partir de então, *Aurélio* passou a ser sinônimo de dicionário. E, atualmente, há outras obras lexicográficas no mercado editorial brasileiro, elaboradas por autores consagrados, entre elas *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), *Dicionário Contemporâneo de Português* (1992), de Maria Tereza Biderman e *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo* (2004) de Francisco S. Borba, entre outros.

Na atualidade, é consenso o valor do dicionário, ele está presente na maioria dos lares e, além de gozar de prestígio e tradição, é um produto que dispensa propagandas, pois ocupa um lugar de destaque nas civilizações modernas, por registrar o uso social e cultural de uma língua, representando, assim, a história, e a memória de um povo, como constata Biderman (1998, p. 15-16):

O dicionário é um objeto cultural de suma importância nas sociedades contemporâneas, sendo uma das mais relevantes instituições da civilização moderna. Exercendo funções normativas e informativas na sociedade, esse produto cultural deveria ser de uso obrigatório para todos os usuários da língua.

Entretanto, a grande maioria dos usuários desconhece o que está por trás do fazer lexicográfico: como se elabora um dicionário, quem são os pesquisadores das palavras e quais os tipos de dicionários existentes. À primeira vista, aos olhos do leigo, há a impressão de que os dicionários são todos iguais e que não passam de uma lista de palavras. Essa concepção, um tanto ingênua, é natural, por ser a prática lexicográfica recente em nosso país (século XX) e por não haver uma referência lexicográfica, em uma instância superior, como, por exemplo, da Academia Brasileira de Letras, para que se possa estabelecer comparações em relação aos critérios adotados pelos inúmeros dicionaristas. Dessa forma,

é necessário haver uma política linguística de valorização da língua nacional que inclua, se não a produção, ao menos, a adoção de um dicionário que venha a funcionar como uma efetiva obra de referência para toda a comunidade linguística. Isso não significa uma atitude reducionista, já que a existência de obras paralelas da mesma natureza é salutar, permite a comparação, favorecendo a análise crítica das distintas propostas lexicográficas. No entanto, a voz oficial é necessária, o que pressupõe e requer um órgão competente para realizar ou acompanhar um fazer dicionarístico rigoroso, fundamentado em princípios teóricos e metodológicos da ciência lexicográfica. Assim o órgão poderia conferir o selo institucional às informações linguísticas que os dicionários oferecem a seus consulentes.

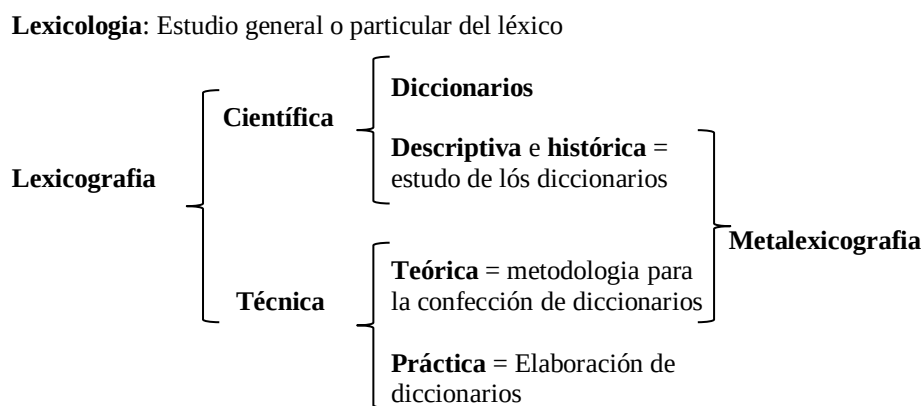
[...] Em nosso meio, diante do silêncio oficial dos tempos atuais, já que há anos atrás, o MEC colocava seu selo em determinados dicionários gerais e de língua estrangeira, a população fica à mercê do mercado editorial, muito embora ele coloque à disposição várias obras de qualidade. Diferentemente, em outros países, como a França e a Espanha, entre tantos outros da Europa, há dicionários de responsabilidade de instituições de prestígio como suas academias de letras. A nossa, apesar de seu fundador, Machado de Assis, ter determinado nos estatutos que uma das missões da Academia Brasileira de Letras é a elaboração de um dicionário do português do Brasil, esse propósito não se concretizou (KRIEGER, 2011, p. 133-134).

O lexicógrafo tem como campo de atuação o léxico da língua utilizado por uma comunidade linguística. Para elaborar um dicionário, é necessário, portanto, analisar as propriedades desse léxico, em uso, sob várias perspectivas e adotar critérios para organizar a obra com informações funcionais para os usuários. O trabalho do lexicógrafo é, muitas vezes, criticado e ainda

a ello hay que añadir la injusticia e incomprensión de que comúnmente es objeto el lexicógrafo por lo poco que se le da y lo mucho que se le exige, pues, por una parte, suele minusvalorarse su trabajo — sin duda arduo, complejo e inevitablemente lento — manteniéndolo casi siempre en el más injusto anonimato o plagiándolo impunemente; pero, por otra, se le pide que encarne un híbrido de filólogo, lexicólogo, gramático, dialectólogo, sociólogo, historiador y sabe Dios cuántas cosas más (PORTO DAPENA, 2002, p. 16).³⁷

³⁷ “A isso temos que acrescentar a injustiça e incompreensão de que comumente o lexicógrafo é alvo, pelo pouco que lhe é dado e pelo muito que lhe é cobrado, pois por um lado, se tem o costume de desvalorizar seu trabalho — sem dúvida, árduo, complexo e inevitavelmente lento — mantendo-o quase sempre no mais injusto anonimato ou

A incompreensão em relação ao trabalho do lexicógrafo é decorrente do desconhecimento dos limites da Lexicologia, da Lexicografia e da Metalexicografia. Essa última, pouco divulgada, nem por isso menos importante, é responsável pela parte teórica da Lexicografia. Dessa forma, Porto Dapena (2002, p. 23) distingue cada uma a partir do esquema a seguir:



Esquema I – Lexicologia, Lexicografia e Metalexicografia.

2.1 Dicionários — tipologia

Os estudiosos da Metalexicografia constroem critérios variados para classificar as obras lexicográficas e, a priori, não existe um consenso em relação à tipologia de dicionários, já que critérios distintos de classificação geram tipologias também distintas. Um teórico adota os critérios de acordo com o enfoque que deseja dar, por isso não há uma tipologia padrão e nem tampouco uma exclui a outra. Mesmo tendo consciência de que não há uma tipologia ideal, optamos por adotar, neste trabalho, a tipologia desenvolvida por Haensch (1982, p. 95-187), por ser abrangente e dar conta das mais diversas especificidades lexicográficas, sem ser exaustiva, “embora inclua a maioria das obras de referência que conhecemos” (SILVA, 2007, p. 291).

Haensch (1982, p. 95- 125), antes de apresentar sua tipologia, segundo critérios teórico-linguísticos, discorre sobre (i) a tipologia das obras lexicográficas do ponto de vista da linguística teórica, em que apresenta distinção entre obras como glossários, vocabulários, atlas lexicais, dicionários de pronúncia, de construção, de colocações, de fraseologismos, entre outros; (ii) a tipologia das obras lexicográficas segundo critérios histórico-culturais e práticos, fazendo um levantamento dos diversos tipos de dicionários, desde os primórdios até o século

plagiando-o impunemente; mas por outro lado, a ele é solicitado que encarne um híbrido de filólogo, lexicólogo, gramático, dialectólogo, sociólogo, historiador e sabe Deus quantas coisas mais” (TN).

XX, evidenciando a evolução do fazer lexicográfico. A partir desse estudo, apresenta oito critérios práticos para a distinção e classificação de obras lexicográficas, que passamos a descrever em seguida.

2.1.1 Formato e extensão

O critério formato e extensão classifica as obras em relação ao formato físico do produto, ou seja, suas dimensões, quantidade de volumes, número de páginas e a extensão em relação ao número de entradas³⁸. Assim, as obras podem ser classificadas em:

- a) Dicionário geral: a (quase) totalidade do léxico;
- b) Dicionário padrão: em média 50 mil entradas;
- c) Dicionário escolar: entre 15 mil a 30 mil entradas;
- d) Dicionário infantil: de 4 mil a 5 mil entradas.

2.1.2 Caráter da obra

O caráter da obra, segundo Haensch (1982, p. 95-125), pode ser linguístico ou enciclopédico. Obras com caráter linguístico tratam de signos e com caráter enciclopédico tratam de coisas. A maioria dos dicionários enquadra-se na primeira classificação, por descreverem as palavras, e as enciclopédias na segunda, por demonstrarem as coisas que designam os signos, no mundo real. Muitos dicionários têm caráter duplo, por apresentarem definições linguísticas e enciclopédicas nos seus respectivos verbetes. Esse recurso é muito utilizado em dicionários infantis já que o público-alvo necessita da descrição extralinguística para a percepção do referencial.

³⁸ Entrada é “cada uma das palavras explicadas por um dicionário. Em geral as entradas são alistadas em ordem alfabética e na forma canônica ou lema” (BIDERMAN, 1984, p. 138-139).

Forma canônica é a “forma de uma palavra considerada como forma-base para dar a ela entrada em um dicionário. As palavras que sofrem flexões morfossintáticas variadas e variáveis no discurso têm sido tradicionalmente representadas por uma das variantes do seu paradigma. Por exemplo: no caso do adjetivo, o masculino singular (*belo, bonito, amável, feliz*); no caso do verbo, a forma infinitiva (*amar, vender, partir*)” (BIDERMAN, 1984, p. 139).

Lema é a “unidade léxica ideal que representa um paradigma de formas flexionadas. Essa unidade constitui a típica entrada de dicionário e representa todas as demais formas do paradigma. Por exemplo: a forma infinitiva *cantar* que aparece no dicionário de português representa todas as outras variantes deste paradigma verbal: *canto, cantara, cantasse, cantando* etc. É, portanto, um lema. cf. forma canônica (BIDERMAN, 1984, p. 139).

2.1.3 Sistema linguístico em que se baseia a obra

A nomenclatura de um dicionário pode ser extraída de um sistema linguístico individual de um autor, de um conjunto de autores, de alguma outra obra ou ainda de uma base de dados, isto é, obtida por meio de um *corpus* de referência. A informação em relação à fonte deve aparecer no prefácio das obras, esclarecendo, assim, aos usuários de onde foram retirados os lemas que compõe a nomenclatura. Borba (2004), por exemplo, no prefácio do *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*, esclarece que se baseou em um *corpus* informatizado para compor a nomenclatura de sua obra. Esse procedimento já é praxe em países com modernas técnicas lexicográficas, haja vista a expansão dos recursos tecnológicos, porém, no Brasil, ainda não é uma prática recorrente entre os lexicógrafos, salvo raras exceções. Também, há de ressaltar que uma obra baseada em um *corpus* de referência reflete de forma fidedigna a realidade linguística da sociedade.

2.1.4 Número de línguas

Há dicionários monolíngues (com uma única língua) e dicionários plurilíngues, que se dividem em bilíngues (duas línguas) e multilíngues (mais de duas línguas). Os dicionários plurilíngues diferem-se dos monolíngues por não conter verbetes com textos definitórios, mas tão somente palavras equivalentes.

2.1.5 Seleção do léxico

O quinto critério classifica os dicionários quanto à seleção do léxico, subdividindo-os em quatro tipos: geral ou parcial; exaustivo ou seletivo; critério cronológico; prescritivo ou descritivo.

2.1.5.1 Vocabulário geral ou parcial

Os dicionários, segundo Haensch (1982, p. 95-125), podem contemplar o léxico geral ou parcial da língua em uso. Os dicionários gerais

pretendem abarcar o vocabulário geral da língua, dando conta do maior número possível de unidades e do maior número possível de acepções e usos para cada unidade (usos formais e correntes, registros regionais e especializados ou terminológicos) destina-se ao público em geral (CORREIA, 2009, p. 39).

No Brasil, há dicionários gerais já consagrados pela tradição, como o *Novo dicionário da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 2004); *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS, 2001); *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa* (CALDAS AULETE, 1970), entre outros. Esses dicionários são atualizados periodicamente e possuem versões eletrônicas que facilitam o acesso e a pesquisa por parte do usuário.

Os dicionários parciais são compostos por subconjuntos de unidades lexicais de acordo com critérios diferenciados, o que ocasiona uma ampla variedade de tipos de obra que se enquadram nessa categoria. Por isso Porto Dapena (2002, p. 62) classificou os dicionários parciais em dois grupos, segundo o tipo de restrição adotada: de ordem externa ou interna. Entre os pertencentes ao primeiro grupo destacam-se: os diatópicos ou geográficos que registram dialetos e variantes regionais; os diastráticos que dizem respeito aos grupos sociais, registrando gírias, socioletos (jargões) e tecnoletos de uma determinada categoria profissional; os diafásicos que priorizam os níveis de linguagem como conotações, língua coloquial ou literária; os diatécnicos que são os dicionários terminológicos com descrição linguística, que registram o vocabulário técnico de uma determinada ciência, profissão ou atividade humana, como por exemplo, medicina, caça etc; os diaintegrativos que se ocupam do registro de estrangeirismos com finalidade purista, ou seja, adotar um correspondente na língua materna; os dianormativos que registram as variantes consideradas contrárias à norma da língua; os dicionários onomásticos que são relativos a antropônimos (nomes próprios) e topônimos (nomes de lugares). Enfim, há inúmeras outras formas de fracionar o léxico, obtendo assim, dicionários parciais que delimitam a realidade de acordo com o enfoque que se deseja.

Os dicionários parciais com restrição interna são aqueles cuja seleção dos lemas se baseia em algum aspecto linguístico, fornecendo informações muito específicas. Nessa categoria também há muitas possibilidades de subclasses, como destaca Porto Dapena (2002, p.64), sendo necessária uma redução a dois tipos fundamentais: dicionários gramaticais e textuais. O primeiro tipo é composto de palavras que apresentam um determinado comportamento em seu nível fônico, morfológico ou sintático, dando origem assim aos dicionários de verbos, de regências, de sinônimos, de antônimos, ortográficos, de famílias de palavras, entre outros que priorizam as questões gramaticais.

Os dicionários textuais registram pequenos textos, que atuam como “discursos repetidos”³⁹ ou expressões fixas, dando origem a dicionários de *refrões*, de provérbios, de citações e de fraseologismos em geral.

2.1.5.2 Seleção do léxico exaustiva ou seletiva

Dicionário exaustivo ou extenso tenta abarcar todo o léxico de uma língua, incluindo numerosas entradas não mais utilizadas na língua corrente, como arcaísmos e palavras utilizadas apenas no âmbito literário. Esse tipo de dicionário, devido à sua extensão, é conhecido por *thesaurus*⁴⁰. Biderman (1998, p. 130) pondera que “nenhum dicionário por mais volumoso que seja, dará conta integral do léxico de uma língua de civilização”, porque a língua está em constante renovação e a cada dia novos itens lexicais surgem para nomear novas realidades. Por outro lado, muitas palavras e expressões caem em desuso e outras são utilizadas muito raramente. Dessa forma,

um dicionário padrão (50.000 verbetes) possui um repertório lexical que nenhum usuário jamais utilizará, quer no seu vocabulário ativo, quer no seu vocabulário passivo, mesmo os mais competentes falantes do idioma. Um *thesaurus* (100.000, 200.000 palavras ou mais) inclui necessariamente um grande número de palavras raras, desusadas, obsoletas, outras que são exclusivamente literárias, um grande número de termos técnicos e científicos, de regionalismos e de neologismos (BIDERMAN, 1984, p. 28).

Os dicionários seletivos são obras que registram o vocabulário com marcação diafrequente (utilizam a frequência como critério para a seleção do léxico) selecionando, assim, as palavras pelo uso, prescindindo dos tecnicismos e regionalismos. Nesse tipo de obra há a ampliação da parte sintagmática das entradas, sem, no entanto, deixar de oferecer uma parte paradigmática. A maioria dos dicionários gerais se enquadra nessa categoria, porém os mais representativos, na prática, são os dicionários de uso, os dicionários de aprendizagem e os dicionários de frequência. É importante enfatizar que

³⁹“Os estudos fraseológicos modernos se desenvolvem consideravelmente a partir do conceito de ‘discurso repetido’ de Coseriu. Para Coseriu (1977) o discurso repetido abarca tudo o que tradicionalmente está fixado, por exemplo: as frases feitas, as locuções cujos elementos constitutivos são substituíveis ou recombinaíveis segundo as regras atuais da língua” (SILVA, 2006, p. 15).

⁴⁰ *Thesaurus* ou tesouro: “dicionário completo que deveria conter todas as palavras de uma língua, descrevendo o universo vocabular desse idioma na sua totalidade. Não só a sua nomenclatura deverá ser exaustiva, como a redação dos verbetes, incluindo-se neles todas as denotações e conotações possíveis da palavra-entrada. Ainda mais: deverá conter uma exemplificação e documentação completa dos valores e usos de cada palavra; para tanto, a equipe responsável pela elaboração de um *thesaurus* deverá compilar todos, ou quase todos, os textos escritos da língua para evitar omissões” (BIDERMAN, 1984, p. 144).

[...] teóricamente, tanto los diccionarios generales como los parciales o especializados podrían ser exhaustivos o selectivos. En cuanto a los diccionarios generales, ya hemos comprobado que es más o menos imposible que sean exhaustivos. Si lo fuesen, resultarían poco manejables, muy costosos y quedarían pronto anticuados o incompletos. En cuanto a los diccionarios especiales, parece más fácil alcanzar esta meta cuando se trata del vocabulario parcial de un dominio reducido, como el de la relojería, la piscicultura o el del fútbol (HAENSCH, 1982, p. 153).⁴¹

Os dicionários de uso são elaborados a partir de um *corpus* de referência, que representa, dessa forma, a língua em uso. Nesse tipo de obra é utilizado o critério da frequência para a seleção do léxico, assim, palavras de baixa frequência não figuram na nomenclatura do dicionário. No Brasil, há no mercado editorial dois dicionários representantes dessa categoria — *Dicionário de Usos do Português do Brasil* (2002) e *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo* (2004) — ambos organizados por Francisco S. Borba, que inovou a prática lexicográfica brasileira por registrar a linguagem real da comunidade de falantes, como observa Krieger (2005, p.106-107):

trata-se agora de valorizar a linguagem em sua prática, tomando por base a utilização recorrente de unidades lexicais em suas formas e sentidos por uma comunidade linguística e não somente por uma classe intelectual. Dito de outro modo, nesse tipo de dicionário, não se trata mais de registrar o “melhor” da língua, mas a língua “concreta” e, nessa medida, a língua real. Trata-se aqui de uma importante mudança de foco, ou seja, a lexicografia prescritiva cede lugar à lexicografia descritiva.

Os dicionários de aprendizagem são obras voltadas para aprendizes de língua materna ou de outros idiomas, ou seja, são vocacionados para um público que está em fase de aprendizagem. A maior parte dos dicionários de aprendizagem é do tipo escolar, que é nosso objeto de análise no item 2.3, onde nos dedicamos a explicitar suas características diferenciando-o dos dicionários gerais.

2.1.5.3 Critério cronológico

Pelo critério cronológico Haensch (1982, p. 95-125) classifica os dicionários em diacrônicos ou sincrônicos. Dicionários diacrônicos estudam a evolução das palavras através

⁴¹ “Teoricamente, tanto os dicionários gerais como os parciais ou especializados poderiam ser exhaustivos ou seletivos. Quanto aos dicionários gerais, já comprovamos que é mais ou menos impossível que sejam exhaustivos. Se o fossem, seriam de difícil manejo, muito caros e em pouco tempo se tornariam antiquados ou incompletos. Quanto aos dicionários especiais, parece mais fácil alcançar essa meta quando se trata de vocabulário parcial de um domínio reduzido, como o da relojoaria, da piscicultura ou do futebol” (TN).

dos tempos e os dicionários sincrônicos registram uma seleção do léxico em um determinado momento. Os dicionários históricos e etimológicos são considerados dicionários diacrônicos, já que o primeiro estuda a trajetória de uma palavra e suas modificações de forma e significado através dos séculos, desde o seu surgimento, documentado em algum texto escrito, até o presente, e o segundo ocupa-se de datar e explicar a origem das palavras. Às vezes, dicionários etimológicos e históricos se confundem, porque sua distinção

[...] puede no resultar clara a primera vista, puesto que tan impensable puede parecer que un diccionario histórico prescindia de la etimología como que un etimológico no se ocupe en alguna media de la historia de las palabras. En teoría, desde luego, un diccionario histórico se ocupará, con carácter primordial, de la historia de los vocablos, es decir, desde que aparecen en la lengua hasta el momento actual o de su desaparición, en tanto que un diccionario etimológico centrará, fundamentalmente, su atención en la etimología u origen de las palabras, esto es, en lo que podríamos llamar su prehistoria (PORTO DAPENA, 2002, p. 51).⁴²

Os dicionários sincrônicos, principalmente do tipo geral exaustivo, muitas vezes, trazem informações históricas e etimológicas a respeito das palavras lematizadas, mas nem por isso podem ser considerados diacrônicos, já que não têm como foco principal esse tipo de descrição lexical. Podemos exemplificar com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS, 2001) que, mesmo registrando a etimologia e a data do mais antigo registro das palavras, não é um dicionário etimológico, classificando-se, portanto, como dicionário sincrônico.

As primeiras obras lexicográficas diacrônicas da língua portuguesa foram elaboradas no século XVIII, em Portugal, com o intuito de compreender a história da língua para decifrar textos antigos. Nesse particular, Verdelho (2002, p. 29) informa:

O *Elucidario* (cf. Viterbo 1798/1799) de Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo (1744-1822) feito com base (inconfesso furto) no ms. de Fr. Bernardo da Encarnação (Fiúza 1965, 53 e s.), é um valioso (apesar de incompleto) dicionário do português arcaico, compilado para facilitar a leitura do texto antigo documental. Forma, juntamente com a obra (ainda actual) de Fr. João de Sousa (1734-1812), *Vestígios da língua árabe em Portugal*, ou *Lexicon etymologico de palavras e nomes portugueses, que tem origem arabica* o primeiro conjunto de lexicografia do tipo filológico, testemunhando igualmente o interesse desta época pelos estudos lexicográficos e metalinguísticos.

⁴² [...] “pode não parecer clara à primeira vista, haja vista que pode parecer tão impensável um dicionário histórico prescindir da etimologia quanto um etimológico não se ocupar, em alguma medida, da história das palavras. Teoricamente, é claro, um dicionário histórico se ocupará com o caráter primordial da história dos vocábulos, isto é, desde que eles aparecem na língua até o momento atual ou de seu desaparecimento, enquanto um dicionário etimológico centrará, fundamentalmente, sua atenção na etimologia ou origem das palavras, isto é, no que poderíamos chamar de sua pré-história” (TN).

No século XX, foram organizados vários dicionários etimológicos de língua portuguesa: *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (NASCENTES, 1932); *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (MACHADO, 1952-1959); *Dicionário Etimológico Resumido* (NASCENTES, 1966); *O Grande Dicionário Etimológico - Prosódico da Língua Portuguesa* (SILVEIRA BUENO, 1966); *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (CUNHA, 2007 [1982]).

Entretanto, até o momento, não há nenhum dicionário histórico de língua portuguesa publicado, “encontramos, porém, informações históricas sobre as palavras do Português no *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*, de Joan Corominas, publicado pela primeira vez em 1954, e no *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*, de Meyer-Lübke” (CORREIA, 2009, p. 43). No Brasil, foi publicado em 1976 o *Dicionário Histórico das palavras portuguesas de origem tupi*, de Antônio Geraldo da Cunha e encontra-se em curso o projeto *Dicionário Histórico do Português do Brasil (sécs. XVI a XVIII)*, idealizado por Maria Tereza Biderman, em 2005, com o objetivo de descrever o léxico do português brasileiro dos séculos XVI até o século XVIII, período esse de formação da nossa língua. Esse dicionário está sendo construído a partir de uma base informatizada com um banco de dados que “reúne textos dos mais variados gêneros que foram escritos sobre o Brasil por portugueses ou por brasileiros durante o período colonial” (MURAKAWA, 2010, p. 238).

2.1.5.4 Caráter prescritivo ou descritivo

Dicionário prescritivo ou normativo tem como objetivo orientar o usuário em relação à variedade linguística padrão, ou seja, aquela considerada adequada socialmente. Já o dicionário descritivo apenas descreve os significados e usos das unidades lexicais, tendo por objetivo não adotar postura normalizadora. Entretanto, em maior ou menor grau todos os dicionários exercem função normativa, já que esse fator também diz respeito à postura adotada pelos usuários diante da obra lexicográfica, cuja descrição serve como modelo de correção.

Entre os dicionários com função estritamente normativa podemos citar os dicionários acadêmicos, escolares, dicionários de dificuldades, de verbos, ortográficos, de pronúncia, entre outros tipos. A maioria dos dicionários monolíngues, gerais e sincrônicos enquadra-se na categoria de dicionários descritivos, porém o dicionário de uso cumpre o objetivo maior de

não se preocupar com a forma correta ou incorreta, mas sim registrar todos os níveis de linguagem.

2.1.6 Ordenação das matérias

A ordenação das matérias estabelece a macroestrutura de uma obra, que pode ser organizada com percurso semasiológico ou onomasiológico. Um dicionário semasiológico é ordenado por significantes e geralmente em ordem alfabética enquanto um dicionário onomasiológico organiza-se por conceitos (significados) agrupados de acordo com as associações entre os conteúdos, as coisas e a língua, formando, assim, um campo lexical e/ou semântico.

Os dicionários onomasiológicos podem ser ideológicos ou analógicos. Os primeiros agrupam as palavras por analogia de sentido, fora da ordem alfabética e o segundo parte de uma palavra de entrada para um agrupamento em ordem alfabética. Esses dicionários auxiliam na produção de textos, sendo ferramenta útil para o ensino-aprendizagem do vocabulário. Entretanto, a consulta a essas obras torna-se difícil, se não houver um índice dos lemas, em ordem alfabética, com remissão para o agrupamento de palavras correspondente, para facilitar a pesquisa. Outro problema encontrado nos dicionários onomasiológicos é que eles apenas apresentam agrupamentos de palavras de forma cumulativa, sem, no entanto, defini-las, o que leva o usuário a outro dicionário, do tipo definitório. Esses fatores, aliados à complexidade de alguns dicionários onomasiológicos, contribuem para a rejeição desse tipo de obra por parte dos usuários.

Entre os dicionários onomasiológicos, destacam-se o *Dicionário analógico da língua portuguesa: ideias afins/thesaurus*, de Francisco Ferreira dos Santos Azevedo (1950) e o *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa* (CARLOS SPITZER, 1959). Também “uma referência obrigatória para este tipo é o segundo volume do *Dicionário Geral e Analógico*, de Artur Bívar, publicado entre 1948 e 1958. O dicionário recente que mais se aproxima deste tipo é o *Dicionário Mais – da Ideia às palavras*, publicado em 1992” (CORREIA, 2009, p. 45).

Há poucas obras onomasiológicas no mercado editorial, a maioria dos dicionários de língua portuguesa disponível é do tipo geral e semasiológico, principalmente aqueles com objetivos pedagógicos, pela sua facilidade de manuseio.

2.1.7 Finalidades específicas do dicionário

Há vários tipos de dicionários: alguns destinados ao grande público, como os dicionários definitórios (geralmente monolíngues e gerais); outros com finalidades específicas e público-alvo definido, como por exemplo: dicionários de equivalência (plurilíngues); dicionários de uso; dicionários de aprendizagem; dicionários dialetais; dicionários de fraseologia; dicionários de arcaísmos; dicionários de neologismos; dicionários de frequência; dicionários etimológicos; dicionários históricos; dicionários de estrangeirismos, entre outros.

O dicionário escolar é considerado um dicionário de aprendizagem, mas há outros dicionários de cunho pedagógico, que privilegiam uma parte restrita do léxico, com informações específicas, como os dicionários de verbos, de sinônimos, de antônimos, de regência, entre outros recortes.

2.1.8 Meios de divulgação

O oitavo critério estabelecido por Haensch (1982, p. 186) classifica os dicionários em convencionais ou eletrônicos. Os dicionários convencionais ou tradicionais são impressos em papel e os eletrônicos podem ser armazenados em memórias de computadores, CD-ROM DVD, ou ainda podem ser *on-line*, ou seja, disponibilizados na Internet. Esses dicionários eletrônicos são muito práticos e podem ser acessados a qualquer momento, em qualquer lugar, bastando para isso um aparelho com sistema operacional que permita baixar o arquivo do dicionário ou que esteja conectado à Internet, para consulta *on-line*.

Os dicionários eletrônicos contêm praticamente os mesmos tipos de informações que os dicionários impressos, porém a forma de buscá-las é mais prática e rápida, o que nos possibilita pesquisas diversas a partir da navegação pelo banco de dados, contribuindo, assim “para potenciar toda uma rede de relações entre as unidades lexicais, materializadas em hiperligações, isto é, em referência a outros artigos aos quais se pode aceder diretamente por meio de um clique” (CORREIA, 2009, p. 35).

Qualquer tipo de dicionário pode utilizar um ou outro, ou ainda, ambos meios de divulgação. Também, é necessário esclarecer que muitos tipos de obras podem se enquadrar em vários critérios de classificação, aqui arrolados, já que “a nomenclatura das obras não é uniforme nem unívoca, podendo haver superposição de traços” (SILVA, 2007, p. 287). Entretanto, todas as obras lexicográficas possuem duas partes distintas: a macroestrutura e a microestrutura, focalizadas a seguir, explicitando também o trabalho do lexicógrafo.

2.2 O fazer lexicográfico – macroestrutura e microestrutura

Organizar e produzir um dicionário não é uma tarefa fácil. É muito penoso, para um lexicógrafo, a escolha do acervo lexical que irá compor a nomenclatura do dicionário, pois elaborar um dicionário não é apenas listar vocábulos da língua e atribuir-lhe significados. Há muitos critérios que devem ser observados em relação à Lexicologia e, principalmente, a forma como toda a nomenclatura será estruturada de acordo com os parâmetros da Lexicografia. Dessa forma, é necessário, primeiramente, determinar a macroestrutura, para depois ordenar a microestrutura.

A macroestrutura, segundo Rey-Debove (1971, p. 21), é “l’ensemble des entrées ordonnées, toujours soumise à une lecture verticale partielle lors du repérage de l’objet du message”⁴³. Essa definição de macroestrutura, apesar de apropriada, é parcial, por considerar apenas a nomenclatura do dicionário e não mencionar os textos que compõem o dicionário, como o prefácio ou parte introdutória, lista de abreviaturas usadas no dicionário, resumo da gramática, lista de siglas e/ou abreviaturas, lista de verbos, lista de provérbios, lista de nomes próprios, bibliografia, fontes, e outros textos informativos. Entre esses textos o mais importante é o prefácio. Segundo Nunes (2006, p. 33):

Os prefácios, vistos aqui amplamente como os textos introdutórios de um dicionário, constituem material fundamental para a análise das condições de produção do discurso e da posição do lexicógrafo. Lá autores se colocam, construindo as imagens dos leitores e as do dicionário: o plano da obra, a concepção de língua, o recorte da nomenclatura, os procedimentos lexicográficos, e o contexto em que o dicionário se insere.

Se observados os dicionários, em geral, pode-se perceber que muitos dicionaristas não descrevem o próprio fazer lexicográfico, mas “toda obra lexicográfica estruturada com base em princípios e metodologia claros costuma explicitar suas condições de produção nas partes pré-textuais” (KRIEGER, 2005, p. 108-109). Dessa forma, todo dicionário, principalmente os de aprendizagem, deveria apresentar um prefácio explicativo, esclarecendo a proposta lexicográfica da obra, levando em conta não só o público-alvo a que a obra se destina, mas também educadores e pais, já que são os adultos que escolhem e compram a obra para os estudantes.

Para definir a macroestrutura de um dicionário, além dos textos que compõem a obra, deve-se determinar, também, critérios para a seleção da nomenclatura, partindo dos seguintes

⁴³ [...] “conjunto de entradas ordenadas, sempre submetidas a uma leitura vertical parcial pelo sinal tipográfico do objeto da mensagem.” (TN).

questionamentos: (i) De onde serão retirados os lemas? (ii) Em relação à representatividade da língua, focar somente o português brasileiro ou lematizar palavras do português europeu? (iii) Que tipos de palavras devem ser lematizadas? (iv) Qual o tamanho da nomenclatura? (v) Que critérios serão adotados para que o lema seja eleito como entrada ou subentrada? (vi) Que tratamento será dado aos fraseologismos, às palavras homônimas, aos elementos de composição, aos estrangeirismos e outros lexemas menos frequentes?

Além das decisões que o lexicógrafo deve tomar, há outros fatores relacionados ao dicionário do ponto de vista editorial, já que esse é um produto e como tal é passivo de imposições inerentes à difusão e à comercialização em um determinado mercado. Portanto, muitas vezes, o lexicógrafo é obrigado a relativizar suas convicções teóricas para atender ao mercado editorial, que visa ao lucro e não, necessariamente, à qualidade. Além disso, Villar (2011, p. 19) aponta outros problemas como:

Pressão e prazos a cumprir numa atividade voltada para a minúcia e a pesquisa. Dificuldade de encontrar ou de desenvolver lexicógrafos bem dotados para esse trabalho. Problemas técnicos, no Brasil, como o levantamento informático eficiente de *corpora* para a utilização como base do nosso trabalho. E ainda as questões ligadas à obtenção de fundos estáveis, para que o trabalho possa transcorrer sem interrupções, pois, quando acontece uma descontinuação, a equipe de trabalho se desfaz e a obra periga.

Após vencidos todos os percalços para definir a macroestrutura de um dicionário, deve-se pensar na microestrutura, pois, depois de “realizar una selección del léxico total de un conjunto (o de un subconjunto), el lexicógrafo transforma un inventario abierto en otro inventario cerrado, que es el que figura en el diccionario, etc., que se elabora” (HAENSCH, 1982, p. 461)⁴⁴. Esse inventário fechado é subdividido em verbetes que, por manterem uma estrutura constante, com finalidade e objetivo específicos, são considerados gêneros textuais, segundo Bakhtin (1997). A estrutura do verbete pode variar de um dicionário para outro, mas jamais dentro do próprio dicionário, que contém uma ordenação rigorosa e uniforme para cada categoria de palavra. O enunciado lexicográfico de uma preposição, por exemplo, é diferente de um substantivo, mas igual ao de outra preposição. Assim, os lexicógrafos devem estabelecer critérios de acordo com o tipo de obra que irão elaborar, pois há várias formas de se organizar o interior de um verbete, mas é necessário estabelecer um padrão, para facilitar,

⁴⁴ [...] “realizar uma seleção do léxico total de um conjunto (ou de um subconjunto), o lexicógrafo transforma um inventário aberto em outro fechado, que é o que figura em um dicionário, etc., que se elabora” (TN).

por um lado, o trabalho lexicográfico e, por outro, a pesquisa e a compreensão por parte do usuário.

A partir da noção de verbete podemos definir a microestrutura, segundo Rey-Debove (1971, p. 21), como “l’ensemble des informations ordonnées de chaque article, réalisant un programme d’information constant pour tous les articles, et qui se lisent horizontalement à la suite de l’entrée (l’ordre des informations permet, au mieux, une consultation interne)”⁴⁵. Assim, o *verbe* é o conjunto composto pela *entrada* mais o enunciado lexicográfico. Há várias informações que podem ser arroladas no interior de um verbete, como questões gramaticais ou aquelas que identificam a palavra na sincronia (divisão silábica, grafia, pronúncia, acentuação, classe gramatical, flexões) e na diacronia (etimologia da palavra); questões paradigmáticas (sinônimos, antônimos, parônimos, indicações das famílias das palavras); indicações sintagmáticas (construção, regime preposicional, valências verbais, colocações, fraseologismos, exemplos de uso); informações semânticas (por exemplo, sobre metáforas) e outras informações como marcas de uso.

2.2.1 Definição lexicográfica: conceitos e métodos

Entre todas as informações constantes na microestrutura, a definição do lema é a fundamental, por ser o argumento principal de um dicionário, já que a maioria dos usuários o consulta em busca da significação da palavra. Entretanto, para o lexicógrafo, a definição é uma tarefa de extrema dificuldade porque a significação da palavra depende de fatores históricos, sociais e culturais que podem ampliar, restringir ou modificar o seu conteúdo semântico. Ainda, é importante ressaltar a multiplicidade de sentidos que uma palavra pode evocar, tanto denotativamente quanto conotativamente. Então, “il s’agit donc de trouver des mots ‘économiques’, c’est-à-dire comportant beaucoup d’éléments de sens, mais aussi des mots que renvoient aisément au concept, la bonne définition étant tout simplement”⁴⁶ (REY-DEBOVE, 1966, p. 75).

Além da dificuldade inerente à atribuição de significação às palavras, deve-se atentar para o objetivo do enunciado definitório, para selecionar um tipo específico de definição:

⁴⁵ [...] “o conjunto de informações ordenadas de cada verbete, realizado com um programa de informação constante para todos os verbetes, que se lê horizontalmente depois da entrada (a ordem das informação permite uma melhor consulta interna)” (TN).

⁴⁶ [...] “não se trata de encontrar as palavras 'econômicas', isto é, portadoras de muitos elementos de sentido, mas também palavras que remetem facilmente ao conceito, a boa definição é simplesmente tudo” (TN).

terminológica, lexicográfica, enciclopédica ou lógica. A definição terminológica trata de termos técnicos-científicos, que por meio de

enunciado-texto dá conta de significados de termos ou expressões de uma técnica, tecnologia ou ciência no escopo de uma situação comunicativa profissional, veiculando, assim, conceitos de uma área de conhecimento. A definição lógica, de um outro modo, estabelece um valor proposicional de verdade (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 93).

A definição enciclopédica tem o foco no referente (coisas), descrevendo exhaustivamente um objeto real, num processo onomasiológico, ou seja, que parte do significado para o termo, enquanto a definição lexicográfica “est explicative: elle s’applique à un signifié donné, préexistant, le sens du mot en langue”⁴⁷ (REY-DEBOVE, 1971, p. 180). A definição lexicográfica centra-se, assim, nos signos da língua, explicando-os com o objetivo de esclarecer, partindo da palavra para a distinção dos seus vários significados ou acepções em “que los resultados del análisis semasiológico se hayan de transformar en tipos tradicionales de definición, los cuales, a lo sumo de modo indirecto, permiten obtener conclusiones sobre la composición del semema formado por semas”⁴⁸ (WERNER, 1982, p. 272-273).

Em dicionários gerais e escolares é utilizada a definição lexicográfica, porém muitos utilizam também a definição enciclopédica, ficando, dessa forma, difuso o limite entre o uma e outra. Isso se dá porque, em muitos casos, definir lexicograficamente uma palavra não é suficiente para identificar o *definiendum*⁴⁹, então há “sobreposições entre um tipo e outro, tal que uma definição lexicográfica, por exemplo, poderá apresentar elementos ou características de um padrão que se reconheça como enciclopédico (KRIEGER; FINATO, 2004, p.92).

Em um dicionário escolar infantil utiliza-se, além da definição lexicográfica, também a definição enciclopédica, para estabelecer a identificação, pelo usuário, do *definiendum* com a realidade. Já em um dicionário escolar padrão (que tem como público-alvo o adolescente/jovem) predomina a definição lexicográfica, utilizando-se, portanto, o método de acordo com as características do *definiendum*.

Os métodos mais utilizados em definições lexicográficas, segundo Dubois (1971, p.84-89) e Werner (1982, p.259-327), são a paráfrase e a sinonímia. Na paráfrase,

⁴⁷ [...] “é explicativa: se aplica a um significado produzido, pré-existente, é a significação da palavra na língua” (TN).

⁴⁸ [...] “que os resultados da análise semasiológica tenham que se transformar em tipos tradicionais de definição, os quais, na maioria das vezes, de modo indireto, permitem obter conclusões sobre a composição do semema formado por semas” (TN).

⁴⁹ [...] “*definiendum*: a palavra-entrada do dicionário que deve ser definida pelo dicionarista; *definiens*: a palavra (ou palavras) usada(s) para definir o *definiendum*” (BIDERMAN, 1984, p.137).

la définition est formée de phrases sémantiquement équivalentes au mot d'entrée (c'est la définition formelle), être peut y être paraphrasé par "être identique à"; ou de phrases énumérant les propriétés de l'objet culturel ou physique, idéologique ou ontologique (c'est la définition substantielle), être peut y être paraphrasé par "dénoter".

[...] la définition du mot consiste à donner une paraphrase qui lui soit sémantiquement équivalente: ceci signifie que, le contenu étant considéré comme invariant et, en quelque sorte, mis entre parenthèses, il existe au moins deux "expressions" qui peuvent le dénoter.

Autrement dit, la définition lexicographique du mot implique l'existence d'un universel sémantique : il y a toujours au moins une paire de synonymes pour chaque terme de la langue, ce terme pouvant être un mot ou une phrase. On peut toujours substituer à un terme de la langue, un autre terme ou une phrase sans que le sens en soit modifié (DUBOIS, 1971, p. 84-85).⁵⁰

Na definição sinonímica, segundo Werner (1982, p. 280), há de se evitar a circularidade, que ocorre

Cuando un semema de una unidad léxica A es caracterizado directamente por un semema de una unidad léxica B, mientras que el semema utilizado para la caracterización de esta unidad léxica B, a su vez, es caracterizado substancialmente de manera directa por el semema de la unidad léxica A, caracterizado ya por él.⁵¹

Em relação à sinonímia há de se destacar, ainda, que esse método é muito criticado, pelos teóricos da área (WERNER, 1982, p. 276-279; WEINREICH, 1984, p. 115; REY-DEBOVE, 1971, p. 202- 213), por considerarem que não há sinônimos perfeitos na língua que substituam ou supram a ausência do *definiendum*, há apenas palavras equivalentes, porque "raramente há identidade de definição entre vocábulos dados como sinônimos [...] também não coincide a delimitação e a descrição de duas entradas de dicionário, de palavras dadas como sinônimas" (BIDERMAN, 2001, p. 195). Entretanto, a definição por sinônimos é muito utilizada em dicionários escolares, porque não é muito extensa, economiza espaço na obra e facilita a consulta. A definição sinonímica é um importante recurso lexicográfico, pois há muitas palavras cuja definição seria inviável sem a utilização desse método.

⁵⁰[...] "a definição é formada de frases semanticamente equivalentes à palavra da entrada (essa é a definição formal), pode ser uma pequena paráfrase por "ser idêntico a"; ou de frases que listam as propriedades do objeto cultural ou física, ideológica ou ontológica (essa é a definição substancial), pode ser parafraseada por "denotar". [...] A definição da palavra consiste em dar uma paráfrase que lhe seja semanticamente equivalente: Isso significa que o conteúdo é considerado invariante e, de alguma forma, colocada entre parênteses, há pelo menos duas "expressões" que podem denotá-lo.

Em outras palavras, a definição lexicográfica da palavra implica a existência de uma semântica universal: há sempre, pelo menos, um par de sinônimos para cada termo da língua, esse termo pode ser uma palavra ou frase. Pode-se, sempre, substituir um termo de língua, por um outro termo ou frase sem que o sentido seja alterado" (TN).

⁵¹ "Quando um semema de uma unidade léxica A é caracterizado diretamente por um semema de uma unidade léxica B, enquanto que o semema utilizado para a caracterização desta unidade léxica B, por sua vez, é caracterizado substancialmente de maneira direta pelo semema da unidade léxica A, já caracterizado por ele" (TN).

Além da paráfrase e da sinonímia, há outros métodos de definição lexicográfica, entre eles o analítico (WEINREICH, 1984, p. 103-117; REY-DEBOVE, 1966, p. 79) também conhecido por definição *aristotélica* ou *intencional*, que faz uma análise semântica do *definiendum*, decompondo seus significados numa relação genérica/específica em que um hiperônimo ou arquilexema corresponde “au genre prochain de la logique, la définition donnant le genre prochain et la différence spécifique”⁵² (REY-DEBOVE, 1966, p. 79).

Também, há alguns métodos menos utilizados, como o método ostensivo, o implicativo e o produtor de regras (WEINREICH, 1984, p. 115). A escolha por um ou outro método, ou ainda a sobreposição deles vai depender do tipo de dicionário, do público-alvo e das características próprias do *definiendum*. Os lexemas, por exemplo, segundo Rey-Debove (1966, p. 91), podem ser classificados utilizando o método analítico (em uma análise positiva e/ou negativa) e o método sinonímico. Não há definições corretas ou incorretas, há definições adequadas ou não para determinadas obras, dependendo da proposta lexicográfica, entretanto, há de se observar alguns princípios que regem o texto definitório, segundo Porto Dapena (2002, p. 271):

Se suelen citar a este respecto seis principios distintos: uno de carácter general, que es el de equivalencia, junto a otros más particulares, representados por el de conmutabilidad o sustitución, el de identidad categorial o funcional, el de análisis, el de transparencia y, finalmente, el de autosuficiencia⁵³.

Segundo o princípio da equivalência, o *definiens* deverá conter todo o *definiendum* e nada mais que isso, havendo, assim, uma equivalência total, tanto de extensão quanto de compreensão. Porto Dapena (2002, p. 271) exemplifica:

Una definición como
Hombre. Animal mamífero
 cumpliría la primera condición, la de la extensión, pues todo hombre es un mamífero; pero no cumpliría la segunda, la de la comprensión, puesto que no solamente el hombre es un animal mamífero. Esta otra definición, en cambio,
Hombre. Animal racional
 podría aceptarse como válida, puesto que todo hombre es un animal racional, y solamente el hombre ofrece esas características.⁵⁴

⁵² [...] “ao gênero próximo da lógica, a definição dá o gênero próximo e a diferença específica” (TN).

⁵³ “Costuma-se citar a esse respeito seis princípios distintos: um de caráter geral, que é o de equivalência junto a outros mais específicos, representados pelo de comutabilidade ou substituição, o de identidade categorial ou funcional, o de análise, o de transparência e, finalmente, o de autosuficiência” (TN).

⁵⁴ “Uma definição como:

Homem. Animal mamífero.

cumpriria a primeira condição, a da extensão, porque todo homem é um mamífero; mas não cumpriria a segunda, a da compreensão, porque não só o homem é um animal mamífero. Esta outra definição, no entanto, Homem. Animal racional.

poderia ser aceita como válida, porque todo homem é um animal racional, e somente o homem oferece essas características” (TN).

O princípio da comutabilidade ou substituição nos permite equiparar semanticamente *definiens* e *definiendum* de forma que um pode substituir o outro em contextos de comunicação, como no exemplo a seguir do *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras* (2008):

explícito (ex.plí.ci.to) adj. Que é evidente; claro, óbvio; *objetivo explícito*.

Em uma frase como “o que não ficou explícito no final do filme?”, podemos substituir o *definiendum* “explícito” pelo *definiens* “evidente” ou “claro”: “o que não ficou evidente no final do filme?”.

A categoria gramatical do *definiens* deve coincidir com a categoria gramatical do *definiendum*. Assim um substantivo deve ser definido a partir de um sintagma nominal, um verbo a partir de um sintagma verbal, um adjetivo a partir de uma oração adjetiva e assim por diante. Esse é o princípio da identidade categorial ou funcional, que se aplica na definição da palavra “explícito”, citada anteriormente, que como adjetiva é definida por outros adjetivos: “que é evidente; claro, óbvio”.

Os princípios da análise, de transparência e de autossuficiência dizem respeito à representação semântica do *definiens* como uma análise verdadeiramente transparente do *definiendum*, a partir de palavras de fácil compreensão, de uso mais conhecido e que seja autossuficiente para que o usuário não precise procurar significados do *definiens* no próprio dicionário, evitando, assim, a circularidade.

Ainda, em relação à definição, é importante ressaltar que se devem assinalar os usos figurados dos lemas, utilizando-se para isso exemplos ou abonações para deixar bem clara a diferença entre o uso denotativo e o uso conotativo, principalmente em dicionários escolares, cujos usuários necessitam desse tipo de informação, tanto para a recepção quanto para a produção linguística. Muitos lexicógrafos optam por criar eles mesmos os exemplos que configuram em cada acepção do lema, porém as abonações “têm a função de atestar o uso da palavra na sincronia contemplada pela obra, completando assim o texto definitório” (ISQUERDO, 2011, p. 48).

O texto definitório pode variar entre dicionários de tipos diferentes, de maneira a atender o grau de proficiência do usuário previsto como público-alvo. A definição de um lema em um dicionário escolar infantil, por exemplo, não pode coincidir com a definição do mesmo lema em um dicionário escolar padrão ou em um dicionário geral. Essa questão é um dos pontos indispensáveis para a diferenciação entre os dicionários gerais e os escolares, entre

outras informações funcionais que fazem parte da microestrutura e da macroestrutura, como será abordado a seguir.

2.3 Dicionários gerais e dicionários escolares: critérios de diferenciação

No Brasil, há a tradição lexicográfica de dicionários gerais, como os já citados *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2004) e o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001) que, mesmo sendo obras de referência, não estão ao alcance da maioria dos alunos brasileiros, seja pela sua dimensão, seja pelo seu elevado custo. Atento a essa questão, o mercado editorial lança inúmeros minidicionários, que normalmente são obras reduzidas do dicionário geral, como explica Correia (2009, p. 41):

No Brasil existe uma série de dicionários autodesignados *minidicionários*, também vocacionados para um público escolar e que contêm por volta de 30 000 entradas — é o caso, por exemplo [...] do *Miniaurélios Século XXI Escolar — o Minidicionário da Língua Portuguesa*. Tal como escolares, estes dicionários não podem ser considerados dicionários de aprendizagem *stricto sensu*, mas tão-só versões abreviadas dos dicionários gerais que lhes servem de base.

Esses minidicionários não se classificam tipologicamente como dicionários de aprendizagem, como os escolares, cuja nomenclatura deve ser baseada em um *corpus* composto de palavras de alta frequência, pertencentes à realidade do aluno, com definições que facilitam a compreensão, e particularidades, como informações gramaticais diversas, remissões, exemplos de uso, entre outras. Haensch (1997, p.131) considera que um dicionário escolar que mereça esse nome deve cumprir alguns requisitos básicos:

1. Selección reducida, pero acertada del léxico que se describe, teniendo en cuenta las necesidades del usuario y no simple reducción de un diccionario general más extenso.
 2. Definiciones claras y sencillas hechas con un léxico que ha de figurar en el mismo diccionario, o, lo cual aún es mejor, con un vocabulario definidor limitado.
 3. Un máximo de ampliación paradigmática (sinónimos, antónimos, indicación de familias de palabras) y de indicaciones sintagmáticas: régimen preposicional, valencias verbales, colocaciones, etc.
 4. Otras indicaciones útiles, por ej. sobre restricciones de uso.
 5. Ejemplos de aplicación en forma de frase no demasiado cortas con un contexto suficiente.
 6. Ilustraciones que completen la información verbal y no sólo decorativas.
 7. Señalar compuestos frecuentes y modismos usuales.
- Se puede prescindir de la etimología y de la transcripción fonética de las palabras.⁵⁵

⁵⁵ “1. Seleção reduzida, porém acertada do léxico que se descreve, levando em conta as necessidades do usuário e não a simples redução de um dicionário geral mais extenso.

2. Definições claras e simplificadas feitas com um léxico que deve figurar no próprio dicionário ou, o que é ainda melhor, com um vocabulário definidor limitado.

Dessa forma, os minidicionários, por não serem escolares, não exercem a função prescritiva essencial para a aquisição da competência linguística do consulente que, desde os primeiros anos de alfabetização, sente a necessidade de consultar um dicionário.

Os dicionários do tipo geral, segundo os critérios lexicográficos, são classificados como descritivos, portanto, os minidicionários também o são, mas assumem caráter prescritivo à medida que o consulente busca neles outros tipos de informações como indicações ortográficas, ortoépicas e gramaticais. Destaca Haensch (1982, p.164) que “entre los diccionarios con función normativa (la cual, a veces, es sólo una de las funciones de un diccionario) se pueden señalar los diccionarios académicos, los diccionarios escolares”.⁵⁶

Por haver, no Brasil, ainda, poucos dicionários do tipo escolar⁵⁷ é que os minidicionários atuam como normativos, mas, na realidade, esses minidicionários são apenas compilações, em menor escala, do dicionário do tipo geral. É menor em relação ao número de verbetes e quanto ao número de acepções. Apesar de conterem em sua macroestrutura um resumo das normas gramaticais e tabelas de conjugação verbal, não podem ser classificados como prescritivos, por não serem de aprendizagem, ou seja, aqueles que têm como característica principal levar em conta as necessidades linguísticas, as habilidades e/ou dificuldades dos aprendizes da língua, oferecendo as informações da forma mais didática possível.

Tanto a macroestrutura quanto a microestrutura de um dicionário escolar deve ser diferenciada para atender especificamente a cada faixa etária de usuário. A macroestrutura deve conter textos que auxiliem o usuário a entender, principalmente, o funcionamento da língua, como regras gramaticais, paradigmas de conjugação verbal, questões relacionadas à fonética e à ortografia, tabelas de elementos de composição, adjetivos gentílicos e outras informações pertinentes à aquisição e ao uso da língua materna. Cada lexicógrafo privilegia o que considera essencial para o aprendizado da língua materna e, nesse sentido, não há

-
3. Um máximo de informações paradigmáticas (sinônimos, antônimos, indicação das famílias das palavras) e de indicações sintagmáticas: regime preposicional, valência verbal, colocações, etc.
 4. Outras indicações úteis, por exemplo, sobre restrições de uso.
 5. Exemplos de aplicação em forma de frases não muito curtas, com um contexto suficiente.
 6. Ilustrações que complementam a informação verbal e não apenas ilustrativas.
 7. Assinalar compostos frequentes e modismos usuais.
- Pode-se prescindir da etimologia e da transcrição fonética das palavras” (TN).

⁵⁶ “Entre os dicionários com função normativa (a qual, às vezes, é só uma das funções de um dicionário) podemos destacar os dicionários acadêmicos e os dicionários escolares” (TN).

⁵⁷ A maioria dos dicionários escolares brasileiros é do tipo infantil. São poucos dicionários elaborados para estudantes com idade entre 12 e 17 anos. Entre os dicionários que se autodenominam escolares, destacamos o *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras* (2008), que na realidade, não cumpre todos os critérios aqui arrolados, não podendo, dessa forma, ser considerado escolar de fato, conforme análise feita em Toribio (2010).

conformidade entre dicionários. O *Diccionario Práctico del Estudiante*, da Real Academia Española (2007), por exemplo, contém três apêndices: um sobre numerais, outro com os paradigmas de conjugação verbal e um último sobre regras ortográficas. Já o *Le Robert Micro* (2008) privilegia outras questões como a fonética e os paradigmas verbais, pois esses tópicos são relevantes para a língua francesa, como se observa na página XXIV uma tabela com o Alfabeto Fonético Internacional e nas páginas 1481 a 1487 que são dedicadas aos “Principes de notation de la prononciation”. As tabelas de conjugação verbal tomam conta de 22 páginas (p.1457-1479). Ademais, três listas: uma com numerais, outra com derivados de nomes de pessoas e outra com nomes e adjetivos tirados de nomes próprios de lugares. Ainda há um pequeno dicionário de sufixos do francês. Essas listas são importantes, pois assim as informações são apreendidas com mais facilidade e ainda “enxugam” a nomenclatura, tornando a consulta didaticamente mais funcional e rápida.

O dicionário francês possui um prefácio explicativo de nove páginas, assinado por Alan Rey, que informa a história da obra, o público-alvo do dicionário, o número de entradas, o caráter da obra, os critérios de seleção do léxico, entre outras informações relevantes que permitem ao consulente entender o *fazer lexicográfico* e o objetivo do dicionário. Também, no dicionário espanhol encontramos a delimitação do público-alvo, o objetivo do dicionário, a base documental para a seleção do léxico, entre outras informações, e é assinado por Elena Zamora, coordenadora responsável pela equipe lexicográfica da Academia Real Espanhola. Tanto o dicionário espanhol quanto o francês primam pelo prefácio ao fazerem referência à seleção e à origem dos lemas (ambos de banco de dados das respectivas academias) e fornecem informações sobre os critérios lexicográficos utilizados na elaboração da obra. Tudo isso explicitado de forma clara e objetiva, levando em consideração o usuário, sem, no entanto, perder o foco nas questões pertinentes às ciências do léxico.

Assim como a macroestrutura, a microestrutura de um dicionário escolar também necessita ser diferenciada, porque, além de descrever o léxico, deve haver, ainda, a preocupação em instruir o público escolar a codificar e decodificar a língua em uso, utilizando para isso todo tipo de informação necessária para a compreensão e a produção linguística, pois o dicionário escolar, como observa Alvar Ezquerro (2001, p. 21), “es un instrumento necesario en la enseñanza, tanto de la lengua como de cualquier otra materia porque habla de las palabras y del mundo”⁵⁸.

⁵⁸ [...] “é um instrumento necessário ao ensino, tanto da língua como de qualquer outra matéria porque fala das palavras e do mundo” (TN).

As informações constantes na microestrutura auxiliam o usuário a entender o funcionamento das palavras de uma língua. Apesar de não ser esse o objetivo primeiro de um dicionário, é importante notar que o lexicógrafo seleciona as palavras de um mundo real que não é estático, e a mobilidade dos sentidos das palavras deve ser levada em conta, já que eles são consequências semânticas de nossa atividade linguística. Assim, a lematização de uma palavra não pode torná-la estanque, por isso a necessidade de informar todas as suas características, sob diversos aspectos (mórfico, semântico, sintático), para que o usuário possa utilizar todos os seus sentidos, em qualquer situação comunicativa. Nesse contexto, a abonação e os exemplos cumprem um papel primordial no dicionário escolar, que é o de demonstrar a palavra na língua em uso. Portanto, o dicionário escolar deve contribuir “para ampliar o conhecimento: do vocabulário, dos múltiplos significados de palavras e expressões, da norma padrão da língua portuguesa, de aspectos históricos, bem como gramaticais dos itens léxicos, de usos e variações sociolinguísticas (KRIEGER, 2007, p. 298).

A microestrutura é variável de um dicionário para outro, mas geralmente antes da definição dos lemas, os dicionários, principalmente os escolares, arrolam informações sobre a pronúncia da palavra (nos dicionários de língua portuguesa, somente quando o lema oferecer dificuldades, já nos dicionários de língua francesa todos os lemas contêm essa informação), que pode ou não ser feita a partir do Alfabeto Fonético Internacional. Ainda há, antes da própria definição, a marcação da separação silábica, principalmente em dicionários infantis; a classe gramatical e, no caso dos verbos, a regência e outras informações sintáticas. Muitos dicionários registram, ainda, as marcas de uso, porém essa questão é controversa, pois

relaciona-se com a variação tanto espacial, de uma região para outra, como social, no mesmo espaço mas considerada quanto aos diferentes registros utilizados pelas pessoas nas diferentes situações da vida social. Os dicionários costumam dar este tipo de informação por um conjunto de rótulos, tarefa complicada e feita de forma irregular em nossos dicionários (BORBA, 2003, p. 315).

Após a definição do lema, ainda podem ser mencionadas outras informações, como flexões, antônimos, parônimos e cognatos, pois as palavras não existem de forma isolada, elas mantêm entre si relações, que podem ser de natureza formal, morfológica, semântica e sintagmática. Palavras parônimas, por exemplo, mantêm relação de forma com outras palavras, pois podem ser trocadas, equivocadamente, entre si, tanto na fala como na escrita, devido à semelhança existente entre elas. Essas palavras devem ser marcadas no dicionário escolar para que o consulente perceba a existência de palavras parecidas quanto à forma, mas com significados distintos, e ser orientado quanto ao contexto de uso.

Algumas palavras mantêm entre si relações de natureza semântica, é o caso dos antônimos, sinônimos e hipônimos. Perceber palavras que pertencem ao mesmo domínio de referência enriquece o conhecimento léxico do estudante e auxilia na produção e recepção linguística. Informações desse tipo podem aparecer no final do verbete em caráter complementar.

As relações entre as palavras também podem ser de natureza morfológica, como se observa nas palavras cognatas, que mantêm em sua estrutura elementos em comum (o radical). Ao estudante, tão importante quanto conhecer uma palavra é reconhecer a sua cognata e é muito comum, em dicionários, a informação de palavras cognatas, de fácil apreensão, no final do verbete da palavra lematizada. Esse recurso é didaticamente útil, pois além de economizar espaço no dicionário, permite que o usuário se aproprie do maior número de palavras do léxico da língua.

Enfim, a macroestrutura e a microestrutura de um dicionário escolar devem ser pensadas para o usuário que se encontra em fase de aprendizado da língua, mas geralmente o que ocorre é que, devido às imposições do mercado editorial, reduzem-se as informações para tornar a publicação viável do ponto de vista comercial e prática do ponto de vista do usuário.

2.4 Dicionário escolar e a realidade editorial brasileira

A prática lexicográfica, no Brasil, principalmente a de caráter pedagógico, é relativamente recente, se comparada a países europeus e, somente nas últimas décadas, teve considerável avanço porque

[...] desde o ano de 2000, os minidicionários escolares de língua portuguesa têm sido objeto de intenso interesse no Brasil. Nessa ocasião, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), do Ministério da Educação (MEC), passou a avaliar obras desse tipo, com o objetivo de prover as escolas do ensino fundamental público das melhores, entre as disponíveis no mercado editorial (RANGEL, 2011, p. 39).

A partir dessa iniciativa, as editoras procuraram adequar as suas obras para atender aos critérios estabelecidos pelo MEC, pois, até então, não havia referências para a elaboração e publicação de dicionários escolares e, mesmo se houvesse, não havia um órgão “fiscalizador”, com uma equipe formada por especialistas da área para essa finalidade. Também, nunca houve uma obra para servir de parâmetro, como em países europeus, onde os dicionários elaborados pelas academias são considerados obras de referência no panorama lexicográfico mundial.

Na França, por exemplo, desde a publicação do dicionário da Academia Francesa, em 1694, a Lexicografia evoluiu de forma contínua e qualitativa, com organizadores de renome como Paul Robert com o *Dictionnaire Alphabétique et Analogique de la Langue Française* (1964), uma obra analógica em seis volumes, que deu origem ao *Petit Robert* (1967), considerado por Hausmann (1985, p. 26, *apud* WELKER, 2008, p. 153) como “o melhor dicionário do mundo em um volume”. Em 1970, a editora Le Robert publicou o *Micro-Robert* como uma adaptação do *Petit Robert* com o objetivo de auxiliar os estudantes na aprendizagem da língua francesa em sala de aula.

Outro país referência em Lexicografia é a Espanha, que inaugurou a Real Academia Española em 1713, em Madrid, almejando, entre outros objetivos, “a compilação de um dicionário normativo do espanhol que constituísse um exemplo e estabelecesse padrões para futuros escritores” (WELKER, 2004, p. 68). Assim, a primeira edição do dicionário da academia espanhola foi publicada nos anos de 1726 a 1737 e atualmente o dicionário geral, DRAE – *Diccionario de la lengua española* (2005), está na 22ª edição, e sua versão eletrônica na 23ª edição⁵⁹. Em consequência, todas as obras lexicográficas possuem como referência o dicionário da academia, que, inclusive, publica vários tipos de dicionários, entre eles, o *Diccionario del estudiante* (2005) e o *Diccionario práctico del estudiante* (2007)⁶⁰. A Real Academia Española publicou seu primeiro dicionário escolar em 1911 e, desde então, devido aos avanços no âmbito dos estudos lexicográficos, as obras são aperfeiçoadas a cada edição, como observa Nomdedeu Rull (2007, p. 207):

en los últimos años, la lexicografía didáctica ha experimentado un avance notable. Desde que Humberto Hernández (1992) dio a conocer su estudio sobre los diccionarios que estaban en el mercado hasta entonces, los autores de diccionarios han tomado conciencia de la importancia de elaborar diccionarios específicos para un tipo de usuarios cuyas necesidades se podían definir con cierta nitidez (los diccionarios didácticos ya no son el resultado de reducir la macroestructura de los diccionarios generales). Los resultados han sido visibles, y hoy el español dispone de buenos diccionarios escolares.⁶¹

Aqui, no Brasil, antes da iniciativa do MEC em avaliar as obras lexicográficas, em 2000, todos os dicionários direcionados ao público estudante seguiam um padrão

⁵⁹ Disponível em: <http://www.rae.es/rae.html>. Acesso em 17 dez 2011.

⁶⁰ Toda a história da Real Academia Espanhola e seus respectivos dicionários está disponível em <http://www.rae.es/rae.html>. Acesso em 17 dez 2011.

⁶¹ “Nos últimos anos, a lexicografia didática tem experimentado um avanço notável. Desde que Humberto Hernández (1992) divulgou seus estudos sobre dicionários que estavam no mercado até então, os autores de dicionários têm tomado consciência da importância de elaborar dicionários específicos para um tipo de usuário cujas necessidades se podiam definir com certa nitidez (os dicionários didáticos já não são o resultado de redução da macroestrutura dos dicionários gerais). Os resultados se tornaram visíveis, e hoje os espanhóis dispõem de bons dicionários escolares” (TN).

praticamente idêntico. Depois dessa avaliação pudemos perceber um avanço na qualidade das obras, porém o mercado editorial continuava a lançar minidicionários que se autointitulavam escolares, apenas para participarem do processo de licitação do governo federal. Entretanto, como já assinalado neste trabalho, os dicionários de cunho pedagógico⁶² são distintos dos minidicionários, por terem uma finalidade específica e público-alvo definido. Muitas vezes, no entanto, aos olhos do leigo, essa distinção é imperceptível, por isso a importância de um órgão regulador, porque mesmo no âmbito dos dicionários escolares há de se encontrar diversidade, já que eles podem ser classificados especificamente por faixa etária de usuário. Dessa forma, o MEC, em 2006, através do PNLD-Dicionários, levando em conta o nível de escolarização dos alunos, selecionou e classificou os dicionários, para depois distribuí-los para a rede pública de ensino, juntamente com um manual, destinado aos professores, elaborado por Rangel e Bagno (2006).

Essa foi uma resolução inédita do MEC, já que nas edições anteriores do PNLD, o responsável pela escolha do dicionário, assim como do livro didático, era o docente que selecionava obras a partir de um catálogo previamente elaborado pelo programa e distribuído nas escolas. No PNLD-Dicionários de 2006, houve uma reestruturação do programa com formação de equipes de lexicógrafos para a análise e classificação de dicionários. Assim, foram estabelecidos critérios para a distinção de dicionários por nível de escolarização, levando em conta os propósitos comunicativos, a quantidade e a qualidade das informações presentes nas obras. Essa classificação foi publicada em edital de licitação, ocasionando, assim, mais uma vez, mudanças estruturais no mercado editorial de dicionários, que passou a publicar obras atendendo aos parâmetros estabelecidos pelo PNLD-Dicionários. As exigências estabelecidas contribuíram para um avanço na qualidade das obras lexicográficas, que até então eram apenas cópias de tamanho reduzido dos dicionários gerais, que reproduziam, com uma “concepção conservadora da língua, de léxico e de dicionário, na contramão tanto da pesquisa acadêmica contemporânea quanto do perfil do estudante brasileiro de hoje” (RANGEL, 2011, p. 47).

⁶² É necessário distinguir pedagógico de didático, ou pedagogia de didática. A pedagogia é a “ciência que trata da educação dos jovens, que estuda os problemas relacionados com o seu desenvolvimento como um todo” (HOUAISS, 2007). A didática é a “arte de transmitir conhecimentos; técnica de ensinar; parte da pedagogia que trata dos preceitos científicos que orientam a atividade educativa de modo a torná-la mais eficiente” (HOUAISS, 2007). A didática, então faz parte da pedagogia, é formada por conjuntos de métodos e técnicas que visam a facilitar o ensino de qualquer conteúdo. Assim, os dicionários de aprendizagem são considerados obras pedagógicas, ou ainda caracteriza-se a Lexicografia Pedagógica como ciência responsável pela elaboração desse tipo de dicionário. Uma obra pode apresentar as informações de maneira didática ou não, por isso o conflito entre os conceitos, já que os dicionários pedagógicos têm por objetivo ser o mais didático possível, em decorrência do perfil do usuário (jovem).

Nesse contexto, foi dado destaque ao usuário, já que os critérios foram elaborados com o objetivo de alinhar a obra ao seu público-alvo, articulando, dessa forma, “progressão didática paralela à progressão curricular” (RANGEL, 2011, p. 51). Os dicionários selecionados foram, então, classificados em três tipos e divididos em três acervos, como demonstramos no Quadro II, a seguir.

Tipos	Acervo	Público-alvo
Dicionários tipo 1	ACERVO A	Alunos do 1º ao 3º ano
Foram pensados para a fase inicial de letramento e alfabetização. Trazem de 1.000 a 3.000 palavras (em geral substantivos, verbos e adjetivos), selecionadas dentro de campos temáticos relacionados ao cotidiano infantil, como ambiente doméstico, escola, higiene e saúde, alimentos, divisões do tempo, brincadeiras e jogos etc. Alguns desses dicionários trazem, no corpo do volume ou em apêndice, painéis que reúnem ilustrações, com as devidas legendas, relativas a um mesmo domínio. São os “quadros temáticos”, sobre assuntos tão diversos quanto esportes, o esqueleto humano, mamíferos, instrumentos musicais, árvores, dinossauros etc.		
Dicionários tipo 2		
Registram um número maior (entre 3.500 e 10.000) e mais variado de palavras, incluindo pronomes, advérbios e algumas palavras gramaticais, como preposições e conjunções. Para cada uma dessas palavras, há mais acepções, em média, do que nos dicionários anteriores. Mesmo planejados para as primeiras séries, supõem alunos já alfabetizados e capazes de ler autonomamente textos simples e curtos: Tanto quanto os anteriores, esses dicionários são fartamente ilustrados, seja para motivar o aluno, seja para complementar e precisar as definições. Alguns deles ainda recorrem ao mundo ficcional como forma de aproximação do aluno ao universo da lexicografia. No entanto, os verbetes, mesmo procurando um contato direto com o usuário infantil, já trazem definições mais parecidas com as de um dicionário-padrão. Por isso mesmo, pressupõem, com alunos dos dois ou três primeiros anos, um uso em que a mediação do professor pode ser decisiva.	ACERVO B	Alunos do 4º e 5º ano
Dicionários tipo 3	ACERVO C	Alunos 6º ao 9º ano
Têm, quase todos, características típicas de minidicionários de uso geral: • registram entre 19.000 e 35.000 palavras; • só recorrem - quando é o caso - a ilustrações funcionais, jamais recorrendo, portanto, a universos ficcionais; • são mais representativos que os demais do léxico do português, incluindo todos os tipos de palavras e, algumas vezes, siglas, símbolos, afixos etc.; • têm uma estrutura de verbete mais complexa que os demais dicionários de ambos os acervos; • trazem um maior número de informações linguísticas sobre as palavras registradas; • usam uma linguagem simples mas impessoal e nem sempre diretamente acessível para o aluno.		

Quadro II – Classificação de dicionários de acordo com PNLD-Dicionários (RANGEL; BAGNO, 2006).

Como se pode observar, nessa classificação, à medida que o aluno vai galgando os níveis escolares, a tipologia do dicionário ascende, acompanhando, assim, o processo didático-pedagógico em consonância com o currículo escolar que é contemplado nos livros didáticos. Dessa forma, o dicionário escolar torna-se um aliado do professor, sendo mais uma

ferramenta para o ensino-aprendizagem, exercendo, assim, função pedagógica à medida que seu objetivo vai além da descrição de palavras, que é característica dos dicionários gerais.

Essa iniciativa do MEC seria mais eficaz se todos os dicionários selecionados fossem, de fato, obras com cunho pedagógico. Entretanto, no acervo C, apenas três dicionários se autointitulam escolares: *Dicionário Escolar Língua Portuguesa* (CEGALLA, 2006), *Aurélio Júnior: Dicionário Escolar da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 2006); *Dicionário Júnior da Língua Portuguesa* (MATTOS, 2006). Desses três dicionários dois pertencem ao tipo 2, ou seja, indicados para alunos do 4º e 5º ano e somente o *Dicionário Escolar Língua Portuguesa* (CEGALLA, 2006) é do tipo 3, e as demais obras do acervo C são minidicionários, conforme pode ser constatado no Quadro III. Então, aos estudantes do 6º ano em diante foram selecionados minidicionários já que, na época, não havia quantidade suficiente de dicionários escolares no mercado editorial, restando, assim, a opção de escolha daqueles que atendessem suficientemente ao maior número de critérios estabelecidos para esse fim.

Acervo A 1. <i>Meu Primeiro Livro de Palavras: um Dicionário Ilustrado do Português de A a Z.</i> 2. <i>Descobrimos Novas Palavras - Dicionário Infantil.</i> 3. <i>Meu Primeiro Dicionário Houaiss.</i> 4. <i>Primeiros Passos - Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa.</i> 5. <i>Dicionário do Castelo Rá-Tim-Bum.</i> 6. <i>Meu primeiro dicionário Caldas Aulete infantil ilustrado.</i> 7. <i>Aurelino: Dicionário Infantil Ilustrado da Língua Portuguesa.</i> 8. <i>Caldas Aulete - Dicionário Escolar da Língua Portuguesa Ilustrado com a Turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo.</i> 9. <i>Dicionário Ilustrado do Português.</i>
Acervo B 1. <i>Saraiva Júnior: Dicionário da Língua Portuguesa Ilustrado.</i> 2. <i>Moderno Dicionário Escolar.</i> 3. <i>Dicionário Escolar da Língua Portuguesa.</i> 4. <i>Minidicionário Luft.</i> 5. <i>Dicionário Júnior da Língua Portuguesa.</i> 6. <i>Minidicionário Gama Kury da Língua Portuguesa</i> 7. <i>Auréliu Júnior: Dicionário Escolar da Língua Portuguesa.</i> 8. <i>Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa.</i> 9. <i>Caldas Aulete - Minidicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa</i>
Acervo C 1. <i>Dicionário Escolar da Língua Portuguesa.</i> 2. <i>Minidicionário Luft.</i> 3. <i>Dicionário Júnior da Língua Portuguesa.</i> 4. <i>Minidicionário Gama Kury da Língua Portuguesa.</i> 5. <i>Auréliu Júnior: Dicionário Escolar da Língua Portuguesa.</i> 6. <i>Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa.</i> 7. <i>Caldas Aulete - Minidicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa</i>

Quadro III – Acervos de dicionários PNLD-Dicionários (RANGEL; BAGNO, 2006).

Nessa seleção de dicionários, feita pelo PNLD-Dicionários de 2006, não foram contempladas obras para os alunos do Ensino Médio. A distribuição de dicionários limitou-se aos alunos do Ensino Fundamental. Entretanto, para o PNLD-Dicionários de 2012, foi

lançado edital convocando os editores para o processo de inscrição e avaliação de dicionários adequados para os alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio⁶³. Portanto, foi acrescentado dicionários do tipo 4 e, também, foram corrigidas distorções em relação ao público-alvo de cada tipo, conforme pode ser observado no Quadro IV, a seguir.

Tipos de dicionários	Etapa de ensino	Caracterização
Dicionários de tipo 1	1º ano do Ensino Fundamental	· Mínimo de 500 e máximo de 1.000 verbetes. · Proposta lexicográfica adequada às demandas do processo de alfabetização inicial.
Dicionários de tipo 2	2º ao 5º ano do Ensino Fundamental	· Mínimo de 3.000 e máximo de 15.000 verbetes. · Proposta lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio tanto da escrita quanto da organização e da linguagem típicas do gênero dicionário.
Dicionários de tipo 3	6º ao 9º ano do Ensino Fundamental	· Mínimo de 19.000 e máximo de 35.000 verbetes. · Proposta lexicográfica orientada pelas características de um dicionário padrão de uso escolar, porém adequada a alunos dos últimos anos do Ensino Fundamental.
Dicionários de tipo 4	1º ao 3º ano do Ensino Médio	· Mínimo de 40.000 e máximo de 100.000 verbetes. · Proposta lexicográfica própria de um dicionário padrão, porém adequada às demandas escolares do Ensino Médio, inclusive o profissionalizante.

Quadro IV – Classificação de dicionários (PNLD 2012).

A partir da implantação do PNLD-Dicionário, pode-se afirmar que o programa está começando a interferir na política de elaboração de dicionários no Brasil. Esse fator contribuirá para a elaboração e a publicação de obras com propostas lexicográficas bem definidas, que atendam às necessidades de cada faixa etária de estudante.

Entretanto, mesmo com os avanços observados na última década, o mercado editorial de dicionários escolares oferece muitas obras de excelente qualidade, porém, similares que se distinguem apenas pelo critério do formato e extensão, relacionado à faixa etária do estudante, e não pela finalidade específica da obra, um dos critérios arrolados por Haensch (1982, p. 176-186), em que se situa o dicionário escolar. Nesse contexto, insere-se o dicionário escolar de cognatos da língua portuguesa contemporânea, cuja finalidade específica é apresentar as palavras por agrupamento de famílias, com o objetivo de auxiliar o estudante a se apropriar, por associação, de um maior número de palavras, enriquecendo, assim, seu repertório lexical. Os parâmetros e subsídios para a elaboração de uma obra desse tipo são discutidos no capítulo seguinte, com base no referencial teórico até aqui apresentado.

⁶³ Edital disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16841&Itemid=1131. Acesso em 28 jan 2011.

CAPÍTULO III

DICIONÁRIO ESCOLAR DE COGNATOS DA LÍNGUA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA: UM NOVO MODELO DE DICIONÁRIO ESCOLAR

No Capítulo I discutimos a palavra do ponto de vista morfológico, especificamente sua estrutura e os processos de formação pelos quais é submetida, pressupostos fundamentais para o estabelecimento de critérios para orientar o tratamento dos cognatos, objeto de estudo desta dissertação, já que a partir deles é composta a nomenclatura de um dicionário escolar organizado por famílias de palavras. E, para a elaboração de subsídios para uma obra desse gênero, é imperativo, ainda, recorrer a princípios defendidos por teorias relacionadas à prática lexicográfica, algumas delas discutidas no Capítulo II deste trabalho.

Assim, a proposta de dicionário escolar aqui defendida tem como público-alvo os alunos das séries finais do Ensino Fundamental e os alunos do Ensino Médio, pois aos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental são destinados dicionários escolares infantis e dicionários para iniciantes, ou seja, dicionários do tipo 1 e do tipo 2, conforme a classificação do PNLD-Dicionários.⁶⁴

Um fator importante e motivador para a elaboração de subsídios para esse tipo de dicionário, constatado em sala de aula, por meio da prática docente, é que os alunos sentem dificuldades em escrever textos, por desconhecerem questões que, segundo Krieger (2007, p. 296), “envolvem os aspectos — históricos, ortográficos, prosódicos, gramaticais e discursivos — relacionados à estrutura e funcionamento da língua”.

Mas essa dificuldade não pode ser resolvida apenas entregando aos estudantes um dicionário de qualquer tipo para a consulta, ou ensinando-lhes normas gramaticais ou técnicas redacionais. Esse problema deve ser mitigado com o uso de um dicionário escolar que, por sua vez, combine várias funções, dentre elas a de auxiliar na aquisição do léxico oferecendo mecanismos para que o usuário possa desenvolver habilidades de compreensão e de produção linguística.

É preciso que os alunos, além de descobrirem o significado da palavra, consigam relacioná-la a outras pertencentes à mesma família lexical. Para isso faz-se necessário conhecimento sobre estrutura e formação das palavras, principalmente sobre morfemas da

⁶⁴ Cf. Quadros II, III e IV nas páginas 87, 88 e 89, respectivamente.

língua (radicais, prefixos e sufixos gregos e latinos e seus respectivos significados). A aquisição desses conceitos auxilia no desenvolvimento cognitivo do aluno, uma vez que

a morfologia tem seus próprios elementos mínimos. O conhecimento desses elementos é o que nos permite entender o significado de palavras que nunca ouvimos antes. Ao nos deparar com uma palavra como *nacionalização*, mesmo sem nunca termos ouvido esta palavra podemos descobrir o que ela significa se soubermos o significado de *nação*, “pátria”, e o significado dos elementos que derivam novas palavras em português: *al*, “elemento que transforma um substantivo em adjetivo”, *izar*, “elementos que transforma um adjetivo em verbo”, e *ção*, “elemento que transforma verbo em substantivo” (SANDALO, 2007, p.183-184).

O conhecimento gramatical básico da morfologia, nessa perspectiva, seria então a condição necessária para identificação das palavras cognatas. Porém, como discutido no Capítulo I, há muita divergência entre gramáticos e linguistas em relação a determinados conceitos ligados à morfologia derivacional. Isso nos leva a acreditar que poucos estudantes dominem de forma satisfatória os conceitos subjacentes ao processo derivacional. Portanto, um dicionário cujos verbetes agrupem as palavras por famílias de cognatos representaria mais uma ferramenta de auxílio no processo de aquisição lexical.

É importante ressaltar que um dicionário de cognatos, como é concebido aqui, é distinto de um dicionário etimológico, cujo objetivo é contemplar a origem e a estrutura interna da palavra, como o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (MACHADO, 1987) e *Dicionário Etimológico Resumido* (NASCENTES, 1966), dentre outros. Essas obras são importantes, porque “o léxico do português atual é o resultado de um fio condutor essencial, o que provém do latim, e de vários elementos, onde há empréstimos múltiplos e variados condicionamentos sócio-culturais” (VILELA, 1994, p. 12). Mas esses dicionários são volumosos, de custo elevado e de difícil compreensão para o aluno da educação básica, são dicionários específicos para acadêmicos ou profissionais da área. Há, ainda, nessa linha, o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (CUNHA, 2007) que apresenta macroestrutura e microestrutura mais simplificada, com textos introdutórios de fácil compreensão, palavras agrupadas, em sua maioria, por família etimológica, dentro de um mesmo verbete, em ordem alfabética com sistema de remissivas. A respeito desse dicionário, Biderman (1984, p. 14) observa que ele “pautou-se pelo modelo do dicionário etimológico do francês de Bloch e Wartburg e na versão abreviada do Corominas para o espanhol”.

Esses dicionários têm finalidade específica de orientar o usuário em relação à etimologia da palavra, são funcionais, portanto, para a pesquisa etimológica. No *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (CUNHA, 2007), por exemplo, há informações sobre a

origem da palavra, primando pela datação, mas também destaca o radical e os gramemas agregados, lematiza todos os elementos de composição e considera o critério diacrônico para o tratamento dos cognatos. Dessa forma, o dicionário de Cunha (2007) possui estrutura e critérios distintos daqueles aqui propostos para os subsídios de um dicionário escolar de cognatos, cujo objetivo é apresentar os cognatos em uso e de alta frequência na língua, agrupados por famílias, sem, no entanto, fornecer informações relativas à etimologia ou história da palavra. Também não será contemplada a estrutura da palavra, ou seja, não haverá menção à radical ou aos elementos constituintes dos cognatos, porque muitas famílias de palavras são provenientes de radicais distintos (latim clássico ou vulgar, por exemplo) e essa descrição desviaria o objetivo do dicionário, elegendo-o ao patamar de dicionário histórico ou etimológico.

Os dicionários etimológicos citados, todavia, servirão de apoio para a elaboração de subsídios para um dicionário escolar de cognatos, porque a etimologia auxilia em algumas questões, como por exemplo, elucidar a base comum a todas as palavras de uma mesma família, porém,

l'étymologie d'un mot inanalysable n'apprend rien sur ce mot, que son origine; quand on a dit qu'AUTOMNE vient du latin *autumnus*, DUNE, du néerlandais *dunen* avec les mêmes sens ou GODILLOT, d'*Alexis Godillot*, ceci ne permet pas de faire un meilleur emploi des mots. De plus, si l'on indique que SCANDALE vient du latin *scandalun* « obstacle », BICHE du latin *bestia* « bête » et CRÉTIN de *chrétien*, on introduit des difficultés supplémentaires dans la connaissance des mots; l'étymologie n'est pas toujours en accord avec le sens actuel (REY-DEBOVE, 1983, p. XIII).⁶⁵

As palavras podem perder o sentido primitivo com o passar do tempo. Na língua portuguesa, muitas bases ou elementos geradores de palavras são provenientes do latim ou do grego, que deram origem a palavras de diversas línguas, incorporadas, em épocas diferentes, ao léxico das línguas neolatinas. Desse ponto de vista, muitas palavras ora mantêm relação de parentesco, ora evidenciam uma falsa noção de parentesco. A respeito disso, Rey-Debove (1983, p. XIII) esclarece:

C'est dire que la recherche des éléments d'un mot s'appuie constamment sur l'étymologie. Néanmoins on ne saurait confondre les deux, car certains mots complexes ont changé de sens, et l'étymologie est vaine pour l'éclaircissement de leur signification. Si l'étymologie de POTIN « bruit » indique *pot* comme origine,

⁶⁵ “A etimologia de uma palavra não analisável não informa nada sobre essa palavra a não ser sua origem; quando se diz que AUTOMNE vem do latim *outono*, DUNE do holandês *duna* com os mesmos sentidos ou GODILLOT, de Alexis Godillot, isso não permite fazer um melhor emprego dessas palavras. Além disso, se alguém diz que SCANDALE (escândalo) vem do latim *scandalun* “obstáculo”, BICHE do latim *bestia* “bicho” e CRÉTIN (cretino) de *cristão*, introduz-se dificuldades suplementares no conhecimento dessas palavras; a etimologia nem sempre está de acordo com o sentido atual” (TN).

on ne saurait dire que le mot POT se trouve dans POTIN comme dans POTAGE. De même, dans l'étymologie d'OSTRACISME, le greg *ostreion* « huître » (on notait le bannissement sur des débris de poterie en forme de coquille) ne permet pas d'analyser ce mot comme on le fait pour OSTRÉICULTURE.⁶⁶

A relação de parentesco entre uma palavra e outra, analisada na sincronia, deve tomar como ponto de partida a palavra atual e mais frequente na língua, a fim de reconhecer a sua família, que pode coincidir ou não com sua família etimológica, porque

[...] na literatura mais recente, o fato de que o significado das palavras pode mudar é assumido tacitamente. Por exemplo, Bréal enfatiza a rapidez com que as palavras se distanciam de sua origem etimológica; Saussure apresenta um argumento em favor da arbitrariedade dos signos onomatopaicos mostrando que muitos deles evoluíram para símbolos totalmente arbitrários; e assim por diante (BASÍLIO, 1980, p. 42).

Ainda devemos considerar que muitas palavras são polissêmicas e cada acepção pode formar derivados que vão cada vez mais se distanciando da sua origem, o que muitas vezes dificulta a identificação do grau de parentesco. É o que podemos observar com a palavra *porto* (cf. “Amostra de Verbetes”, Capítulo IV), cuja raiz *port(o)-* deu origem a palavras como *portar* [*port(a)*] e *porta* (*port-*) que também formaram inúmeras outras palavras. Assim, só podemos perceber a relação e, conseqüentemente, o grau de parentesco, a partir de uma minuciosa análise etimológica e histórica dos cognatos. Quando agrupamos os derivados dessas raízes, podemos visualizar a totalidade e constatar que semanticamente todos os cognatos remetem à palavra primitiva *porto*.

Dessa forma, a análise isolada de uma palavra não consegue apreender todas as suas acepções. E, ainda, há muito que se considerar quando adentrarmos o campo da etimologia, pois muitas palavras têm raiz ou elemento de composição em comum e sentidos diferentes, outras, porém, com sentidos semelhantes são originárias de raiz ou elemento distintos. Os estudos etimológicos suscitam muitas dúvidas entre os pesquisadores e, em muitos casos, não há um consenso que leve realmente ao étimo da palavra, por isso há a necessidade de consulta a várias fontes de informações, muitas vezes, em documentos históricos de outras línguas. Assim, os estudos diacrônicos devem orientar o estudioso na identificação de cognatos, mas não poderão ser utilizados como critério único para a elaboração de um dicionário de

⁶⁶ “Isso significa que a pesquisa de elementos de uma palavra se apoia constantemente sobre a etimologia. No entanto, somente confundiremos as duas coisas, porque algumas palavras complexas mudaram o sentido, e a etimologia é vã para o esclarecimento de sua significação. Se a etimologia de POTIN “ruído” indica POT como origem, não poderemos dizer que a palavra POT se encontra dentro de POTIN (fofoca) como dentro de POTAGE (sopa). Do mesmo modo, dentro da etimologia de “OSTRACISMO”, do grego *ostreion* “ostra” (anotava-se o banimento, ou exílio, em fragmentos em forma de concha) não permite analisar essa palavra como fazemos em OSTRÉICULTURA” (TN).

cognatos, pois “l’analyse en éléments respecte l’histoire mais n’en garde que ce qui convient encore qui la connaissent” (REY-DEBOVE, 1983, p. XIV).⁶⁷

3.1 Dicionário escolar de cognatos: uma ferramenta para a aquisição lexical

No Brasil, os dicionários gerais, por tradição, são os mais utilizados, principalmente os minidicionários cujas características distam dos dicionários escolares, como abordado no item 2.3 (Capítulo II). Praticamente todos os dicionários direcionados ao público estudante contêm a mesma estrutura e enquadram-se na mesma tipologia, de acordo com os critérios lexicográficos discutidos no Capítulo II, ou seja, não são dicionários pedagógicos, apesar de serem obras que primam pela qualidade. Entretanto, não é nossa intenção aqui questionar ou avaliar os dicionários já existentes, nem tampouco destituí-los do “*status* de uma autoridade sancionadora em matéria idiomática” (BUGUEÑO MIRANDA, 2007, p. 261), outorgada pelo consulente. Nosso objetivo é apresentar subsídios para a elaboração de um dicionário escolar de cognatos da língua portuguesa contemporânea para um público-alvo definido, que se encontra em fase de aprendizado, contribuindo, assim, com a Lexicografia Pedagógica brasileira.

Os dicionários de aprendizagem desempenham um papel muito importante no processo educacional, por exercerem a função prescritiva essencial para a aquisição da competência linguística do consulente que deve ser instigado a consultar um dicionário, desde os primeiros anos escolares, isso porque

la finalidad de un diccionario didáctico, sea de la lengua materna, sea de otra lengua que se aprende, no es tan sólo la de ayudar al usuario a descifrar enunciados lingüísticos en cuanto al léxico, tarea que corresponde normalmente a los diccionarios definatorios, sino también la de permitirle la producción de enunciados lingüísticos correctos, no sólo en cuanto a la selección de la palabra justa, sino también en cuanto a la integración de las unidades léxicas en la frase (HAENSCH, 1997, p. 127).⁶⁸

Não há no mercado editorial brasileiro, até o momento, dicionários escolares organizados por famílias de palavras. Já na França, desde 1966, esse tipo de obra começou a ser disseminada com o *Dictionnaire du Français Contemporain*, de Jean Dubois, com

⁶⁷ “A análise por elementos respeita a história, mas só guarda dela o que convém ainda hoje como resíduo do passado ainda atual” (TN).

⁶⁸ “A finalidade de um dicionário didático, seja de língua materna, seja de outra língua que se aprende, não é tão somente ajudar o usuário a decifrar enunciados linguísticos no que se refere ao léxico, tarefa que corresponde normalmente aos dicionários definitórios, mas também a de permitir a produção de enunciados linguísticos corretos, não só em relação à seleção de palavras certas, mas também na integração das unidades lexicais na frase” (TN).

verbetes organizados por agrupamentos em torno da palavra base; o *Le Robert Méthodique: Dictionnaire Méthodique du Français Actuel* (primeira edição em 1982), organizado por Rey-Debove; *Le Robert Brio* (2004), uma atualização do *Le Robert Méthodique*. Todos esses dicionários podem ser classificados como escolares e isso fica claro nos textos introdutórios de cada um deles.

Esse tipo de dicionário é bem aceito na França por representar mais um instrumento de apoio didático que os professores têm à disposição para auxiliar os alunos em relação à aquisição e à compreensão das palavras. São dicionários destinados a “affermir et étendre la connaissance du vocabulaire par la description de toutes les relations de forme et de sens qui existent entre les mots”⁶⁹ (REY-DEBOVE, 1983, p. VII).

É necessário observar que o dicionário de cognatos aqui proposto é distinto das obras francesas citadas, cujas nomenclaturas são extensas e heterogêneas, por serem compostas tanto de lexemas quanto de gramemas, o que, segundo a nossa percepção, dificulta a consulta. Também, há muitos verbetes remissivos que remetem a palavra ao elemento de composição que deu origem à família, assim palavras que são cognatas, porém provenientes de raízes distintas, são lematizadas em outros verbetes. A respeito, especificamente, do *Le Robert Méthodique: Dictionnaire Méthodique du Français Actuel*, Hausmann (1985, p. 887, *apud* Welker, 2008, p. 343) observa:

Mediante a combinação do conhecido princípio de Robert de interligação onomasiológica (indicação de lexemas analógicos) com o novo princípio do agrupamento de famílias de palavras (interligação morfossemântica), o *Robert Méthodique* é o dicionário monolíngue que apresenta a estrutura do léxico de maneira mais completa, embora não da forma mais clara.

Dicionários organizados por famílias de palavras são eficientes se a macroestrutura e a microestrutura forem organizadas de forma simples e funcional, para que a consulta não seja dispendiosa e realmente a obra cumpra o papel de auxiliar a sanar as dúvidas do usuário e a extrapolar suas expectativas, estimulando-o a novas buscas. Esse tipo de motivação gera impactos positivos em termos de enriquecimento da competência lexical, haja vista que os estudantes, muitas vezes, não conseguem expressar seus pensamentos por meio da escrita e escrevem de forma inadequada ou incoerente pelo domínio restrito do léxico da língua, já que a criança

chega à escola com um desempenho lexical limitado. Tal situação é natural em razão da idade, observando-se também que a limitação está relacionada ao entorno social e cultural em que vive. E, nos dias atuais, a limitação vocabular,

⁶⁹ [...] “consolidar e ampliar o conhecimento do vocabulário pela descrição de todas as relações de forma e sentido que existem entre as palavras” (TN).

especialmente dos jovens é, por tudo que significa, uma barreira, cuja superação a escola deve se propor a suplantar para um pleno desenvolvimento profissional e social das novas gerações que ocupam os bancos escolares. Nesse contexto, inscreve-se a problemática do componente léxico a ser adquirido pela criança e pelo jovem no que tange tanto à quantificação, quanto à qualificação lexicais. Diante disso, é sempre difícil fazer a escolha de dicionários, que apresentam diferentes nomenclaturas mesmo que as línguas tenham um núcleo comum (KRIEGER, 2005, p. 107-108).

Como foi exposto no Capítulo I, a estrutura da língua é complexa no que diz respeito à morfologia derivacional e são poucos estudantes que conhecem a história do próprio léxico, principalmente aqui no Brasil, em que “a sociedade brasileira não tem a tradição de ter assimilado a ideia de língua como patrimônio nacional, como expressão de identidade. A língua não é uma temática do país” (KRIEGER, 2011, p. 134). Ela não é discutida fora do âmbito escolar, e as propostas curriculares deixam muito a desejar em termos de reflexão sobre o léxico, sobre a história da língua, a não ser o conteúdo já conhecido dos livros didáticos que enfatizam, de modo geral, a norma da língua. Não que essa não seja importante, ao contrário, é imprescindível, porém, deve-se conhecer a língua e as regras que a permeiam, paralelamente.

Desse modo, um dicionário de cognatos poderia fornecer aos estudantes um repertório de palavras que seriam facilmente identificadas como de uma mesma família, porque a descrição do léxico dar-se-ia de forma estrutural, distributiva e morfológica, explicitando assim o seu significado por meio das relações morfo-semânticas estabelecidas entre as palavras, auxiliando, dessa forma, a apreensão concomitante de um conjunto de itens lexicais.

Na prática, é frequente o falante conhecer uma palavra e desconhecer outra cognata, primitiva ou derivada, por exemplo, *baço/embaçado*. Praticamente todos conhecem esta última, por ser de uso comum, mas não a primeira, pelo menos não na acepção de *falta de brilho*. Alvar Ezquerri (2001, p. 22) concorda que

[...] el diccionario que incluya compuestos y derivados de la palabra será más eficaz para los fines didácticos que aquél que no lo haga, pero no vale con que la familia léxica se encuentre entre las columnas de la obra, lo cual no ayudaría mucho, sino que todos los elementos de la familia deben constar de alguna forma que sea fácil abarcar a todo el conjunto de unidades, mediante remisiones internas, con especificaciones en el interior del artículo, o agrupando la familia entera bajo una sola entrada.⁷⁰

⁷⁰ “O dicionário que inclui compostos e derivados da palavra será mais eficaz para fins didáticos do que aquele que não o faz, mas não vale se a família lexical encontrar entre as colunas da obra, o que não ajudaria muito, pelo contrário, todos os elementos da família devem constar de alguma forma que seja fácil abarcar todo o conjunto de unidades mediante remissões internas, com especificações no interior do verbete, ou agrupando a família inteira em uma única entrada” (TN).

Um dicionário escolar de cognatos da língua portuguesa contemporânea é uma obra com proposta lexicográfica distinta da que se apresenta no dicionário escolar padrão e no minidicionário, de acordo com os critérios aqui discutidos. É um modelo específico de dicionário, com macroestrutura e microestrutura diferenciada em relação aos dicionários gerais e escolares já existentes. Primeiramente, sua macroestrutura é composta de textos com informações gramaticais (conceitos gramaticais, flexões, listas de verbos, radicais, prefixos, sufixos etc.); a nomenclatura deve ser selecionada a partir de um *corpus* que reflete a língua em uso e organizada em ordem alfabética, porém, com as palavras agrupadas por família, no âmbito de um único verbete, encabeçado pela palavra primitiva, seguida das subentradas — palavras derivadas, compostas e cognatas em geral. Não tem o compromisso com a datação, origem e evolução das palavras, ou seja, a sincronia é adotada como critério cronológico, por entendermos que informações etimológicas e histórias sobre a palavra não são funcionais em um dicionário escolar cujo público-alvo é formado por estudantes da educação básica. Todos os detalhes da macroestrutura e da microestrutura são delineados a seguir.

3.2 Subsídios para a macroestrutura

A macroestrutura de um dicionário é composta pela nomenclatura ou lista de verbetes e todos os textos que são apresentados antes ou depois dessa nomenclatura. Os textos que fazem parte de um dicionário escolar devem ser diferenciados, visando à norma da própria língua, para um público em fase de aprendizado, por se tratar de uma obra com propósitos pedagógicos. A nomenclatura de um dicionário escolar de cognatos não deve abarcar todo o léxico da língua, mas deve ser estruturada a partir de recortes específicos, particulares, baseada em um *corpus* de referência, com critérios bem definidos em relação à escolha dos lemas. Neste item são detalhadas as especificidades da macroestrutura de um dicionário de cognatos, conforme está sendo aqui concebido, fornecendo subsídios para a elaboração, a partir de critérios estabelecidos consoante teorias que foram discutidas no Capítulo II, o que não impede de haver acréscimos de outras opiniões, critérios e teorias subjacentes à prática lexicográfica.

Esses subsídios são, na realidade, propostas metodológicas para a elaboração da macroestrutura de um dicionário escolar de cognatos da língua portuguesa contemporânea. Para a fundamentação lexicográfica, analisam-se alguns dicionários de língua portuguesa, espanhola e francesa para servir de parâmetros para a construção da macroestrutura do dicionário aqui proposto.

3.2.1 Apresentação da obra ou prefácio

Em um dicionário escolar é imprescindível a apresentação da obra, organizada da forma mais didática possível e que a proposta lexicográfica seja apresentada com clareza. Os textos introdutórios devem ser explicativos para o consulente, levando-se em conta que esse pode ser estudante, professor, pesquisador ou especialista na área. O dicionarista não pode se eximir de explicar a própria prática lexicográfica porque “um bom dicionário deve conter, de fato, uma introdução clara e circunstanciada, prática que, infelizmente, ainda não é seguida pela maioria dos dicionários portugueses” (CORREIA, 2009, p. 24).

Realmente, se analisarmos também os dicionários brasileiros perceberemos que pouco se diz a respeito da teoria dispendida para a elaboração da obra. Um exemplo claro é o *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras* (2008)⁷¹, cujo prefácio não contém informações sobre o próprio dicionário, não há menção à base teórica lexicográfica adotada para explicar o formato da obra, o sistema linguístico, a classificação e a seleção do léxico. Esses critérios são importantes para definir qualquer tipo de dicionário, pois são eles que permitem estabelecer tipologias para distinguir uma obra da outra. No prefácio do referido dicionário há apenas uma nota de vinte linhas que discorre sobre a importância das palavras e do dicionário. Outros dicionários como o *Míni Aurélio: dicionário da língua portuguesa* (2008) e o *Míni Houaiss: dicionário da língua portuguesa* (2008), também ilustram essa situação. Percebemos, assim, que muitos dicionaristas não descrevem o próprio fazer lexicográfico.

Situação diversa observamos em algumas obras assinadas por lexicógrafos de renome, como o *Dicionário contemporâneo de português* (BIDERMAN, 1992) e o *Dicionário UNESP do português contemporâneo* (BORBA, 2004), que possuem textos introdutórios com diversas informações sobre o léxico do ponto de vista da Lexicologia e da Lexicografia. Os textos desses dicionários equiparam-se, em qualidade, às obras de língua francesa e espanhola. Esse primor científico deve-se ao fato de algumas obras serem elaboradas e dirigidas por especialistas da área, lexicógrafos, e não por dicionaristas sem formação específica. Ambos têm o mesmo objeto de estudo, porém, com perspectivas diferentes, como explica Pruvost (1998, p. 12):

Il convient en effet de différencier le lexicographe du dictionnariste, celui-ci et celui-là se cumulant et alternant le plus souvent chez la même personne pour faire naître un dictionnaire de qualité.

⁷¹ Uma análise da macroestrutura do *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras* foi realizada por Toribio (2010).

La dichotomie est particulièrement utile, car elle fait apparaître une dualité toujours présente dès qu'il s'agit du dictionnaire, en démarquant opportunément le linguiste, ici le lexicographe, confronté à l'analyse scientifique des mots, et le praticien, le dictionnariste, ayant en charge la mise en œuvre d'un produit. Le lexicographe s'assimile en effet au chercheur seulement préoccupé par la rigueur scientifique de son analyse et de sa description lexicale, sans se préoccuper des contraintes inhérentes à l'élaboration et à la diffusion du dictionnaire en tant que produit vendu.⁷²

Na apresentação de um dicionário, na parte introdutória, podemos considerar, então, duas posturas: a do dicionarista e a do lexicógrafo. Este se preocupa com a teoria subjacente à obra, aquele somente em promover o dicionário enquanto produto editorial. Lexicógrafos consagrados como Maria Tereza Camargo Biderman, Maria Moliner, Josete Rey-Debove, Alan Rey, entre outros, utilizaram-se dos fundamentos das diversas áreas das ciências do léxico para alicerçar suas opções lexicográficas e contextualizar suas obras, por isso, os textos que compõem a macroestrutura dos dicionários desses autores são muito ricos do ponto de vista lexicográfico.

Os textos introdutórios de um dicionário escolar devem considerar dois públicos distintos: o discente e o docente. Aos alunos são fornecidas, geralmente, informações a respeito do manuseio do dicionário, enquanto aos professores explicações a respeito do próprio fazer lexicográfico e sugestões de atividades com o uso do dicionário são de suma importância, pois o professor deve estar atento em relação ao tipo de obra a ser adotada para determinado público-alvo, em decorrência de seus objetivos didáticos.

3.2.1.1 Público-alvo

Um dicionário escolar de cognatos da língua portuguesa contemporânea, nos moldes do aqui proposto, tem como público-alvo estudantes da faixa etária entre 12 e 17 anos, ou seja, alunos das séries finais do Ensino Fundamental e alunos do Ensino Médio. Todos os dicionários escolares, por orientação do Ministério da Educação e Cultura — MEC —, são classificados por faixa etária, porém, o usuário não está acostumado a verificar essa informação antes de comprar um dicionário, salvo aqueles casos específicos em que a escola

⁷² “Convém, com efeito, diferenciar o lexicógrafo do dicionarista, este e aquele se acumulam e alternam, na maioria das vezes, na mesma pessoa para dar origem a um dicionário de qualidade.

A dicotomia é particularmente útil, porque ela faz aparecer a dualidade sempre presente quando se trata do dicionário, demarcando convenientemente o linguista, aqui o lexicógrafo, confrontando à análise científica das palavras e o prático, o dicionarista, que é encarregado de pôr em prática um produto. O lexicógrafo se assemelha, com efeito, a um pesquisador somente preocupado pelo rigor científico de sua análise e de sua descrição lexical, sem se preocupar com as imposições inerentes à elaboração e à difusão do dicionário enquanto produto de venda” (TN).

exige a compra de determinado dicionário para os alunos. Dessa forma, os minidicionários são utilizados pela maior parte dos estudantes, a partir do momento em que substituem o dicionário infantil por outro de nomenclatura mais densa, o que ocorre a partir dos 9 anos de idade, em média.

A partir da delimitação do público-alvo é que se definem a nomenclatura, os textos que farão parte da macroestrutura, a composição da microestrutura, entre outras questões. Um dicionário de cognatos para crianças com idade inferior a 12 anos não seria viável por haver a necessidade de limitar a nomenclatura e, conseqüentemente, as famílias de palavras ficariam incompletas. Também, haveria a necessidade de fazer opções quanto às informações gramaticais a serem apresentadas, de forma diferenciada, levando-se em conta o processo cognitivo de aprendizagem.

Diferentemente, um adolescente, a partir dos 12 anos, já possui competência linguística suficiente sobre a estrutura da língua que lhe permite entender e utilizar o dicionário de cognatos de forma adequada, a fim de expandir seus conhecimentos lexicais e estabelecer relações semânticas entre as palavras de uma mesma família.

A delimitação do público-alvo é importante para o dicionarista escolher, entre vários caminhos, o que deve ser seguido levando em consideração as implicações decorrentes da sua escolha, visando sempre a atender as necessidades do usuário.

3.2.2 A fonte dos dados: informações sobre o *corpus* utilizado para a pesquisa

Nos textos introdutórios deve haver informação acerca da fonte de onde as palavras lematizadas foram extraídas: se a partir de uma base de dados documentada, ou de um sistema linguístico individual do autor, ou de uma equipe de autores, ou ainda, de algum outro dicionário. A referência sobre o sistema linguístico em que se baseia a obra é um dos critérios práticos estabelecidos por Haensch (1982, p. 95-187) para classificar tipologicamente um dicionário. Complementando, Biderman (2003, p. 62) ressalta que “a dicionarística moderna se baseia em um *corpus informatizado de referência* para a extração e a seleção das entradas (lemas) do dicionário.” A seleção de lemas baseada em um *corpus* é a opção mais adequada para um dicionário escolar, pois retrata com fidedignidade a língua em uso pelos usuários da língua, principalmente pelos jovens estudantes. Ainda, nesse particular, Biderman (2002, p. 93) argumenta que

O uso de um *corpus* informatizado para a confecção de dicionários implica grandes vantagens e benefícios para o produto lexicográfico, a saber:

- 1) confiabilidade dos dados como representação da língua realmente usada pelos falantes tanto em modalidades escritas como oral;
- 2) possibilidade de registro e identificação das fontes e de sua datação;
- 3) possibilidade de identificação dos registros ou níveis de linguagem;
- 4) abundância de dados e possibilidade de manipulação rápida desses dados;
- 5) contextualização das palavras, o que permite a extração dos valores semânticos e sintáticos das palavras com base em dados autênticos.

A partir de um *corpus* é possível determinar a frequência com que uma palavra é utilizada, requisito fundamental para a escolha da nomenclatura de um dicionário de forma coerente com o público-alvo definido, no caso, para que essa nomenclatura realmente abranja as áreas de saber que o estudante esteja em contato e, ainda, estejam presentes

[...] não só os itens que compõe a base do léxico da língua, mas ainda a base ampliada, que alcança vários setores da vida social e vários aspectos culturais, bem como aqueles itens que circulam na língua escrita como um todo, com frequência diferente de zero e abrangendo todos os setores da vida social (BORBA, 2011, p. 23).

Nessa perspectiva, um dicionário escolar de cognatos também deve se basear em um *corpus* para compor a sua nomenclatura. Atualmente, no Brasil, pode-se contar com vários *corpora* disponíveis para consulta pública⁷³. Especificamente para a proposta de dicionário de cognatos, aqui apresentada, está sendo utilizado o Lácio-Ref, que é um *corpus* aberto e de referência do Projeto Lácio-Web⁷⁴, recorte do Corpus NILC (Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional de São Carlos), que foi criado em 1994, sendo um dos primeiros *corpora* equilibrados (contendo vários gêneros de textos) para a língua portuguesa. Atualmente o *corpus* do NILC⁷⁵ contabiliza uma média de 42,5 milhões de unidades que servem de base para vários projetos comporem seus *subcorpus*, entre eles, o Lácio-Web, descrito em seguida.

Lácio-Web (LW) é produto de um projeto de 30 meses de duração, financiado pelo CNPq, iniciado em janeiro de 2002, com parceria entre o NILC (Núcleo Interinstitucional de

⁷³ Podemos citar entre os bancos de dados disponíveis para consulta pública: i) Banco de Português da PUC/SP, LAEL, CEPRI, DIRECT, que é um *corpus* de português do Brasil, atualizado constantemente. Possui mais de 223 milhões de palavras (tokens) e foi criado e é mantido no âmbito do projeto DIRECT e faz parte dos Bancos de Dados do CEPRI, LAEL, PUC/SP. Disponível em <http://www2.lael.pucsp.br/corpora/>; ii) *Corpus do Português*, elaborado e mantido por Davies, Mark e Michael Ferreira desde 2006. Contém 45 milhões de palavras, referentes aos séculos XIV-XX. Disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>. Ambos sites com acesso em 25/10/2011.

⁷⁴ Todas as informações a respeito do Lácio-Web estão no site do NILC (<http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/index.html>) e no próprio site do Lácio-Web: <http://www.nilc.icmc.usp.br/lacioweb/index.html>. Acesso em 25/10/2011.

⁷⁵ O *corpus* do NILC, na íntegra, está disponível em <http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/tools/corpora.htm>. Acesso em 25/10/2011.

Linguística Computacional), que reúne pesquisadores do Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação (ICMC) da USP de São Carlos, a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e a Universidade Estadual Paulista (Unesp-Araraquara). O objetivo desse projeto é divulgar e disponibilizar livremente na Web: i) vários *corpora* do português brasileiro contemporâneo, escrito, que reúne bancos de textos adequadamente compilados, catalogados e codificados em um padrão que possibilite fácil intercâmbio, navegação e análise e, ii) ferramentas linguístico-computacionais, como contadores de frequência, concordanciadores e etiquetadores morfossintáticos. O público-alvo do LW é heterogêneo: de um lado linguistas, cientistas da computação, lexicógrafos etc. e, de outro, não especialistas em geral.

O Lácio-Web é formado por quatro *corpora*: Lácio-Ref, Mac-Morpho, Par-C, Comp-C, que estão disponibilizados no *site* <http://www.nilc.icmc.usp.br/lacioweb/>. Entre esses *corpora*, foi selecionado, para utilização da amostra do dicionário de cognatos (Capítulo IV), o *corpus* Lácio-Ref que conta, atualmente, com 4.046 arquivos de textos em português brasileiro, escritos em norma culta, totalizando 4.885.809 ocorrências. É um *corpus* “cru” (não anotado com informações morfossintáticas, sintáticas ou de nível mais elevado), mas possui anotações da existência de elementos gráficos, com a conveniência de que a grande maioria dos textos está disponibilizada na íntegra. O Lácio-Ref é composto do seguinte material:

TEXTOS	GÊNERO	CARACTERÍSTICA
1 ano da Revista Nova Escola	Informativo	Revista voltada para o trabalho docente e variedades relacionadas ao ambiente escolar
1 ano da Revista Fapesp	Informativo	Revista de divulgação dos projetos científicos e tecnológicos financiados pela FAPESP
1 ano da Folha de São Paulo	Informativo	Jornal brasileiro de grande circulação
2 anos do Jornal Jorusp	Informativo	Jornal publicado pela Universidade de São Paulo (USP)
1 ano da Revista Super Interessante	Informativo	Revista com temas científicos para divulgação ao grande público
2 edições da Revista das Religiões (1 e 2)	Informativo	Revista sobre as diversas religiões no mundo
8 anos do Informativo José Reis	Informativo	Boletim informativo da Escola de Comunicação e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo
Teses e dissertações do site SABER (www.saber.usp.br)	Científico	Material científico produzido na Universidade de São Paulo
<i>Caminhos da análise de acidentes de trabalho</i>	Científico	Livro, na área de saúde pública, produzido pelo professor Ildeberto Muniz de Almeida, da Universidade de São Paulo (USP)
8 anos da Revista Cerâmica Industrial	Científico	Revista da Associação Brasileira de Cerâmica para a divulgação de trabalhos científicos e tecnológicos
<i>A Economia da natureza</i>	Instrucional	Trechos do livro didático de Ensino Superior publicado pela Editora Guanabara/Koogan em 1993
<i>Ecologia</i>	Instrucional	Trechos do livro didático de Ensino Superior publicado pela Editora Guanabara em 1983

Publicações do NILC	Científico	Material científico de diversos tipos de texto produzidos pelos membros do NILC
Publicações do TIL 2003	Científico	Artigos do Primeiro workshop em <i>Tecnologia da Informação e da Linguagem Humana</i> (TIL), realizado em 2003 no NILC
Revista Brasil de Literatura	Científico	Revista de divulgação de textos científicos (ensaios e resenhas) sobre literatura, além de textos literários, propriamente, separados nos gêneros poesia, prosa e drama
Um montante de textos Jurídicos	Jurídico	Literatura jurídica com diversos tipos de texto, disponíveis na Web.
Literatura de Ficção	Literário	Literatura de ficção separada nos gêneros poesia, prosa e drama
Revista Brasil de Literatura	Literário	Textos literários (poesias e crônicas)

Quadro V – Descrição do corpus Lácio-Ref⁷⁶

Para a pesquisa e seleção de um *subcorpus*, o Lácio-Ref distingue seus textos em quatro categorias ortogonais: gênero, tipo de texto, domínio e meio de distribuição. Também distribui e classifica o *corpus* em oito grandes domínios: Ciências Agrárias, Ciências Humanas, Ciências Biológicas, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências da Saúde, Generalidades, Ciências Exatas e da Terra, Religião e Pensamento. Há várias ferramentas disponíveis para busca, classificação e seleção, para que o usuário possa formar o seu próprio *corpus*, compilando-o na íntegra, por categoria, por domínios ou outras formas de busca avançada. Assim, a busca vai evoluindo à medida que se queira um resultado mais específico. Tudo está disponível no site <http://www.nilc.icmc.usp.br/lacioweb>, com acesso livre, bastando que o usuário cadastre um *login* e uma senha.⁷⁷

Para melhor manusear esse material linguístico, optamos por *fazer download* de todo o *corpus* disponível no Lácio-Ref, todos os domínios e gêneros, para obter não só a frequência da palavra, mas também os seus respectivos cognatos e o contexto para ser utilizado como abonações. Essa busca é feita por meio de um programa de contador e concordanciador criado por meio da plataforma de desenvolvimento em linguagem de programação *Object-Oriented Pascal*, distribuído pelo nome de *Codegear RAD Studio*⁷⁸, que pode ser utilizado em qualquer banco de dados, desde que esteja em arquivo *txt*. Essa ferramenta indica o número de arquivos disponível no banco, o número de arquivos em que a palavra procurada aparece, a frequência de cada palavra no conjunto do *corpus* ou em parte dele (por gênero textual ou por

⁷⁶ Esse quadro está na página inicial do Lácio-Web e foi aqui reproduzido na íntegra. Disponível em <http://www.nilc.icmc.usp.br/lacioweb/descricao.htm>. Acesso em 20/10/2011.

⁷⁷ Tomamos conhecimento a respeito desse banco de dados por intermédio da Profa. Dra. Gladis Maria de Barcellos Almeida, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

⁷⁸ Esse programa foi desenvolvido por Flavio Henrique Toribio Destro, para uso pessoal, especificamente para este trabalho. No site <http://www.nilc.icmc.usp.br/lacioweb/ferramentas.htm> há ferramentas disponíveis para explorar os *corpus* que compõem o Lácio-Web (contadores, concordanciadores e etiquetadores), porém, com o avanços na área de informática, muitos programas não são compatíveis com os novos sistemas operacionais. Dessa forma, não foram utilizadas as ferramentas disponíveis no Lácio-Web, mas o programa descrito, desenvolvido para atender às demandas provenientes desta pesquisa.

área de conhecimento, por exemplo) e o contexto (que pode ser ampliado, mostrando, assim, o texto completo com as referências). Para a busca de cognatos, o programa faz uso da biblioteca avançada sobre pesquisas em texto, conhecida como *Regular Expressions* (Expressões Regulares), que é uma ferramenta em que se pode, a partir de uma ampla base de algoritmos computacionais (símbolos convencionais), descrever detalhadamente como o item sugerido deve ser pesquisado. Enfim, há várias ferramentas disponíveis que fazem parte do programa e que auxiliam na busca a partir de um comando específico, como por exemplo: para buscar cognatos digita-se a raiz da palavra com um espaço em branco à direita e outro à esquerda, comando que gera uma lista de todas as ocorrências oriundas da base digitada. Esse processo é muito eficiente, não só para a detecção de cognatos, mas também para procura de verbos, à medida que devem ser consideradas todas as suas formas flexionadas e não somente a forma nominal infinitiva.

3.2.3 Nomenclatura — características

O tamanho da nomenclatura depende do tipo de dicionário que se pretende elaborar. No caso de um dicionário escolar, o número ideal deve ficar em torno de 30 mil entradas, de acordo com a classificação de Biderman (1984, p. 27). Partindo do pressuposto que um dicionário de cognatos pretende lematizar a família lexical da palavra (cuja frequência seja comprovada no *corpus* de apoio) em um único verbete, devem-se considerar, para efeitos quantitativos, as entradas e subentradas, já que estas são organizadas logo após a palavra que encabeça o verbete.

Quanto à ordenação de matérias, foi utilizado, nesta proposta, o critério semasiológico, ou seja, as entradas são organizadas em ordem alfabética, na nomenclatura e os cognatos também são organizados seguindo o mesmo critério, dentro dos verbetes. As palavras são lematizadas em dois tipos de verbetes: múltiplos e remissivos⁷⁹. Esse procedimento facilita a consulta, pois o consulente pode localizar a palavra procurada, de acordo com a ordem alfabética que é mantida, como é convencional nos dicionários em geral. Os verbetes remissivos dessa natureza é uma prática em dicionários organizados por famílias de palavras, conforme explica Dubois (1971, p. 57-58):

⁷⁹ O subitem 3.3.4 — *Tipos de verbetes* contém o detalhamento desse tópico.

Toute *rupture de l'ordre alphabétique* ne peut être que très limitée: ainsi, dans certains dictionnaires, comme le *DICTIONNAIRE DU FRANÇAIS CONTEMPORAIN*, on regroupe sous une même entrée des termes dérivés du mot de base (*étonnement à étonner, aimablement à aimable*); mais, en ce cas, les ruptures pratiquées dans l'ordre alphabétique n'interviennent qu'après la 5^e. ou 6^e. lettre, distance suffisante pour ne pas gêner dans la consultation. Si le regroupement de *amour à aimer, de dépourvu à pourvu*, le lexicographe est obligé de recourir au système de renvois. Là, où le lecteur devrait lire le mot cherché, il trouve l'instruction: reportez-vous à une autre entrée pour connaître la définition du terme cherché.⁸⁰

Em um dicionário de cognatos as palavras são lematizadas em grupos de famílias, sendo a ordem alfabética mantida dentro dos verbetes. Entretanto, o que garante a sequência das palavras na nomenclatura e facilita a consulta são os verbetes remissivos, que remetem a palavra à sua respectiva família. Esse procedimento demonstra ao consulente a palavra que deu origem ao cognato, mesmo antes de ele ler o verbete da palavra lematizada como entrada.

3.2.3.1 Composição da nomenclatura — critérios de lematização

Para a confecção do tipo de dicionário aqui proposto, deve ser feito um recorte do léxico, pois nem todas as palavras são produtivas a ponto de formarem famílias, algumas são apenas instrumentos gramaticais. Dessa forma, somente as palavras plenas são lematizadas, ou seja, as portadoras de sentido: nomes (substantivos, adjetivos e alguns advérbios terminados em *-mente*) e verbos. Essas palavras possuem elevada produtividade lexical, sendo responsáveis pelas novas palavras que se formam na língua, por isso, passíveis de lematização por agrupamento.

O primeiro passo, para a elaboração de uma pequena amostra do dicionário de cognatos da língua portuguesa contemporânea (Capítulo IV), foi um levantamento no *corpus* Lácio-Ref, seleção das palavras com maior frequência, organização de uma lista e identificação dos possíveis cognatos, para então montar a família. As palavras que não apresentaram cognatos não foram lematizadas, pois o objetivo do dicionário aqui proposto é demonstrar a relação de parentesco existente entre as palavras.

⁸⁰ “Qualquer ruptura da ordem alfabética deve ser muito limitada: assim, em alguns dicionários como o *DICTIONNAIRE DU FRANÇAIS CONTEMPORAIN*, agrupa-se sob uma mesma entrada termos derivados da palavra base (*étonnement à étonner, aimablement à aimable*); mas, neste caso, as rupturas realizadas na ordem alfabética ocorrem somente após a 5^a ou 6^a letra, distância suficiente para não interferir no processo de consulta. Assim, no agrupamento de *amour à aimer, de dépourvu à pourvu*, o lexicógrafo é obrigado a recorrer ao sistema de remissivas. Lá, o leitor deve ler a palavra pesquisada e ver a instrução: confira uma outra entrada para encontrar a definição do termo procurado” (TN).

Em um dicionário geral adota-se, segundo Biderman (1998, p. 134-135), o seguinte critério em relação à escolha das palavras pela frequência:

Para uma seleção criteriosa e científica, a estratégia correta é o recurso a uma grande base textual, um enorme *corpus* de dados linguísticos, de discursos realmente realizados — língua escrita e oral — para daí extrair a nomenclatura desejada com base em critérios léxico-estatísticos. Esse *corpus* deve conter, no mínimo, 10 milhões de ocorrências de todas as modalidades de discurso e/ou texto para garantir a representatividade do acervo lexical da língua, bem como de seu uso. Desse efetivo selecionar-se-á numa primeira etapa, as palavras que ocorreram pelo menos cinco vezes (para um total de 50.000 entradas). A seguir, deve-se examinar, com critério, as listas das palavras de frequência 1 e 5 para eventualmente coletar outras unidades neste conjunto. Os *hapax legomena* (frequência 1) serão rejeitados, pois registram idiossincrasias de autores, ou tecnicismos típicos do discurso científico.

Esse critério, explicitado por Biderman (1998, p. 134-135), deve ser utilizado, em parte, para o modelo aqui proposto, já que em um dicionário escolar a nomenclatura deve reunir em torno de 30 mil verbetes. Dessa forma, para a “Amostra de Verbetes” (Capítulo IV) considerou-se palavras com frequência acima de 5, constatada no *corpus* Lácio-Ref, para serem lematizadas como entradas de verbetes. Os cognatos são lematizados, independentemente de sua frequência, porque não é coerente deixar uma família incompleta porque uma palavra, muitas vezes pertencente à nomenclatura de dicionários escolares e/ou recorrente em textos de livros didáticos, não foi encontrada no *corpus*. É o caso, por exemplo, do verbo *aniversariar* que faz parte da nomenclatura de dicionários como o *Míni Aurélio* (2008) e faz parte do verbete da palavra *ano* (cf. Capítulo IV, “Amostra de Verbetes), porém, não há nenhuma ocorrência desse verbo, nem de suas variações, no *corpus* Lácio-Ref. Nesses casos, foi feita pesquisa no *corpus* do NILC⁸¹, que denominados, aqui, de *corpus* de controle, utilizado como segunda opção para casos de palavras que não figuram no Lácio-Ref.

O quadro VI apresenta as palavras mais frequentes encontradas no *corpus* Lácio-Ref. Em seguida, são discutidos os critérios de composição da nomenclatura para a amostra de verbetes de um dicionário de cognatos.

Verbos	Frequência	Substantivos	Frequência	Adjetivos	Frequência
ser	119.509	ano	5.877	grande	5.809
ter	18.356	professor	5.792	brasileiro	4.327
poder	9268	forma	4.932	maior	4.086
haver	8.332	problema	4.333	novo	3.339
dever	7.515	trabalho	4.569	possível	3.003

⁸¹ O *corpus* do NILC não foi utilizado como nossa base primeira de referência devido à sua extensão (42,5 milhões de unidades) que inviabiliza a cópia do arquivo para nosso manuseio. Assim, a pesquisa só pode ser feita no próprio *site* que hospeda o banco de dados, com as ferramentas disponibilizadas pelo núcleo mantenedor do programa. Também, esse *corpus* não disponibiliza os textos na íntegra, com suas respectivas fontes, para que pudéssemos utilizar como base nas abonações.

fazer	6.368	vez	4.063	importante	2.903
estar	5.673	parte	3.893	nacional	2.717
ir	4.592	pesquisa	3.948	alto	2.416
encontrar	3.965	estado	3.879	social	2.411
estudar	3.966	tempo	3.573	pequeno	2.019
trabalhar	3.931	programa	3.470	bom	1.993
ficar	3.542	grupo	2.848	próximo	1.937
saber	3.146	aluno	2.675	econômico	1.923
precisar	3.121	ponto	2.634	internacional	1.745
ver	2.850	pesquisador	2.539	português	1.733
afirmar	2.719	escola	2.075	baixo	1.162
querer	2.530	dia	2.036	total	1.070
chegar	2.351	vida	2.007	especial	996
dar	2.257	estudo	1.910	atual	945
dizer	2.185	homem	1.878	federal	878

Quadro VI — Verbos, substantivos e adjetivos mais frequentes, no *corpus* Lácio-Ref.⁸²

As palavras gramaticais (artigos, preposições, conjunções, pronomes e alguns advérbios) ocorrem em maior número na língua e aparecem no topo da lista de frequência, mas, por não fazerem parte do nosso objeto de estudo, não aparecem no Quadro VI e não foram aqui discutidas. Os verbos possuem alta frequência na língua por serem ricos em flexões, sendo assim utilizados em todos os contextos. O verbo *ser*, por ser predicativo e funcionar como elemento de ligação, é muito utilizado por marcar valores temporais, modais e aspectuais, em todos os tipos de textos, orais e escritos. Os verbos *estar*, *dever*, *poder*, *ter*, *saber* e *precisar* também marcam valores aspectuais e modais e ainda funcionam como verbos auxiliares, fato esse que explica a alta frequência dessas palavras no *corpus*. Entretanto, somente o critério da alta frequência não é decisivo para a lematização de unidades em um dicionário de cognatos. É necessário atestar a frequência e a produtividade lexical, ou seja, a capacidade de produzir derivados.

Para a identificação dos cognatos, no *corpus*, é necessária uma busca avançada, a partir da raiz da palavra, com a ferramenta *Regular Expressions*. Todavia, essa pesquisa nem sempre fornece resultados com total credibilidade, pois muitas palavras possuem bases formadas por poucas letras, como é o caso do substantivo *ano*, cuja combinação é frequente em centenas de palavras, então, nesse caso, a seleção se procedeu de forma manual. Há, também, buscas que geram resultados plenamente satisfatórios, como é o caso das palavras *trabalho*, *pesquisa* e *escola* que, por possuírem raízes extensas (*trabalh-*; *pesquis-*; *escol-*), facilitam a busca por concordâncias no universo pesquisado. Após a seleção dos cognatos é necessário consultar dicionários etimológicos⁸³ para identificação e comprovação dos derivados.

⁸² As palavras do quadro estão em sua forma canônica, porém a consulta ao *corpus* abrange todas as flexões, sendo assim contabilizadas no número referente à frequência.

Assim, por exemplo, os verbos *ser* e *ir* não fazem parte da amostra de verbetes, porque na atualidade não há palavra derivada desses verbos que possam ser comprovadas com estudos morfológicos do ponto de vista sincrônico. O verbo *ser*, por exemplo, foi formado a partir de outros verbos latinos como *sēdēre*, *sedèò*, *es*, *sédi*, *sessum*, fundidos com as formas do verbo latino *esse*. Por esse fator, esse verbo é altamente irregular, já que não mantém o mesmo radical em todas as formas. E, hoje em dia, não seriam reconhecidas, por exemplo, as palavras *apresentação*, *presença* e *interesse* como cognatas, mesmo que a história nos remeta a essa probabilidade.

O contrário verifica-se com o substantivo *pai* que, mesmo com frequência baixa (708) no *corpus*, possui muitos cognatos por ser proveniente do latim vulgar *patre*, que evoluiu para *padre* → *pade* → *pai* e, em todas as etapas da evolução, formaram-se derivados (*pátria*, *patrão*, *padrasto*). A palavra *pater* também significa *pai*, em latim clássico, que originou outros derivados (*paterno*). Assim, todos os cognatos dessas raízes devem ser lematizados em um único verbete, por constituírem uma só família etimológica.

O substantivo *vida* e o verbo *viver* são provenientes de bases diferentes do latim, *vīta* e *vīvēre*, por isso não são cognatas, ambas são datadas do século XIII e formaram ao longo da história suas respectivas famílias, que devem ser lematizadas em verbetes distintos, cada qual com seus derivados, mesmo que, muitas vezes, sejam consideradas cognatas palavras que, independentemente da raiz, são facilmente reconhecíveis e continuam em uso (*vital*, *vitalício*, *convívio*, *vivacidade* etc.).

Ainda há casos de cognatos, conhecidos por seu uso, que não figuram em muitos dicionários etimológicos da língua portuguesa, como provenientes de uma mesma raiz. É o caso da palavra *aniversário*, que não há menção sobre sua derivação a partir da palavra latina *annus* (*ano*) nos dicionários de Cunha (2007) e de Machado (1987). Para comprovar o que já é consagrado pelo uso foi preciso recorrer aos dicionários de Rey-Debove (1983) e Picoche (2009), ambos de língua francesa. A tarefa de escolher a nomenclatura de um dicionário de cognatos é custosa, já que as palavras exigem tratamentos distintos, pois a história e evolução de cada palavra seguem seu próprio curso. Dessa forma, a seleção da nomenclatura exige a consulta em dicionários etimológicos, sem descuidar de duas primícias básicas em um dicionário escolar: o critério da frequência e a adequação da obra ao público-alvo.

⁸³ Neste trabalho foram consultados os dicionários etimológicos de Cunha (2007), de Machado (1987) e de Picoche (2009), além do *Le Robert Méthodique* (REY-DEBOVE, 1983).

Pelo que foi exposto, nota-se que os critérios estabelecidos para a lematização de palavras em um dicionário geral não se aplicam a um dicionário de cognatos, cuja nomenclatura requer tratamento diferenciado.

3.2.3.1.1 Critérios para a lematização das palavras

Os substantivos e adjetivos são lematizados em sua forma canônica tradicional (singular, masculino) e todas as subentradas obedecem rigorosamente à ordem alfabética. Os substantivos que designam nomes próprios e marcas registradas, em geral, não são lematizados, mesmo sabendo-se que

[...] l'élimination des noms propres dans le comptage, afin d'écarter les entrées purement encyclopédiques qui n'apparaissent pas dans les dictionnaire de langue, est plus délicate qu'on ne le pense généralement: le passage du nom propre au nom commun est aussi un continuum. Les dictionnaires de langue, enregistrent souvent à leur insu un nombre non négligeable de noms propres (REY-DEBOVE, 1971, p. 63).⁸⁴

Dessa forma, os substantivos comuns e adjetivos oriundos de nomes famosos, lendários ou mitológicos, como é o caso de *quixote*, *quixotesco*, *homérico*, *marxismo*, *marxista* etc. não devem compor a nomenclatura de um dicionário de cognatos, por serem derivados de nomes próprios que não fazem parte da nomenclatura da obra. Esse critério aplica-se também aos adjetivos pátrios ou gentílicos por serem também derivados de nomes próprios, como é o caso de *brasileiro* e *português*, presentes no Quadro VI.

Alguns substantivos deverbais geram polêmicas⁸⁵, pois muitas vezes não há como comprovar a derivação regressiva do substantivo a partir do verbo, para constatar qual deles realmente é primitivo ou derivado, como se verifica com as palavras *estudo/estudar* e *trabalho/trabalhar*. O verbo *trabalhar* e o substantivo *trabalho* são datados do século XIII, por Cunha (2007) e Machado (1987) e ambos consideram a palavra *trabalho* de verbal de *trabalhar*. Para as palavras *estudo/estudar* não há concordância entre os dois estudiosos: Cunha (2007) marca o século XIII para o verbo *estudar* e o século XIV para o substantivo *estudo*, porém considera *estudar* derivado de *estudo*. Machado (1987) indica o século XIII

⁸⁴ “A eliminação dos nomes próprios da contagem, para descartar entradas puramente enciclopédicas, que não aparecerão no dicionário da língua, é mais delicada do que geralmente se pensa: a passagem do nome próprio ao nome comum é também um *continuum*. Os dicionários de língua registram, muitas vezes, sem perceber, um número significativo de nomes próprios” (TN).

⁸⁵ Cf. essa discussão no Capítulo I, no item 1.4.1.4, “Derivação regressiva”, p. 46-48.

para as duas palavras sem deixar clara a questão da derivação. Então, como se pode verificar, não há um consenso em relação à etimologia dessas palavras.

Nesses casos, adotando-se o critério da frequência, não haverá empecilhos para a adequada lematização dessas unidades. Assim, de acordo com o Quadro VI, podemos observar: *estudo* (frequência 1.910) e *estudar* (frequência 3.966); *trabalho* (frequência 4.569) e *trabalhar* (frequência 3.931). No primeiro caso, o verbo é o mais frequente e no segundo o substantivo, portanto, as palavras *estudar* e *trabalho* são lematizadas como entrada, *estudo* e *trabalhar* como subentradas.

De acordo com convenções lexicográficas, os verbos são apresentados na forma nominal infinitiva. Aqueles cujas formas no particípio funcionam também como adjetivos são marcados com as duas classificações⁸⁶. Também são lematizadas as palavras oriundas de verbos por derivação imprópria, com marcação que indique a mudança de classe⁸⁷.

Os advérbios terminados em *—mente* são lematizados já que, segundo Câmara Jr. (2004, p. 78), “trata-se de um nome, ou pronome, que serve de determinante a um verbo”⁸⁸. Esses advérbios de modo são comuns na língua e é muito frequente a derivação de advérbios em *—mente* a partir de adjetivos, conforme observa Biderman (2001, p. 322):

[...] se alguns tipos de advérbio constituem classes fechadas de palavras, o advérbio de modo, inversamente, forma uma classe aberta. Por conseguinte, se de um lado o advérbio se assemelha a um vocábulo-morfema, por outro lado ele se reporta também ao universo externo à língua e tem muito conteúdo nocional, particularmente o advérbio de modo.

Não há necessidade de pesquisar a frequência dos advérbios, por serem eles sempre derivados de uma palavra que já estará lematizada. Esses advérbios são arrolados, não no final dos verbetes, como é comum em dicionários, mas após a entrada obedecendo à ordem alfabética.

3.2.3.1.2 Palavras homônimas e palavras polissêmicas

As palavras homônimas e polissêmicas são, muitas vezes, tratadas de formas equivalentes. Porém, antes de definir a lematização dessas unidades, faz-se necessário distingui-las para só depois estabelecer critérios para o tratamento lexicográfico dispensado a

⁸⁶ Cf. o verbete do verbo *chegar*, palavra *chegado*, na “Amostra de Verbetes”, Capítulo IV, p. 140.

⁸⁷ Cf. verbete da palavra *dever*, na “Amostra de Verbetes”, Capítulo IV, p. 145.

⁸⁸ A questão dos advérbios foi tratada no Capítulo I, item 1.2, “Classe de palavras”, p. 23-29.

elas. A homonímia é a “identidade fônica (homofonia) ou a identidade gráfica (homografia) de dois morfemas que não têm o mesmo sentido, de um modo geral” (DUBOIS, 1978, p. 326). Os homônimos geram dúvidas em relação à descrição linguística porque, às vezes, recebem tratamento de palavras polissêmicas. Entretanto, “chama-se polissemia à propriedade do signo linguístico que possui vários sentidos” (DUBOIS, 1978, p. 471).

Bréal (1992 [1897], p. 103)⁸⁹, utilizando o critério semântico, explica que a polissemia ocorre quando “o mesmo termo pode empregar-se alternativamente no sentido próprio ou no sentido metafórico, no sentido restrito ou sentido amplo, no sentido abstrato ou no sentido concreto”. Nesse sentido, uma palavra pode ganhar com o passar dos tempos novas significações, porém a sua base semântica inicial é preservada.

Esses conceitos, embora funcionais, não fornecem critérios suficientes para a distinção entre palavras homônimas e polissêmicas, no nível sincrônico, a ponto de determinar o seu lugar na nomenclatura do dicionário. Então, para diferenciá-las é necessário, segundo Câmara Jr. (2002, p.139-140), estabelecer os critérios:

1) diacrônico, que considera homonímia apenas as formas convergentes da gramática histórica; ex.: *são* > do lat. *sunt*, *sanu-*, port. *santo* em próclise; 2) sincrônico, que considera homônimas as formas fonologicamente iguais, cujas significações não se consegue associar num campo semântico definido; o que nem sempre é consequência de se tratar de formas convergentes (ex.: *cabo* “acidente geográfico” — *cabo* “posto militar” < lat. *caput*). São, por outro lado, necessariamente homônimas as formas fonologicamente iguais que representam diferentes classes de vocábulos; ex.: *alimento*, subst. — *alimento*, forma verbal.

Essas observações de Câmara Jr. nos leva à distinção da homonímia e polissemia a partir dos mesmos critérios utilizados para caracterizar a palavra: identidade fonética, identidade funcional e identidade semântica. Se uma palavra preencher esses três critérios, ela será polissêmica, caso contrário, será homônima. Rocha (1999, p. 69-70) ilustra esse princípio com as palavras *dente* e *manga*:

Meus dentes estão escovados.
Os dentes desta engrenagem precisam de graxa.
A manga de sua camisa está rasgada.
Esta manga está docinha.

⁸⁹ A primeira edição desse livro é de 1897 (BRÉAL, Michel. *Essai de Sémantique: science des significations*. Paris: Hachette, 1897). Neste trabalho, utilizamos a edição de 1992, traduzida para o português do Brasil por Aída Ferrás et al.

A palavra *dente* atende o critério fonético, semântico e funcional, enquanto *manga* atende os critérios fonético e funcional, mas não o semântico. Portanto, *dente* é um caso de polissemia e *manga* um caso de homonímia.

Para que essas palavras figurem em um dicionário, devem ser classificadas como homônimas ou polissêmicas, atendendo ao maior número possível de critérios, evitando-se contradição. Assim, em um dicionário de cognatos a premissa é considerar as palavras provenientes da mesma raiz, então, os homônimos que se enquadram nesse critério são lematizados da seguinte forma: (i) se houver homônimo da palavra primitiva, ambas serão lematizadas no mesmo verbete, com a demarcação numérica sobrescrita e as respectivas acepções, sendo cabeça de verbete a palavra com o sentido mais frequente na língua.⁹⁰; (ii) os homônimos que aparecem como subentradas dos verbetes, por serem derivados, são lematizados uma única vez, com as respectivas classes gramaticais demarcadas por um símbolo (◇), para evitar a repetição⁹¹.

Os homônimos provenientes de raízes diferentes devem ser tratados em verbetes distintos, com suas respectivas famílias, como é o caso das palavras *manga*¹ (parte da vestimenta onde se mete o braço) e *manga*² (fruto da mangueira)⁹².

As palavras polissêmicas não têm entradas distintas, são lematizadas uma única vez com todas as suas acepções, compondo um único verbete. A primeira acepção deve ser a de uso contemporâneo e com maior frequência no *corpus* consultado, como se pode observar com a palavra *programa*⁹³, que tem como acepção primeira o conceito de “apresentações, sistemáticas ou não, de audições radiofônicas ou espetáculos televisionados”, já que esse sentido é o de maior frequência no *corpus*. Quando esses dois critérios não forem suficientes, recorre-se à pesquisa etimológica/histórica, adotando-se, nesse caso, o critério diacrônico, como ocorreu com a palavra *posse*⁹⁴, cujos sentidos estão todos em uso na contemporaneidade e com alta frequência. Então, pelo critério diacrônico, foi anotada como acepção número um o sentido de “ato ou efeito de se apossar de alguma coisa; propriedade”.

⁹⁰ Cf. os lemas *forma*¹ e *forma*² na “Amostra de Verbetes”, Capítulo IV, p. 154.

⁹¹ Cf. a palavra *feito* no verbete do verbo *fazer*, na “Amostra de Verbetes”, Capítulo IV, p. 153.

⁹² “Manga¹ sf. ‘parte da vestimenta onde se mete o braço’, do latim *manīca*, de *manus* ‘mão’, século XIII. Manga² sf. ‘fruto da mangueira, planta da família das anacardiáceas’ século XVI” (CUNHA, 2007).

Essas palavras não constam na Amostra de Verbetes por não serem de alta frequência no *corpus* utilizado para este trabalho.

⁹³ Cf. o verbete da palavra *programa*, na “Amostra de Verbetes”, Capítulo IV, p. 169.

⁹⁴ Cf. o verbete da palavra *posse*, na “Amostra de Verbetes”, Capítulo IV, p.168.

3.2.3.1.3 Lexias compostas e lexias complexas

Como foi abordado no Capítulo I (item 1.3), para Pottier (1972, p. 26-27), a *lexia* é a unidade lexical memorizada que pode ser dividida em *simples*, *composta*, *complexa* e *textual*. Ainda, segundo o autor, a lexia composta, que corresponde à palavra composta na gramática normativa, é o resultado de uma integração semântica, como por exemplo, em *saca-rolhas*. A lexia complexa também é polilexemática por ser constituída de uma sequência de duas ou mais palavras, que em decorrência de seu uso constante torna-se uma construção fixa, com sentido único, com maior ou menor grau de idiomaticidade, como em *andar a cavalo*.

É muito tênue, no entanto, a diferença entre lexia composta e complexa, porque ambas são construções consolidadas na língua como uma única unidade. Para Biderman (1999, p. 89), as lexias complexas são “formadas por várias unidades separadas por brancos e não ligadas por hífen (cesta básica, dona de casa). E chamaremos de lexias compostas aquelas que são ligadas por hífen (guarda-roupa, mãe-de-santo)”. Entretanto, a presença ou não do hífen não é suficiente para classificar uma lexia. Câmara Jr. (2004) já alertara sobre essa questão ao observar que o hífen é apenas uma convenção ortográfica confusa e fora da realidade linguística.

As distorções ortográficas a que Câmara Jr. se referia foram corrigidas, em parte⁹⁵, pelo novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (2009) que modificou algumas normas da língua e em relação ao uso do hífen, especificamente em sua base XV (p. XXVI-XXVII), há a menção às palavras compostas e locuções:

1º) Emprega-se o hífen nas palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos, de natureza nominal, adjetival, numeral ou verbal, constituem uma unidade sintagmática e semântica e mantêm acento próprio, podendo dar-se o caso de o primeiro elemento estar reduzido [...]

6º) Nas locuções de qualquer tipo, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, não se emprega em geral o hífen, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao-deus-dará, à queima-roupa).

Segundo mudanças oriundas do novo Acordo, muitas palavras da língua portuguesa, já consagradas como lexias compostas, perderam o hífen (*olho de sogra*, *pé de moleque*), porém continuam sendo unidades sintagmáticas e semânticas, completamente distanciadas das palavras que lhes serviram de base, assim como as exceções citadas no Acordo, cujo critério adotado para o uso ou não do hífen foi apenas a presença do elemento de ligação entre as

⁹⁵ O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa tentou uniformizar a questão da ortografia, sem, no entanto, atentar para a tradição ortográfica da língua e as questões semânticas oriundas de tais modificações.

palavras que formam o sintagma lexical. Entretanto, as locuções⁹⁶ podem ter ou não grau de idiomatidade, porque a expressão idiomática ou idiomatismo, segundo Xatara (1998, p. 149, “é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”. Assim, no senso comum, o falante não vê, por exemplo, *olho de sogra* como uma locução e sim como uma única palavra, já que a mesma não remete às partes e sim ao todo que se forma a partir da junção das partes: um doce. Nesses casos, a presença do hífen facilitaria o aprendizado da língua, uma vez que haveria distinção ortográfica entre locuções com sentido denotativo e locuções com sentido conotativo.

Caracterizar lexias complexas e lexias compostas é uma tarefa difícil, porém o maior desafio é distinguir lexia complexa e *sintagma discursivo*, “pois as fronteiras entre as palavras muitas vezes são difusas. É fato incontestado que as fronteiras entre uma unidade lexical complexa e um sintagma discursivo são fluidas” (BIDERMAN, 2002, p. 87). Ainda, devemos considerar que “existe toda uma gama de graus de lexicalização entre os elementos de uma combinatória lexical — dos sintagmas cristalizados como lexias compostas e/ou complexas às unidades fraseológicas, às expressões idiomáticas” (BIDERMAN, 2002, p. 87).

Há muitas divergências entre os autores, no que tange às expressões idiomáticas e às unidades fraseológicas em geral, entretanto, em um dicionário escolar de cognatos, o objetivo é lematizar palavras pertencentes à mesma família, sendo assim, o limite será a própria palavra, ou seja, somente as palavras devem fazer parte da nomenclatura da obra, sejam elas simples ou composta.

Os dicionários gerais costumam inserir lexias complexas e sintagmas discursivos em seus verbetes, por tentarem abarcar todas as construções em torno da palavra lematizada. Em um dicionário escolar, também há a presença de algumas lexias complexas, porém, limitadas às colocações e locuções, para não sobrecarregar a nomenclatura. No entanto, em um dicionário escolar de cognatos, as locuções e colocações não devem figurar na nomenclatura, porque não são palavras derivadas ou cognatas, mas sintagmas construídos a partir de uma palavra base. Consequentemente, somente palavras simples e compostas são lematizadas.

Independente da polêmica que o hífen suscita, ele será utilizado como critério de distinção entre as lexias complexas e as compostas. As formações grafadas com hífen,

⁹⁶ As locuções são enunciados formados por duas ou mais palavras com o significado conjunto próprio e única função gramatical. Podem ser: nominais (*galinha morta*); adjetivas (*duro de roer*); adverbiais (*frente a frente, de modo algum*); verbais (*bater as botas*); prepositivas (*em vez de, através de*); conjuntivas (*à medida que, na proporção que*).

A colocação não é uma lexia simples, nem uma lexia complexa, mas também não é um enunciado fraseológico. O significado das colocações é composicional, isto é, pode identificar qual parte do significado do todo contém cada um dos componentes individuais, como por exemplo: *chuva torrencial; vinho tinto; carga fiscal*.

segundo o VOLP, consideradas, portanto, palavras compostas, devem ser lematizadas nos verbetes dos lemas que lhes serviram de base.

3.2.3.2 Composição da nomenclatura: síntese

Em uma obra de cunho pedagógico faz-se necessário uma seleção do léxico e lematizar apenas uma parte deste, de acordo com o objetivo a que se propõe. No caso de um dicionário de cognatos, o objetivo é propiciar ao usuário o conhecimento das palavras relacionadas a uma família. Assim, somente palavras que formam família ou pertençam a alguma devem fazer parte da nomenclatura de um dicionário desse tipo. Logo, outras palavras, expressões e elementos que não atendam a esse requisito não devem constar na nomenclatura de um dicionário escolar de cognatos, como especificados a seguir.

Alguns problemas, em relação à seleção da nomenclatura, já foram discutidos, como a questão das lexias complexas e enunciados fraseológicos em geral que não são contemplados. Também os substantivos próprios e seus derivados não serão lematizados, como o exposto em 3.2.3.1.1.

Os gramemas, de qualquer natureza, não devem fazer parte da nomenclatura do dicionário, mas devem fazer parte de um apêndice para consulta. Portanto, não são lematizadas, como entrada de verbetes, preposições, conjunções, artigos, numerais e advérbios (com exceção daqueles que terminam em *–mente*, que são anotados como subentradas das suas palavras de origem), pois as palavras pertencentes a essas classes são apenas instrumentos gramaticais⁹⁷, logo, não contribuem, atualmente, para a produtividade lexical.

Os morfemas derivacionais (prefixos e sufixos) e os elementos de composição (geralmente eruditos) pertencem ao que se pode denominar de classe fechada, são de número limitado e “não constituem unidades integrantes do patrimônio lexical” (BIDERMAN, 2002, p. 89), portanto, devem ficar fora da nomenclatura, apesar de ser indiscutível a importância desses elementos no processo de formação de novas palavras e também para a compreensão do léxico, mesmo que, em muitas palavras, já não sejam mais reconhecidos devido à perda de sua noção primária, por estar a palavra finda já cristalizada na língua. Nesses casos, os morfemas só podem ser depreendidos por meio de uma análise histórica. Dessa forma, os morfemas derivacionais e os elementos de composição devem ser arrolados em um apêndice, com significado e exemplos a partir de palavras da própria nomenclatura do dicionário.

⁹⁷ Cf. Capítulo I, item 1.2, “Classes de Palavras”, p. 23-29.

Também não seria conveniente lematizar os termos das linguagens técnicas e científicas utilizadas apenas no âmbito dessas áreas, pois alguns termos pertencentes ao mundo dos estudantes já são conceituados em livros didáticos e manuais específicos, como termos da área de Biologia ou Química, por exemplo. Entretanto, os termos que já fazem parte da língua geral em uso, com alta frequência, como aqueles ligados às áreas de informática ou de medicina, por exemplo, devem ser lematizados.

3.2.4 Textos suplementares

Um dicionário não é composto somente de uma lista de palavras, mas também de textos que informam sobre o manuseio do próprio dicionário e ainda outros referentes a questões pertinentes ao uso da língua. Em todo dicionário há um texto orientando o consulente a utilizá-lo, em que é demonstrado passo a passo o procedimento para a consulta, com exemplos de verbetes e toda diagramação ilustrada para um bom entendimento. Além desse texto instrucional, há também uma lista de abreviaturas e símbolos que são utilizados no próprio dicionário.

Esses textos são comuns em todos os dicionários, porém, em um dicionário escolar de cognatos é imprescindível também textos que auxiliem o consulente a entender o processo de derivação e composição das palavras, além de toda informação que o auxilie a compreender as regras de formação do léxico, pelo viés diacrônico e sincrônico. Dessa forma, é necessário apresentar como apêndice textos que contemplem:

- a) noções sobre etimologia e a origem das palavras;
- b) formação do léxico da língua portuguesa;
- c) unificação ortográfica — Acordo Ortográfico de 1990;
- d) estrutura e processos de formação das palavras;
- e) ortografia;
- f) acentuação;
- g) paradigmas verbais.

A opção pela não lematização dos gramemas leva à elaboração de apêndices com listas ou tabelas que contemplem:

- a) radicais gregos;
- b) radicais latinos;
- c) prefixos;
- d) sufixos;
- e) preposições e locuções prepositivas;

- f) conjunções e locuções conjuntivas;
- g) advérbios e locuções adverbiais;
- h) numerais.

Esses textos suplementares são importantes porque trazem listas de palavras não contempladas pela nomenclatura, esclarecem as possíveis dúvidas em relação à norma da língua e ainda orientam o usuário em relação à compreensão e ao uso dos lemas. Assim, o dicionário cumpre um dos seus objetivos, que é o de proporcionar o aprendizado do léxico, de forma didática, o que ratifica o caráter pedagógico da obra.

Frente ao exposto, até aqui, pode-se observar que a proposta para a macroestrutura de um dicionário de cognatos se diferencia, em vários aspectos, da macroestrutura do dicionário geral e do dicionário escolar padrão, por ser um tipo de obra que não tem por objetivo dar conta da maioria das palavras de uma língua. Dessa forma, muitas palavras não devem ser lematizadas, de acordo com critérios já estabelecidos. É importante observar que, em muitos casos, houve a obrigação de estabelecer critérios diferentes daqueles apregoados pelos grandes especialistas, cujas teorias, em sua grande maioria, referem-se a dicionários gerais ou escolares padrão. Em relação à microestrutura, item que se segue, essas mesmas observações devem ser levadas em consideração, por se tratar, aqui, de subsídios para um dicionário específico.

3.3 Subsídios para a microestrutura

A microestrutura é composta das informações arroladas dentro de um verbete, após a palavra-entrada. A microestrutura de um dicionário de cognatos tem um caráter peculiar, já que são lematizadas todas as palavras pertencentes a uma família dentro de um único verbete, o que pode torná-lo longo e complexo. Assim, para facilitar a consulta, a disposição do verbete deve ser clara e funcional, para melhor situar o usuário que está acostumado a dicionários que apresentam listas de palavras em verbetes individuais.

Dessa forma, para que a ordem alfabética seja mantida, algumas palavras figuram em dois verbetes: no remissivo e no múltiplo⁹⁸. A estrutura do verbete é essencial para a organização e a funcionalidade de um dicionário de cognatos, pois, se não for adequada, o usuário não obterá sucesso em sua pesquisa, por isso todos os critérios para a microestrutura

⁹⁸ Cf. item 3.3.4, “Tipos de verbetes”, p. 125.

de um dicionário de cognatos, aqui apresentados, foram aplicados na “Amostra de Verbetes” (Capítulo IV).

3.3.1 Informações funcionais para a microestrutura de um dicionário de cognatos

Muitas informações funcionais podem ser inseridas em um verbete, para auxiliar a compreensão da norma linguística e a aquisição da competência léxica. Essas informações são registradas na maioria dos dicionários de todos os tipos e “podem contribuir para o conhecimento descritivo da língua, em razão do conjunto de informações que os verbetes costumam oferecer” (KRIEGER, 2007, p. 301).

Como são muitas as informações que podem ser apresentadas em um dicionário, é necessário fazer algumas opções em detrimento de outras, por razões de economia, funcionalidade e, acima de tudo, priorizar o objetivo principal da obra. Portanto, não são registrados, no dicionário em questão: separação silábica, transcrição fonética e informações históricas sobre a palavra (datação e origem).

A separação silábica, embora funcional em um dicionário escolar, não é pertinente, nesse caso, porque sobrecarregaria demais o verbete, tornando-o mais extenso, uma vez que esse critério deveria ser adotado para todas as entradas e subentradas. Também, é necessário ressaltar que as

[...] normas ortográficas não estabelecem princípios claros para a separação silábica, quando ocorrem encontros vocálicos em que o primeiro elemento é uma semivogal /y/ ou /w/ — grafada *i* ou *u* — podendo formar uma sílaba com a vogal seguinte. Dependendo da velocidade de prolação, pode-se pronunciar esse encontro como ditongo (dito crescente) ou como hiato (BIDERMAN, 1992, p. 6).

Assim, uma tentativa de informar todas as possibilidades de separação silábica tornaria o texto do verbete muito denso, infringindo o critério da objetividade, que todos os lexicógrafos devem priorizar em suas obras. A transcrição fonética necessita ser substituída pela ortoepia, como explicações arroladas no item 3.3.2.2.

Como já assinalado, informações históricas sobre a palavra (origem e datação), mesmo em se tratando de um dicionário de cognatos, não integram o verbete, pois o objetivo da obra é fornecer a família das palavras na contemporaneidade, já a história das palavras é questão pertinente a dicionários históricos e/ou etimológicos. Também não são destacadas as raízes das palavras lematizadas, como ocorre no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (CUNHA, 2007), porque muitas palavras que no uso contemporâneo são consideradas cognatas provêm de raízes diferentes.

Dessa forma, foram arroladas informações que dizem respeito às variantes ortográficas, ortoepia e a questões gramaticais e, ainda, após cada acepção da palavra que encabeça o verbete, foi registrada uma abonação extraída do *corpus* de referência.

3.3.1.1 Variantes ortográficas

Algumas palavras apresentam variações ortográficas, é o que ocorre, por exemplo, com *aformosar/aformosear*⁹⁹. Nesse caso, foram lematizadas as duas variantes, primeiro a mais frequente no *corpus*, seguida da outra com menor índice de ocorrência e somente depois, são introduzidas as informações gramaticais. No caso da palavra cabeça-de-verbete também devem ser lematizadas as variantes e, na sequência, registrada a informação relativa à classe gramatical e/ou classe e regência, no caso dos verbos, para só depois ser introduzido o texto definitório. Alguns lexicógrafos optam por inserir as variantes da palavra no final do verbete, porém, devido às variações diatópicas¹⁰⁰, é provável que a frequência da palavra não determine que ela seja a mais conhecida em toda a extensão do território nacional, apenas que, em média, ela seja a mais utilizada. Portanto, situar as variantes em conjunto é uma questão de democratização ao acesso dessa informação a todos os usuários.

3.3.1.2 Ortoepia

A ortoepia esclarece a pronúncia (vogal aberta ou fechada, pronúncia de consoante ou encontro consonantal) da palavra, quando esta suscitar dúvidas. A transcrição fonética não se configura como recurso habitual em dicionários escolares monolíngues que têm por objetivo ser um instrumento de aprendizagem da língua materna, ao contrário dos dicionários bilíngues ou aqueles direcionados a estudantes estrangeiros. Dessa forma, nesta proposta, a palavra não é transcrita de acordo com o Alfabeto Fonético Internacional, mas apenas assinalada entre colchetes a pronúncia do fonema a ser destacado (achega [ê])¹⁰¹. Essa postura busca ser coerente com os objetivos de um dicionário monolíngue, por ser seu usuário, geralmente, alheio aos símbolos utilizados no Alfabeto Fonético Internacional. Sendo assim, a transcrição não seria profícua para auxiliar na pronúncia. Também é esse o procedimento adotado em dicionários tradicionais no mercado editorial, como o *Míni Houaiss: dicionário*

⁹⁹ Cf. verbete da palavra *forma*, na “Amostra de Verbetes”, Capítulo IV, p. 154.

¹⁰⁰ Variações diatópicas: “entendem-se as diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países” (ILARI; BASSO, 2009, p. 157).

¹⁰¹ Cf. verbete da palavra *achega*, na “Amostra de Verbetes”, Capítulo IV, p. 133.

da língua portuguesa (2008) e o *Míni Aurélio: o dicionário da língua portuguesa* (2008), portanto, de conhecimento da maioria dos estudantes.

3.3.1.3 Questões gramaticais

Um dicionário de cognatos, assim como todo dicionário do tipo escolar, deve privilegiar informações funcionais para o usuário, levando em conta que esse é um estudante que está em fase de aprendizado e ainda não se apropriou por completo das normas da língua. As informações gramaticais que figuram nos dicionários auxiliam o usuário a adquirir habilidades adequadas para refletir sobre o funcionamento da própria língua, entender a sua descrição, para então utilizá-la com propriedade e eficiência.

Nesse sentido, todos os substantivos e adjetivos são identificados pela classe gramatical da palavra, logo após a sua entrada ou subentrada. No caso do substantivo, o gênero foi informado: *sm.* para masculino; *sf.* para feminino; *s2g.* para substantivos comum de dois gêneros. Os adjetivos biformes, por não apresentarem dificuldades gramaticais, em relação ao gênero, foram lematizados na forma masculina, sem qualquer menção ao gênero, representados pela abreviação *adj.*, já os adjetivos uniformes foram identificados: *adj.2g.*

Os substantivos e adjetivos que suscitam dúvidas em relação à flexão de gênero e à flexão de número recebem informação adicional ao término de todas as informações arroladas para o lema, com a indicação da respectiva palavra flexionada. Quando a palavra não admitir traço de plural ou quando existir gramaticalmente só no plural, essas particularidades também são assinaladas¹⁰².

Nos dicionários gerais da língua portuguesa e nos dicionários escolares é comum constar a informação de natureza sintática, já que alguns verbos possuem várias regências. Conforme a NGB (1959), os verbos podem ser classificados em função da sua predicação em verbos de ligação, intransitivos, transitivos diretos e transitivos indiretos. Aqui é preciso considerar que a transitividade verbal é um assunto discutível entre os gramáticos, pois “o diferente comportamento sintático de diferentes verbos não pode ser explicado simplesmente com as noções de transitividade” (NEVES, 2002, p. 106).

Há de se considerar que o verbo, dentro de um enunciado, não é revestido apenas de conteúdo sintático, mas também tem valor semântico. Partindo desse pressuposto,

¹⁰² Cf. o verbete da palavra *haveres*, na “Amostra de Verbetes”, Capítulo IV, p. 157.

a gramática gerativa e particularmente a sua deriva consubstanciada nas pesquisas e trabalhos de Fillmore e seus seguidores evidenciaram a importância da semântica para a sintaxe verbal. Recentemente em língua portuguesa vários estudiosos examinaram o estatuto do verbo na frase. Devo referir especificamente o *Dicionário Gramatical de Verbos do Português*, Editora Unesp, 1990, em que F. da Silva Borba e seus colaboradores descreveram a sintaxe-semântica de um grande número de verbos portugueses, criando um novo modelo de análise com base nas teorias de Chafe e Fillmore. Mário Vilela e W. Busse (*Gramática das Valências*, Coimbra, Almedina, 1986) propuseram o modelo das valências, que foi desenvolvido na Alemanha em decorrência da gramática gerativa, das teorias de L. Tesnière e de outros sintaticistas contemporâneos (BIDERMAN, 1992, p.7).

Borba, que utilizou e aplicou o conceito de valência verbal em seu *Dicionário gramatical de verbos do Português Contemporâneo do Brasil* (BORBA, 1991) e também no *Dicionário de usos do português do Brasil* (BORBA, 2002), define valência como o “conjunto de relações estabelecidas entre o verbo e seus argumentos ou constituintes indispensáveis” (1991, p. XXI). Na realidade, Borba foi o primeiro brasileiro a descrever o verbo a partir da teoria de valências, em um dicionário, porém essa teoria é antiga e foi concebida pelo francês Lucien Tesnière e faz parte da sua *Gramática da Dependência*, publicada em 1959, onde o autor expõe a sua teoria, partindo do princípio da sintaxe estrutural:

- 1.—Le nœud verbal, que l'on trouve au centre de la plupart de nos langues européennes, exprime tout un petit drame. Comme un drame en effet, il comporte obligatoirement un procès, et le plus souvent des acteurs et des circonstances.
- 2.—Transposés du plan de la réalité dramatique sur celui de la syntaxe structurale, le procès, les acteurs et les circonstances deviennent respectivement le verbe, les actants et les circonstants.
- 3.—Le verbe exprime le procès. Ainsi dans la phrase fr. *Alfred frappe Bernard*, le procès est exprimé par le verbe *frappe*.
- 4.— Les actants sont les êtres ou les choses qui, à un titre quelconque et quelque façon que ce soit, même au titre de simples figurants et de la façon la plus passive, participent au procès.
- 5.— Ainsi dans la phrase fr. *Alfred donne le livre à Charles, Charles*, et même le *livre*, bien que n'agissant pas par eux-mêmes, n'en sont pas moins des actants au même titre qu'*Alfred*.
- 6.— Les actants sont toujours des substantifs ou des équivalents de substantifs. Inversement les substantifs assument en principe toujours dans la phrase la fonction d'actants.
- 7.— Les circonstants expriment les circonstances de temps, lieu, manière, etc... dans lesquelles se déroule le procès. Ainsi dans la phrase fr. *Alfred fourre toujours son nez partout*, il y a deux circonstants, un de temps (*toujours*) et un de lieu (*partout*).
- 8.— Les circonstants sont toujours des adverbes (de temps, de lieu, de manière, etc...) ou des équivalents d'adverbes. Inversement les adverbes assument en principe toujours dans la phrase la fonction de circonstants (TESNIERE, 1966, p. 102-103).¹⁰³

¹⁰³ “1.- O nó verbal, que está no centro da maioria das nossas línguas europeias, exprime um pequeno drama. Como um drama de fato, ele comporta obrigatoriamente um processo, frequentemente de atores e de circunstâncias.

2.- Transpõe do plano da realidade dramática da sintaxe estrutural, o processo, os atores e as circunstâncias que tornam-se respectivamente o verbo, os actantes e os circunstantes.

O programa curricular da Língua Portuguesa, no Brasil, não contempla diretamente, na Educação Básica, a teoria gramatical de valências. As gramáticas normativas seguem a classificação da NGB e não utilizam o conceito de valência verbal, apenas classificam o verbo sintaticamente, considerando a presença ou a ausência da preposição, não fazendo a descrição semântica nem do verbo nem dos seus complementos. No entanto, a teoria de valências vai além da indicação sintática, porque

[...] a valência é assim a propriedade de um elemento exigir, permitir, excluir complementos específicos. Aos complementos específicos chamamos *actantes*, aos não específicos, *circunstantes*. A valência permite estabelecer os modelos frásicos para cada verbo ou grupo de verbos, indicando os argumentos ou complementos possíveis de cada verbo (VILELA, 1992, p. 31).

Logo, o lexicógrafo tem a opção de classificar e descrever sintática e semanticamente o verbo, ou somente classificá-lo como é de praxe, segundo a NGB. Independente da escolha, trata-se de uma tarefa complexa, mas eximir-se dela não auxiliaria o consulente na produção e na recepção de textos escritos. Portanto, mesmo considerando que a descrição verbal pela teoria de valências seja mais apropriada em um dicionário escolar, seria incoerente, aqui, adotar esse modelo, por estar em dissonância com o que preconiza os livros didáticos voltados para a educação básica.

Assim, os verbos são lematizados em sua forma nominal infinitiva, com a indicação da classe (v.); da regência (*vpred.*; *vi*; *vtd*; *vti*; *vtdi*) ou das regências; da construção pronominal (*vpron.*). Nos dicionários escolares, é praxe em cada verbo lematizado constar um indicativo do paradigma de conjugação ao qual pertence. Essa informação orienta o consulente a pesquisar, nas páginas iniciais ou finais do dicionário, as tabelas de conjugações verbais. Esse procedimento é adequado à elaboração de um dicionário escolar de cognatos, porém na “Amostra de Verbetes” apresentada (Capítulo IV) essa informação não se faz presente, porque não são expostos, aqui, os textos externos que devem fazer parte da macroestrutura de um

3.- O verbo exprime o processo. Assim, na sentença *Alfred magoa Bernard*, o processo é expresso pelo verbo *magoar*.

4.- Os actantes são seres ou coisas que, a qualquer título, de qualquer maneira, mesmo como simples figurantes de forma passiva, participam do processo.

5.- Assim na frase *Alfred dá um livro a Charles*, *Charles*, e mesmo o *livro*, apesar de não agirem por si mesmos, são, contudo, actantes, juntamente com *Alfred*.

6.- Os actantes são sempre substantivos ou equivalentes dos substantivos. Vice-versa, substantivos sempre assumem, em princípio, a função de actantes na sentença.

7.- Os circunstantes exprimem as circunstâncias de tempo, lugar maneira, etc ... em que se desenrola o processo. Assim, na frase *Alfred sempre enfiando seu nariz em todo lugar*, há duas circunstâncias, uma de tempo (*sempre*) e outra de lugar (*em todo o lugar*).

8.- Os circunstantes são sempre advérbios (de tempo, de lugar, de modo etc) ou equivalentes a advérbios. Vice-versa, os advérbios assumem, em princípio, sempre a função de circunstantes na frase” (TN).

dicionário. Assim, por este trabalho ter o propósito de tão somente apresentar uma proposta de dicionário, os textos externos não figuram nesta Dissertação, apenas a discussão sobre os elementos que devem compor a macroestrutura¹⁰⁴.

Os advérbios terminados em *–mente* indicam circunstâncias de modo, portanto, recebem apenas a indicação da classe gramatical *adv.* Também, nenhum advérbio foi lematizado como entrada, já que todos são derivados de adjetivos.

3.3.2 A definição dos lemas em um dicionário de cognatos

A definição em um dicionário escolar de cognatos, a princípio, obedece aos mesmos critérios utilizados para os dicionários escolares padrão. Entretanto, se todas as palavras da família possuírem texto definitório poderão haver problemas de redundância, visto que palavras com raízes comuns possuem significados semelhantes. Como acontece, por exemplo, com as palavras *trabalhador*, *trabalhoso*, *trabalhista*, *trabalhado*, *trabalheira*, em que todas as definições remetem ao substantivo *trabalho* ou ao verbo *trabalhar*. Assim, apenas a palavra que encabeça o verbete foi definida, ficando suas cognatas caracterizadas por ilação.

A definição lexicográfica foi a mais utilizada, somente em casos exclusivos é feita, como complementação, a definição enciclopédica. O método utilizado para definir os lemas de entrada foi a paráfrase, entretanto, a sinonímia e o método analítico foram utilizados quando o *definiendum* assim os exigiu. Enfim, a definição se pauta nos princípios e critérios arrolados no item 2.2.1.

3.3.3 Abonações

Geralmente, em dicionários escolares, há exemplos de usos das palavras lematizadas, construídos pelos próprios lexicógrafos, imprescindíveis para que o consulente observe a palavra em um contexto de uso e compreenda o seu significado. E, como o dicionário escolar “tem uma finalidade pedagógica, os dicionaristas poderão manipular melhor as informações léxicas se elaborarem eles próprios as frases e os contextos ilustrativos que ilustrarão as acepções do verbete” (BIDERMAN, 1984, p. 41).

Outra forma de demonstrar o efetivo uso da palavra em um determinado contexto é por meio da citação, exemplo autêntico ou abonação, em termos lexicográficos. Para abonar

¹⁰⁴ Cf. item 3.2.4, “Textos suplementares”, p. 116.

os significados o lexicógrafo recorre ao *corpus* que lhe serviu de base para a seleção dos lemas e escolhe “os contextos ideais sob vários aspectos: a) os que melhor explicitam o sentido, uso ou construção que se quer descrever; b) os que efetivamente apresentam uma boa linguagem; c) os que documentam os diferentes registros linguísticos, os vários níveis de linguagem” (BIDERMAN, 1984, p. 30). Entretanto, é pouco provável encontrar, no *corpus* de referência, enunciados que atendam a todos esses aspectos e que, ainda, sejam curtos, mantenham a coerência fora do contexto e sejam sintaticamente adequados para abonação dos lemas.

Dessa forma, é preciso encontrar um meio termo entre o exemplo construído e a abonação, extraída de situações discursivas reais atestadas no *corpus*, realizando uma adaptação dos enunciados, num processo que Rey-Debove (1971, p. 303-306) denomina de “neutralização”. Nesse processo sintetiza-se o texto original, eliminando nomes, marcas temporais, espaciais, de subjetividade, com adjetivação excessiva, reduzindo a frase a um período simples, conservando, porém, o sentido. No verbete do verbo *dever*, por exemplo, em uma de suas acepções, há a seguinte abonação: “A polícia deve cuidar da segurança do cidadão”. Essa frase é o resultado do processo de neutralização do excerto, a seguir, extraído do *corpus* de referência, mais especificamente da dissertação “Homicídios na periferia de Santo Amaro: um estudo sobre a sociabilidade e os arranjos de vida num cenário de exclusão” (DI-CI-MFerreira-ago98)¹⁰⁵:

Na época do massacre do Carandiru, o pai de um dos presos do pavilhão 9, morto pela polícia, comentou que ele não condenava a polícia por matar bandido, pois polícia foi treinada para isso mesmo, deve combater o crime e cuidar da segurança das pessoas, entretanto, acreditava que a morte de seu filho fora injusta, porque, apesar de ter sido preso por “suspeita” de roubo, o filho dele não era um bandido, pois tinha família e a família era a garantia da regeneração de quem era “suspeito” de roubo.

Esse procedimento de neutralização não foi adotado como regra, somente foi utilizado em casos em que não foram encontrados textos integrais adequados para a abonação, que exemplificasse o uso das palavras dentro de um contexto de comunicação.

Como ficou estabelecido, neste trabalho, somente a palavra de entrada deve conter texto definatório, todavia, para cada acepção desse lema haverá uma abonação. Optamos por não referenciar as abonações, primeiro por não se tratar de citações literais e, também, por não considerarmos funcional esse tipo de informação em um dicionário escolar, já que não

¹⁰⁵ Essa dissertação faz parte do *corpus* Lácio-Ref, e foi compilada como um texto contínuo, em arquivo .txt, portanto, sem indicação de números de páginas.

acrescenta conhecimentos linguísticos aos estudantes, apesar de ser uma tentativa de demonstrar rigor científico à obra.

Também, esse procedimento deixaria o texto do verbete sobrecarregado de informações, comprometendo, assim, os critérios da clareza e da objetividade, como ocorrido com o *Dicionário de Usos do Português do Brasil*, em que Borba (2002) informou as referências de todas as suas abonações gerando, com esse procedimento, verbetes longos e prolixos, que dificultam a leitura e a compreensão. Dois anos depois, Borba publica o *Dicionário UNESP do português contemporâneo* (2004), uma adaptação do primeiro dicionário, porém com mudanças significativas na macroestrutura e na microestrutura, inclusive a ausência de referências nas abonações. Assim, “com essas mudanças, os verbetes, embora menos informativos, ficaram mais enxutos, e pode-se dizer que, em muitos casos, as informações suplementares fornecidas pelo DUP eram desnecessárias” (WELKER, 2006, p. 69-84).

Em uma obra lexicográfica elaborada a partir de um *corpus* de referência, a informação da fonte com a respectiva datação, nas abonações, compromete o caráter de contemporaneidade do dicionário, pois não há como atualizar o banco de dados a cada edição publicada para fazer uso de contextos sempre atuais. É preciso destacar que a noção do que é contemporâneo para um cientista não é a mesma para um jovem estudante, por isso textos desatualizados comprometem a credibilidade da obra, já que não são bem aceitos pelos discentes, que idealizam o dicionário como um produto atemporal. Entretanto, o dicionarista pode indicar as fontes que serviram de base para as abonações, porém, em forma de referências nas páginas finais, descrevendo, assim, o *corpus* utilizado, procedimento esse adotado por Borba (2004) em seu *Dicionário UNESP do português contemporâneo*.

3.3.4 Tipos de verbetes

Em dicionários do tipo geral e escolar há dois tipos de verbetes: simples e remissivo. Entretanto, em um dicionário de cognatos, cujo objetivo é apresentar as palavras agrupadas por famílias, não há a necessidade de verbetes simples, pois nenhuma palavra terá verbete individualizado, fora da família e palavras que não constituem famílias não serão lematizadas. Dessa forma, são elaborados verbetes, que aqui denominamos de múltiplos, por abarcarem todos cognatos de uma família. E, além do verbete múltiplo, haverá o verbete remissivo, imprescindível em um dicionário organizado por famílias, pois ele contribuirá para que a

ordem alfabética seja mantida dentro da nomenclatura. A seguir, são apresentadas as especificidades de cada tipo de verbete.

3.3.5 Ordenação interna do verbete

Para ordenar um verbete é necessário pensar em sua microestrutura abstrata¹⁰⁶, que é, na realidade, um *template*¹⁰⁷ de informações aplicáveis a qualquer lema, que depois será preenchida com a microestrutura concreta. A microestrutura abstrata deve seguir o mesmo padrão para palavras da mesma classe gramatical, para que nenhuma informação seja esquecida. Nesse particular, foi criada para este trabalho uma ferramenta a partir de um editor de banco de dados como o Microsoft Access, por exemplo. Depois, esse arquivo criado pelo programa passa por um aplicativo do tipo *parser*¹⁰⁸, transformando os dados armazenados de sua forma lógica computacional para uma forma compreensível para os usuários, gerando, assim, arquivos disponíveis para visualização e impressão. São caixas com campos diagramados a serem preenchidos, e após o término do texto, os dados são enviados para o arquivo e a caixa fica disponível para outro texto. O *template* não muda, ele é bloqueado, e somente os campos entre os colchetes cinza podem ser preenchidos. A tipografia da letra também não muda, por exemplo, toda palavra digitada dentro da caixa da “[ENTRADA].” automaticamente, tomará a forma maiúscula, fonte Times New Roman, azul, negrito, normal, tamanho 12, com um ponto no final da palavra.

A microestrutura abstrata contém todas as possibilidades de preenchimento com os dados que compõem a microestrutura concreta, por isso há vários campos que poderão ser inutilizados e outros ampliados, como é o caso do campo das acepções, que está numerado até três, porém em certos lemas não é necessário usar todas as caixas, então é só *deletar* o excesso. O inverso também ocorre, por isso no campo “[+]” poderão ser arroladas quantas acepções forem necessárias. Esse símbolo também indica que pode ser acrescentado qualquer número de cognatos. Os campos “[*pronúncia*].” e “[*VARIANTE*].” só são utilizados em casos específicos em que o lema assim os exigirem.

¹⁰⁶ “Distingue-se *microestrutura concreta* de *microestrutura abstrata*. A concreta é aquela que se vê em determinado verbete, é a forma concreta em que as informações sobre o lema são dadas. A abstrata é aquele ‘programa constante de informação’ de que falava Rey-Debove: antes de se confeccionar o dicionário, elabora-se uma microestrutura abstrata, que, em seguida, será preenchida com os dados concretos. A padronização é imprescindível tanto para o usuário (senão a leitura do verbete seria muito mais complicada do que já é) quanto para os redatores, que, sem ela, apresentariam as informações de maneiras divergentes” (WELKER, 2004, p. 108).

¹⁰⁷ *Template*: termo utilizado na área de informática. Corresponde a modelo, padrão, gabarito.

¹⁰⁸ *Parser*: termo utilizado na área de informática, que pode ser traduzido por analisador e/ou concordanciador.

Os parênteses, colchetes, números e símbolos que estão fora dos colchetes cinza, por estarem bloqueados para edição, asseguram o desenho constante da microestrutura em todos os verbetes.

Os verbetes dos substantivos e adjetivos (Quadro VII) têm a mesma microestrutura abstrata, pois só há mudanças estruturais em relação às classes de palavras. As palavras que podem ser adjetivos (*adj.*) e também verbos no particípio (*vpart.*) serão marcadas com as duas classificações no campo “[*classe gramatical*]”.

A microestrutura abstrata do verbete do verbo (Quadro VIII) mantém praticamente o mesmo modelo da microestrutura dos substantivos e adjetivos. A mudança se dá em decorrência da regência (*vpred.*; *vi.*; *vtd.*; *vti.*; *vtdi.*; *vimp.*) ou das regências e da construção pronominal (*vpron.*).

O símbolo $\diamond$ indica mudança de classe de palavras, em situações em que um adjetivo pode ser usado como substantivo, ou este como adjetivo, ou em que um verbo pode figurar como substantivo ou adjetivo, ou ainda outros casos de mudanças de classes.

Após a última acepção, são apresentadas informações adicionais sobre o lema, se necessárias, delimitadas pelo símbolo $\square$. Essas informações podem dizer respeito à flexão de gênero e número, no caso de substantivos e adjetivos, se esses tiverem flexão irregular ou de difícil apreensão. Podem, ainda, indicar o emprego do verbo como auxiliar ou com verbos auxiliares. Também, em alguns casos, a indicação de antônimos ou parônimos pode auxiliar o consulente na compreensão do lema.

Depois de arroladas todas as informações a respeito da palavra lematizada como entrada, é inserido o símbolo $\star$ para marcar o início da lista de cognatos, que são grafados em letras minúsculas, fonte Times New Roman, negrito, normal, tamanho 12, cor azul, seguido de ponto final — [**cognato**]. Todos os cognatos são apresentados em ordem alfabética, indiferentemente da classe gramatical, que é informada logo após a subentrada do lema e havendo mais de uma classificação gramatical, essa é assinalada com o símbolo $\diamond$ para indicar a mudança de classe da palavra. Além da classe gramatical, são apresentadas as informações a respeito da variante e da pronúncia dos cognatos, se forem necessárias. Como já estabelecido em 3.3.2 e em 3.3.3, os cognatos não têm texto definatório e, por extensão, nem abonação.

Os verbetes remissivos (Quadro IX) são utilizados para as palavras que estão extremamente fora da ordem alfabética em relação à sua família, como por exemplo, a palavra *milênio* que está distante de *ano*, palavra primitiva a que está vinculada. Então, às vezes, a ordem alfabética é ligeiramente modificada em favor do agrupamento por família, para que

não figure em uma mesma página, ou em um intervalo muito curto de espaço, verbetes remissivos e múltiplos, como ocorre com os lemas *ano* e *anual*. No verbete remissivo é feito o envio, utilizando-se a abreviatura “cf.” (conferir), para a palavra cabeça de verbete da qual o lema faz parte.

[**ENTRADA**]. [[pronúncia]]. [**VARIANTE**]. [classe gramatical]. [1.] [acepção 1]. [abonação]. [2.] [acepção 2]. [abonação]. [3.] [acepção 3]. [abonação]. [+] ◇ [classe gramatical]. [acepção]. [abonação]. □ [outras informações]. ★ [**cognato**]. [[pronúncia]]. [**variante**]. [classe gramatical]. [**cognato**]. [[pronúncia]]. [**variante**]. [classe e regência]. [+]

Quadro VII: Estrutura do verbete múltiplo para substantivos e adjetivos

[**ENTRADA**]. [[pronúncia]]. [**VARIANTE**]. [v.]. [1.] [regência]. [acepção 1]. [abonação]. [2.] [regência]. [acepção 2]. [abonação]. [3.] [regência]. [acepção 3]. [abonação]. [+] ◇ [classe gramatical]. [acepção]. [abonação]. □ [outras informações]. ★ [**cognato**]. [[pronúncia]]. [**variante**]. [classe gramatical]. [**cognato**]. [[pronúncia]]. [**variante**]. [classe e regência]. [+]

Quadro VIII: Estrutura do verbete múltiplo para verbos

[**entrada**]. [[pronúncia]]. cf. [**LEMA**].

Quadro IX: Estrutura do verbete remissivo

Neste capítulo, descrevemos, simultaneamente, tanto a metodologia que orientou a redação dos verbetes constantes na pequena amostra apresentada, quanto os subsídios para a elaboração de um dicionário de cognatos da língua portuguesa contemporânea. Entretanto, neste trabalho, não será apresentada a macroestrutura de um dicionário, cuja elaboração não depende somente de critérios lexicográficos, mas também de fatores externos que dizem respeito à editoração e à publicação de uma obra, para que se torne viável do ponto de vista comercial. É necessário, ainda, observar que os textos externos só podem ser elaborados depois de finalizada a obra.

Todos os critérios definidos, aqui, para a microestrutura foram aplicados na “Amostra de Verbetes” que consta no Capítulo IV, a seguir. É importante ressaltar que muitos problemas que, porventura, possam ocorrer na elaboração de um dicionário, não sejam aqui assinalados, devido à limitação da amostra de verbetes, que nos impede de evidenciar todo o universo da lexicografia prática.

CAPÍTULO IV

AMOSTRA DE VERBETES

Apresentamos, neste capítulo, uma amostra de verbetes, composta a partir das palavras provenientes do Quadro VI (Verbos, substantivos e adjetivos mais frequentes no *corpus* Lácio-Ref)¹⁰⁹ com seus respectivos cognatos, compondo, dessa maneira, verbetes múltiplos e remissivos. Algumas palavras que aparecem no Quadro VI, como as mais frequentes no *corpus* Lácio-Ref, não foram lematizadas na amostra de verbetes por não comporem família (verbos *ser* e *ir*). Também, as palavras *português* e *brasileiro* não foram lematizadas por se configurarem como oriundas de nomes próprios¹¹⁰.

Outras palavras, como *trabalho* e *trabalhar*, figuram no mesmo verbete, sendo lematizada como entrada aquela que obteve maior frequência no *corpus* (*trabalho*). Tratamento semelhante foi dispensado às palavras *estudo/estudar*, sendo o verbo a cabeça de verbete, por ser de uso mais frequente, de acordo com os critérios estabelecidos no item 3.2.3.1.1.

Os adjetivos *nacional* e *internacional* foram lematizados como subentrada do substantivo *nação* (frequência 345), palavra primitiva que deu origem a esses cognatos. O verbo *poder* e o adjetivo *possível* constam como subentradas do substantivo *posse*, por serem dele derivados. A palavra *pesquisador* aparece como subentrada do substantivo *pesquisa*.

As palavras *afirmar*, *precisar*, *social*, *econômico*, *federal*, *importante*, *parte*, *ponto*, e *especial* foram lematizadas como subentradas das respectivas palavras de origem. E, por fim, palavra *pai*, que não consta como uma das mais frequentes no *corpus* Lácio-Ref, mas foi lematizada, com sua respectiva família, por ter sido mencionada como exemplo em 3.2.3.1.

Após essas considerações, o Quadro VI (Verbos, substantivos e adjetivos mais frequentes no *corpus* Lácio-Ref) sofreu alterações para acomodar, especificamente, as palavras lematizadas como entradas, nesta “Amostra de Verbetes”. Assim, apresentamos o Quadro X, composto por 52 palavras aqui consideradas como primitivas, que deram origem a um total de 1.164 cognatos que foram lematizados como subentradas.

¹⁰⁹ Cf. no Capítulo III, item 3.2.3.1, “Composição da nomenclatura —critérios de lematização”, p. 105.

¹¹⁰ Cf. no Capítulo III, item 3.2.3.1.1, “Critérios para a lematização de palavras” p. 108.

alto	escola	homem	Professor
aluno	espécie	maior	programa
ano	estado	nação	próximo
atual	estar	novo	querer
baixo	estudar	pai	saber
bom	fazer	partir	sócio
chegar	federação	pequeno	tempo
dar	ficar	pesquisa	ter
dever	firme	ponto	total
dia	forma	porto	trabalho
dizer	grande	posse	ver
economia	grupo	preciso	vez
encontrar	haver	problema	vida

Quadro X – Palavras-entrada da “Amostra de Verbetes”

Cada palavra da “Amostra de Verbetes” foi tratada de forma individual, de modo a assegurar a exatidão em relação à derivação e às informações gramaticais apresentadas. Dessa forma, para atestar a existência da palavra, sua grafia e classe gramatical foi utilizado o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa) em sua versão *on-line*, disponível no site da Academia Brasileira de Letras¹¹¹. Para a pesquisa da regência verbal de verbos complexos quanto à transitividade foram utilizados o *Dicionário Prático de Regência Verbal* (LUFT, 1999), o *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo* (BORBA, 2004) e a *Nova gramática do português contemporâneo* (CUNHA; CINTRA, 2001).

A pesquisa etimológica foi imprescindível para comprovar, por meio da datação, a palavra primitiva e sua respectiva família. Essa tarefa foi realizada por meio de consulta a quatro dicionários etimológicos: Cunha (2007), Machado (1987), Picoche (2009) e Rey-Debove (1983). Além da pesquisa etimológica foi considerado o uso contemporâneo da palavra a partir de buscas no *corpus* Lácio-Ref¹¹² que também atestou a sua frequência. Em casos de buscas com resultados negativos, foi utilizado o *corpus* de controle (NILC), para a comprovação do uso e frequência da palavra.

O banco de dados do *corpus* Lácio-Ref foi ainda consultado para a elaboração das abonações que foram redigidas para cada acepção da palavra de entrada. Os textos das abonações foram tratados e resumidos de forma a apresentarem enunciados simples, objetivos e de fácil compreensão, conforme critérios discutidos no item 3.3.3.

Toda essa manipulação minuciosa do *corpus* foi útil para a verificação, identificação e seleção dos sentidos da palavra a serem contempladas nas acepções dos textos definitórios.

¹¹¹ ACADEMIA Brasileira de Letras. VOLP – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. 2009. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23>. Acesso em 03/12/2011.

¹¹² Cf. Quadro V “Descrição do *corpus* Lácio-Ref” e informações a respeito do *corpus* no Capítulo III, item 3.2.2, “A fonte dos dados: informações sobre o *corpus* utilizado para a pesquisa”, p.100.

Esse procedimento teve como finalidade o controle de acepções que estão fora de uso e, também, para o agrupamento de acepções com sentidos equivalentes. É importante ressaltar que conceber uma definição, criar paráfrases, é uma tarefa complexa, já que a primazia pela originalidade é limitada pela prudência, quando se trata de significação, para não haver inconsistências semânticas. Assim, para a elaboração do texto definitório, utilizamos como fonte de pesquisa dicionários gerais e escolares de língua portuguesa, espanhola e francesa: Cegalla (2006); Houaiss (2007); Biderman (1992); Ferreira (2008); *Dicionário da Academia Brasileira de Letras* (2008); *Le Robert Micro* (2008); *Diccionario Práctico del Estudiante* (2007).

A “Amostra de Verbetes” é composta por 52 verbetes múltiplos e 588 verbetes remissivos. Devido à limitação da amostra, nem todas as letras do alfabeto foram contempladas, ficando assim, sem nenhum tipo de verbetes as letras *j*, *k*, *l*, *u*, *x*, *y*, *w*, *z*. Em alguns casos, há somente verbetes remissivos em determinadas letras, como por exemplo, nas letras *i* e *r* que, geralmente, são muito utilizadas em palavras derivadas por prefixação (prefixos *i-*, *in-* e *re-*).

Algumas famílias de palavras podem estar incompletas, pois não foram lematizadas todas as palavras cognatas existentes no léxico geral da língua, apenas aquelas que foram identificadas nos *corpus* aqui consultado — Lácio-Ref e NILC (*corpus* de controle). Dessa forma, os critérios para a composição da nomenclatura e para a lematização das palavras¹¹³ foram rigorosamente seguidos.

O verbo *haver* forma uma família de apenas um cognato, entretanto, sua lematização foi necessária devido à alta frequência do verbo (8.332) e à identificação de frequência do substantivo *haveres* (04 ocorrências) no *corpus* principal. Situação inversa ocorreu com outras famílias em que foram encontrados um número expressivo de cognatos, como por exemplo, com os verbos *partir* e *ver*, cujas famílias são compostas por 116 e 110 palavras respectivamente, sendo a grande maioria com alta frequência no *corpus*, porém, a relação de parentesco (apesar da fácil identificação) só é reconhecida a partir da visualização da família em um único verbete.

A disposição dos verbetes seguiu rigorosamente a ordem alfabética, por isso muitos cognatos figuram, na mesma página, em sequência, já que o pequeno número de lemas não contribuiu para a intercalação de palavras não cognatas na sequência alfabética.

¹¹³ Esses critérios foram discutidos no Capítulo III, itens 3.2.3.1 e 3.2.3.1.1, p. 105-109.

A formatação da “Amostra de Verbetes” seguiu, em parte, a mesma estrutura desta Dissertação, por isso há muitos espaços em branco nas páginas, o que dificulta a identificação dessa amostra com dicionários, nos moldes já conhecidos pelos usuários. Em um projeto lexicográfico, a diagramação gráfica contribui para apresentação da obra, tornando-a mais atrativa, viabilizando, assim, a inserção do dicionário no mercado editorial.

No entanto, o objetivo maior deste trabalho foi apresentar subsídios para a elaboração de um dicionário de cognatos da língua portuguesa contemporânea e a “Amostra de Verbetes”, que segue, não deve ser comparada a um dicionário editado e publicado. Ela é apenas o resultado prático da proposta aqui apresentada, com os critérios estabelecidos para essa empreitada.

A a

abaixado. cf. **BAIXO.**

abaixador. cf. **BAIXO.**

abaixamento. cf. **BAIXO.**

abaixar. cf. **BAIXO.**

abonação. cf. **BOM.**

abonado. cf. **BOM.**

abonador. cf. **BOM.**

abonamento. cf. **BOM.**

abonar. cf. **BOM.**

abonatário. cf. **BOM.**

abonativo. cf. **BOM.**

abonatório. cf. **BOM.**

abonável. cf. **BOM.**

abono. cf. **BOM.**

achega. [ê]. cf. **CHEGAR.**

achegado. cf. **CHEGAR.**

achegamento. cf. **CHEGAR.**

achegar. cf. **CHEGAR.**

achego. cf. **CHEGAR.**

aconchegado. cf. **CHEGAR.**

aconchegante. cf. **CHEGAR.**

aconchegar. cf. **CHEGAR.**

aconchego. cf. **CHEGAR.**

adiado. cf. **DIA.**

adiar. cf. **DIA.**

adiável. cf. **DIA.**

adquirido. cf. **QUERER.**

adquiridor. cf. **QUERER.**

adquirir. cf. **QUERER.**

aeroporto. cf. **PORTO.**

afazer. cf. **FAZER.**

afecção. cf. **FAZER.**
afeição. cf. **FAZER.**
afeiçoado. cf. **FAZER.**
afeiçoamento. cf. **FAZER.**
afeiçoar. cf. **FAZER.**
afeitado. cf. **FAZER.**
afetação. cf. **FAZER.**
afetado. cf. **FAZER.**
afetar. cf. **FAZER.**
afetividade. cf. **FAZER.**
afetivo. cf. **FAZER.**
afeto. cf. **FAZER.**
afetuosidade. cf. **FAZER.**
afetuoso. cf. **FAZER.**
afincado. cf. **FICAR.**
afincar. cf. **FICAR.**
afirmação. cf. **FIRME.**
afirmado. cf. **FIRME.**
afirmar. cf. **FIRME.**
afirmativa. cf. **FIRME.**
afirmativamente. cf. **FIRME.**
afirmativo. cf. **FIRME.**
afirmável. cf. **FIRME.**
aformosado. cf. **FORMA.**
aformosar. *aformosear.* cf. **FORMA.**
aformoseado. cf. **FORMA.**
aformoseador. cf. **FORMA.**
aformoseamento. cf. **FORMA.**
agrupação. cf. **GRUPO.**
agrupado. cf. **GRUPO.**
agrupamento. cf. **GRUPO.**
agrupar. cf. **GRUPO.**
agrupável. cf. **GRUPO.**

ALTO. *adj.* **1.** De grande dimensão vertical; de altura superior à média; elevado. *Os aviões sobrevoavam perto dos altos edifícios.* **2.** Consideravelmente acima do solo; que está ou sobe a grande distância da superfície terrestre; muito acima da linha do horizonte. *Subiu no mais alto cume e ali ficou a meditar.* **3.** Cujo montante é grande; elevado, caro. *A reforma prevê cortes nos altos custos da folha de pagamento.* **4.** Revestido de qualidades notáveis; excelente, sublime, magnífico; que tem poder; ilustre, insigne, eminente, nobre. *O ponto alto do espetáculo foi a apresentação da orquestra municipal.* **5.** De difícil compreensão. *O sertanejo não entendia os altos mistérios da vida.* **6.** Que se encontra muito acima do normal. *A temperatura será alta durante o dia.* **7.** Da mais elevada categoria ou posição; importante. *A alta sociedade carioca estava no lançamento do livro.* **8.** Afastado da costa, profundo; remoto; longínquo. *Seu barco foi encontrado em alto mar.* ◇ *sm.* **1.** O ponto mais elevado de alguma coisa; topo, cume, cimo. *O alto da montanha é o refúgio de alguns animais.* **2.** Parte mais ou menos elevada da atmosfera; ar, céu. *As nuvens carregadas se formavam no alto.* **3.** Parte principal de um objeto; começo, cabeceira. *Como patriarca sentava-se ao alto da mesa.* ◇ *adv.* **1.** Em ponto ou local elevado; a grande altura. *Seria difícil capturar o pássaro, pois voava muito alto.* **2.** Com voz ou emissão de som forte ou agudo. *Ficava a ouvir os italianos falando alto.* ★ **altaneiro.** *adj.* **altear.** *vtd.; vi.; vpron.* **alteroso.** *adj.* **altista.** *adj2g.* **altitude.** *sf.* **altivez.** *sf.* **altiveza.** *sf.* **altivo.** *adj.* **alto-astral.** *sm.* ◇ *adj2g.* **alto-comando.** *sm.* **alto-comissário.** *sm.* **alto-falante.** *sm.* **alto-forno.** *sm.* **alto-mar.** *sm.* **alto-relevo.** *sm.* **altura.** *sf.*

ALUNO. *sm.* Aquele que foi criado e educado por alguém. Indivíduo que recebe instrução em escola. *É preciso ajudar o aluno a selecionar informações.* ★ **alunato.** **alunado.** *sm.*

ANO. *sm.* **1.** Intervalo de tempo correspondente a uma revolução da Terra em redor do Sol, e equivalente a 365 dias, 6 horas e 13 minutos e 53 segundos médios; espaço de 12 meses. *O ano começa de maneira favorável ao mundo científico.* ★ **aniversariante.** *s2g.* ◇ *adj.2g.* **aniversariar.** *vi.* **aniversário.** *sm.* **anual.** *adj.* **anuidade.** **anualidade.** *sf.* **bienal.** *adj.2g.* **biênio.** *sm.* **milênio.** *sm.*

antedizer. *cf.* **DIZER.**

antetempo. *cf.* **TEMPO.**

antever. *cf.* **VER.**

antevidência. *cf.* **VER.**

antevidente. *cf.* **VER.**

antevisão. *cf.* **VER.**

antevisto. *cf.* **VER.**

aparta. cf. **PARTIR.**
apartação. cf. **PARTIR.**
apartada. cf. **PARTIR.**
apartado. cf. **PARTIR.**
apartamento. cf. **PARTIR.**
apartar. cf. **PARTIR.**
aparte. cf. **PARTIR.**
aparteador. cf. **PARTIR.**
apartear. cf. **PARTIR.**
apequenado. cf. **PEQUENO.**
apequenar. cf. **PEQUENO.**
apoderado. cf. **POSSE.**
apoderar. cf. **POSSE.**
apontado. cf. **PONTA.**
apontador. cf. **PONTA.**
apontamento. cf. **PONTA.**
apontar. cf. **PONTA.**
apontável. cf. **PONTA.**
aportar. cf. **PORTO.**
apossado. cf. **POSSE.**
apossar. cf. **POSSE.**
aproximação. cf. **PRÓXIMO.**
aproximadamente. cf. **PRÓXIMO.**
aproximado. cf. **PRÓXIMO.**
aproximar. cf. **PRÓXIMO.**
aproximativo. cf. **PRÓXIMO.**
aproximável. cf. **PRÓXIMO.**
aquisição. cf. **QUERER.**
aquisitivo. cf. **QUERER.**
associabilidade. cf. **SÓCIO.**
associação. cf. **SÓCIO.**
associado. cf. **SÓCIO.**
associar. cf. **SÓCIO.**
associatividade. cf. **SÓCIO.**

associativismo. cf. **SÓCIO.**

associativo. cf. **SÓCIO.**

associável. cf. **SÓCIO.**

atemporal. cf. **TEMPO.**

atemporalidade. cf. **TEMPO.**

ATUAL. *adj2g.* **1.** Que existe no momento em que se fala; do momento presente. *No contexto político atual, pensar em reforma é utopia.* **2.** Que se enquadra na época presente; moderno. *O conhecimento científico atual está sujeito à mudança.* **3.** Que continua válido; presente; real; efetivo. *Os conflitos, aqui no Brasil, são ainda mais atuais que em outros países.* ★ **atualidade.** *sf.* **atualização.** *sf.* **atualizado.** *adj.; vpart.* **atualizar.** *vtd.; vi.; vpron.*

avisado. cf. **VER.**

avisar. cf. **VER.**

avistado. cf. **VER.**

avistar. cf. **VER.**

avistável. cf. **VER.**

B b

BAIXO. *adj.* **1.** Que tem pouca ou pequena altura. *Os genes são responsáveis pela transmissão dos caracteres hereditários, como tendência a ser alto ou baixo.* **2.** Que está a pouca altura do solo, da terra ou de um plano de referência. *As aves de arribação pegam os peixes com voos baixos sobre os rios.* **3.** Que está abaixo de certo nível considerado o usual ou o ideal. *Devido à seca prolongada os rios estão com o nível baixo.* **4.** Dirigido para o chão; inclinado para o solo. *Você pode coordenar os movimentos dos olhos para cima, para baixo, para os lados.* **5.** Desfavorecido econômica e socialmente. *As camadas mais baixas da população sofrem com os altos preços dos alimentos.* **6.** Que custa ou vale pouco; barato. *Os imóveis estão com preços baixos.* **7.** Próprio de pessoas mal-educadas; grosseiro, disfêmico, chulo. *Ofendeu o policial com termos baixos.* ♦ *adv.* **1.** A pouca altura do solo ou de outro plano de referência. *O helicóptero da polícia voava baixo, à procura do fugitivo.* **2.** Com pouco volume. *O réu falou baixo o tempo todo.* ★ **abaixado.** *adj.* **abaixador.** *sm.* ♦ *adj.* **abaixamento.** *sm.* **abaixar.** *vtd.;vi.;vpron.* **baixa.** *sf.* **baixada.** *sf.* **baixa-mar.** *sf.* **baixar.** *vtd.; vtdi.; vi.; vpron.* **baixaria.** *sf.* **baixeza.** *sf.* **baixura.** *sf.* **baixo-astral.** *s2g.* ♦ *adj.2g.* **baixo-relevo.** *sm.* **rebaixamento.** *sm.* **rebaixar.** *vtd.; vi.; vpron.* **rebaixo.** *sm.*

bienal. cf. **ANO.**

biênio. cf. **ANO.**

bipartição. cf. **PARTIR.**

bipartidário. cf. **PARTIR.**

bipartidarismo. cf. **PARTIR.**

bipartido. cf. **PARTIR.**

bipartir. cf. **PARTIR.**

bipartível. cf. **PARTIR.**

BOM. *adj.* **1.** Que corresponde plenamente ao que é exigido, desejado ou esperado quanto à sua natureza, adequação, função, eficácia, funcionamento etc.; moralmente correto em suas atitudes, de acordo com quem julga; Que desempenha bem sua função ou papel, de acordo com as expectativas do meio em que se insere. *O bom desempenho do atleta é conseguido à base de muito treinamento e dedicação.* **2.** Que agrada ao paladar; saboroso. *Ele gosta de uma boa comida caseira.* **3.** Que é misericordioso ou indulgente; magnânimo, caridoso. *Nosso bom Deus tem nos ajudado muito.* **4.** Que está livre de algum mal físico, mental etc.

Ele ficou bom da virose. **5.** Adequado às circunstâncias; ideal, apropriado. *É bom você se cuidar, o trânsito está violento.* **6.** Caracterizado pela cortesia e/ou descontração; afável. *Serenidade e bom humor aumenta a expectativa de vida.* **7.** De grande ou considerável dimensão. *É uma boa quadra de esportes.* ◇ *sm.* **1.** Pessoa que corresponde a determinado código de valores, que é o mesmo de quem a julga. *Os bons nada temem.* **2.** Qualidade positiva ou satisfatória. *O bom disso tudo é que você aprende brincando.* **3.** O que se deseja; o que faz bem; o que é perfeito ou superior. *Tudo de bom, nesse novo ano que se inicia.* ◇ *interj.* **1.** Exprime aprovação, adesão, agrado; bem. *Muito bom! Parabéns pela conquista!* **2.** Exprime desaprovação, condenação, censura. *Bom, chega de tanta corrupção.* **3.** Usado quando se quer atalhar um assunto, um diálogo etc., ou passar a outra ação, ou, ainda, para concluir ou resumir algo ou iniciar uma exposição, uma explicação; bem. *Bom, vamos então ao assunto principal.* ★ **abonação.** *sf.* **abonado.** *adj.* **abonador.** *sm.* ◇ *adj.* **abonamento.** *sm.* **abonar.** *vtd.; vpron.* **abonatário.** *adj.* ◇ *sm.* **abonativo.** *sm.* **abonatório.** *adj.* **abonável.** *adj2g.* **abono.** *sm.* **bombom.** *sm.* **bomboneira.** *sf.* **bonachão.** *sm.* ◇ *adj.* **bonança.** *sf.* **bonançoso.** *adj.* **bondade.** *sf.* **bondoso.** *adj.* **bonificação.** *sf.* **bonificado.** *adj.* **bonificador.** *adj.* **bonificante.** *adj2g.* **bonificar.** *vtd.* **bonificável.** *adj2g.* **bonina.** *sf.* **bonitez.** *sf.* **boniteza.** *sf.* **bonito.** *adj.* ◇ *sm.* ◇ *adv.* **bônus.** *sm.* **desabonado.** *adj.* **desabonador.** *sm.* ◇ *adj.* **desabonar.** *vtd.; vpron.* **desabono.** *sm.*



CHEGAR. 1. vi.; vti. Atingir o termo de uma trajetória, de um percurso de ida e/ou de vinda. *O ministro chegou à cidade.* 2. vti.; vi. Alcançar ou tocar um determinado ponto no espaço ou no tempo. *Seus cabelos perfumados chegavam à cintura.* 3. vti. Alçar-se a uma posição vencendo etapas. *O pobre estudante chegou a juiz.* 4. vti. Alcançar (uma quantia, um valor); elevar-se, montar, importar. *Este ano o faturamento da estatal chegou a 40 milhões.* 5. vti. Igualar-se, comparar-se, ombrear. *Esta cidade é bonita, mas não chega aos pés do Rio de Janeiro.* 6. vi. Começar a acontecer ou estar iminente. *O mês de dezembro chega trazendo esperanças de lucros no comércio.* 7. vti. Ser suficiente; bastar. *O número de doações não chega para todos os desabrigados.* 8. vi. Aparecer concretamente; vir, sobrevir, começar, dar-se. *O reconhecimento por anos de trabalho e dedicação finalmente chegou.* 9. vi. vpron. Pôr-se a caminho; ir embora; partir. *Está na hora, vou chegando.* ★ **achega.** [ê] sf. **achegado.** sm. **achegamento.** sm. **achegar.** vtd.; vpron. **achego.** [ê] sm. **aconchegado.** adj. **aconchegante.** adj2g. **aconchegar.** vtd.; vtdi.; vpron. **aconchego.** sm. **chegado.** adj.; vpart. **desachegado.** adj. **desaconchego.** sm.

compadre. cf. **PAI.**

comparte. cf. **PARTIR.**

participação. cf. **PARTIR.**

participado. cf. **PARTIR.**

participante. cf. **PARTIR.**

participar. cf. **PARTIR.**

partícipe. cf. **PARTIR.**

partido. cf. **PARTIR.**

partilha. cf. **PARTIR.**

partilhado. cf. **PARTIR.**

partilhador. cf. **PARTIR.**

partilhante. cf. **PARTIR.**

partilhar. cf. **PARTIR.**

partilhável. cf. **PARTIR.**

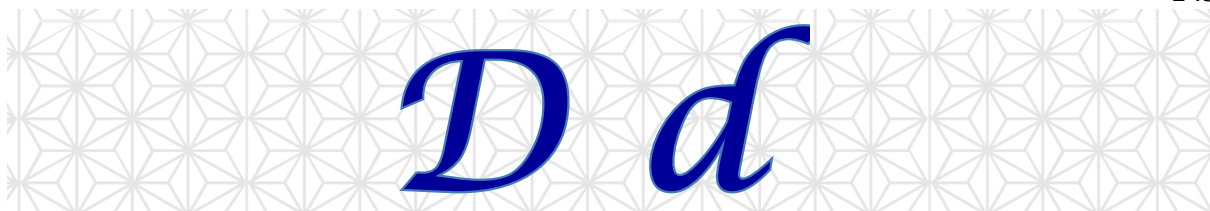
partimentação. cf. **PARTIR.**

partimentado. cf. **PARTIR.**

partimentagem. cf. **PARTIR.**

compartimentalização. cf. **PARTIR.**
compartimentalizado. cf. **PARTIR.**
compartimentalizador. cf. **PARTIR.**
compartimentalizar. cf. **PARTIR.**
compartimentar. cf. **PARTIR.**
compartimentável. cf. **PARTIR.**
compartimento. cf. **PARTIR.**
compartir. cf. **PARTIR.**
compatriota. cf. **PAI.**
comporta. cf. **PORTO.**
comportado. cf. **PORTO.**
comportamental. cf. **PORTO.**
comportamento. cf. **PORTO.**
comportar. cf. **PORTO.**
comportável. cf. **PORTO.**
condizente. *condicente.* cf. **DIZER.**
condizer. cf. **DIZER.**
confederação. cf. **FEDERAÇÃO.**
confederado. cf. **FEDERAÇÃO.**
confederar. cf. **FEDERAÇÃO.**
confederativo. cf. **FEDERAÇÃO.**
confirmação. cf. **FIRME.**
confirmado. cf. **FIRME.**
confirmar. cf. **FIRME.**
confirmativo. cf. **FIRME.**
conformação. cf. **FORMA.**
conformado. cf. **FORMA.**
conformador. cf. **FORMA.**
conformar. cf. **FORMA.**
conformativo. cf. **FORMA.**
conforme. cf. **FORMA.**
conformes. cf. **FORMA.**
conformidade. cf. **FORMA.**
conformismo. cf. **FORMA.**

conformista. cf. **FORMA.**
contemporaneidade. cf. **TEMPO.**
contemporâneo. cf. **TEMPO.**
contemporização. cf. **TEMPO.**
contemporizador. cf. **TEMPO.**
contemporizar. cf. **TEMPO.**
contradição. cf. **DIZER.**
contradito. cf. **DIZER.**
contraditor. cf. **DIZER.**
contraditória. cf. **DIZER.**
contraditório. cf. **DIZER.**
contradizer. cf. **DIZER.**
contraparte. cf. **PARTIR.**
contrapartida. cf. **PARTIR.**
contrapontado. cf. **PONTA.**
contrapontear. cf. **PONTA.**
contraponto. cf. **PONTA.**
contratempo. cf. **TEMPO.**
coparticipação. cf. **PARTIR.**
coparticipante. cf. **PARTIR.**
coparticipar. cf. **PARTIR.**



DAR. v. **1.** *vtdi.* Ceder, entregar, oferecer algo de que se desfruta ou de que se está na posse, sem pedir contrapartida. *O pai deu o carro ao filho.* **2.** *vtdi.* Oferecer como presente ou brinde a. *A associação dos lojistas deu um carro aos clientes na promoção de fim de ano.* **3.** *vtdi.* Gastar dinheiro como contrapartida de um serviço, um produto, um bem etc.; pagar. *O novo milionário deu um milhão por um apartamento.* **4.** *vtdi.* Ceder por um preço; vender. *Dê-me um salgado e um suco.* **5.** *vtdi.* Pôr à disposição ou propiciar a (quem precisa). *A entidade deu auxílio aos desabrigados.* **6.** *vtdi.* Aceitar pôr (algo) à disposição ou ao alcance de; oferecer, conceder. *Ele deu sua palavra ao filho.* **7.** *vtdi.; vpron.* Sacrificar livremente ou totalmente (a si mesmo, ou o seu tempo, atividade, energia ou atenção) por; entregar(-se) por algo de grande importância ou transcendência. *Dava sua vida para tê-la novamente.* **8.** *vtdi.* Consignar a (um fim); entregar, dedicar. *Dava toda a sua atenção ao filho.* **9.** *vtd.; vtdi.* Promover, organizar e/ou levar a efeito (algo) para (convidados, interessados, uma assistência etc.). *Dava festas monumentais em sua residência.* **10.** *vtd. vtdi.* Transmitir, comunicar, participar, informar, notificar, fornecer ou expor. *A professora deu as instruções aos alunos.* **11.** *vtd.* Gerar vida, produto ou bem comercial; dar origem a; produzir. *A pequena plantação deu mais de uma tonelada de arroz.* **12.** *vtd.; vtdi.* Ser a razão de; suscitar, provocar. *Toda essa situação de violência dá medo.* **13.** *vtdi.* Fornecer. *O jornal não deu pormenores do plano.* **14.** *vtdi.* Atribuir, ligar. *Não deu importância ao ocorrido.* **15.** *vpron.* Declarar(-se) ou admitir(-se) que é. *O rapaz não se deu por vencido.* ★ **dação.** *sf.* **dádiva.** *sf.* **dadivoso.** *adj.* ◇ *sm.* **dado.** *adj.;* *vpart.* **dador.** *sm.* ◇ *adj.* **dativo.** *adj.* ◇ *sm.*

debitado. cf. **DEVER.**

debitador. cf. **DEVER.**

debitar. cf. **DEVER.**

débito. cf. **DEVER.**

deformação. cf. **FORMA.**

deformacional. cf. **FORMA.**

deformado. cf. **FORMA.**

deformador. cf. **FORMA.**

deformante. cf. **FORMA.**

deformar. cf. **FORMA.**

deformatório. cf. **FORMA.**
deformável. cf. **FORMA.**
deforme. cf. **FORMA.**
deformidade. cf. **FORMA.**
departamental. cf. **PARTIR.**
departamentalização. cf. **PARTIR.**
departamento. cf. **PARTIR.**
deportação. cf. **PORTO.**
deportado. cf. **PORTO.**
deportar. cf. **PORTO.**
deporte. cf. **PORTO.**
desabonado. cf. **BOM.**
desabonador. cf. **BOM.**
desabonar. cf. **BOM.**
desabono. cf. **BOM.**
desachegado. cf. **CHEGAR.**
desaconchego. cf. **CHEGAR.**
desafeiçoado. cf. **FAZER.**
desafeiçoar. cf. **FAZER.**
desafeito. cf. **FAZER.**
desafetação. cf. **FAZER.**
desafeto. cf. **FAZER.**
desapoderado. cf. **POSSE.**
desapoderar. cf. **POSSE.**
desapossado. cf. **POSSE.**
desapossar. cf. **POSSE.**
desassociar. cf. **SÓCIO.**
desavisado . cf. **VER.**
desaviso. cf. **VER.**
desavistar. cf. **VER.**
desdizer. cf. **DIZER.**
desencontro. cf. **ENCONTRO.**
desendividado. cf. **DEVER.**
desendividar. cf. **DEVER.**

desenformar. cf. **FORMA.**

desenxabido. cf. **SABER.**

desenxabimento. cf. **SABER.**

desestabilização. cf. **ESTAR.**

desestabilizado. cf. **ESTAR.**

desestabilizador. cf. **ESTAR.**

desestabilizar. cf. **ESTAR.**

desestatização. cf. **ESTAR.**

desfazer. cf. **FAZER.**

desfeita. cf. **FAZER.**

desfeitear. cf. **FAZER.**

desfeito. cf. **FAZER.**

desinformação. cf. **FORMA.**

desinformado. cf. **FORMA.**

desinformar. cf. **FORMA.**

despontado. cf. **PONTA.**

despontador. cf. **PONTA.**

despontar. cf. **PONTA.**

desponte. cf. **PONTA.**

despontilhado. cf. **PONTA.**

despontuado. cf. **PONTA.**

despontuar. cf. **PONTA.**

desvitalização. cf. **VIDA.**

desvitalizar. cf. **VIDA.**

DEVER. v. **1.** vtd.; vtdi.; vi. Estar obrigado a pagamento de dívidas ou obrigações. *A empresa deve muito dinheiro ao banco.* **2.** vtdi. Ter como agradecimento; tributar. *Devo a minha vitória ao meu treinador.* **3.** Seguido de verbo no infinitivo indica: a) probabilidade, suposição. *A prova deve estar difícil.* b) Obrigação. *A polícia deve cuidar da segurança do cidadão.* c) Necessidade. *Todos devem beber muito líquido.* ◇ sm. **1.** Regra imposta pela lei, pela moral, pelos usos e costumes ou pela conveniência legítima do agente; obrigação. *Zelar pelo patrimônio público é dever de todo cidadão.* **2.** Conjunto das obrigações de alguém. *Todos têm deveres a cumprir.* **3.** Trabalho que o professor passa para seus alunos; exercício. *Os alunos costumam não fazer o dever de casa.* ★ **debitado.** adj.; vpart. **debitador.** adj. ◇ sm. **debitar.** vtd.; vtdi. **débito.** sm. **desendividado.** adj. **desendividar.**

vtd.; *vtdi.*; *vpron.* **devedor.** *adj.*; *vpart.* $\diamond$ *sm.* **devido.** *adj.*; *vpart.* $\diamond$ *sm.* **dívida.** *sf.* **endividado.** *adj.* **endividamento.** *sm.* **endividar.** *vtd.*; *vpron.* **indevido.** *adj.*

DIA. *sf.* **1.** Tempo que decorre desde o nascer até o pôr do sol; tempo em que a Terra está clara. *Durante o dia a temperatura permaneceu elevada.* **2.** Período de 24 horas; unidade de tempo; dia civil. *A primeira fase de provas será dia 5 de novembro.* **3.** Ocasão oportuna. *Se um dia eu me eleger, a educação será minha prioridade.* **4.** Momento; atualidade. *O assunto do dia foi a eleição para reitor.* **5.** Vida. *Os meus dias estão no fim.* **6.** Tempos. *Difícil sobreviver nos dias atuais.* $\square$ As acepções 5 e 6 só são usadas no plural. **★** **adiado.** *adj.*; *vpart.* **adiar.** *vtd.* **adiável.** *adj2g.* **diária.** *sf.* **diário.** *adj.* $\diamond$ *sm.* **diarista.** *adj2g.* $\diamond$ *s2g.* **diurno.** *adj.* **diuturnidade.** *sf.* **diuturno.** *sm.* **meio-dia.** *sm.*

dicção. *cf.* **DIZER.**

disformado. *cf.* **FORMA.**

disformar. *cf.* **FORMA.**

disforme. *cf.* **FORMA.**

disformidade. *cf.* **FORMA.**

dissabor. *cf.* **SABER.**

dissociabilidade. *cf.* **SÓCIO.**

dissociação. *cf.* **SÓCIO.**

dissociado. *cf.* **SÓCIO.**

dissociador. *cf.* **SÓCIO.**

dissocial. *cf.* **SÓCIO.**

dissociar. *cf.* **SÓCIO.**

dissociativo. *cf.* **SÓCIO.**

dissociável. *cf.* **SÓCIO.**

dito. *cf.* **DIZER.**

diurno. *cf.* **DIA.**

diuturnidade. *cf.* **DIA.**

diuturno. *cf.* **DIA.**

dívida. *cf.* **DEVER.**

DIZER. *v.* **1.** *vtdi.*; *vtd.* Expôr através de palavras (alguma coisa) a (alguém); exprimir, enunciar; narrar; contar. *O filósofo disse que era um bruxo da nova era.* **2.** *vti.* Discursar longamente sobre (algo); discorrer, dissertar. *Dizia coisas sobre o céu e o inferno.* **3.** *vtdi.* Dirigir palavras, cumprimentos, elogios etc. ou acusações, ofensas etc. a alguém. Ele disse *palavras ofensivas à esposa.* **4.** *vtd.*; *vtdi.* Falar (algo) em voz alta ou aos gritos; exclamar,

vociferar. *Nervoso, o rapaz disse à mulher: quero meu filho de volta!* **5.** vtd. Expressar algo ou demonstrar algum sentimento sem utilizar a voz, através de gestos, olhares etc. *Baixou os olhos e o seu silêncio dizia tudo.* **6.** vtdi. Ordenar a alguém que faça algo; mandar. *Saia daqui! - Disse a mãe ao menino.* **7.** vtd.; vtdi. Informar ou afirmar, oralmente ou por escrito; assegurar, comunicar. *O ministro do trabalho disse que haverá reajuste do salário-mínimo, acima da inflação.* **8.** vtdi. Avisar; advertir; aconselhar. *Meu pai sempre dizia para estudar bastante.* **9.** vpron. Considerar-se, julgar-se (determinada coisa); designar-se. *Ela se diz uma grande cozinheira.* ♦ **1.** sm. Palavra ou sentença proferida ou escrita; dito, elocução; o pensamento expresso por alguém ou por algo. Todos citam os dizeres do filósofo grego. ★ **antedizer.** vtd. **condizente.** **condicente.** adj2g. **condizer.** vtdi. **contradição.** sf. **contradito.** adj. **contraditor.** adj. ♦ sm. **contraditória.** sf. **contraditório.** adj. **contradizer.** vtd.; vpron. **desdizer.** vtd.; vtdi.; vpron. **dicção.** sf. **dito.** sm. ♦ adj.; vpart. **entredizer.** vtd. **indizível.** adj2g. **redito.** adj.; vpart. **redizer.** vtd.; vtdi. **supradito.** adj.

E e

ECONOMIA. *sf.* **1.** Ciência que trata dos fenômenos relativos à produção, distribuição, acumulação e consumo de bens materiais. *Estudou em uma das mais conceituadas escolas de Economia do Brasil.* **2.** Sistema que engloba o conjunto de fontes produtoras de riqueza. *A instabilidade da economia brasileira repercute no mercado internacional.* **3.** Reserva de dinheiro, poupança. *As pessoas preferem proteger suas economias nas aplicações financeiras.* **4.** Controle para evitar gastos excessivos. *A dona de casa está acostumada a fazer economia.* ★ **econometria.** *sf.* **economiário.** *adj.* ◇ *sm.* **econômico.** *adj.* **economista.** *adj2g.* ◇ *s2g.* **economizado.** *adj.* *vpart.* **economizar.** *vtd.;* *vi.* **ecônomo.** *sm.* ◇ *adj.*

ENCONTRAR. *v.* **1.** *vtd.* Deparar com, ficar frente a frente, dar de cara com. *Encontrou o seu irmão.* *vtd.* **2.** Recuperar, reaver. *Encontrou a arma do crime.* **3.** *vtd.;* *vpron.* Ir de encontro a; ter contato físico, geralmente violento, com; chocar-se com. *O paraquedista, em alta velocidade, encontrou o chão.* **4.** *vtd.* Obter ou alcançar (condição ou situação que se quer ou se procura). *Afinal, encontrou a paz.* **5.** *vtd.;* *vti.;* *vtdi.* Ir ter com alguém. *Encontraram-se depois de muitos anos.* **6.** *vtd.;* *vpred.* Deparar com algo ou alguém, percebendo seu estado, condição ou situação. *Encontrou sua casa toda revirada.* **7.** *vtd.* Passar a conhecer, a ter consciência de; descobrir; atinar com; inventar. *Encontrou uma solução brilhante.* **8.** *vpron.* Estar em determinado lugar, condição, situação ou estado; achar-se, situar-se, localizar-se. *A comunidade encontra-se sob o domínio dos traficantes.* **9.** *vtd.* Ser alvo ou objeto de ação, reação, julgamento etc.; receber. *O plano encontrou críticas contundentes.* ★ **encontradiço.** *adj.* **encontrado.** *adj.;* *vpart.* **encontro.** *sm.* **desencontro.** *sm.* **reencontrado.** *adj.;* *vpart.* **reencontrar.** *vtd.;* *vpron.* **reencontro.** *sm.*

endividado. *cf.* **DEVER.**

endividamento. *cf.* **DEVER.**

endividar. *cf.* **DEVER.**

enformar. [ô] *cf.* **FORMA.**

engrandecimento. *cf.* **GRANDE.**

entredizer. *cf.* **DIZER.**

entrevistador. *cf.* **VER.**

entrevistar. *cf.* **VER.**

entrevistável. *cf.* **VER.**

ESCOLA. *sf.* 1. Estabelecimento público ou privado onde se ministra ensino sistemático e coletivo. *A escola passou a ser o local que prepara cidadãos aptos para a vida e para o exercício da democracia.* 2. Sistema; doutrina ou tendência de pensamento. *Não podemos vincular seu pensamento apenas à escola de Mileto.* 3. Qualquer concepção técnica e estética de arte, seguida por vários artistas. *O “realismo socialista” não constituía simplesmente uma escola literária ou artística.* 4. Experiência de vida; vivência. *Ela era educada e fina pois teve uma boa escola, em casa.* ★ **escolado.** *adj.* ◇ *sm.* **escola-modelo.** *sf.* **escolar.** *adj2g.* ◇ *s2g.* **escolaridade.** *sf.* **escolarização.** *sf.* **escolarizar.** *v.* **escolarizável.** *adj2g.* **escolástica.** *sf.* **escolástico.** *sm. adj.*

ESPÉCIE. *sf.* 1. Característica comum que serve para dividir os seres em grupos; qualidade, natureza, gênero. *Uma guerra nuclear dizimaria toda a espécie humana.* 2. Caso específico de algo genérico; qualidade; tipo. *Os norte-americanos não entendiam, na década de 60, que espécie de aeronave a NASA estava construindo.* 3. Índole; caráter; condição ou classe social. *Havia pessoas de toda a espécie.* 4. Algo que aparenta ser; simulacro. *Ele era uma espécie de conselheiro.* ★ **especial.** *adj2g.* **especialidade.** *sf.* **especialista.** *adj2g.* ◇ *s2g.* **especialização.** *sf.* **especializado.** *adj. vpart.* **especializar.** *vtd.;* *vpron.* **especializável.** *adj2g.* **especialmente.** *adv.* **especiaria.** *sf.* **especieiro.** *sm.* **especificado.** *adj.;* *vpart.* **especificador.** *sm.* ◇ *adj.* **especificamente.** *adv.* **especificar.** *vtd.* **especificativo.** *adj.* **especificidade.** *sf.* **específico.** *adj.* ◇ *sm.*

ESTADO. *sm.* 1. Modo de ser ou estar; condição física de uma pessoa ou animal, ou de alguma parte de seu corpo. 2. Qualidades, características ou condições em que as coisas se apresentam ou se encontram em determinado momento. *Os prédios históricos estão em estado de deterioração.* 3. Condição emocional, psicológica ou moral de um indivíduo em dado momento. *A mãe da vítima ficou em estado de choque.* 4. País soberano, com estrutura própria e politicamente organizado. *Os reformadores concebiam o Estado como um instrumento indispensável para se alcançar os objetivos sociais almejados.* 5. Conjunto das instituições (governo, forças armadas, funcionalismo público etc.) que controlam e administram uma nação. *Havia uma clássica violência dos aparelhos repressivos do Estado.* 6. Forma de governo, regime político. *O estado liberal enfatiza os valores do mercado, do capital, da igualdade, da liberdade e do individualismo.* 7. Divisão territorial de determinados países. *O girassol é a planta-símbolo do estado de Tocantins.* □ Nas acepções 4 e 5, inicia-se com letra maiúscula. ★ **estada.** *sf.* **estadela.** *sf.* **estadia.** *sf.* **estadismo.** *sm.* **estadista.** *adj2g.* ◇ *s2g.* **estado-maior.** *sm.* **estado-menor.** *sm.* **estado-**

província. sm. **estadual.** adj2g. **estadualização.** sf. **estadualizar.** vtd. **estatal.** adj2g. **estatismo.** sm. **estatização.** sf. **estatizar.** vtd. **interestadual.** adj2g. **paraestatal.** adj2g.

ESTAR. v. **1.** *vpred.* Ter ou apresentar certa condição física, emocional, material, profissional etc., não permanente. *Os estudantes estão descontentes.* **2.** *vti.* Usado com a preposição *com*, adquire o sentido 'sofrer de' ou 'sentir'. *O ator está com câncer.* **3.** *vti.; vi.* Encontrar-se em certo momento ou lugar, transitoriamente. *Os animais doentes estão fora do seu habitat.* **4.** *vtd.; vi.* Ficar situado; localizar-se. *A casa do poeta está a duzentos metros da praia.* **5.** *vpred.* Combinar ou não com outros elementos de um contexto; formar ou não um conjunto harmonioso com outros elementos. *A estátua está bem no calçadão, onde o poeta costumava caminhar.* **6.** *vti.* Fazer parte; pertencer. *Os meninos que antes eram de rua, hoje estão no coral da igreja.* **7.** *vti.* Consistir, residir, resumir-se. *A criatividade está em ver o igual como diferente.* **8.** *vti.* Encontrar-se em processo de; estar prestes a. *Todo o departamento está de mudança.* **9.** *vti.* Ter a companhia de. *Os jogadores estavam com o preparador físico da seleção.* **10.** *vti.* Vestir, trajar. *O presidente estava de preto na solenidade de posse.* **11.** *vti.* Ter ou atingir, em dado momento ou ocasião, certa quantidade, preço, medida etc. *A taxa de desemprego está em torno de 12% na grande São Paulo.* ★ **desestabilização.** sf. **desestabilizado.** adj. **desestabilizador.** adj. ◇ sm. **desestabilizar.** vtd.; *vpron.* **desestatização.** sf. **estabelecer.** vtd.; *vtdi.; vpron.* **estabelecimento.** sm. **estabilidade.** sf. **estabilização.** sf. **estabilizado.** adj.; *vpart.* **estabilizador.** adj. ◇ sm. **estabilizar.** vtd.; *vpron.; vi.* **estabilizável.** adj2g. **estábulo.** sm. **estação.** sf. **estacionado.** adj.; *vpart.* **estacionador.** adj. **estacionamento.** sm. **estacionar.** vtd.; *vi.* **estacionário.** adj. **estacionável.** adj2g. **estante.** sf.; adj2g. **estável.** adj2g. **instabilidade.** sf. **restabelecer.** vtd.; *vtdi.; vpron.* **restabelecido.** adj.; *vpart.* **restabelecimento.** sm. **subestação.** sf. **superestável.** adj2g.

ESTUDAR. v. **1.** *vtd.; vi.* Cursar aulas; frequentar o curso de; ocupar-se com estudo; exercer atividades de estudante. *Ele estuda arquitetura.* **2.** *vtd.; vi.* Ler atentamente para fixar na memória; aplicar o espírito e a memória para aprender; adquirir habilidade e/ou conhecimento. *É necessário estudar outra língua.* **3.** *vtd.* Examinar; analisar; procurar compreender algo através da reflexão; meditar, refletir. *O governo estuda a possibilidade de criar uma linha de crédito para pequenas empresas.* **4.** *vtd.* Observar atentamente; sondar; examinar; observar minuciosamente. *O promotor estudava as reações do acusado.*

★ **estudo.** sm. **estudante.** adj2g. ◇ s2g. **estudioso.** adj. ◇ sm.

evidência. cf. **VER.**

evidenciação. cf. **VER.**

evidenciado. cf. **VER.**

evidenciar. cf. **VER.**

evidente. cf. **VER.**

expatriação. cf. **PAI.**

expatriado. cf. **PAI.**

expatriamento. cf. **PAI.**

expatriar. cf. **PAI.**

exportação. cf. **PORTO.**

exportado. cf. **PORTO.**

exportador. cf. **PORTO.**

exportar. cf. **PORTO.**

exportável. cf. **PORTO.**

extemporaneidade. cf. **TEMPO.**

extemporâneo. cf. **TEMPO.**



factício. cf. **FAZER.**

factível. cf. **FAZER.**

fato. cf. **FAZER.**

fator. cf. **FAZER.**

fatura. cf. **FAZER.**

faturar. cf. **FAZER.**

FAZER. v. **1.** vtd. Produzir através de determinada ação; realizar; obrar; dar existência ou forma a; criar. *O estudante fez a pesquisa.* **2.** vtd. Formar (um todo composto), ordenando ou juntando gradualmente os seus elementos constitutivos; executar a construção de; construir, erguer. *Os moradores da região fizeram uma ponte improvisada.* **3.** vtd. Montar ou formar (algo) a partir de elementos diversos, matérias-primas etc.; fabricar, manufaturar, confeccionar. *Os artesãos da escola de samba fizeram um carro alegórico de materiais recicláveis.* **4.** vtd. Realizar (apresentações, espetáculos) ou representar (papel). *No teatro ele fez Hamlet, que o consagrou.* **5.** vtd.; vtdi. Aprontar antecipadamente, para determinada finalidade, uso ou atividade; preparar. *Fazia o café para marido, religiosamente às seis da manhã.* **6.** vtd. Estabelecer, instituir, por promulgação ou acordo. *Senadores e deputados fizeram uma aliança política.* **7.** vtd.; vtdi. Produzir por meio de atividade intelectual ou labor artístico; criar, escrever, compor; proferir. *Fez a primeira composição aos quinze anos.* **8.** vtd.; vtdi. Levar a efeito (uma ação); cumprir, executar. *Todos fizeram o possível para salvá-lo.* **9.** vtd. Cometer, perpetrar. *Ela fez loucuras para chamar a atenção.* **10.** vtd.; vtdi. Ser a causa, o agente; provocar, ocasionar. *Os vendavais fizeram estragos por toda a cidade.* **11.** vtd.; vtdi. Produzir (determinado efeito, falando de coisa); dar origem a, provocar. *Fumar faz mal à saúde.* **12.** vtd.; vi. Efetuar uma ação, uma atividade, um trabalho; ocupar-se de. *A polícia já fez o inquérito.* **13.** vtd.; vi. Exercer determinada atividade seguidamente; trabalhar em; cursar. *Ele faz doutorado fora do país.* **14.** vtd. celebrar (aniversário, datas significativas); perfazer, completar. *A cidade fará cem anos no próximo mês.* **15.** vtd.; vimp. Ter decorrido certo período de tempo. *Faz três anos que não o vejo.* **16.** vtd.; vimp. Denotar fenômeno atmosférico. *Faz muito frio nas serras gaúchas.* ★ **afazer.** sm. **afecção.** sf. **afeição.** sf. **afeçoado.** adj.; sm. **afeçoamento.** sm. **afeçoar.** vti.; vtdi.; vpron. **afetado.** adj. **afetação.** sf. **afetado.** adj. **afetar.** vtd. **afetividade.** sf. **afetivo.** adj. **afeto.** sm. **afetuosidade.** sf. **afetuoso.** adj. **desafeçoado.** adj.

desafeioar. vtd. **desafeito.** adj. **desafetação.** sf. **desafeto.** sm. ◇ adj. **desfazer.** vtd.; vtdi.; vpron. **desfeita.** sf. **desfeitear.** vtd. **desfeito.** adj.; vpart. **factício.** adj. **factível.** adj2g. **fato.** sm. **fator.** sm. **fatura.** sf. **faturar.** vtd.; vtdi. **fazenda.** sf. **fazendeiro.** sm. ◇ adj. **feita.** sf. **feitio.** sm. **feito.** sm.; adj.; vpart. **feitor.** sm. ◇ adj. **feitoria.** sf. **feitura.** sf. **refazer.** vtd.; vpron. **refeição.** sf. **refeitório.** sm.

FEDERAÇÃO. sf. **1.** Associação política de estados em um Estado coletivo, conservando cada membro a autonomia nos assuntos locais. *O Brasil e os Estados Unidos são exemplos de federação.* **2.** Associação que reúne várias sociedades, sindicatos, grupos etc. sob uma autoridade comum e com o mesmo objetivo. *O representante da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) lamentou a falta de investimentos no setor elétrico.* ★ **confederação.** sf. **confederado.** sm. **confederar.** vtd.; vpron. **confederativo.** adj. **federado.** adj. ◇ sm. **federal.** adj2g. ◇ sm. **federalismo.** sm. **federalista.** adj. ◇ s2g. **federalização.** sf. **federalizar.** vtd. **federar.** vtd.; vpron. **federativo.** adj.

feita. cf. **FAZER.**

feitio. cf. **FAZER.**

feitor. cf. **FAZER.**

feitoria. cf. **FAZER.**

feitura. cf. **FAZER.**

FICAR. v. **1.** vpred. ; vi; vpron. Permanecer num lugar; continuar a estar num lugar. *Ficaram sentados a tarde toda, esperando a entrevista.* **2.** vti. Alojarse num local protegido; hospedar-se, acampar, pernoitar. *Ficaram no hotel-fazenda.* **3.** vti. Permanecer junto de. *Depois de tantas adversidades, ele finalmente ficou com sua amada.* **4.** vi. vtd. vti. vtdi. Continuar algum tempo em determinada atitude, gesto, posição, situação ou estado; manter-se. *O preço do dólar ficou estável durante toda semana.* **5.** vpred. Tomar ou permanecer em determinada disposição de espírito. *Os torcedores ficaram indignados com a atuação do time.* **6.** vi. Estar situado; localizar-se. *O novo museu fica ao lado da igreja.* **7.** vti. Ser conservado em segredo por duas ou mais pessoas; não ser revelado a outros. *Que isso fique entre nós.* **8.** vi. Subsistir apesar da passagem do tempo; durar, perdurar, persistir. *Tudo passa, mas a experiência fica.* **9.** vi. Ser substituto ou sucessor de alguém; assumir, suceder. *Sua filha ficou na presidência da empresa.* **10.** vi. Manter-se vivo, não se extinguir; subsistir, remanescer, restar. *Derrubaram a mata, só algumas palmeiras ficaram.* **11.** vi.; vti. Continuar na memória. *Poucas lembranças ficaram daqueles tempos difíceis.* **12.** vpred. Estar ou pôr(-se) em harmonia com; assentar, ajustar-se. *A decoração das ruas ficou perfeita.* **13.** vti. Ser adiado, ser transferido; passar para. *O encontro dos*

países mais ricos ficou para o segundo semestre. **14.** vti .Passar a ter. *de repente, ficou sonolenta.* **15.** Estar orçado em; custar. *A construção da pequena ponte ficou em dois milhões de reais.* ★ **afincado.** adj.; vpart. **afincar.** vtd.; vtdi.; vpron. **ficada.** sf. **fincar.** vtd.; vtdi.; vpron.

FIRME. adj2g. **1.** Que está seguro; fixo. *As estruturas estavam firmes no concreto.* **2.** Fortemente apoiado; fixado. *A criança estava firme no assento do brinquedo.* **3.** Que não cede com facilidade (diz-se de solo, terreno); resistente, sólido. *No Triássico, a terra firme estava unificada no supercontinente Pangea.* **4.** Sem flacidez; erguido, aprumado. *Era altivo, com um andar firme.* **5.** Sem tremor ou vacilo. *Aos 95 anos ainda tinha a mão firme.* **6.** Com energia ou determinação; decidido, enérgico, resolutivo. *Não gritou, mas falou com voz firme.* **7.** Que não se deixa influenciar; inabalável, perseverante; difícil de ser modificado ou persuadido; empedernido, obstinado. *Firme em suas convicções, não cedeu às chantagens políticas.* ◇ adv. **1.** De modo impassível, imperturbável; estoicamente, firmemente. *Passou por dificuldades, mas aguentou firme.* ★ **afirmação.** sf. **afirmado.** adj.; vpart. **afirmar.** vtd.; vpron. **afirmativa.** sf. **afirmativamente.** adv. **afirmativo.** adj. **afirmável.** adj2g. **confirmação.** sf. **confirmado.** adj.; vpart. **confirmar.** vtd.; vpron. **confirmativo.** adj. **firma.** sf. **firmação.** sf. **firmado.** adj.; vpart. **firmamento.** sm. **firmar.** vtd.; vtdi.; vpron. **firmeza.** sf. **firmemente.** adv. **reafirmação.** sf. **reafirmado.** adj.; vpart. **reafirmar.** vtd.

FORMA¹. sf. **1.** Aspecto exterior dos corpos materiais; configuração. *Foi isolado um material genético em forma de cone.* **2.** Estado físico. *Aos oitenta anos, o jornalista continua em forma.* **3.** Modo, jeito, maneira, método. *O poeta tinha uma forma específica de pensar o mundo.* **4.** Maneira particular em que uma categoria ou noção geral pode ocorrer; tipo, variedade. *Os artigos sobre a Internet continuam presentes, pois não há como ignorar esta forma de comunicação.* **5.** Estrutura coerente, segundo um padrão familiar. *Aos poucos o emaranhado de ideias foi ganhando forma.* **FORMA².** [ô]. sf. **1.** objeto que apresenta uma cavidade na qual se introduz ou se despeja uma substância fluida que, ao endurecer, será modelada de acordo com a forma desta cavidade; molde. *É preciso criar uma forma nova para confeccionar essa peça.* **2.** Recipiente côncavo, de material e feitio diversos, que se usa para dar forma a várias preparações culinárias que serão assadas ou congeladas. *Utilize uma forma cilíndrica para fazer o bolo.* ★ **aformosado.** sm. **aformosar.** **aformosar.** vtd.; vpron. **aformoseado.** adj. **aformoseador.** sm. ◇ adj. **aformoseamento.** sm. **conformação.** sf. **conformado.** adj.; vpart. **conformador.** adj. ◇ sm. **conformar.** vtd.; vti.; vtdi.; vpron. **conformativo.** adj. **conforme.** adj2g. ◇ conj. ◇

prep. **conformes**. *sm. plural.* **conformidade**. *sf.* **conformismo**. *sm.* **conformista**. *adj2g.*
deformação. *sf.* **deformacional**. *adj2g.* **deformado**. *adj.*; *vpart.* **deformador**. *adj.* ◇ *sm.*
deformante. *adj2g.* **deformar**. *vtd.*; *vpron.* **deformatório**. *adj.* **deformável**. *adj2g.*
deforme. *adj2g.* **deformidade**. *sf.* **desenformar**. *vtd.* **desinformação**. *sf.* **desinformado**.
adj.; *vpart.* **desinformar**. *vtd.* **disformado**. *adj.* **disformar**. *vtd.* **disforme**. *adj2g.*
disformidade. *sf.* **enformar**. [ô] *vtd.*; *vi.* **formação**. *sf.* **formacional**. *adj2g.* **formado**.
adj.; *vpart.* ◇ *sm.* **formador**. *adj.* **formal**. *adj2g.* **formalidade**. *sf.* **formalismo**. *adj2g.*
formalista. *adj2g.* ◇ *s2g.* **formalística**. *sf.* **formalístico**. *adj.* **formalização**. *sf.*
formalizado. *adj.*; *vpart.* **formalizar**. *vtd.* **formalizável**. *adj2g.* **formando**. *sm.* ◇ *adj.*
formante. *sm.* ◇ *adj2g.* **formão**. *sm.* **formar**. *vtd.*; *vi.*; *vpron.* **formatação**. *sf.* **formatado**.
adj.; *vpart.* **formatador**. *adj.*; **formatar**. *vtd.* **formato**. *sm.* **formativo**. *adj.* ◇ *sm.* **formato**.
sm. **formatura**. *sf.* **formável**. *adj2g.* **formoso**. *adj.* **inconformação**. *sf.* **inconformado**.
adj. ◇ *sm.* **inconformista**. *adj2g.* **indeformável**. *adj2g.* **informação**. *sf.* **informacional**.
adj2g. **informado**. *adj.*; *vpart.* **informador**. *sm.* **informal**. *adj2g.* **informalidade**. *sf.*
informante. *adj2g.* ◇ *s2g.* **informar**. *vtd.*; *vtdi.*; *vi.*; *vpron.* **informática**. *sf.* **informativo**.
adj. ◇ *sm.* **informe**. *adj2g.* ◇ *sm.* **irreformável**. *adj2g.* **reforma**. *sf.* **reformação**. *sf.*
reformado. *vpart.* *adj.* **reformador**. *sm.* ◇ *adj.* **reformar**. *vtd.*; *vpron.* **reformativo**. *adj.*
reformatório. *sm.* **reformável**. *adj2g.* **reformismo**. *sm.* **reformista**. *adj2g.*
transformação. *sf.* **transformacional**. *adj2g.* **transformado**. *adj.*; *vpart.* **transformador**.
sm. ◇ *adj.* **transformante**. *adj2g.* **transformar**. *vtd.*; *vtdi.*; *vpron.* **transformativo**. *adj.*
transformável. *adj2g.* **transformismo**. *sm.* **transformista**. *adj2g.* ◇ *sm.*



GRANDE. *adj2g.* **1.** De tamanho avantajado; vasto; corpulento ou alto; De longa extensão; comprido, longo. *Muitas árvores grandes caíram com os fortes ventos.* **2.** Que consiste em muitas pessoas ou coisas. *Todas as conferências tiveram grande público.* **3.** De longa duração; dilatado, longo. *Foi uma grande jornada de trabalho.* **4.** Que é extremo, ou excessivo. *O povo teve uma grande decepção nas urnas.* **5.** Que ultrapassa certos limites. *O condutor do veículo estava em grande velocidade.* **6.** De extensa repercussão. *Grande escândalo envolvendo a família real.* **7.** Muito eficaz. *O hábito de dormir cedo é um grande aliado da saúde.* **8.** Que tem muita influência ou poder; importante, poderoso. *Uma grande empresa no ramo de construção civil ganhou a licitação.* **9.** Que já saiu da primeira infância; que já entrou na fase adulta; crescido, adulto. *Os filhos já estavam grandes, e a mãe sentia falta do barulho de crianças.* **10.** Exímio naquilo que faz; notável, eminente. *Vinicius foi um grande poeta.* **11.** De qualidade superior; excelente; magnífico, soberbo. *A estreia da peça foi um grande espetáculo.* **12.** Que é significativo, marcante, memorável. *Ganhar a medalha de ouro foi uma grande conquista.* **13.** Que é sério ou complexo. *Estamos correndo um grande risco ao investirmos em ações.* ♦ *sm.* ♦ *s2g.* **1.** Pessoa adulta; indivíduo mais velho, relativamente, que outro. *Os pequenos devem obedecer aos grandes.* **2.** Pessoa de influência e poder, por ter condição social ou política elevada. *No mundo político só os grandes sobrevivem.* ★ **engrandecer.** *vtd.; vpron.* **engrandecimento.** *sm.* **grandeza.** *sf.* **grandiloquência.** *sf.* **grandíloquo.** *adj.* **grandiosidade.** *sf.* **grandioso.** *adj.* **grão.** *sm.* **grão-mestre.** *sm.* **grão-vizir.** *sm.*

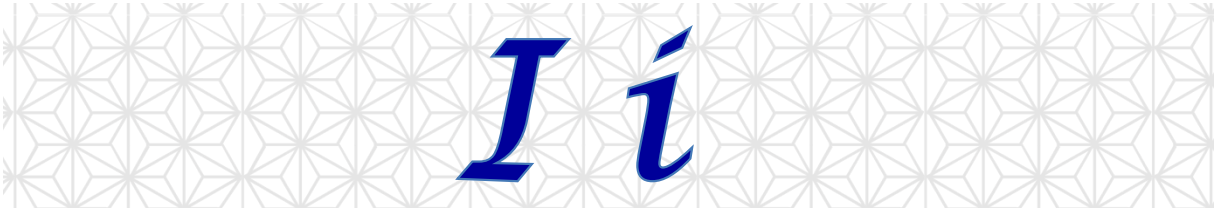
GRUPO. *sm.* **1.** Certo número de pessoas reunidas. *Um pequeno grupo aguardava o presidente na saída.* **2.** Conjunto de pessoas que se reúnem para um mesmo fim ou que apresentam tipo similar de comportamento. *Um grupo de cientistas se reuniu para equacionar o problema.* **3.** Conjunto de empresas sob direção centralizada. *As ações do grupo despencaram devido à alta do dólar.* **4.** Agrupamento de seres ou elementos segundo características similares. *Esse animal pertence ao grupo dos mamíferos.* ★ **agrupação.** *sf.* **agrupado.** *adj.; v.part.* **agrupamento.** *sm.* **agrupar.** *vtd.; vtdi.; vpron.* **agrupável.** *adj2g.* **grupal.** *adj2g.* **grupamento.** *sm.* **reagrupado.** *adj.; vpart.* **reagrupamento.** *sm.* **reagrupar.** *vtd.; vpron.* **reagrupável.** *adj2g.* **subgrupado.** *adj.* **subgrupamento.** *sm.* **subgrupar.** *vtd.* **subgrupo.** *sm.*



HAYER. v. **1.** vtd. Ter existência (material ou espiritual); ser, existir. *Há líderes que crescem, outros que encolhem.* **2.** vtd.; vimp. Acontecer, ocorrer, suceder. *Houve briga envolvendo vários parentes.* **3.** vtd.; vimp. Transcorrer, decorrer, passar (tempo); fazer. *Há cinquenta anos publicou seu primeiro artigo.* **4.** vtd. Produzir-se (fenômeno natural); fazer. *Havia um vento gelado nas montanhas.* **5.** vpron. Prestar contas a; entender-se. *O médico se haverá com os pacientes.* □ É usado também como auxiliar. **1.** seguido de particípio, forma os tempos compostos do pretérito. *Todas as unidades já haviam sido negociadas em contrato.* **2.** seguido da preposição *de* mais infinitivo, forma o futuro composto, para expressar decisão, resolução, dever. *À areia branca hei de dizer um nome.* ★ **haveres.** sm. plural.

heliporto. cf. **PORTO.**

HOMEM. sm. **1.** Ser humano em geral; indivíduo da espécie humana. *O homem é o único ser que depreda o próprio habitat.* **2.** A humanidade. *A evolução do Homem não para.* **3.** Ser humano do sexo masculino. *As mulheres reclamam dos homens que as humilham na frente dos outros.* **4.** Marido, companheiro ou amante. *Seu homem ajuda nos afazeres domésticos?* **5.** Aquele que executa com absoluta fidelidade as ordens de alguém. *Os homens de Wallace conseguiram derrotar o Exército inglês.* ★ **homenageado.** sm. ◇ adj. **homenageador.** sm. ◇ adj. **homenageante.** s2g. ◇ adj. **homenagear.** vtd. **homenageável.** adj2g. **homenagem.** sf. **homicídio.** sm. **hominização.** sf. **hominizado.** adj. **hominizar.** vtd.; vpron. **hominoide.** [ó] sm.



I i

imparcial. cf. **PARTIR.**
imparcialidade. cf. **PARTIR.**
imparcializar. cf. **PARTIR.**
impartilhável. cf. **PARTIR.**
impontual. cf. **PONTA.**
impontualidade. cf. **PONTA.**
importação. cf. **PORTO.**
importado. cf. **PORTO.**
importador. cf. **PORTO.**
importância. cf. **PORTO.**
importante. cf. **PORTO.**
importar. cf. **PORTO.**
importável. cf. **PORTO.**
importunado. cf. **PORTO.**
importunar. cf. **PORTO.**
impossibilidade. cf. **POSSE.**
impossibilitado. cf. **POSSE.**
impossibilitar. cf. **POSSE.**
impossível. cf. **POSSE.**
impotência. cf. **POSSE.**
impotente. cf. **POSSE.**
imprecisão. cf. **PRECISO.**
impreciso. cf. **PRECISO.**
imprevidência. cf. **VER.**
imprevidente. cf. **VER.**
imprevisão. cf. **VER.**
imprevisibilidade. cf. **VER.**
imprevisível. cf. **VER.**
imprevisto. cf. **VER.**
inconformação. cf. **FORMA.**
inconformado. cf. **FORMA.**

inconformista. cf. **FORMA.**
indeformável. cf. **FORMA.**
indevido. cf. **DEVER.**
indizível. cf. **DIZER.**
informação. cf. **FORMA.**
informacional. cf. **FORMA.**
informado. cf. **FORMA.**
informador. cf. **FORMA.**
informal. cf. **FORMA.**
informalidade. cf. **FORMA.**
informante. cf. **FORMA.**
informar. cf. **FORMA.**
informática. cf. **FORMA.**
informativo. cf. **FORMA.**
informe. cf. **FORMA.**
inoportuno. cf. **PORTO.**
inovação. cf. **NOVO.**
inovador. cf. **NOVO.**
innovar. cf. **NOVO.**
inquirição. cf. **QUERER.**
inquirido. cf. **QUERER.**
inquiridor. cf. **QUERER.**
inquirir. cf. **QUERER.**
inquisição. cf. **QUERER.**
inquisitivo. cf. **QUERER.**
inquisitório. cf. **QUERER.**
insipidez. cf. **SABER.**
insípido. cf. **SABER.**
insipiência. cf. **SABER.**
insipiente. cf. **SABER.**
insociabilidade. cf. **SÓCIO.**
insocial. cf. **SÓCIO.**
insociável. cf. **SÓCIO.**
instabilidade. cf. **ESTAR.**

insuportável. cf. **PORTO.**

intempestividade. cf. **TEMPO.**

intempestivamente. cf. **TEMPO.**

intempestivo. cf. **TEMPO.**

intemporal. cf. **TEMPO.**

intemporalidade. cf. **TEMPO.**

interestadual. cf. **ESTADO.**

intransportável. cf. **PORTO.**

inveja. cf. **VER.**

invejado. cf. **VER.**

invejar. cf. **VER.**

invejável. cf. **VER.**

invejosa. cf. **VER.**

invejoso. cf. **VER.**

invisível. cf. **VER.**

invisibilidade. cf. **VER.**

irreformável. cf. **FORMA.**



M m

MAIOR. *adj.2g.* **1.** Que excede outro em tamanho, número, duração, extensão ou intensidade.

É cada vez maior a procura por carros importados. **2.** Pessoa mais velha que outra, de

mais idade. *Os irmãos maiores já estavam trabalhando.* **3.** Mais importante. *Receber este*

prêmio foi a maior vitória da minha vida. **4.** Que é melhor. *O maior bailarino do mundo*

anunciou sua aposentadoria. **5.** Que atingiu a maioridade. *Agora que você é maior,*

responde por seus atos. ★ **maioral.** *s2g.* **maioria.** *sf.* **maioridade.** *sf.* **maiúsculo.** *adj.*

major. *sm.* **majoração.** *sf.* **majorar.** *vtd.* **majoritário.** *sm.* ◇ *adj.*

major. *cf.* **MAIOR.**

majoração. *cf.* **MAIOR.**

majorar. *cf.* **MAIOR.**

majoritário. *cf.* **MAIOR.**

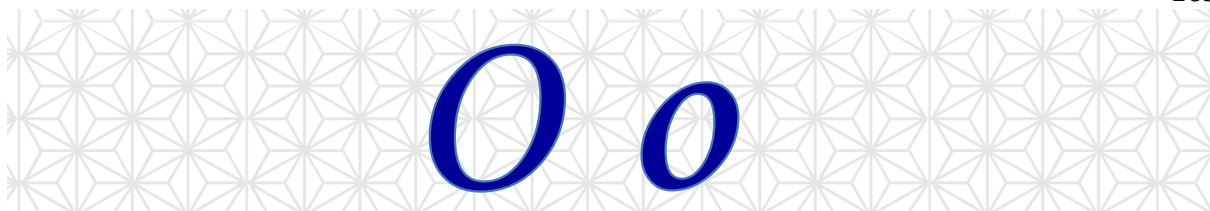
meio-dia. *cf.* **DIA.**

milênio. *cf.* **ANO.**

Nn

NAÇÃO. *sf.* **1.** Agrupamento humano, cujos membros, em geral numerosos e fixados em um território, são ligados por laços históricos, culturais, econômicos e linguísticos. *O presidente falará à nação em cadeia nacional.* **2.** Povo ou tribo indígena. *Alunos montam peça teatral e reproduzem a pintura corporal típica da nação Kaxinauá.* **3.** País natal; pátria. *Os clandestinos do navio eram sofridos camponeses da nação chinesa.* **4.** Pessoa jurídica formada pelo conjunto dos indivíduos; Governo; Estado. *O progresso da nação brasileira depende de reformas sociais, econômicas e políticas.* ★ **desnacionalização.** *sf.* **desnacionalizar.** *vtd.; vpron.* **internacional.** *adj2g.* **internacionalização.** *sf.* **internacionalizar.** *vtd.; vpron.* **nacional.** *adj2g.* **nacionalidade.** *sf.* **nacionalismo.** *sm.* **nacionalista.** *adj2g.* ◇ *s2g.* **nacionalização.** *sf.* **nacionalizar.** *vtd.; vpron.*

NOVO. *adj.* **1.** Que tem pouco tempo de existência. *O novo hospital já não tem mais leitos disponíveis.* **2.** De pouca idade; jovem. *Era uma moça tão nova para ser mãe.* **3.** Renovado. *Depois da experiência vivida no mosteiro, voltou um novo homem.* **4.** De pouco tempo; recente. *As novas amigas o levaram a um caminho sem volta.* **5.** Estranho; desconhecido. *É necessário aprender uma nova língua.* **6.** Que apresenta originalidade, que tem caráter de novidade. *O novo estatuto foi aprovado em assembleia tumultuada.* **7.** Que se caracteriza pela atualidade, pela contemporaneidade. *Estamos vivendo uma nova: a era da tecnologia da comunicação.* ◇ *sm.* **1.** O que é recente, atual. *Todos temem o novo.* ★ **inovação.** *sf.* **inovador.** *adj.* ◇ *sm.* **inovar.** *vtd.; vi.* **nova.** *sf.* **novação.** *sf.* **novato.** *adj.* ◇ *sm.* **novel.** *adj2g.* ◇ *adv.* **novela.** *sf.* **novelar.** *vi.* **noveleiro.** *adj.* ◇ *sm.* **novelista.** *s2g.* *adj2g.* **novelística.** *sf.* **novelo.** *sm.* **noviciado.** *adj.* ◇ *sf.* **noviciar.** *vi.* **noviço.** *sm.* ◇ *adj.* **novidade.** *sf.* **novidadeiro.** *sm.* ◇ *adj.* **renova.** *sf.* **renovação.** *sf.* **renovado.** *adj.* ◇ *vpart.* **renovador.** *sm.* **renovar.** *vtd.; vpron.*



oportunidade. cf. **PORTO.**

oportunismo. cf. **PORTO.**

oportunista. cf. **PORTO.**

oportuno. cf. **PORTO.**



PAI. *sm.* **1.** Homem que tem filho (s); genitor; progenitor. *Ele é pai de três jovens.* **2.** Qualquer homem que tem para com alguém cuidados paternais. *Era um pai para mim.* **3.** Animal macho que fecundou uma fêmea que, por sua vez, gerou um filhote. *Pode até haver rivalidade entre o filhote macho e seu pai.* **4.** Criador, fundador, inventor de doutrina, etc. *Alberto Santos Dumont, o pai da aviação.* **5.** Benfeitor, protetor. *Pai dos pobres só houve um: Getúlio Vargas!* **6.** O pai e a mãe *s.m.plural*; os antepassados. *Aos pais incumbe o dever de sustento, guarda e educação dos filhos menores.* ★ **compadre.** *sm.* **compatriota.** [ó] *adj2g.* **expatriação.** *sf.* **expatriado.** *adj.; vpart. ◇ sm. expatriamento. sm. expatriar. vtd. padrasto. sm. padre. sm. Padre-nosso. sm. padrinho. sm. padroado. sm. padroeiro. adj. ◇ sm. pai-de-santo. sm. parricida. s2g. paternal. adj. paternalismo. sm. paternalista. adj2g. ◇ s2g. paterno. adj. patrão. sm. pátria. sm. patriarca. sm. patriarcal. adj2g. patriarcalismo. sm. patrimônio. sm. patrocinador. adj. ◇ sm. patrocinar. vtd. patrocínio. sm. patrono. sm. patronagem. sf. patronado. patronato. sm. repatriação. sf. repatriado. adj.; vpart. repatriador. sm. ◇ adj. repatriamento. sm. repatriar. vtd., vpron.*

paraestatal. *cf.* **ESTADO.**

parceirada. *cf.* **PARTIR.**

parceiro. *cf.* **PARTIR.**

parcela. *cf.* **PARTIR.**

parcelado. *cf.* **PARTIR.**

parcelamento. *cf.* **PARTIR.**

parcelar. *cf.* **PARTIR.**

parceria. *cf.* **PARTIR.**

parcial. *cf.* **PARTIR.**

parcialidade. *cf.* **PARTIR.**

parcialização. *cf.* **PARTIR.**

parcializado. *cf.* **PARTIR.**

parcializar. *cf.* **PARTIR.**

PARTIR. *v.* **1.** *vtd.; vpron.* Dividir em partes. *Os noivos partiram o bolo.* **2.** *vtd.; vpron.* Quebrar; romper; danificar(-se); destruir. *A imagem da santa caiu ao chão e se partiu em vários pedaços.* **3.** *vti.* Ter início, origem em. *Poderia ser concebido um livro a partir de*

um algoritmo. **4.** vti. Investir contra; atacar; desencadear. *A vítima partiu para a briga.* **5.** vti. Ter como fundamento. *O estudo foi feito a partir de dados coletados na região.* **6.** vtd.; vpron. Causar ou sofrer fratura. *O fêmur partiu-se com o acidente.* **7.** vi.; vpron. Deixar um local, sair de algum lugar, ir-se embora, retirar-se. *Ele partiu da sua terra e foi tentar a vida na cidade grande.* **8.** vi.; vpron. Pôr-se a caminho com destino determinado. *Ficou viúvo e resolveu partir para Salvador.* **9.** vi. Começar a se deslocar de repente. *Foi dada a largada e todos partiram para a aventura.* **10.** vti. Originar-se (física ou intelectualmente) de; proceder, provir. *A contribuição que tornou o equipamento funcional e preciso partiu de dois ingleses.* □ **11.** vtd.; vpron.; sentido figurado. Fazer sofrer ou afligir-se profundamente. *Ver aquelas crianças maltrapilhas partiu-lhe o coração.* □ **12.** vi.; vpron. eufemismo. Perder a vida; finar-se. *O criador da bossa nova partiu, para sempre.* ★

aparta. sf. **apartação.** sf. **apartada.** sf. **apartado.** adj.; vpart. **apartamento.** sm. **apartar.** vtd.; vtdi.; vpron. **aparte.** sm. **aparteador.** sm. **apartear.** vtdi. **bipartição.** sf. **bipartidário.** adj. **bipartidarismo.** sm. **bipartido.** adj. **bipartir.** vtd.; vpron. **bipartível.** adj2g. **comparte.** adj2g. **comparticipação.** sf. **comparticipado.** adj. **comparticipante.** adj2g. **comparticipar.** vtd. **compartícipe.** adj2g. ◇ s2g. **compartido.** adj. **compartilha.** sf. **compartilhado.** adj. **compartilhador.** sm. **compartilhante.** s2g. ◇ adj2g. **compartilhar.** vtdi. **compartilhável.** adj2g. **compartimentação.** sf. **compartimentado.** adj.; vpart. **compartimentagem.** sf. **compartimentalização.** sf. **compartimentalizado.** adj. **compartimentalizador.** adj. ◇ sm. **compartimentalizar.** vtd. **compartimentar.** vtd. **compartimentável.** adj2g. **compartimento.** sm. **compartir.** vtdi. **contraparte.** sf. **contrapartida.** sf. **coparticipação.** sf. **coparticipante.** adj2g. ◇ s2g. **coparticipar.** vtd. **departamental.** adj2g. **departamentalização.** sf. **departamento.** sm. **imparcial.** adj2g. **imparcialidade.** sf. **imparcializar.** vtd. **impartilhável.** adj2g. **parceirada.** sf. **parceiro.** adj. ◇ sm. **parcela.** sf. **parcelado.** adj. **parcelamento.** sm. **parcelar.** vtd. **parceria.** sf. **parcial.** adj2g. **parcialidade.** sf. **parcialização.** sf. **parcializado.** adj. **parcializar.** vtd.; vtdi.; vpron. **parte.** sf. **partição.** sf. **participação.** sf. **participado.** adj.; vpart. **participador.** sm. ◇ adj. **participante.** adj2g. ◇ s2g. **participar.** vtd.; vtdi. **participável.** adj2g. **partícipe.** adj2g. ◇ s2g. **particípio.** sm. **partícula.** sf. **particular.** sm. ◇ adj2g. **particularidade.** sf. **particularismo.** sm. **particularista.** adj2g. ◇ s2g. **particularização.** sf. **particularizado.** adj.; vpart. **particularizador.** adj. **particularizar.** vtd.; vpron. **particularizável.** adj2g. **partida.** sf. **partidão.** sm. **partidário.** sm. ◇ adj. **partidarismo.** sm. **partidarista.** adj2g. ◇ s2g. **partido.** sm. **partido-alto.** sm. **partidor.** sm. ◇ adj. **partilha.** sf. **partilhado.** adj.; vpart. **partilhante.** adj2g. **partilhar.** vtdi. **partilhável.**

adj2g. **partitivo**. sm. ◇ adj. **partitura**. sf. **partível**. adj2g. **reparte**. sm. **repartição**. sf. **repartido**. adj. ◇ vpart. **repartidor**. sm. ◇ adj. **repartimento**. sm. **repartir**. vtd.; vtdi.; vpron. **repartitivo**. adj. **repartível**. adj2g. **subparte**. sf. **subpartição**. sf. **subpartido**. sm. **suprapartidário**. adj. **tripartição**. sf. **tripartido**. adj. **tripartir**. vtd.; vpron. **tripartite**. adj2g. **tripartível**. adj2g.

passaporte. cf. **PORTO**.

PEQUENO. adj. **1.** De tamanho ou dimensões reduzidas. *Comprou um apartamento muito pequeno.* **2.** Curto; pouco extenso. *Leu, na despedida do amigo, um pequeno texto.* **3.** Em tenra idade; muito jovem. *Ele era pequeno e já competia profissionalmente.* **4.** De posses escassas; muito modesto. *Os pequenos agricultores não conseguem subsídios federais.* **5.** Limitado; reduzido. *Um pequeno público estava presente na inauguração do museu.* **6.** Insuficiente. *O salário do trabalhador é pequeno para tantas despesas.* **7.** Simples, singelo. *Fez uma pequena, porém emocionada, homenagem ao amigo.* ◇ sm. **1.** Criança em tenra idade; garoto. *Deixava os pequenos em casa e ia trabalhar.* **2.** Pessoas de pequenas posses. *Os pequenos não conseguem financiamento no banco.* ★ **apequenado**. adj. **apequenar**. vtd.; pron. **pequena**. sf. **pequenada**. sf. **pequeneza**. sf. **pequenez**. sf.

pespontadeira. cf. **PONTA**.

pespontado. cf. **PONTA**.

pespontador. cf. **PONTA**.

pespontar. cf. **PONTA**.

pesponteado. cf. **PONTA**.

pespontear. cf. **PONTA**.

pesponto. cf. **PONTA**.

PESQUISA. sf. **1.** Estudo e investigação sobre um assunto ou campo de conhecimento; ação ou efeito de pesquisar; busca. *Para comprovar o caso, foi feita pesquisa de campo.* **2.** Trabalho científico que divulga os resultados de uma investigação. *Dados da pesquisa da Embrapa comprovam o maior rendimento dos grãos orgânicos.* ★ **pesquisado**. adj.; vpart. **pesquisador**. sm. **pesquisar**. vtd.

PONTA. sf. **1.** Parte em que alguma coisa termina; extremidade. *O rei Luis XIV inventou a faca de ponta redonda, que serve apenas como talher.* **2.** Toco de cigarro ou charuto, resto. *Jogou a ponta do cigarro com desprezo.* **3.** Pedaco de terra que avança para o mar; cabo pequeno. *As árvores se desenvolvem melhor na Ponta da Prainha, onde há frequentes inundações.* **4.** Pequena participação. *Conseguiu uma ponta na novela das oito.* Pequena dose; pequena quantidade. *Ele percebeu uma ponta de ironia na voz da esposa.* **6.** Primeiro

lugar numa corrida. *O piloto brasileiro assumiu a ponta logo após a largada.* **7.** Condição de alguém ou algo que se sobressai ou se destaca; evidência. *Os cenários mesclam arquitetura greco-romana e pós-moderna, com tecnologias de ponta em desenho industrial arcaico.* **8.** Numa linha atacante, atleta que atua pelas laterais do campo; ponteiro. *A cobrança de pênalti é a especialidade do ponta Marcelinho.* ★ **apontado.** adj.; vpart. **apontador.** sm. ◇ adj. **apontamento.** sm. **apontar.** vtd.; vti.; vi. **apontável.** adj2g. **contrapontado.** adj. **contrapontear.** vtd.; vpron. **contraponto.** sm. **despontado.** adj.; vpart. **despontador.** sm. ◇ adj. **despontar.** vtd.; vi.; vpron. **desponte.** sm. **despontilhado.** adj. **despontuado.** adj. vpart. **despontuar.** vtd. **impontual.** adj2g. **impontualidade.** sf. **pespontadeira.** sf. ◇ adj. **pespontado.** adj. ◇ sm. **pespontador.** sm. ◇ adj. **pespontar.** **pespontear.**vtd. **pespontado.** adj. **pesponto.** sm. **pontado.** adj. ◇ sm. **ponta-esquerda.** adj2g. **pontal.** sm. **pontapé.** sm. **pontaria.** sf. **pontado.** adj. ◇ sm. **pontear.** vtd.; vi. **ponteio.** sm. **ponteira.** sf. **ponteiro.** sm. **pontiagudo.** adj. **pontilha.** sf. **pontilhado.** adj.; vpart. ◇ sm. **pontilhar.** vtd.; vtdi. **ponto.** sm. **ponto-atrás.** sm. **ponto-de-exclamação.** sm. **ponto-de-interrogação.** sm. **ponto-e-vírgula.** sm. **ponto-final.** sm. **pontuação.** sf. **pontuado.** adj.; vpart. **pontual.** adj2g. **pontualidade.** sf. **pontuar.** vtd.; vtdi.; vi. **pontudo.** adj. **repontuar.** vtd.

PORTO. [ô] sm. **1.** Lugar de abrigo e ancoradouro para embarcações, que lhes permite comunicação com a terra. *O governo liberou verbas para a ampliação dos cais dos portos.* **2.** Cidades dotadas de porto marítimo, pluvial ou lacustre. *Santos é o maior porto do Brasil.* **3.** Passagem por terra; passadouro; entrada; porta. *Havia um porto escuro que ligava ao palácio.* □ **4. metáfora.** Local onde alguém pode descansar e se sentir seguro; refúgio, guarida, proteção. *Para ela não havia um porto seguro.* ★ **aeroporto.** sm. **aportar.** vtdi. **comporta.** sf. **comportado.** adj.; vpart. **comportamental.** adj2g. **comportamento.** sm. **comportar.** vtd.; vpron. **comportável.** adj2g. **deportação.** sf. **deportado.** adj.; vpart. ◇ sm. **deportar.** vtd. **deporte.** sm. **exportação.** sf. **exportado.** adj.; vpart. **exportador.** adj. ◇ sm. **exportar.** vtd. vi. **exportável.** adj2g. **heliporto.** sm. **importação.** sf. **importado.** adj.; vpart. **importador.** adj. ◇ sm. **importância.** sf. **importante.** adj2g. ◇ sm. **importar.** vtd.; vtdi.; vi.; vpron. **importável.** adj2g. **importunado.** adj.; vpart. **importunar.** vtd.; vpron. **inoportuno.** adj. **insuportável.** adj. 2g. **intransportável.** adj2g. **oportunidade.** sf. **oportunismo.** sm. **oportunista.** adj2g. ◇ sm. **oportuno.** adj. **passaporte.** sm. **porta.** sf. **porta-aviões.** sm. **portal.** sm. **portador.** adj. ◇ sm. **porta-malas.** sm. **portão.** sm. **portar.** vtd.; vi.; vpron. **portaria.** sf. **portátil.** adj2g. **portável.** adj2g. **porte.** sm. **porteiro.** adj. ◇ sm. **portela.** sf. **portuário.** adj.

reexportação. *sf.* **reexportado.** *adj.; vpart.* **reexportar.** *vtd.* **reimportação.** *sf.* **reimportado.** *adj.; vpart.* **reimportar.** *vtd.* **reportado.** *adj.; vpart.* $\diamond$ *sm.* **reportagem.** *sf.* **reportar.** *vtd.; vtdi.; vpron.* **repórter.** *s2g.* **suportar.** *vtd.; vpron.* **suportável.** *adj2g.* **transportabilidade.** *sf.* **transportação.** *sf.* **transportado.** *adj.; vpart.* **transportador.** *sm.* $\diamond$ *adj.* **transportadora.** *sf.* **transportamento.** *sm.* **transportar.** *vtd.; vtdi.; vpron.* **transportável.** *adj2g.* **transporte.** *sm.*

POSSE. *sf.* **1.** Ato ou efeito de se apossar de alguma coisa; propriedade. *De quem é a posse dessas terras?* **2.** Solenidade da investidura em cargo público. *A posse dos deputados eleitos será no primeiro dia do ano.* $\square$ **3.** *plural.* Bens, riquezas; meio de vida. *Ele é um homem de posses.* $\star$ **apoderado.** *adj.; vpart.* **apoderar.** *vtd.; vpron.* **apossado.** *adj.; vpart.* **apossar.** *vtdi.; vpron.* **desapoderado.** *adj.; vpart.* **desapoderar.** *vtd.; vpron.* **desapossado.** *adj.; vpart.* **desapossar.** *vtdi.; vpron.* **empossado.** *adj.; vpart.* **empossar.** *vtd.; vtdi.* **impossibilidade.** *sf.* **impossibilitado.** *adj.* **impossibilitar.** *vtd.; vtdi.; vpron.* **impossível.** *adj2g.* $\diamond$ *sm.* **impotência.** *sf.* **impotente.** *adj2g.* **poder.** *sm.* $\diamond$ *vtd. vti. vi.* **poderio.** *sm.* **poderoso.** *adj.* $\diamond$ *sm.* **possante.** *adj2g.* **posseiro.** *sm.* $\diamond$ *adj.* **possessão.** *sf.* **possessivo.** *adj.* $\diamond$ *sm.* **posseio.** *adj.* $\diamond$ *sm.* **possessor.** *adj.* $\diamond$ *sm.* **possibilidade.** *sf.* **possível.** *adj2g.* $\diamond$ *sm.* **possivelmente.** *adv.* **possuidor.** *adj.* $\diamond$ *sm.* **possuir.** *vtd.; vpron.* **potência.** *sf.* **potenciação.** *sf.* **potenciado.** *adj.* **potencial.** *adj2g.* $\diamond$ *sm.* **potencialidade.** *sf.* **potencializado.** *adj.; vpart.* **potencializar.** *vtd.* **potente.** *adj2g.* **prepotência.** *sf.* **prepotente.** *adj2g.*

PRECISO. *adj.* **1.** Necessário; que faz falta; indispensável. *É preciso terminar o trabalho.* **2.** Feito ou determinado com absoluto rigor e perfeição; exato, certo, definido. *O arquiteto fez cálculos precisos.* **3.** Que atinge exatamente o alvo; exato. *O policial deu um tiro preciso.* **4.** Sem excessos; conciso, lacônico. *A correspondência oficial deve ser precisa.* $\square$ Na acepção 1 o adjetivo pode ser interpretado também como particípio do verbo *precisar*. $\star$ **imprecisão.** *sf.* **impreciso.** *adj.* **precisado.** *adj.; vpart.* **precisamente.** *adv.* **precisão.** *sf.* **precisar.** *vtd.; vti.; vi.*

prever. *cf.* **VER.**

previdência. *cf.* **VER.**

previdencial. *cf.* **VER.**

previdencialismo. *cf.* **VER.**

previdencialista. *cf.* **VER.**

previdenciário. *cf.* **VER.**

previdente. *cf.* **VER.**

previsão. *cf.* **VER.**

previsibilidade. cf. **VER.**

previsível. cf. **VER.**

previsto. cf. **VER.**

PROBLEMA. *sm.* **1.** Qualquer assunto que envolve dúvida ou incerteza; dificuldade; questão.

O maior problema é a interpretação adequada da lei. 2. Tema que pode ser objeto de discussão e cuja solução requer considerável reflexão ou habilidade. *Os problemas relacionados ao meio ambiente devem ser discutidos em todos os segmentos da sociedade.*

3. Questão matemática cuja solução depende de cálculos. *Exames nacionais demonstram que muitos alunos não conseguem solucionar problemas envolvendo as quatro operações.*

★ **problemática.** *sf.* **problematicidade.** *sf.* **problemático.** *adj.* **problematismo.** *sm.*

problematização. *sf.* **problematizado.** *adj.* **problematizador.** *adj.◇ sm.* **problematizante.** *adj2g.* **problematizar.** *vtd.* **problematizável.** *adj2g.* **problemista.** *adj2g.*

PROFESSAR. *v.* **1.** *vtd.; vtdi.* Reconhecer publicamente; confessar; declarar; jurar; prometer.

Os países ricos professaram interesse no desenvolvimento sustentável, porém nada de concreto foi feito. 2. *vtd.* Ser convicto, adepto ou seguidor de; seguir. *O então presidente não professava fé religiosa. 3.* *vtd.* Executar as funções inerentes a uma profissão; abraçar.

Em toda a sua vida professou a docência. 4. *vtd.* Fazer propaganda de algo; preconizar, apregoar. *Não gostava daqueles poemas, não os achava ruins, apenas discordava das ideias que neles professava. 5.* *vi.* Fazer votos, ao entrar para uma ordem religiosa. *Ela professou aos 15 anos e desde então nunca mais viu a família. ★* **professado.** *adj.; vpart.*

professorador. *sm. ◇ adj.* **professante.** *adj2g.* **professo.** *adj. ◇ sm.* **professor.** *sm.* **professorado.** *sm.* **professoral.** *adj2g.* **professorando.** *sm.* **profissão.** *sf.* **profissional.** *adj2g.* **profissionalismo.** *sm.* **profissionalização.** *sf.* **profissionalizante.** *adj2g.* **profissionalizar.** *vtd.; vpron.*

PROGRAMA. *sm.* **1.** Apresentações, sistemáticas ou não, de audições radiofônicas ou espetáculos televisionados. *O programa sobre o compositor carioca Noel Rosa teve grande audiência. 2.* Diversão ou recreação previamente planejadas. **3.** Plano; projeto. *A sociedade anseia por um programa justo de distribuição de renda. 4.* Escrito ou publicação em que se anunciam ou descrevem os pormenores de um espetáculo, festa ou cerimônia, das condições de um concurso etc. *No programa da cerimônia de formatura não constava o nome de todos os formandos. 5.* Lista das matérias para estudar num curso ou para um concurso. *Os estudantes devem ser informados sobre o programa do curso oferecido. 6.* Sequência de instruções, codificadas segundo determinada linguagem de programação, que se insere no computador, habilitando-o a executar um ciclo completo de

operações. *O programa está sendo comercializado em diversas versões, para ser instalado em qualquer sistema operacional.* 7. Encontro amoroso por dinheiro. *Garotas menores de idade ganham dinheiro, nas ruas, fazendo programa.* ★ **programação.** *sf.* **programado.** *adj.; vpart.* **programador.** *sm.* ◇ *adj.* **programático.** *adj.* **programar.** *vtd.* **programável.** *adj2g.*

PRÓXIMO. *adj.* 1. Que está perto, a pouca distância; vizinho. *As lojas próximas a grandes centros comerciais estão fechando as portas.* 2. Seguinte ao atual; imediatamente seguinte; imediato. *Estamos preparados para o próximo ano.* 3. Que está prestes a chegar, a acontecer. *A formatura está próxima.* 4. Diz-se de pessoa que tem com outra ou de pessoas que têm entre si relação próxima de parentesco em primeiro grau. *O milionário não tinha parentes próximos.* 5. Muito chegado; muito ligado; íntimo. *O ministro e o presidente são amigos próximos.* 6. Que é pouco diferente; um tanto análogo; aproximado. *O retrato falado ficou bem próximo da fisionomia do bandido.* ◇ *sm.* 1. Pessoa, ser humano, considerado como um semelhante; semelhante. *Devemos respeitar o próximo.* ◇ *adv.* 1. Em lugar não distante; perto, na vizinhança. *É bom morar próximo ao local de trabalho.* ★ **aproximação.** *sf.* **aproximadamente.** *adv.* **aproximado.** *adj.* **aproximar.** *vtd.; vtdi.; vpron.* **aproximativo.** *adj.* **aproximável.** *adj2g.* **proximidade.** *sf.*



QUERER. v. **1.** vtd. Ter vontade de alcançar; desejar; ter a intenção; projetar; pretender obter. *Ele queria segurança.* **2.** vtd. Aspirar ou desejar adquirir ou possuir. *Ela quer uma nova casa.* **3.** vtd. Ter o desejo de que algo aconteça. *Quero minha família junto a mim.* **4.** vtd. Decidir-se por; gostar mais; escolher. *Temos café e chá. O que você quer?* **5.** vtd. Ter apetite de (comida); desejar. *Ele quer comida caseira.* **6.** vti.; vtdi. vpron. Ter simpatia, amizade ou afeto por. *Queremos muito o menino.* **7.** vti. Sentir-se apaixonado por e/ou sentir atração física por. *Ele a queria muito, mas ela amava outro.* **8.** vtd. Determinar de modo incisivo; exigir, ordenar. *Não quero bagunça aqui.* **9.** vtd. Dar consentimento para; consentir, permitir. *Não queria que ele se aproximasse.* **10.** vtd. Estar de acordo em; anuir a um convite, uma sugestão, um oferecimento etc. *Você quer ir ao cinema?* **11.** vtd. Ter necessidade de; requerer, exigir. *O corpo quer descansar.* **12.** vtd. Estar na iminência de ou ter possibilidade de; ameaçar. *A chuva quer alagar as ruas novamente.* ◇ sm. **1.** Ato ou efeito de querer; desejo. *Ele é movido pelo seu querer.* ★ **adquirido.** adj.; vpart. **adquiridor.** sm. **adquirir.** vtd.; vtdi. **aquisição.** sf. **aquisitivo.** adj. **inquirição.** sf. **inquirido.** adj.; vpart. **inquiridor.** sm. ◇ adj. **inquirir.** vtd.; vtdi. **inquisição.** sf. **inquisitivo.** adj. **inquisitório.** adj. **querença.** sf. **querente.** adj2g. **querido.** adj.; vpart. ◇ sm. **quisto.** adj. ◇ sm. **requeredor.** adj. ◇ sm. **requerente.** sm.; adj2g. **requerer.** vtd.; vtdi. **requerido.** adj.; vpart. **requerimento.** sm. **requerível.** adj. **requisição.** sf. **requisitado.** adj.; vpart. **requisitante.** adj. ◇ s2g. **requisitar.** vtd.; vtdi.

R r

reafirmção. cf. **FIRME.**
reafirmado. cf. **FIRME.**
reafirmar. cf. **FIRME.**
reagrupado. cf. **GRUPO.**
reagrupamento. cf. **GRUPO.**
reagrupar. cf. **GRUPO.**
reagrupável. cf. **GRUPO.**
rebaixamento. cf. **BAIXO.**
rebaixar. cf. **BAIXO.**
rebaixo. cf. **BAIXO.**
redito. cf. **DIZER.**
redizer. cf. **DIZER.**
reencontrado. cf. **ENCONTRO.**
reencontrar. cf. **ENCONTRO.**
reencontro. cf. **ENCONTRO.**
reexportação. cf. **PORTO.**
reexportado. cf. **PORTO.**
reexportar. cf. **PORTO.**
refazer. cf. **FAZER.**
refeição. cf. **FAZER.**
refeitório. cf. **FAZER.**
reforma. cf. **FORMA.**
reformação. cf. **FORMA.**
reformado. cf. **FORMA.**
reformador. cf. **FORMA.**
reformar. cf. **FORMA.**
reformativo. cf. **FORMA.**
reformatório. cf. **FORMA.**
reformável. cf. **FORMA.**
reformismo. cf. **FORMA.**
reformista. cf. **FORMA.**

reimportação. cf. **PORTO.**
reimportado. cf. **PORTO.**
reimportar. cf. **PORTO.**
renova. cf. **NOVO.**
renovação. cf. **NOVO.**
renovado. cf. **NOVO.**
renovador. cf. **NOVO.**
renovar. cf. **NOVO.**
reparte. cf. **PARTIR.**
repartição. cf. **PARTIR.**
repartido. cf. **PARTIR.**
repartidor. cf. **PARTIR.**
repartimento. cf. **PARTIR.**
repartir. cf. **PARTIR.**
repartitivo. cf. **PARTIR.**
repartível. cf. **PARTIR.**
repatriação. cf. **PAI.**
repatriado. cf. **PAI.**
repatriador. cf. **PAI.**
repatriamento. cf. **PAI.**
repatriar. cf. **PAI.**
repontuar. cf. **PONTA.**
reportado. cf. **PORTO.**
reportagem. cf. **PORTO.**
reportar. cf. **PORTO.**
repórter. cf. **PORTO.**
requeredor. cf. **QUERER.**
requerente. cf. **QUERER.**
requerer. cf. **QUERER.**
requerido. cf. **QUERER.**
requerimento. cf. **QUERER.**
requerível. cf. **QUERER.**
requisição. cf. **QUERER.**
requisitado. cf. **QUERER.**

requisitante. cf. **QUERER.**

requisitar. cf. **QUERER.**

ressabiado. cf. **SABER.**

ressabiar. cf. **SABER.**

ressabido. cf. **SABER.**

ressabiado. cf. **SABER.**

ressaibo. cf. **SABER.**

restabelecer. cf. **ESTAR.**

restabelecido. cf. **ESTAR.**

restabelecimento. cf. **ESTAR.**

retrovisor. cf. **VER.**

rever. cf. **VER.**

revez. cf. **VEZ.**

revezado. cf. **VEZ.**

revezador. cf. **VEZ.**

revezamento. cf. **VEZ.**

revezar. cf. **VEZ.**

revezável. cf. **VEZ.**

revezeiro. cf. **VEZ.**

revezes. cf. **VEZ.**

revezo. cf. **VEZ.**

revisado. cf. **VER.**

revisar. cf. **VER.**

revisita. cf. **VER.**

revisitação. cf. **VER.**

revisitado. cf. **VER.**

revisitar. cf. **VER.**

revisor. cf. **VER.**

revisório. cf. **VER.**

revista. cf. **VER.**

revistado. cf. **VER.**

revistador. cf. **VER.**

revistar. cf. **VER.**

revistável. cf. **VER.**

revisteiro. cf. **VER.**

revisto. cf. **VER.**

revitalização. cf. **VIDA.**

revitalizado. cf. **VIDA.**

revitalizador. cf. **VIDA.**

revitalizante. cf. **VIDA.**

revitalizar. cf. **VIDA.**

revitalizável. cf. **VIDA.**



SABER. v. 1. vtd. Conhecer; ter conhecimentos específicos (teóricos ou práticos). *Sabemos pouco sobre essa doença.* 2. Estar informado de, estar a par, ter, possuir conhecimento de. *Ninguém soubera de sua angústia.* 3. vtd. Não ignorar. *Só nós sabemos o valor dessa pesquisa.* 4. vtd. Ter habilidade. *Sabe compor versos como ninguém.* 5. vtd. Ser capaz de; conseguir. *Não sabe ser gentil.* 6. vtd. Ter consciência de. *Eu sei muito bem o que você está passando.* ◇ sm. Conjunto de conhecimentos adquiridos. *Nas mãos de um cientista o saber será usado em prol da humanidade.* ★ **desenxabido.** adj. **desenxabimento.** sm. **dissabor.** sm. **insipidez.** sf. **insípido.** adj. **insipiência.** sf. **insipiente.** adj2g. **ressabiado.** adj.; vpart. **ressabiar.** vi.; vpron. **sabedor.** sm. ◇ adj. **sabe-tudo.** s2g. **sabichão.** adj. ◇ sm. **sábio.** adj. ◇ sm. **sabível.** adj2g. **sabor.** sm. **saboreado.** adj. **saborear.** vtd. **saboreável.** adj2g. **saboroso.** adj. **sapiência.** sf. **sapiente.** adj2g. **saporífero.** **saporífico.** adj.

SÓCIO. adj. ◇ sm. 1. Membro de uma sociedade, associação ou clube; associado. *Era sócio do clube, mas raramente participava dos eventos.* 2. Aquele que se associa com outro em uma empresa. *Os bens e dívidas sociais constituem patrimônio especial, do qual os sócios são titulares em comum.* 3. Companheiro; parceiro. *Sempre foram sócios, nas brincadeiras e nos estudos, agora no trabalho.* ★ **associabilidade.** sf. **associação.** sf. **associado.** adj.; vpart. ◇ sm. **associar.** vtd.; vtdi.; vpron. **associatividade.** sf. **associativismo.** sm. **associativo.** adj. **associável.** adj2g. **desassociado.** adj; vpart. **desassociar.** vtd.; vtdi.; vpron. **dissociabilidade.** sf. **dissociação.** sf. **dissociado.** adj.; vpart. **dissociador.** adj. **dissocial.** adj2g. **dissociar.** vtd.; vtdi.; vpron. **dissociativo.** adj. **dissociável.** adj2g. **insociabilidade.** sf. **insocial.** adj2g. **insociável.** adj2g. **sociocrático.** adj. **sociabilidade.** sf. **sociabilização.** sf. **sociabilizado.** adj.; vpart. **sociabilizador.** adj. **sociabilizante.** adj2g. **sociabilizar.** vtd.; vpron. **sociabilizável.** adj2g. **social.** adj2g. **social-democracia.** sf. **social-democrata.** adj2g. **social-democrático.** adj. ◇ sm. **social-econômico.** adj. **socialismo.** sm. **socialista.** adj2g. ◇ s2g. **socialístico.** adj. **socialização.** sf. **socializado.** adj.; vpart. **socializador.** sm. ◇ adj. **socializante.** adj2g. **socializar.** vtd.; vpron. **socializável.** adj2g. **socialmente.** adv. **social-patriota.** adj2g. **social-patriótico.** adj. **social-patriotismo.** sm. **sociativo.** adj. **sociável.** adj2g. **societário.** adj. sm. **sociocracia.** sf. **sociocultura.** sf. **sociocultural.** adj2g. **socioeconômico.** adj. **socioeconomista.** s2g. ◇ adj2g. **sócio-gerente.** sm. **sociografia.** sf. **sociográfico.** adj. **sociograma.** sm. **sociojurídico.** adj. **sociolatria.** sf. **socioleto.** sm. **sociolinguista.** s2g. ◇ adj2g.

sociolinguística. *sf.* **sociolinguístico.** *adj.* **sociologia.** *sf.* **sociológico.** *adj.* **sociologismo.**
sm. **sociólogo.** *sm.* **sociopolítica.** *sf.* **sociopolítico.** *adj.*

subestação. cf. **ESTAR.**

superestável. cf. **ESTAR.**

subgrupado. cf. **GRUPO.**

subgrupamento. cf. **GRUPO.**

subgrupar. cf. **GRUPO.**

subgrupo. cf. **GRUPO.**

subparte. cf. **PARTIR.**

subpartição. cf. **PARTIR.**

subpartido. cf. **PARTIR.**

suportar. cf. **PORTO.**

suportável. cf. **PORTO.**

supradito. cf. **DIZER.**

suprapartidário. cf. **PARTIR.**

supravital. cf. **VIDA.**



TEMPO. *sm.* **1.** Aquilo que é medido em horas, dias, meses ou anos; período; duração. *A sustentação oral pode ser feita no tempo de dez minutos para cada parte.* **2.** Época, lapso de tempo futuro ou passado. *Os primeiros habitantes da região viveram no tempo dos aborígenes.* **3.** Oportunidade ou circunstância disponível para a realização de algo. *Final de ano é tempo de comemorar os objetivos alcançados.* **4.** Condição atmosférica numa região em certo período. *O tempo fica nublado no sul do país.* **5.** A época atual. *É bom vivenciar esses tempos modernos.* **6.** Estação, período do ano em que acontecem determinados fenômenos. *É tempo de plantar soja.* ★ **antetempo.** *sm.* **atemporal.** *adj.* **atemporalidade.** *sf.* **contemporaneidade.** *sf.* **contemporâneo.** *adj.* ◇ *sm.* **contemporização.** *sf.* **contemporizador.** *sm.* ◇ *adj.* **contemporizar.** *vi., vtd., vti.* **contratempo.** *sm.* **extemporaneidade.** *sf.* **extemporâneo.** *adj.* **intempestividade.** *sf.* **intempestivamente.** *adv.* **intempestivo.** *adj.* **intemporal.** *adj.* **intemporalidade.** *sf.* **tempestade.** *sf.* **tempestear.** *tempestuar.* *vi., vtd.* **tempestividade.** *sf.* **tempestivamente.** *adv.* **tempestivo.** *adj.* **tempestuoso.** *adj.* **temporada.** *sf.* **temporal.** *sm.* ◇ *adj.2g.* **temporalidade.** *sf.* **temporalização.** *sf.* **temporalizar.** *vtd.* **temporâneo.** *adj.* **temporalmente.** *adv.* **temporão.** *adj.* ◇ *sm.* **temporariamente.** *adv.* **temporariedade.** *sf.* **temporário.** *adj.* **temporização.** *sf.* **temporizador.** *adj.* ◇ *sm.* **temporizar.** *vtd., vti., vi.*

TER. *vtd.* **1.** Possuir. *Ele tinha ideias realmente avançadas.* **2.** Estar com, apresentar. *Os dois tinham as mãos calejadas do trabalho sofrido.* **3.** Medir; ser de determinado tamanho. *A vítima tinha 1,60, 50 quilos e fugiu do bandido de 1,80 de altura.* **4.** Abrigar; conter. *A empresa tem mais de mil funcionários.* **5.** Sentir algo. *Teve um nervoso e cometeu o ato de violência.* **6.** Sofrer de algo. *Sua mãe teve tuberculose e veio a falecer.* **7.** Considerar, julgar alguém. *Tinha o professor como seu pai.* **8.** Existir; haver. *Tem muito estudante produzindo bons textos.* **9.** Completar; fazer em relação a tempo. *Já tem três anos que terminou o curso.* **10.** Acontecer algo. *Teve um assalto durante a madrugada.* **11.** Dever; ser obrigação a. *O aluno tem que cursar as disciplinas oferecidas.* □ É usado como verbo auxiliar na formação de tempos compostos. *A população tinha mudado seus hábitos.* ★ **tenência.** *sf.* **tenente.** *sm.*

TOTAL. *sm.* **1.** Resultado de uma adição; soma. *O total de votos apurados chega a setenta por cento.* **2.** Reunião das várias partes que formam um todo; totalidade. *A produção total de grãos é suficiente para abastecer o mercado interno.* ◇ *adj.2g.* **1.** A que não falta nada,

que forma ou abrange um todo; inteiro, completo. *O fracasso do plano econômico foi total.*

★ **totalidade.** *sf.* **totalitário.** *adj.* **totalitarismo.** *sm.* **totalitarista.** *adj2g.* ◇ *s2g.* **totalização.** *sf.* **totalizado.** *adj.* ◇ *vpart.* **totalizador.** *adj.* ◇ *sm.* **totalizante.** *adj2g.* **totalizar.** *vtd.* **totalizável.** *adj2g.* **totalmente.** *adv.*

TRABALHO. *sm.* **1.** Aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim. *Há dezessete anos se dedica ao trabalho com quadrinhos.* **2.** Atividade ou ocupação remunerada; serviço. *Todo dia saía à procura de trabalho.* **3.** Atividade. *Para a pesquisa, os antropólogos realizaram trabalho de campo.* **4.** Tarefa; obrigação; dever. *Só foi dormir depois que terminou o trabalho.* **5.** Esforço; luta. *Teve muito trabalho para vencer a doença.* **6.** Feitiço; bruxaria. *Fez um trabalho para trazer de volta seu amado.* **7.** Atividade que se destina ao aprimoramento ou ao treinamento físico, intelectual etc. *O trabalho incansável do atleta lhe rendeu a medalha de ouro nas Olimpíadas.* **8.** Função. *O trabalho renal é fundamental na manutenção do equilíbrio da água no organismo e também da acidez (pH) do sangue.* **9.** Resultado útil do funcionamento de um aparelho, um maquinismo, um sistema etc. *Ouvia-se o som do trabalho das máquinas dia e noite.* **10.** Atuação contínua e progressiva duma força natural. *A energia luminosa absorvida pela água executa o trabalho da evaporação.* **11.** Qualquer obra realizada. *Depois de anos publicou seu trabalho.* **12.** Local onde se exerce uma atividade. *Os moradores da capital não foram ao trabalho, devido à greve dos empregados em transportes coletivos.* ★ **trabalhabilidade.** *sf.* **trabalhadeira.** *adj.* **trabalhado.** *adj.* ◇ *vpart.* **trabalhador.** *sm.* ◇ *adj.* **trabalhar.** *vtd.; vti.; vi.; vpron.* **trabalhável.** *adj2g.* **trabalheira.** *sf.* **trabalhismo.** *sm.* **trabalhista.** *adj2g.* **trabalhístico.** *adj.* **trabalhoso.** *adj.*

transformação. *cf.* **FORMA.**

transformacional. *cf.* **FORMA.**

transformado. *cf.* **FORMA.**

transformador. *cf.* **FORMA.**

transformante. *cf.* **FORMA.**

transformar. *cf.* **FORMA.**

transformativo. *cf.* **FORMA.**

transformável. *cf.* **FORMA.**

transformismo. *cf.* **FORMA.**

transformista. *cf.* **FORMA.**

transportabilidade. *cf.* **PORTO.**

transportação. *cf.* **PORTO.**

transportado. cf. **PORTO.**

transportador. cf. **PORTO.**

transportadora. cf. **PORTO.**

transportamento. cf. **PORTO.**

transportar. cf. **PORTO.**

transportável. cf. **PORTO.**

transporte. cf. **PORTO.**

tripartição. cf. **PARTIR.**

tripartido. cf. **PARTIR.**

tripartir. cf. **PARTIR.**

tripartite. cf. **PARTIR.**

tripartível. cf. **PARTIR.**



VER. v. **1.** vtd.; vi. Perceber pela visão; enxergar. *Viu a luz do casarão acesa.* **2.** vtd. Acompanhar com os olhos e ouvidos; assistir a. *Quem viu o filme sabe que esta descrição se enquadra perfeitamente.* **3.** vtd. Conferir; examinar. *Os adversários nem viram o nosso programa de governo.* **4.** vtd. Procurar por algo. *Onde está a verba pública? Veja as contas bancárias dos envolvidos.* **5.** vtdi. Procurar (algo) para (alguém, uma finalidade); providenciar, ir buscar, trazer. *Foi à biblioteca e viu um livro para a pesquisa.* vtd. **6.** Ter encontro com, receber. *À tarde, o reitor irá ver os estudantes estrangeiros.* **7.** vpron. Encontrar-se; avistar-se (com outro ou um ao outro). *Viram-se no calar da noite.* **8.** vtd. Reparar; notar. *Vi que os animais estavam assustados com a chuva.* **9.** vtd. Fazer julgamento de alguém; considerar. *Os jovens veem os jogadores como heróis.* **10.** vpron. Avistar-se, contemplar-se, mirar-se. *Viu-se diante do espelho, não se reconheceu.* **11.** vpron. Sentir-se; achar-se; reconhecer-se; julgar-se. *Viu-se acuado, diante da situação.* ◇ sm. Modo de ver, de considerar; opinião, juízo. *Existem, a meu ver, vários argumentos a favor da obrigatoriedade da filosofia na educação básica.* ★ **antever.** vtd. **antevidência.** sf. **antevidente.** adj2g. **antevisão.** sf. **antevisto.** adj.; vpart. **avisado.** adj.; vpart. **avisar.** vtdi.; vpron. **avistado.** adj. vpart. **avistar.** vtd.; vpron. **avistável.** adj2g. **desavisado.** adj.; vpart. ◇ sm. **desaviso.** sm. **desavistar.** vtd. **entrever.** vtd.; vpron. **entrevisão.** sf. **entrevista.** sf. **entrevistado.** adj. ; vpart. ◇ sm. **entrevistador.** sm. ◇ adj. **entrevistar.** vtd.; vtdi.; vpron. **entrevistável.** adj2g. **evidência.** sf. **evidenciação.** sf. **evidenciado.** adj.; vpart. **evidenciar.** vtd.; vpron.. **evidente.** adj2g. **imprevidência.** sf. **imprevidente.** adj2g. **imprevisão.** sf. **imprevisibilidade.** sf. **imprevisível.** adj2g. **imprevisto.** adj2g. **inveja.** sf. **invejado.** adj.; vpart. **invejar.** vtd.; vpron. **invejável.** adj2g. **invejosa.** sf. **invejoso.** adj. **invisível.** adj2g. **invisibilidade.** sf. **prever.** vtd., vtdi. **previdência.** sf. **previdencial.** adj2g. **previdencialismo.** sm. **previdencialista.** adj2g. **previdenciário.** adj. **previdente.** adj2g. **previsão.** sf. **previsibilidade.** sf. **previsível.** adj2g. ◇ adj2g. **previsto.** adj.; vpart. **retrovisor.** sm. **rever.** vtd. vpron. **revisado.** adj.; vpart. **revisar.** vtd. **revisita.** sf. **revisitação.** sf. **revisitado.** adj.; vpart. **revisitar.** vtd. **revisor.** sm. ◇ adj. **revisório.** adj. **revista.** sf. **revistado.** adj. vpart. **revistador.** sm. ◇ adj. **revistar.** vtd. **revistável.** adj2g. **revisteiro.** sm. **revisto.** adj.; vpart. **vidência.** sf. **vidente.** adj2g. **vídeo.** sm. **videodisco.** sm. **videofone.** sm. **videofrequência.** sf. **videoteipe.** sm. **visado.** adj.; vpart. **visagem.** sf. **visagismo.** sm. **visagista.** adj2g. **visagístico.** adj. **visão.** sf. **visar.** vtd. **viseira.** sf.

visibilidade. sf. **visibilizado.** adj. **visibilizar.** vtd. **visita.** sf. **visitação.** sf. **visitado.** adj.; vpart. **visitante.** s2g. ◇ adj2g. **visitar.** vtd.; vpro. **visitável.** adj2g. **visível.** adj2g. **visor.** sm. ◇ adj. **vista.** sf. **vistas.** sf. **visto.** sm. ◇ adj. **vistor.** sm. **vistoria.** sf. **vistoriado.** adj. **vistoriador.** sf. ◇ sm. **vistoriar.** vtd. **vistoriável.** adj2g. **vistoso.** adj. **visual.** adj2g. **visualidade.** sf. **visualização.** sf. **visualizado.** adj.; vpart. **visualizador.** sm. **visualizar.** vtd. **visualizável.** adj2g.

VEZ. sf. **1.** Designação da ocorrência de um evento ou de cada ocorrência de eventos sucessivos idênticos ou análogos. *O entrevistado foi interrompido várias vezes pelo jornalista.* **2.** Certo momento; dada ocasião. *Certa vez encontrei-me com o grande mestre das artes.* **3.** Circunstância ou momento propício para realizar algo; ensejo, ocasião, oportunidade. *Desta vez, a vitória foi dos ecologistas.* **4.** Momento em que ocorre uma alternância, um revezamento, dentro de uma sequência em que cada elemento tem a mesma importância; turno. *O cliente aguardava pacientemente na fila.* **5.** Quantidade que multiplica algo ou serve para comparar coisas. *Ao assumir o concurso passou a ganhar duas vezes mais.* ★ **revez.** sf. **revezado.** adj.; vpart. **revezador.** sm. ◇ adj. **revezamento.** sm. **revezar.** vtd.; vti.; vi.; vpron. **revezável.** adj2g. **revezeiro.** sm. **revezes.** sf. **revezos.** sm. ◇ adj.

VIDA. sf. **1.** Duração do nascimento à morte. *A expectativa de vida do brasileiro aumentou nas últimas décadas.* **2.** História do nascimento à morte; biografia. *Ele discursou sobre a vida e a carreira do ilustre colega.* **3.** Tempo de existência de algo: duração; conservação. *Não há como prever a vida útil de um satélite.* **4.** Modo de viver; conjunto de hábitos. *Os bandidos levavam vida de rico, na favela.* **5.** Conjunto de atividades humanas que caracteriza um grupo social, uma época, um lugar; modo de viver. *Estamos diante dos dilemas da vida contemporânea.* **6.** Subsistência; sustento. *Durante anos ganhou a vida como engraxate.* **7.** Trabalho; ocupação. *Vida de médico não é fácil.* **8.** Vigor; energia. *Éramos todos jovens e cheios de vida.* **9.** Convivência. *A falta de estrutura financeira influencia de forma negativa a vida dos casais.* **10.** Razão ou motivo da existência. *Seu filho era a sua vida.* **11.** Conjunto de seres vivos classificados do ponto de vista da espécie, do meio ambiente, da época etc. *Biólogos pesquisam a vida marinha a fim de encontrar explicações para a extinção de determinadas espécies.* ★ **desvitalização.** sf. **desvitalizar.** vtd. **revitalização.** sf. **revitalizado.** adj.; vpart. **revitalizador.** sm. ◇ adj. **revitalizante.** adj2g. **revitalizar.** vtd. **revitalizável.** adj2g. **supravital.** adj2g. **vital.** adj2g. **vitaliciedade.** sf. **vitalício.** adj. **vitalidade.** sf. **vitalismo.** sm. **vitalizado.** adj. **vitalizador.** adj.

vitalizante. *adj2g.* **vitalizar.** *vtd.* **vitalizável.** *adj2g.* **vitamina.** *sf.* **vitaminado.** *adj.;* *vpart.*
vitaminar. **vitaminizar.** *vtd.* **vitamínico.** *adj.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi concebido com o intuito de fornecer subsídios para a construção de um dicionário escolar de cognatos da língua portuguesa contemporânea, com nomenclatura ordenada por famílias de palavras, tendo como público-alvo estudantes das séries finais da educação básica (idade entre 12 e 17 anos). A motivação inicial para esta pesquisa foi o constatar que no mercado editorial há muitos dicionários, porém poucos do tipo escolar e até o momento nenhuma obra ordenada por família de palavras. Apesar de todos os dicionários serem funcionais, um dicionário de cognatos seria mais uma ferramenta para o professor utilizar como recurso no processo ensino-aprendizagem, auxiliando o estudante na aquisição lexical e habilitando-o para a compreensão e produção linguística.

Na atualidade, os estudantes brasileiros não são expostos a estudos relativos à história da língua portuguesa, por isso não reconhecem as relações que uma palavra pode manter com outra da mesma língua ou de língua diferentes, como o grego e o latim. Já que não se contemplam esses estudos no currículo da educação básica, há a necessidade de oferecer ao estudante um material didático que o auxilie a assimilar o maior número possível de palavras a partir da simples visualização das famílias de cognatos. Dessa forma, um dicionário escolar, nos moldes que foi aqui proposto, seria mais um instrumento disponível para as práticas pedagógicas, que contribuiria para a ampliação vocabular dos estudantes.

Para a execução desta pesquisa, dedicamo-nos inicialmente aos estudos lexicográficos, porém, ao longo do processo, percebemos que deveríamos expandir o referencial teórico, já que necessitaríamos de conceitos de outras áreas de conhecimento. Ao ampliarmos o campo de investigação, encontramos adversidades ao lidarmos com ciências e teorias linguísticas que atuam em áreas distintas, com visões exclusivas sobre o mesmo objeto: a palavra. Dessa forma, houve a necessidade de convergir Morfologia Derivacional, Etimologia, Lexicologia e Lexicografia para a elaboração de parâmetros, o que nos impediu de adotar uma corrente linguística única, já que essas ciências abrangem um campo muito vasto de conceitos, métodos e critérios, muitas vezes, contraditórios e excludentes. Portanto, mesmo embasados em teses de grandes especialistas, em alguns momentos vimo-nos sem amparo teórico e tivemos que tomar decisões individuais, correndo assim o risco da incompreensão pela originalidade.

Iniciamos a pesquisa pelo estudo da palavra e dedicamos todo o Capítulo I para a sua análise do ponto de vista da Lexicologia e, principalmente, da Morfologia Derivacional. Esse

referencial teórico foi de grande valia a compreensão dos processos de formação das palavras, explorando-as do ponto de vista diacrônico, primando pela etimologia, a fim de estabelecermos critérios para o tratamento dos cognatos. O resultado desses estudos pode não ficar suficientemente evidente para o leitor, pois não aparecem com nitidez no produto final, porém seria praticamente inviável a idealização da proposta sem as discussões teóricas apresentadas.

As teorias referentes à prática lexicográfica, abordadas no Capítulo II, situaram nosso objeto de investigação no âmbito dessa ciência, o que nos permitiu constatar a escassez de estudos dedicados à Lexicografia Pedagógica, pois a maior parte do referencial teórico prioriza os dicionários gerais. Dessa forma, foi necessária a adaptação de alguns parâmetros e critérios e a criação de outros para que pudéssemos elaborar os subsídios para um dicionário de cognatos.

O Capítulo III, na realidade, cumpriu duas funções: demonstrar os procedimentos metodológicos adotados para a elaboração da “Amostra de Verbetes”, constante no Capítulo IV e, simultaneamente, oferecer subsídios para a elaboração de um dicionário escolar de cognatos. Delimitamos, assim, as questões inerentes à elaboração de um dicionário, passo a passo, desde a escolha do *corpus* até a configuração dos verbetes, ou seja, definimos a macroestrutura e a microestrutura da obra lexicográfica aqui proposta.

Entretanto, quando iniciamos o trabalho de manuseio do *corpus*, tratando cada palavra de forma individual e depois coletivamente dentro da família, percebemos que os dados é que nos direcionam e nos mostram todo o caminho a seguir. A partir da manipulação e análise de cada palavra para a montagem dos verbetes deparamo-nos com situações em houve necessidade de modificar os critérios já estabelecidos para acomodar especificidades antes não previstas, como por exemplo, a ausência de cognatos de uso corrente, pertencentes ao senso comum, no *corpus* escolhido para a pesquisa. Frente a esse novo quadro, que implicaria a limitação da nomenclatura, houve a necessidade de consultar outro banco de dados, denominado, aqui, de *corpus* de controle, para viabilizar a lematização de um maior número possível de cognatos.

Compor a nomenclatura de um dicionário baseada em um *corpus* constitui uma grande empreitada, por isso a maioria dos dicionaristas brasileiros não utilizam essa prerrogativa, principalmente, porque, no Brasil, ainda não há um *corpus* aberto e de referência mantido por um órgão oficial, em uma instância superior, como a Academia Brasileira de Letras, a exemplo das academias francesa e espanhola. Há muitos empecilhos que impedem a construção de um dicionário a partir de um *corpus*, pois dentre os bancos de dados

disponíveis para a consulta *on line*, nem todos oferecem ferramentas necessárias para o manuseio com fins específicos, como fazer *download* ou autorizar a pesquisa aos textos utilizados como fontes. Dessa forma, um *corpus* “ideal” seria aquele criado, desenvolvido e mantido pelo próprio lexicógrafo.

No Capítulo IV, pudemos realmente aplicar os subsídios aqui apresentados para a elaboração de um dicionário escolar de cognatos, em 52 verbetes múltiplos que acomodaram 1.164 cognatos. Portanto, acreditamos que o objetivo estabelecido foi alcançado à medida que pudemos demonstrar, a partir da “Amostra de Verbetes”, ser possível a concretização de um dicionário de cognatos, nos padrões aqui delineados. É importante destacar que toda proposta caracteriza-se, também, pela sua incompletude, por isso há a necessidade de novos olhares e de novas concretizações para dar continuidade a esta pesquisa.

Por fim, com este trabalho esperamos ter contribuído com a Lexicografia Pedagógica, incentivando mais estudiosos a refletirem sobre a importância das obras lexicográficas, como instrumento de aquisição lexical, fazendo pesquisas nessa área para que em um futuro próximo tenhamos mais diversidade de referencial teórico, aprimorando, assim, a qualidade das obras oferecidas aos estudantes. Ambicionamos, ainda, que os subsídios apresentados neste trabalho venham a ser utilizados para a elaboração, editoração e publicação de um possível dicionário de cognatos da língua portuguesa contemporânea.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA Brasileira de Letras. *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*. 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

_____. *VOLP – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. 2009. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23>. Acesso em 03/09/2011.

ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA DE 1990. Academia Brasileira de Letras. 09/04/2009. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=19>. Acesso em 03/09/2011.

ALVES, Ieda Maria . *Neologismo: criação lexical*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

ALVAR EZQUERRA, Manuel. Los diccionarios y La enseñanza de La lengua. In: AYALA CASTRO, Marta Concepción. (org.) *Diccionarios y Enseñanza*. Alcalá: Universidad de Alcalá, 2001.

_____. *La enseñanza del léxico y el uso del dicionário*. Madrid: Arco/Libros, 2003.

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. *Dicionário analógico da língua portuguesa: ideias afins/thesaurus*. 2. ed.. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010 [1950].

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

BANCO do português. Projeto DIRECT. PUC/SP, LAEL, CEPRI. Disponível em <http://www2.lael.pucsp.br/corpora/bp/> . Acesso em 26/06/2011.

BARBOSA, Maria Aparecida. Modelos em Lexicologia. In: *Língua e Literatura*, n.9, 1980, p. 261-279.

BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

_____. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006

_____. *Teoria lexical*. 8ª. ed. São Paulo: Ática, 2010.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. *Estudos de filologia e lingüística*. São Paulo: T. A. Queiroz, Editora da Universidade de São Paulo, 1981, p. 131-45.

_____. A ciência da lexicografia. In: *Alfa*. São Paulo, 1984, v. 28 (supl.) p. 1-26.

_____. O dicionário padrão da língua. In: *Alfa*. São Paulo, 1984, v. 28 (supl.) p. 27-44.

_____. Glossário. In: *Alfa*. São Paulo, 1984, v. 28 (supl.) p. 135-144.

_____. *Dicionário contemporâneo de português*. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed.UFMS, 1998, p. 11-20.

_____. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri. (orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed.UFMS, 1998, p. 129-142.

_____. Conceito linguístico de palavra. In: BASÍLIO, Margarida (org.). *Palavra*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. p. 81-97.

_____. *Teoria Linguística: Teoria lexical e linguística computacional*. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*. n. 5, São Paulo: Humanitas, 2002, p. 85 - 116.

_____. A formação e a consolidação da norma lexical e lexicográfica no português do Brasil. In: NUNES, José Horta; PETER, Margarida (Orgs.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USO; Pontes, 2002, p. 65-82.

_____. Dicionários do português: da tradição à contemporaneidade. *Alfa*, São Paulo, v.47, n.1, p.53-69, 2003.

_____. *Dicionário Ilustrado de Português*. 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 2009.

BLOOMFIELD, Leonard. Um conjunto de postulados para a ciência da linguagem [1926]. In: DASCAL, Marcelo (org.) *Concepções gerais da teoria linguística*, v.1. São Paulo: Global, 1978, p. 45-60.

BORBA, Francisco da Silva (Coord.). *Dicionário gramatical de verbos do Português Contemporâneo do Brasil*. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. (Org.) *Dicionário de Usos do Português do Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

_____. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: UNESP, 2003.

_____. *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. São Paulo: UNESP, 2004.

_____. Conversando com quem faz: a prática lexicográfica. In: XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HULBLÉ, Philippe René Marie. (orgs). *Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola, 2011, p. 15-26.

BRÉAL, Michel. Trad. Aída Ferrás et al. *Ensaio de semântica*. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992 [1897].

BUGÜENO MIRANDA, Félix. O que é macroestrutura no dicionário de língua? In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, volume III. Campo Grande: Ed. UFMS,; São Paulo: Humanitas, 2007, p. 261-272.

CALDAS AULETE. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 2a ed. brasileira. Rio de Janeiro: Delta, 1970. 5 vol.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2002 [1956].

_____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004 [1970].

CARLOS SPITZER, S.J. *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa*. Porto Alegre: Editora Globo, 1959.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. São Paulo: Nacional, 2006.

COROA, Maria Luiza. Para que serve um dicionário? In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos. (Orgs.). *Dicionários Escolares: políticas, formas e usos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CORREIA, Margarita. *Os dicionários portugueses*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: Editorial Caminho, 2009.

CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem Tupi*. São Paulo: Melhoramentos, 1998 [1976].

_____. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2007 [1982].

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. *Corpus do Português*. 2006. Disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em 24/06/2011.

DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira. *A formação de palavras por prefixo em português*. Fortaleza: EUFC, 1999.

_____. *Elementos para uma morfologia do português: em torno da noção de radical*. Fortaleza: EUFC, 2001

DUBOIS, Jean; DUBOIS, Claude. *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire*. Paris: Larousse, 1971.

DUBOIS, Jean. *Dictionnaire du Français Contemporain*. Paris : Larousse, 1966.

_____, et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

_____. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rev. Amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

_____. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed. revista e atualizada, 1ª impressão, Curitiba: Editora Positivo, 2004.

_____. *Aurelinho: Dicionário Infantil Ilustrado da Língua Portuguesa*. 2. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2005.

_____. *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa*. Curitiba: Editora Positivo, 2006.

_____. *Míni Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 6. ed. rev. atual. Curitiba: Editora Positivo, 2008.

FREITAS, Horácio Rolim de. *Princípios de morfologia*. Rio de Janeiro: Presença, 1981.

GEIGER, Amir; DAVIES, Vitória. *Meu primeiro dicionário Caldas Aulete infantil ilustrado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

HAENSCH, Günther. Aspectos prácticos de la elaboración de diccionarios. In: HAENSCH, Günther; WOLF, Lothar; ETTINGER, Stefan; WERNER, Reinhold. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982, p. 395-534.

_____. Tipologia de las obras lexicográficas. In: HAENSCH, Günther.; WOLF, Lothar; ETTINGER, Stefan; WERNER, Reinhold. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982, p. 95-187.

_____. *Los diccionarios del español em el umbral del siglo XXI*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1997.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2007.

_____. *Míni Houaiss: Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2009.

ILARI, Rodolfo; CUNHA LIMA, Maria Luiza. Algumas ideias avulsas sobre a aquisição do léxico. In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos (orgs.) *Dicionários escolares: políticas, formas e usos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

ISQUERDO, Aparecida Negri, KRIEGER, Maria da Graça. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia terminologia*. v. II. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Qual a relevância da inclusão de exemplos ou de abonações nos dicionários, considerando os diferentes tipos de obras lexicográficas? In: XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie (orgs.) *Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 47-48.

_____. Os estudos lexicográficos no Brasil: um percurso histórico. In: CARDOSO, Suzana; MEJRI, Salah; MOTA, Jacira (Orgs.). *Os dicionários: fontes, métodos e novas tecnologias*. Salvador: Vento Leste/UFB, 2011, p. 113- 144.

KEDHI, Valter. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Editora Ática, 2003.

KRIEGER, Maria da Graça, FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à terminologia*. São Paulo: Contexto, 2004.

KRIEGER, Maria da Graça. *Dicionários para o ensino de língua materna: princípios e critérios de escolha*. *Revista Língua & Literatura*. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Missões, n. 11, 2005, p. 101-112.

_____. Lexicografia: o léxico no dicionário. In: SEABRA, Maria Candida Trindade Costa de. (org.) *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 157-171.

_____. O dicionário de língua como potencial instrumento didático. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. (orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, volume III. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007, p. 295-309.

_____. Porque Lexicografia e Terminologia: relações textuais? In: *VIII Encontro do CELSUL. GT Lexicografia, Terminologia, Lexicologia*. Porto Alegre. Anais do CELSUL 2008. Disponível em http://www.celsul.org.br/Encontros/08/lexicografia_e_terminologia.pdf Acesso em: 06/01/2011.

_____. Como as obras de referencia no país poderiam ser mais valorizadas como patrimônio sociocultural? In: XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie (orgs.) *Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola, 2011, p. 133-134.

LÁCIO-WEB. Corpora NILC/ICMS/USP/UFSCar/Unesp. Disponível em: <http://www.nilc.icmc.usp.br/lacioweb/index.htm>. Acesso em 26/11/2011.

LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. *Manual de morfologia do português*. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: UFJF, 1994.

LE ROBERT MICRO: *Dictionnaire d'apprentissage de la langue française*. Paris: Le Robert, 2008.

LUFT. Pedro Celso. *Dicionário Prático de Regência Verbal*. São Paulo: Ática, 1999.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 4. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1987 [1952-1959], 5 vols.

MARTINET, André. *Elementos de linguística Geral*. Tradução de Jorge Morais-Barbosa. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1964.

MARTINS, Maria Sílvia Cintra. *Entre palavras e coisas*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MATORÉ, Georges. *La méthode en lexicologie*. Paris: Didier, 1953.

MATOS, Francisco Gomes de. O Dicionário de Linguística e Gramática: notas de um leitor-posfaciador. In: *DELTA*, vol.20. São Paulo, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502004000300011. Acesso em 25/06.2011.

MATTOS, Geraldo. *Dicionário Júnior da língua portuguesa*. São Paulo: FTD, 2006.

MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à filologia e à linguística portuguesa*. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.

MICHAELIS. *Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Dicionário histórico do português do Brasil: problemas e soluções. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lúcia Almeida (orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, volume V. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010, p. 237-252.

NASCENTES, Antenor Veras. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Alves, 1932.

_____. *Dicionário Etimológico Resumido*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro. 1966.

NERUDA. Pablo. A palavra. In: *Confesso que Vivi*. Rio de Janeiro: Difel, 1980.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática: História, teoria e análise*, ensino. São Paulo: UNESP, 2002.

NGB. NOMENCLATURA Gramatical Brasileira. 1959. Disponível em <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=ngbras>. Acesso em 17 dez 2011.

NILC's CORPORA. Disponível em <http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/tools/corpora.htm>
Acesso em 26/06/2011.

NOMDEDEU RULL, Antoni. Real Academia Española: Diccionario del estudiante. In: *Revista de Lexicografía*, Universidade da Coruña, nº 13, 2007, p. 207 -218.

NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil: análise e história*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

PCN BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em 29/08/2011.

PICOCHÉ, Jacqueline. *Dictionnaire étymologique du français*. Paris: Le Robert, 2009.

PORTO DAPENA, José-Álvaro. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco/Libros, 2002.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. São Paulo: Mundo de Letras, 1996.

POTTIER, Bernard, et al. *Estruturas linguísticas do português*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

POTTIER, Bernard. *Linguística geral: teoria e descrição*. Tradução e adaptação portuguesa de Walmirio Macedo. Rio de Janeiro : Presença, 1978.

PNLD-Dicionários 2012. Edital de Convocação. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16841&Itemid=1131. Acesso em 27/01/2012.

PRUVOST, Jean. Les dictionnaires de langue française: une histoire et une dynamique. In : *Ire partie, Revue de l'AMOPA*, nº140, mars 1998, pp. 10-12.

RANGEL, Egon de Oliveira; BAGNO, Marcos. *Dicionários em sala de aula*. Brasília: Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Básica, 2006.

RANGEL, Egon de Oliveira. Dicionários escolares e políticas públicas em educação: a relevância da “proposta lexicográfica”. In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos (orgs). *Dicionários escolares: políticas, formas e usos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 37-60.

REAL Academia Española; ASSOCIAÇÃO de Academias de la Lengua Española. *Diccionario Práctico del estudiante*. Barcelona: Santillana, 2007.

REY, Alan. *La lexicologie*. Paris: Klincksieck, 1970 .

REY-DEBOVE, Josette. La définition lexicographique: recherches sur l'équation sémique. In : *Cahiers de lexicologie*, vol. VIII. Paris: Didier-Larousse, 1966 - I, p. 71-94.

_____. *Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français Contemporains*. Paris: Mouton, 1971.

_____. *Le Robert Méthodique: dictionnaire méthodique du français actuel*. Paris: Le Robert, 1983.

_____. *LE ROBERT BRIO: Dictionnaire de la langue française - Analyse Comparative des Mots*. Paris: Le Robert, 2004.

RIO-TORTO, Graça Maria. Mecanismos de produção lexical no português europeu. In: *Alfa*. São Paulo, 1998a, v.42, p. 15-32.

_____. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto Editora, 1998b.

_____. Operações e paradigmas genolexicais do português. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*, 1998c, n. 2, p. 39-60.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do Português*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.

SANDALO, Maria Filomena Spatti. Morfologia. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (org.) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 183-193.

SANDMANN, Antônio José. *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor; Ícone, 1989.

SILVA, Maria Cristina Parreira da. Para uma tipologia geral de obras lexicográficas. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, volume III. Campo Grande: Ed. UFMS,; São Paulo: Humanitas, 2007, p. 283-293.

SILVA, Moisés Batista da. Uma palavra só não basta: um estudo teórico sobre as unidades fraseológicas. In: *Revista de Letras*, nº 28, vol.1/2 Jan/dez. 2006. Disponível em: <http://www.revistadeletras.ufc.br/rl28Art02.pdf>. Acesso em: 09/10/2011.

SILVEIRA BUENO, Francisco da. *O Grande Dicionário Etimológico - Prosódio da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1966. 8 vols.

TESNIÈRE, Lucien. *Éléments de syntaxe structurale*. Paris: Librairie C.Klincksieck, 1966.

TORIBIO, Margarete. Dicionário Escolar da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras: a questão da macroestrutura. In: *Anais do III Seminário Internacional América Latina*. Campo Grande: UFMS, 2010.

VENDRYÈS, Joseph. *Le Langage*. Paris: Albin Michel, 1950.

VERDELHO Telmo. Dicionários portugueses, breve história. In: NUNES, José Horta; PETTER, Margarida (orgs.) *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002, p. 15-64.

VILLAR, Mauro de Salles. Quais os principais percalços na elaboração de uma obra de referência? In: XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie (orgs). *Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 19.

VILELA, Mário. *Gramática de valências: teoria e aplicação*. Coimbra: Livraria Almedina, 1992.

_____. *Estudos de Lexicologia de Português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

XATARA, Claudia Maria. O campo minado das expressões idiomáticas. In: *Alfa*, São Paulo, 1998, v. 48, p. 147-159.

WEINREICH, Uriel. Definição Lexicográfica em Semântica Descritiva. Tradução de LIMA, Maria Cecilia P. Barbosa. In: *Alfa*. São Paulo, 1984, v. 28 (supl.) p. 1-26.

WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

_____. Breve histórico da metalexicografia no Brasil e dos dicionários gerais brasileiros. In: *Matraga*. Rio de Janeiro: 2006, v. 19, p. 69-84.

_____. *Panorama geral da Lexicografia Pedagógica*. Brasília: Thesaurus, 2008.

WERNER, Reinhold. La definición lexicográfica. In: HAENSCH, Günther; WOLF, Lothar; ETTINGER, Stefan; WERNER, Reinhold. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982, p. 259-327.